

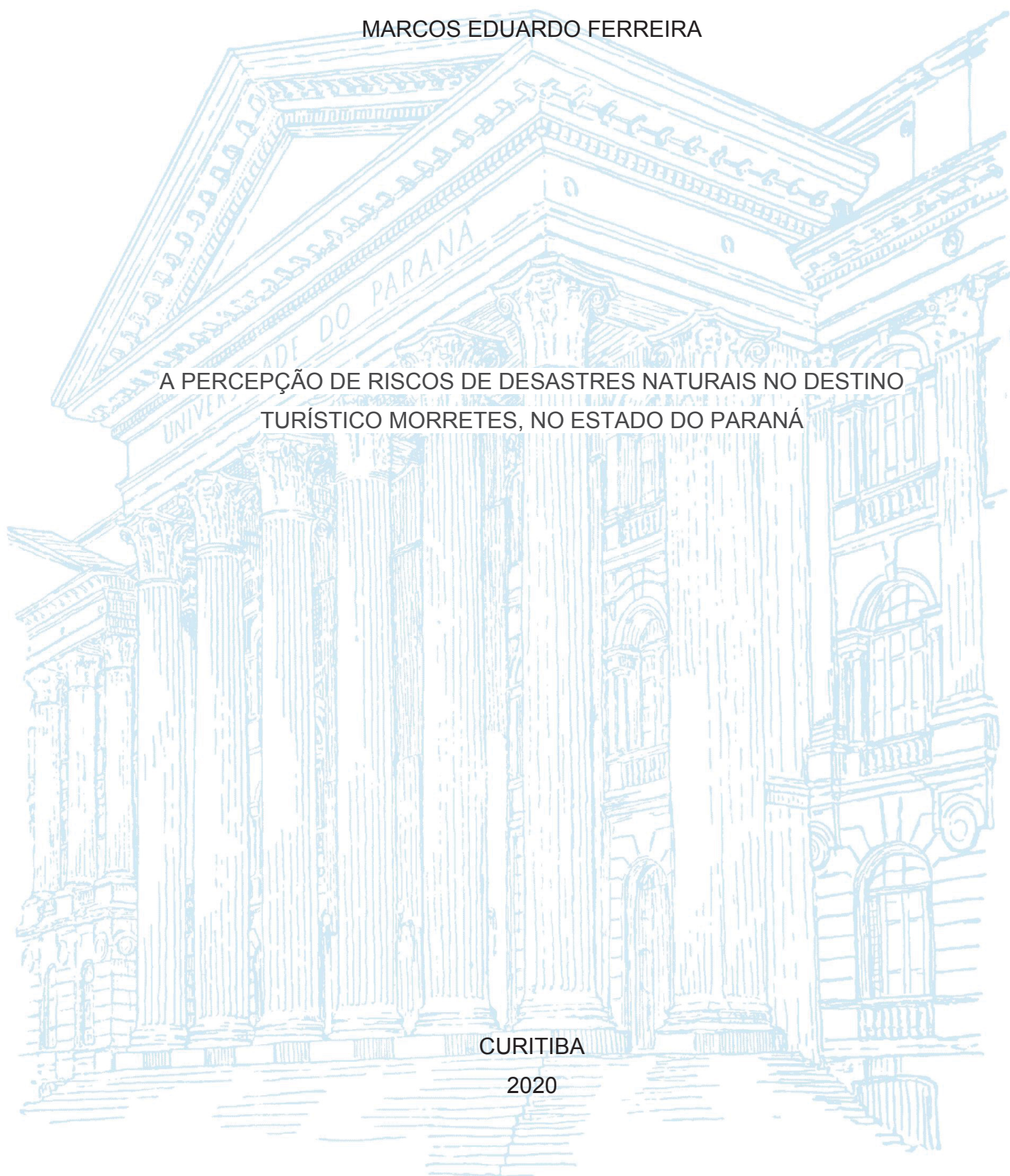
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCOS EDUARDO FERREIRA

A PERCEPÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES NATURAIS NO DESTINO  
TURÍSTICO MORRETES, NO ESTADO DO PARANÁ

CURITIBA

2020



MARCOS EDUARDO FERREIRA

A PERCEPÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES NATURAIS NO DESTINO  
TURÍSTICO MORRETES, NO ESTADO DO PARANÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo - PPGTUR, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Letícia Bartoszeck Nitsche  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabete Sayuri Kushano

Linha de Pesquisa: Turismo Sociedade e Meio Ambiente

CURITIBA

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de  
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças  
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Ferreira, Marcos Eduardo.

A percepção de riscos de desastres naturais no destino turístico  
Morretes, no Estado do Paraná / Marcos Eduardo Ferreira. – Curitiba,  
2020.

226 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de  
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Orientadora: Profª Drª Letícia Bartoszeck Nitsche

Coorientadora: Profª Drª Elizabete Sayuri Kushano

1. Turismo – Morretes (PR). 2. Turismo – Aspectos ambientais. 3.  
Turismo e Estado. 4. Chuvas – Morretes (PR). I. Título. II. Universidade  
Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -  
40001016079P9

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARCOS EDUARDO FERREIRA** intitulada: **A percepção de riscos de desastres naturais no destino turístico Morretes, no Estado do Paraná**, sob orientação da Profa. Dra. LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Outubro de 2020.

Assinatura Eletrônica

18/11/2020 14:25:36.0

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

18/11/2020 11:19:27.0

MARCELO CHEMIN

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

18/11/2020 19:08:32.0

MARCOS AURÉLIO TARLOMBANI DA SILVEIRA

Avaliador Externo (null)

Rua Rockefeller, 57 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80230-130 - Tel: (41) 3535-6281 - E-mail: [ppgturismo@ufpr.br](mailto:ppgturismo@ufpr.br)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 61561

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 61561



Dedico esta dissertação à minha querida esposa, filhos e netos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço às minhas orientadoras, professora Dra. Letícia Bartoszeck Nitsche e professora Dra. Elizabete Sayuri Kushano por todo o apoio e encaminhamentos durante o tempo de elaboração dessa dissertação.

Também sou grato em especial ao professor Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira pelo seu incentivo ao longo dos anos para minha busca em conhecimentos acadêmicos e aperfeiçoamento pessoal.

Ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná e a todos os docentes e colaboradores que acompanharam o processo até aqui. Aos membros das bancas de qualificação e defesa pelos seus apontamentos e sugestões. Suas palavras foram motivadoras e essenciais para o rumo desta pesquisa.

Agradeço também aos moradores de Morretes que ofereceram seu tempo e informações para a elaboração das entrevistas.

Agradecimento em especial à minha esposa, sem o qual não teria sido possível a conclusão desse estudo.

“Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho.”

**Mahatma Gandhi**

## RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de desenvolver reflexões sobre a temática referente a desastres naturais e suas relações com atividades de turismo e a proteção ao turista, este trabalho parte de revisão de literatura. A pesquisa apresenta um estudo de caso no município de Morretes, no estado do Paraná, o qual foi selecionado devido às suas características geográficas e seus atrativos naturais utilizados para o lazer e ao turismo, os quais recebem grande número de visitantes semanalmente. Ademais, este município foi escolhido por estar em uma região que causa diversos impactos negativos para os seres humanos decorrentes de chuvas torrenciais e a enchentes. Como justificativa, definiu-se para este estudo o tema riscos a desastres naturais os quais são mais frequentes atualmente do que há algumas décadas. No Brasil existem muitas áreas com possibilidades de ocorrer atividades que podem gerar catástrofes para os seres humanos devido a atividades da natureza. Realizaram-se alguns levantamentos em áreas que sofreram eventos negativos relacionados a fenômenos naturais no Brasil, com consequências às atividades turísticas. Organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas e a Organização Mundial do Turismo, analisam as mudanças climáticas e indicam necessidades de prevenção para catástrofes naturais com relação aos grupos humanos e às atividades turísticas. A hipótese principal que foi definida para o estudo é que existe a possibilidade de acontecerem episódios de desastres naturais no município de Morretes e que provavelmente a maioria dos turistas não estão orientados para saberem enfrentar as situações tão bem como os moradores, que apesar de conhecerem as condições naturais do município, também sofrem com as chuvas torrenciais. Nesse sentido, a dissertação teve como objetivo analisar o turismo com relação aos desastres naturais observando a percepção de atores sociais no município de Morretes, bem como de seus moradores. Quanto à metodologia, a orientação da presente pesquisa é de paradigma interpretativo, vez que o interesse central de um estudo é o significado das relações humanas e da vida social, e a sua explicação através da visão do pesquisador. Na realização das entrevistas foi aplicado uma abordagem com viés etnográfico. No processo foram utilizados vários tipos de instrumentos para obtenção de dados e para suas interpretações, sendo assim, a investigação apropriou-se de abordagem mista entre um estudo quantitativo e qualitativo. Inicialmente, foram levantadas informações por meio de revisão bibliográfica sobre o tema dos desastres naturais e seus impactos ligados ao turismo, bem como foram aplicados formulários a empresários, questionários on-line a turistas e entrevistas à representantes da população residente e a gestores do turismo. Alguns dos resultados obtidos se relacionam a memórias marcantes do ano de 2011 devido às intensas chuvas, enchentes e desmoronamentos. Também foi investigada a percepção dos perigos que podem ser sentidos pelos turistas em locais de visita e o resultado foi o receio de enchentes e de chuvas fortes com eventuais desmoronamentos. Constatou-se a necessidade de fornecer mais informações para a população e para os turistas sobre determinados riscos em pontos turísticos importantes. Identificou-se ser fundamental instruir turistas e moradores sobre medidas de enfrentamento durante um evento catastrófico.

**Palavras-chave:** Turismo. Desastres naturais. Riscos ambientais. Morretes no Litoral do Estado do Paraná.



## **ABSTRACT**

This work aims to develop reflections on the theme related to natural disasters and their relationship with tourism activities and the protection of tourists, this work starts from a literature review. The research presents a case study in the municipality of Morretes, in the state of Paraná, which was selected due to its geographical characteristics and natural attractions used for leisure and tourism, which receive a large number of visitors weekly. In addition, this municipality was chosen because it is in a region that causes several negative impacts on humans due to torrential rains and floods. As a justification, the theme of risks to natural disasters was defined for this study, which are more frequent today than a few decades ago. In Brazil there are many areas with the possibility of activities that can cause catastrophes for human beings due to activities in nature. Some surveys were carried out in areas that suffered negative events related to natural phenomena in Brazil, with consequences for tourist activities. International organizations, such as the United Nations and the World Tourism Organization, analyze climate change and indicate prevention needs for natural disasters in relation to human groups and tourist activities. The main hypothesis that was defined for the study is that there is a possibility of episodes of natural disasters occurring in the municipality of Morretes and that probably the majority of tourists are not oriented to know how to face the situations as well as the residents, who despite knowing the natural conditions in the municipality, also suffer from torrential rains. In this sense, the dissertation aimed to analyze tourism in relation to natural disasters, observing the perception of social actors in the municipality of Morretes, as well as their residents. As for the methodology, the orientation of the present research is of an interpretative paradigm, since the central interest of a study is the meaning of human relations and social life, and its explanation through the researcher's view. In conducting the interviews, an ethnographic approach was applied. In the process, several types of instruments were used to obtain data and for its interpretations, therefore, the investigation appropriated a mixed approach between a quantitative and qualitative study. Initially, information was collected through a bibliographic review on the theme of natural disasters and their impacts related to tourism, as well as forms were applied to businessmen, online questionnaires to tourists and interviews with representatives of the resident population and tourism managers. Some of the results obtained are related to remarkable memories of the year 2011 due to intense rains, floods and landslides. The perception of the dangers that can be felt by tourists in places of visitation was also investigated and the result was the fear of floods and heavy rains with possible landslides. There was a need to provide more information to the population and tourists about certain risks in important tourist spots. It was identified as essential to instruct tourists and residents about coping measures during a catastrophic event.

**Keywords:** Tourism. Natural disasters. Environmental risks. Morretes on the coast of the State of Paraná.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – TIPOS DE DESASTRES NATURAIS .....	45
FIGURA 02 – O SISTEMA DO TURISMO .....	55
FIGURA 03 - PARANÁ COM LOCALIZAÇÃO DE MORRETES .....	59
FIGURA 04 – LIMITES DO MUNICÍPIO DE MORRETES, PR.....	60
FIGURA 05 - BACIA HIDROGRÁFICA LITORÂNEA .....	64
FIGURA 06 – ESTRADAS DO LITORAL DO PARANÁ .....	65
FIGURA 07 – ÁREAS DE RISCO DE INUNDAÇÃO EM MORRETES PR .....	89
FIGURA 08 – PÚBLICO PESQUISADO .....	110
FIGURA 09 – FRAMWORK DA DISSERTAÇÃO .....	177
FIGURA 10 - RISCOS DE DESASTRES NATURAIS EM DESTINOS TURÍSTICOS PERDEPÇÕES DO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR.....	178

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – REGIME PLUVIOMÉTRICO EM MORRETES ENTRE 1976 A 2017 .....	70
GRÁFICO 02 – VARIABILIDADE INTERANUAL DAS PRECIPITAÇÕES NO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR ENTRE 1976 A 2011 .....	72
GRÁFICO 03 -VARIABILIDADE MENSAL DAS PRECIPITAÇÕES NO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR ENTRE 1979 A 2011 .....	73
GRÁFICO 04 – PRECIPITAÇÃO NO MÊS DE MARÇO DE 2011 NOS MUNICÍPIOS DE MORRETES E ANTONINA .....	80
GRÁFICO 05 – DANOS E PERDAS NOS SETORES ECONÔMICOS DE MORRETES PR EM 2011 .....	86
GRÁFICO 06 - TOTAL DE TURISTAS QUE DESEMBARCARAM EM MORRETES EM 2016 .....	99
GRÁFICO 07 – QUANTAS VEZES VISITOU MORRETES-PR .....	134
GRÁFICO 08 – ESCOLARIDADE DOS RESPONDENTES .....	135
GRÁFICO 09 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL .....	135
GRÁFICO 10 – ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL ATUALMENTE .....	136
GRÁFICO 11 – IDADE DOS RESPONDENTES .....	136
GRÁFICO 12 – SEXO DOS RESPONDENTES .....	137
GRÁFICO 13 - RENDA FAMILIAR .....	137

GRÁFICO 14 - VOCÊ JÁ ESTEVE NESSE LUGAR? .....	138
GRÁFICO 15 - QUANDO ESTEVE NESSE LOCAL, ERA UM DIA: .....	139
GRÁFICO 16 - NESSE LOCAL, SENTIU ALGUMA SENSÇÃO DE PERIGO? .....	139
GRÁFICO 17 - QUAL O TIPO DE ATRIBUIÇÃO VOCÊ ACHA QUE PODE ACONTECER NESSE LOCAL .....	140
GRÁFICO 18 – PERCEBEU AGENTES DE SEGURANÇA .....	141
GRÁFICO 19 – VOCÊ VIU FORMAS DE AVISOS PARA PERIGOS? .....,.....	141
GRÁFICO 20 - PERCEPÇÃO SOBRE A CONFIANÇA NOS RESPONSÁVEIS PELA SEGURANÇA DOS TURISTAS .....	142
GRÁFICO 21 - SOBRE A CONSCIENTIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MORRETES SER UMA REGIÃO DE GRANDE PLUVIOSIDADE .....,.....	143
GRÁFICO 22 - PERCEPÇÃO SE EM UM DIA DE SOL PODE EXISTIR PERIGOS ÀS MARGENS DE UM RIO .....,.....	144
GRÁFICO 23 - CONHECIMENTO SOBRE O FENÔMENO CABEÇA D'ÁGUA .....,.....	145
GRÁFICO 24 - VISUALIZAÇÃO DE PLACAS OU AVISOS SOBRE A CABEÇA D'ÁGUA .....,.....	145
GRÁFICO 25 - CONHECIMENTO DOS RESPONDENTES SOBRE NOTÍCIAS NA MÍDIA SOBRE A CABEÇA D'ÁGUA .....	146
GRÁFICO 26 - IMPORTÂNCIA DA DIVULGAÇÃO DO FENÔMENO DA CABEÇA D'ÁGUA .....	147
GRÁFICO 27 - VIVENCIAMENTO DE DESASTRES NATURAIS .....	156
GRÁFICO 28 - RECEBE ORIENTAÇÕES DE COMO AGIR EM CASO DE DESASTRES NATURAIS EM SEU ESTABELECIMENTO COMERCIAL? .....	156
GRÁFICO 29 - SOBRE EXISTÊNCIA SOBRE PLANOS DE PREVENÇÃO DE DESASTRES NATURAIS DO MUNICÍPIO .....	157
GRÁFICO 30 - TEMPO DE FUNCIONAMENTO DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS .....	157
GRÁFICO 31 - SE O ESTABELECIMENTO POSSUI PROTOCOLOS DE ALERTA AOS TURISTAS SOBRE DESASTRES NATURAIS .....	158
GRÁFICO 32 - OS TURISTAS PERGUNTAM SOBRE ALGUMA FORMA DE AGIR EM CASO DE ALGUM TIPO DE DESASTRE NATURAL NO MUNICÍPIO? .....	159

GRÁFICO 33 - SOBRE EXISTÊNCIA DE UMA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL QUE SE PREOCUPE COM PROBLEMAS DE DESASTRES NATURAIS .....	159
GRÁFICO 34 - SE A POPULAÇÃO ESTÁ ORIENTADA PARA ENFRENTAR DESASTRES NATURAIS EM MORRETES-PR? .....	160
GRÁFICO 35 - SEU ESTABELECIMENTO COMERCIAL ESTÁ EM ÁREA DE RISCO DE DESASTRES NATURAIS? .....	161
GRÁFICO 36 - ACREDITA QUE HOVE DIMINUIÇÃO NO TURISMO POR UM LONGO TEMPO EM 2011, POR CAUSA DAS CHUVAS DAQUELE ANO? .....	161

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – SÍNTESE DE TERMOS LIGADOS A DESASTRES NATURAIS .....	37
QUADRO 02 - PLANEJAMENTO NO TURISMO PARA ENFRENTAR A PANDEMIA DE SARS E H1N1 NA ESCÓCIA, 2003 .....	42
QUADRO 03 – FRAMEWORK SOBRE AS CAUSAS GENÉRICAS DAS CRISES NO TURISMO .....	43
QUADRO 04 – ATRATIVOS TURÍSTICOS HISTÓRICOS-CULTURAIS DE MORRETES .....	94
QUADRO 05 – ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS DE MORRETES .....	95
QUADRO 06 - OBJETIVOS DA PESQUISA E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS UTILIZADAS DURANTE O ESTUDO .....	108

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - DISTÂNCIA EM QUILOMETROS DE PONTOS IMPORTANTES DO PARANÁ ATÉ MORRETES .....	63
TABELA 02 – DESCRIÇÃO DOS VALORES PLUVIOMÉTRICOS EM MORRETES-PR .....	69
TABELA 03 – DESCRIÇÃO DOS LIMITES PLUVIOMÉTRICOS EM MORRETES-PR .....	74
TABELA 04 – OCORRÊNCIA DO EL NIÑO EM MORRETES-PR .....	77
TABELA 05 – PRINCIPAIS LAVOURAS AFETADAS EM MORRETES-PR PELO DESASTRE NATURAL DE 2011 .....	81



TABELA 06 – PRINCIPAIS COMUNIDADES AFETADAS PELAS CHUVAS EM 2011 NO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR .....	83
TABELA 07 – DANOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELAS CHUVAS DE 2011 NO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR .....	84
TABELA 08 – PREJUÍZOS ECONÔMICOS DAS CHUVAS DE 2011 NO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR .....	85

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

FOTOGRAFIA 01 – FOTOGRAFIA DE SATÉLITE DE MORRETES, 2017.....	34
FOTOGRAFIA 02 – NUREMBERG, ALEMANHA, 2018 .....	62
FOTOGRAFIA 03 – RIO NHUNDIAQUARA PARTE CENTRAL DA CIDADE .....	63
FOTOGRAFIA 04 – ENCHENTE RIO NHUNDIAQUARA DÉCADA DE 2000 .....	82
FOTOGRAFIA 05 - FLUXO DE DETRITOS DISTRITO DE FLORESTA, 2011.....	83
FOTOGRAFIA 06 – ENCHENTE RUA GENERAL CARNEIRO, 1963 .....	87
FOTOGRAFIA 07 - RUA GENERAL CARNEIRO, 2019.....	87
FOTOGRAFIA 08 – RIO NHUNDIAQUARA, CHEIA .....	88
FOTOGRAFIA 09 – MORRETES VISTA RIO NHUNDIAQUARA DA PONTE .....	138
FOTOGRAFIA 10 – RIO NHUNDIAQUARA NA SERRA DO MAR .....	143

## **MAPAS**

MAPA 01 – LOCALIZAÇÃO E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE MORRETES-PR ....	68
MAPA 02 – PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE MORRETES-PR .....	93
MAPA 03 – LOCALIZAÇÃO DE HOSPEDAGENS E RESTAURANTES EM MORRETES-PR .....	97

## **LISTA DE SIGLAS**

CPTEC	- Centro de Previsão de Tempo e Pesquisas Climáticas
IAP	- Instituto Ambiental do Paraná
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
IPARDES	- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico
INPE	- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
OMC	- Organização Mundial do Turismo
IPCC	- Intergovernmental Panel on Climate Change/Painel Intergovernamental para a Mudança de Clima.
SRCCCL	- Special Report on Climate Change and Land/ Relatório Especial sobre Mudança Climática e Terra
UNWTO	- United Nations World Tourism Organization/Organização Mundial do Turismo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-CONCEITUAL .....</b>	<b>29</b>
2.1 CONCEITOS GERAIS.....	36
2.2 GESTÃO DE CRISES NO TURISMO .....	54
2.3 MUDANÇAS CLIMÁTICAS .....	56
2.4 VULNERABILIDADE DO TURISTA EM SITUAÇÕES DE RISCO .....	57
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MORRETES, PR .....</b>	<b>59</b>
3.1 DADOS GERAIS .....	59
3.2 ESTUDO DA PLUVIOSIDADE DO MUNICÍPIO DE MORRETES ENTRE 1976 A 2017.....	67
3.3 CABEÇA D'ÁGUA.....	75
3.4 EL NIÑO .....	76
3.5 O DESASTRE NATURAL DE 2011 NO MUNICÍPIO DE MORRETES .....	78
3.6 ASPECTOS TURÍSTICOS DO MUNICÍPIO DE MORRETES.....	90
3.7 EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DE MORRETES – ESTABELECIMENTOS DE ALIMENTAÇÃO E DE HOSPEDAGEM.....	96
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>102</b>
4.1 ENTREVISTAS COM VIÉS ETNOGRÁFICO .....	103
4.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	109
4.3 PESQUISA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO TÉCNICO NOTURNO EM MORRETES-PR.....	112
4.4 PESQUISA ON-LINE COM TURISTAS E VISITANTES DE MORRETES.....	113
4.5 ENTREVISTAS COM GESTORES DE TURISMO DE MORRETES.....	113
4.6 ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO MORRETES CONVENTION & VISITORS BUREAU 2019.....	114
4.7 ENTREVISTA COM O DIRETOR DO TURISMO DE MORRETES.....	115
4.8 FORMULÁRIO DE PERGUNTAS COM EMPRESÁRIOS LOCAIS.....	115
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>117</b>
5.1 ENTREVISTAS COM OS MORADORES DE MORRETES .....	117
5.2 PESQUISAS COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE NOTURNO .....	131

5.3 PESQUISA COM TURISTAS (ON-LINE) .....	133
5.4 ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO MORRETES CONVENTION & VISITORS BUREAU .....	152
5.5 ENTREVISTA COM O DIRETOR DE TURISMO DE MORRETES .....	154
5.6 FORMULÁRIOS APLICADOS A EMPRESÁRIOS DE MORRETES .....	155
5.7 ANÁLISE CONJUNTA DOS RESULTADOS DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	162
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>169</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>179</b>
<b>8 APÊNDICES .....</b>	<b>189</b>
8.1 APÊNDICE 1 - ENTREVISTA COM PRESIDENTE DO CONVENTION VISITORS BUREAU, SOBRE DESASTRES NATURAIS EM MORRETES .....	189
8.2 APÊNDICE 2 - ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO MORRETES CONVENTION & VISITORS BUREAU SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19 E OS IMPACTOS NO TURISMO E ECONOMIA DE MORRETES .....	191
8.3 APÊNDICE 3 - PESQUISA ATRAVÉS DE FORMULÁRIOS APLICADOS A EMPRESÁRIOS DE MORRETES SOBRE DESASTRES NATURAIS E A INFLUÊNCIA NO TURISMO .....	193
8.4 APÊNDICE 4 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE NOTURNO EM MORRETES .....	201
8.5 APÊNDICE 5 - ENTREVISTAS COM OS MORADORES DE MORRETES ...	203



## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, pesquisas sobre diferentes tipos de crises que afetam turistas e o mercado de turismo como atividade econômica, vêm sendo realizadas em países como Canadá, Estados Unidos e Austrália (SLOVIC; WEBER, 2002). Dentre os tipos de crises, destacam-se os desastres naturais que interferem nas atividades turísticas, foco do presente estudo.

A orientação desta investigação é de paradigma interpretativo, uma vez que o interesse central desta pesquisa é o significado das relações humanas e da vida social, e a sua explicação através da visão do pesquisador.

Os fenômenos relacionados aos riscos e desastres naturais podem interferir na vida dos turistas e no turismo de muitas formas. Assim, podemos ver que:

É possível uma gama de abordagens ligadas ao estudo dos riscos e das catástrofes ambientais no turismo, podendo abranger diversas áreas de estudos como perigos naturais, a questões geográficas, das relações públicas de crise, as de comunicação e teoria da gestão do conhecimento, além de outras (RITCHIE, 2009).

Para se entender a dinâmica dos impactos ambientais no turismo, é preciso entender alguns pontos iniciais. De acordo com Glaesser (2008, p. 14), existem muitos tipos de riscos quando se faz turismo, e esse entendimento ficou mais evidente nas últimas décadas entre 1960 a 2015, com a ocorrência de eventos climáticos importantes no mundo todo.

O turismo como atividade econômica é muito vulnerável a fenômenos ou a situações negativas, sendo assim, podem surgir eventuais crises no setor. Alguns fatos que ajudaram a mudar de uma forma reativa de agir para uma forma preventiva, segundo Glaesser (2008, p. 14) foram o atentado de 11 de setembro de 2001 em Nova York e o tsunami de 2004 na Ásia. Por isso, na atualidade, surgiu a visão para capacitar equipes em caso de surgimento de uma crise. Isso também se aplica às empresas de turismo para que possam estar preparadas a eventuais problemas. Conforme Glaesser (2008, p. 19) “mais de 50 mil catástrofes naturais aconteceram no século XX”.

Além disso, para a Organização das Nações Unidas em sua publicação *Tourism and Disaster* ONU (2015), cita que o preparo é importante, pois “embora as estruturas e os processos nacionais de emergência estejam continuamente evoluindo, em muitos

países eles ainda estão subdesenvolvidos e subfinanciados e, em alguns locais, inexistentes.” Isso significa que nem todos os países estão investindo realmente na questão de prevenção em eventuais atendimentos às catástrofes, sendo que essas estruturas exigem equipes preparadas, equipamentos, entre outros.

Muitos turistas de países mais desenvolvidos, quando visitam países menos desenvolvidos, ficam segundo Welle (2019), dependentes das estruturas de atendimento e assessoria desses países em caso de emergência, quando se expõem em problemas gerais e de desastres ambientais. Mais importante que isso, no entanto, é a segurança e os sistemas de alertas aplicáveis para a própria população de muitas nações, que ainda se encontram limitadas quanto à eficiência na estrutura de alerta aos riscos de desastres naturais, por exemplo.

Além disso, outro fator importante é a percepção que as pessoas têm dos lugares, e de acordo com Tuan (1980), é um fator primordial na observação material dos lugares e faz parte do sistema sensorial das pessoas. Nesse sentido, observar, compreender e analisar como o turista e o morador percebem, tanto os atrativos turísticos como os perigos de riscos e desastres, são de grande importância.

Segundo Tuan (1980), são muitas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam a superfície terrestre, pois duas pessoas não veem uma situação da mesma forma. As percepções dos ambientes, bem como a percepção dos fatos acontecidos, são muito subjetivas e, podem ser analisadas por diferentes instrumentos e com diferentes técnicas.

Yi-FuTuan, geógrafo, escreveu o livro “Topofilia”, o qual propõe uma nova forma de entendimento do homem e sua relação com a Natureza. Tuan nos instiga a questionar quais foram e quais são nossos ideais ambientais, como o percebemos, nos situamos, significamos o mundo que ocupamos, e se propôs a examinar a percepção e os valores ambientais, mostrar a construção de valores concernente ao meio ambiente, as mudanças de visões de mundo e a distinção entre diferentes experiências ambientais.

De acordo com Cisotto (2013), Tuan é uma referência para estudos não só da Geografia humanista, mas também para muitos estudiosos de todas as áreas que tem suas preocupações voltadas às relações com o ambiente, Topofilia propõe uma nova forma de entendimento do homem e sua relação com os espaços.

É necessário questionar quais foram e quais são nossos ideais de natureza,

como o percebemos, nos situamos, significamos o mundo que ocupamos, propondo a examinar a percepção e os valores ambientais, mostrar a construção de valores concernente ao meio ambiente, as mudanças de visões de mundo e a distinção entre diferentes experiências com o espaço natural preservado.

O autor apresenta considerações, sobre linhas muito abrangentes, que abordam o tema da percepção humana, como literatura, antropologia, história, psicologia, pedagogia, religião e estética. Cita diferentes culturas e apresenta diferentes pontos de vista sobre o homem e o mundo, de povos de toda parte da Terra e da exemplos de culturas orientais, ocidentais e austrais (CISOTTO, 2013).

O estudo realça os aspectos subjetivos das relações humanas com o meio ambiente natural, através do estudo da relação das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e ideias sobre os espaços. Trata do ambiente físico no imaginário social, a relação entre paisagem, memória e cultura; a experiência individual e visão de mundo construindo identificações que são compartilhadas num território comum (CISOTTO, 2013).

Em diferentes situações, de acordo com Cisotto (2013) Tuan identifica, como e por que os homens variam temporal, histórica, cultural e individualmente sua percepção sobre o meio, o espaço que ocupam, onde constroem suas relações e significações e estabelecem diferentes valores. Nessa organização espacial e afetiva faz com que o espaço se torne lugar.

Topofilia se associa ao sentido geográfico de lugar, escala da ação e experiência e passa a fazer parte dos estudos de percepção ambiental. A relação afetiva com a terra, abre uma série de estudos que levavam em consideração a observação da paisagem, manifestações sentimentais, elementos da cognição, percepção e mesmo comportamento do homem diante de seu meio. Topofilia exprime a filiação do ser humano para com o ambiente que o cerca, da associação da pessoa ao lugar de vida (CISOTTO, 2013).

Percebendo como as formas dos sentidos como olfato, visão, tato e audição atuam nas maneiras do homem responder, reconhecer e atuar no mundo, com os estímulos ambientais nos tocando, de maneira diferente de outros animais, ressalta que o homem aprecia a sensação de compreensão do espaço, pelo acúmulo de informações simultâneas táteis, auditivas, visuais, olfativas que permitem que os homens sintam as distâncias, às direções dos ventos, todos esses sentidos fazem

parte do processo de reconhecimento espacial. Assim “o mundo percebido pelos olhos é mais abstrato que o conhecido por nós por meio de outros sentidos” (TUAN, 2012, p. 28).

Hoje, no mundo das cidades, destaca-se o contato físico com o próprio ambiente natural e é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais, como o ecoturismo moderno. Esses tipos de viagens ao ambiente, de sensação a ser experienciada para significação e compreensão do homem no mundo. Também têm introduzida uma noção de criação de identificação e pertencimento à grupos sociais e sobre isso Tuan ressalta o hábito de fotografia em pontos turísticos, como comprovação de existência do mundo, e de ideais compartilhados em uma comunidade (CISOTTO, 2013).

O hábito de se identificar com um lugar, que segundo Tuan, o termo relaciona a um local que desenvolveu certos laços afetivos, as pessoas tendem a querer compartilhar esses lugares através de fotografias, pois a percepção de beleza e bem estar, principalmente nos dias das câmeras digitais dos celulares, proporcionam um compartilhamento em tempo real com os amigos e familiares. Para Sontag (2009) fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto. Assim, os sentimentos de bem estar, ou mesmo de medo ou da sensação de riscos, podem ser compartilhadas por meios de imagens fixas ou de vídeos.

Para análises da percepção dos turistas com relação aos lugares turísticos de Morretes as noções básicas de Tuan são muito importantes, pois as pessoas fazem uma associação com os espaços turísticos relacionando ideais de natureza, de proteção e mesmo de imagem do paraíso. Os visitantes de áreas de ecoturismo estão buscando a natureza que não existe mais em suas cidades (CISOTTO, 2013).

Especificamente, em se tratando do turismo enquanto atividade econômica e fenômeno social marcante do século XXI, de acordo com a ONU (2015), ao se reconhecer que os produtos turísticos são predominantemente imateriais e muitas vezes dependem da percepção do observador, o setor do turismo se reconhece como altamente sensível aos diferentes tipos de riscos objetivos e subjetivos que existem atualmente. Assim, os processos do turismo dependem de questões imateriais, como a concepção de beleza do atrativo turístico e da sensação de segurança do visitante.

Para se fazer a pesquisa a partir de um estudo de caso e entender e testar análises feitas em outras partes do mundo, foi escolhido o município de Morretes, no estado do Paraná, Brasil. Esse município é um dos principais atrativos turísticos do litoral paranaense e está em uma localização onde o clima e o relevo possibilitam a ocorrência de fenômenos climáticos de grandes proporções. Esses fenômenos podem causar problemas na vida das pessoas que moram na região, bem como para as atividades turísticas.

O município de Morretes oferece muitas atividades de lazer como banhos e o boia cross no rio Nhundiaquara, visitas a casas antigas nas áreas urbanas, as quais muitas foram e estão sendo restauradas e preservadas, e passeios por estradas e trilhas ao longo da floresta. Para turistas e visitantes existem diversas lojas de produtos artesanais na cidade, além da feira de artesanato e de produtos locais que é montada na praça e ao longo do calçadão, próximos ao rio Nhundiaquara e da ponte de ferro. Os restaurantes com pratos regionais como o Barreado e frutos do mar, são uns dos principais atrativos durante as visitas.

Assim, a problemática está em investigar alguns desastres naturais que já aconteceram e, analisar alguns riscos de desastres naturais e a percepção dos turistas e moradores a esses problemas e suas possíveis consequências, foi o que norteou a presente dissertação.

De acordo com Silveira (2019), analisar a bibliografia e estudar alguns fatos e depoimentos sobre esses acontecimentos, e no que isso acarreta, pode definir para lugares turísticos, o foco principal de uma pesquisa. O presente estudo tem como base as percepções de pessoas que se relacionam com município de Morretes e que estão diretas ou indiretamente ligados com às atividades turísticas.

Com relação à percepção dos lugares turísticos, o turista é o personagem principal, o qual interpreta através de seus sentidos e com as informações e lembranças da sua memória, os espaços que visita. O desejo em conhecer um determinado local vai estar associado às vivências anteriores deste, que conhece lugares por meio de informações diversas, como por relatos de outras pessoas, através de revistas, filmes ou sugestões de uma agência de viagens de acordo com (GUARDANI et al., 1996).

Muitas vezes o turista tem uma série de expectativas do local escolhido a ser visitado, imaginando um lugar perfeito e sem riscos. Assim, a segurança estará ligada

às percepções que cada visitante tem dos locais a que se desloca, bem como das informações que receberá nesses ambientes (GUARDANI et al. ,1996).

A área e a população deste estudo foram definidas pensando na exequibilidade e nos prazos do Programa de Pós-graduação em Turismo. Assim, foi escolhido o município de Morretes no litoral do estado do Paraná, que apresenta características geomorfológicas e climáticas específicas e possibilita o turismo de aventura, o turismo gastronômico e o turismo cultural que atraem muitas pessoas anualmente.

A sociedade contemporânea considera o turismo como um fenômeno social importante, tendo juntamente com o lazer, uma base em comum.

O campo do lazer deve se constituir em objeto de conhecimento e vivência imprescindível ao profissional do turismo, tendo-se em vista a necessidade de uma melhor compreensão acerca do fenômeno turístico enquanto uma manifestação cultural num momento em que é tão decantada a sua funcionalidade econômica, dada a sua posição de destaque no cenário econômico mundial (SOUZA, 2010).

Desta forma, os viajantes se deslocam entre países, ou dentro de seu próprio país com fins comerciais e gerando atividades culturais, sociais e econômicas importantes.

Questões mundiais como relações geopolíticas, econômicas e sociais em todas as partes do mundo têm apresentado significativas alterações e a globalização criou vantagens e desvantagens no relacionamento entre as pessoas e países. Algumas dessas vantagens e facilidades são as novas formas para o deslocamento das pessoas e mercadorias, além dos novos sistemas de informação, bem como todas as novas invenções a partir do século XIX, de acordo com (MORAN, 1995).

Em alguns países da Europa, bem como nos Estados Unidos e na Austrália, nas últimas duas décadas foram produzidos estudos sobre desastres e crises que afetam determinadas atividades no turismo, e de acordo com Ritchie (2009), esses eventos afetam não só aos turistas, bem como os moradores de locais turísticos.

Estes estudos, ainda segundo Ritchie (2009), vêm aumentando nos últimos anos, bem como o crescimento do número de desastres e crises em todas as partes do mundo, que estão atingindo turistas. Além disso, podem existir desastres técnicos e desastres naturais, epidemias ou pandemias de doenças, crises e desastres



políticos, bem como as crises incidentes decorridas do terrorismo internacional e local (LIU; PRATT, 2017).

O problema no atual contexto de apropriação dos espaços pelo turismo, indica que existem lugares que apresentam condições favoráveis para a prática das atividades turísticas. Esses lugares exercem um importante papel na economia da região na qual a atividade turística está inserida, contribuindo para o desenvolvimento regional. Todavia, segundo (Tsai e Chen 2011, p. 478) “muitas regiões turísticas, além de contar com todas as qualidades necessárias para o desenvolvimento do turismo, contam também com a iminência e, muitas vezes, com a consolidação de eventos como os desastres naturais”.

Fatores como localização geográfica, características físicas (climáticas, geomorfológicas e hidrológicas), bem como questões de vulnerabilidade socioambiental, podem se tornar fatores que condicionam tais eventos, de modo a impactar as regiões turísticas.

Em várias regiões do planeta há zonas turísticas que se encontram em áreas suscetíveis a desastres naturais, e já sofreram prejuízos em decorrência de intempéries.

Algumas destinações na Ásia, por exemplo, Bancoc, capital da Tailândia, sofreu em 2011 fortes inundações, Ghaderi et al. (2015), e Taiwan se tornou um território onde ocorrem com frequência abalos sísmicos que, além de se tornar um risco significativo para o turismo, resulta em muitos danos, incluindo perda financeira e de vítimas humanas, e o destino turístico de Petra, na Jordânia que em 2011 e 2012, aconteceu um desastre com uma inundação que causou a interrupção de muitas atividades turísticas.

Neste contexto, os desastres não reconhecem fronteiras e podem afetar regiões inteiras. No Brasil, pode-se citar cidades que integram a região turística da Costa Verde e Mar, situada no litoral do Estado de Santa Catarina, que em 2008 e em 2011 sofreu intensamente com desastres em função de alagamentos, enchentes e deslizamentos de terras, provocando sérios impactos para a economia regional e para o setor do turismo, em particular (ROCHA; MATTEDI, 2017) .

Outra região turística que em 2011 sofreu grandes impactos destrutivos em função dos desastres, foi a Região Serra Verde Imperial, situada no Estado do Rio de Janeiro, sendo as cidades de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo atingidas por

esse evento, marcada notadamente pelas chuvas torrenciais. A chuva espalhou destruição na Região Serrana do Rio de Janeiro em 2011 (SILVEIRA et al. 2019)

Por sua vez, o estado do Paraná também sofreu muitos problemas relacionados às intempéries da natureza que, prejudicaram as atividades turísticas e comerciais. De acordo com o presidente do Morretes Convention & Visitors Bureau, em entrevista cedida à pesquisa, a Região Turística Litoral do Paraná possui um fluxo de visitantes que, em grande parte, residem no município de Curitiba e nos demais municípios da Região Metropolitana, mas Morretes também recebe visitantes de outros municípios do Paraná e de outros estados do Brasil e até mesmo de outros países. Em suma, o litoral paranaense se tornou uma região procurada por turistas que buscam conhecer e desfrutar de seus atrativos naturais e culturais.

No entanto, esses municípios, além de se constituírem em destinos turísticos em função do grande número de visitantes que recebem, passaram a registrar condições de vulnerabilidade socioambiental e registro de desastres, em decorrência de eventos climáticos que provocaram diversos danos (REVISTA EXAME, 2011).

Devido ao grande índice pluviométrico que ocorreu no litoral paranaense em 2011, Morretes sofreu com os impactos causados pelo excesso de chuvas, denominados de “evento climático extremo” (MARENGO; VALVERDE, 2007).

O turismo é muito setorizado e, portanto, não consegue agir rapidamente em ocasiões quando acontecem desastres, pois depende de um grande número de organizações governamentais e particulares. Isso também enfatiza a necessidade de um sistema de informações para os envolvidos com o turismo, que esteja disponível para os diferentes segmentos de empresas turísticas, para usarem no momento de uma crise.

De fato, Laws et al. (2007), observaram que muitos tipos diferentes de organizações se envolvem durante e após uma crise e, às vezes, a rivalidade entre essas organizações ocorre. Um sistema centralizado de informações pode fornecer uma infraestrutura para cooperação, em vez de competição.

Esses exemplos demonstram que a atividade turística está de maneira especial exposta a desastres naturais, e muitos destinos turísticos estão em risco em decorrência de apresentar algum grau de vulnerabilidade.

Entende-se que existem muitos problemas com relação a ocorrências de desastres naturais, pois esses podem prejudicar de forma danosa as pessoas

expostas a esses eventos. Dessa forma, divulgar as previsões de riscos a desastres naturais, através dos meios de comunicação que a tecnologia dispõe é de vital importância. Assim, os locais nos quais é possível acessar essas tecnologias e utilizá-las para prevenir e alertar as pessoas devem ser ampliados.

O presente estudo tem como objetivo analisar o turismo em relação aos desastres naturais, sob a perspectiva da percepção de atores sociais de determinados lugares turísticos, com o estudo de caso do município de Morretes, onde já aconteceram e podem acontecer desastres naturais.

Para atingir o objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar quais os tipos de desastres naturais ocorrem ou podem ocorrer no município de Morretes.
2. Avaliar como os turistas e moradores locais de Morretes podem ser afetados por tais desastres.
3. Pesquisar a existência de políticas públicas e de medidas da prefeitura e do setor privado, com relação aos possíveis impactos dos desastres naturais no município de Morretes com relação às atividades do turismo local.

A fim de cumprir com os objetivos propostos, a dissertação está estruturada conforme os seguintes capítulos:

Capítulo 1: Corresponde à Introdução do trabalho em que se apresenta a justificativa da importância do tema, objetivo geral e objetivos específicos e hipóteses da pesquisa.

Capítulo 2: Referente a fundamentação teórico-conceitual que fundamenta o trabalho, especialmente sobre o tema dos desastres naturais e sua interface com o Turismo.

Capítulo 3: A Caracterização da área de estudo onde apresenta dados sobre o município de Morretes e as características do turismo no município.

Capítulo 4: Procedimentos Metodológicos, apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa em que são especificados os sujeitos e os instrumentos de coletas de dados.

Capítulo 5: Análise e discussão dos resultados. São descritos os resultados coletados na pesquisa empírica com as entrevistas, questionários, formulários e a tabulação dos dados. Análise dos resultados da pesquisa com apreciação crítica dos diálogos e com a revisão de literatura.

Capítulo 6: São apresentadas as considerações finais do estudo, com a descrição de como foram alcançados os objetivos gerais e específicos.

A justificativa da presente dissertação é a necessidade da realização de um estudo, principalmente devido à escassez de literatura sobre o tema turismo e desastres naturais. Ademais, o fato da Região Turística Litoral do Paraná ter sido fortemente atingida por eventos climáticos catastróficos nas últimas décadas, em especial o evento ocorrido em março de 2011, valoriza o tema escolhido.

Em tal ocasião, ocorreram chuvas intensas que provocaram deslizamentos de terra em áreas de encostas, alagamentos e enchentes, soterramento de casas e a destruição de várias propriedades em alguns municípios da região, como ocorreu no município de Morretes, no estado do Paraná (MINUZZI; CARAMORI, 2012).

Assim, como aconteceram muitos danos na infraestrutura de transportes e a interrupção das atividades econômicas em âmbito regional, tem sido comum ocorrerem na região quedas de barreiras nas estradas que fazem a ligação de Curitiba com as praias paranaenses, (COORDENADORIA ESTADUAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL DO PARANÁ, 2012).

Analisar a percepção dos envolvidos no turismo pode demonstrar a intensidade de conscientização de riscos de desastres naturais, que podem atingir os visitantes ou moradores em determinados pontos turísticos do município, e em determinadas épocas do ano.

Há frequentemente a ocorrência de enchentes nos balneários da região do litoral do Paraná. Todos esses eventos têm causado muitas perdas para a população e para os diversos setores da economia regional, dentre esses o setor do turismo, que é o objeto deste estudo. Pode-se perceber que muitos destinos turísticos estão localizados em áreas de beleza natural - litorais, montanhas, rios e lagos – nos quais há maior risco e perigos a desastres naturais que ocorrem com frequência. Em muitos casos, os destinos são de alto risco e exóticos (FAULKNER, 2001). Esses recursos

naturais são geralmente gerenciados pelo setor público, o qual deve assumir a liderança nesses cenários.

A literatura internacional sobre o tema mostra que os efeitos associados aos riscos de desastres naturais se manifestam de várias formas, com consequências desastrosas, também para o setor turístico, se não forem gerenciados com eficácia. Isto é, sobretudo verdadeiro nos países pobres e em países em desenvolvimento. Nestes países, a população está crescendo e as pessoas estão sendo forçadas a habitar zonas de riscos suscetíveis à ocorrência de desastres naturais (SCHEUREN; WAROUX, 2014)

Neste sentido, é importante que os envolvidos com o setor do turismo compreendam melhor quais os tipos de relações existem entre desastres naturais e o sistema turístico, e no que isso pode impactar tanto na economia dos países mais pobres, bem como para os países ricos. Os fluxos de turismo, por exemplo, estão sujeitos a perturbações de uma série de eventos que podem ocorrer no destino. As consequências podem ser, tanto suaves como relativamente curtas, ou ter impactos catastróficos sobre o sistema turístico. Muitos desastres naturais, também designados pelo termo catástrofes, são sentidos tanto nas áreas de origem como de destino, afetando as organizações públicas e privadas que atuam no setor do Turismo, bem como os planos dos que pretendem viajar, os próprios turistas (LAWS; PRIDEAUX, 2005).

A pesquisa investigou o município de Morretes na Região Turística Litoral do Paraná, localizada em uma zona geográfica suscetível a desastres naturais em função das suas características físico-naturais, possuindo, portanto, um histórico de intempéries, como tempestades, deslizamentos de encostas, alagamentos e enchentes, que já provocaram muitas perdas econômicas, sociais e culturais (ANGULO, 2000).

O estudo também se justifica ao propor evidenciar uma problemática de pesquisa que decorre do aumento de desastres em regiões turísticas no mundo e, especialmente, em regiões turísticas no Brasil, as quais vêm sofrendo com esses eventos. Por fim, outra justificativa para a realização do estudo é com relação à carência de pesquisas sobre a temática no Brasil, notadamente, sobre a ocorrência de desastres nas regiões turísticas e seus efeitos no setor turístico e na economia como um todo, na sociedade e no meio ambiente.

A dissertação visa motivar outros pesquisadores a realizarem futuras análises sobre a mesma temática. Com relação à importância acadêmico-científica do estudo, pretendeu-se estimular uma discussão sobre a importância da percepção das pessoas sobre o ambiente aonde se relacionam com a natureza e como devem estar preparados para enfrentar determinados fenômenos naturais que podem ser prejudiciais aos seres humanos.

Como fontes de informações consultou-se moradores do município de Morretes, e entre eles, também representantes dos empresários do setor turístico.

A partir do exposto, apresentam-se alguns questionamentos que constituem o problema de pesquisa:

Os desastres naturais constituem um fator prejudicial para o desenvolvimento de determinados lugares turísticos? No caso do município de Morretes, os desastres naturais têm causado prejuízos para o setor do Turismo devido à precária infraestrutura urbano-regional e à ausência de ações de prevenção e mitigação e a uma ocupação inadequada? Quais as informações e orientações e tipo de ajuda que os turistas devem receber caso fiquem expostos de alguma forma a desastres naturais? Como os turistas e os moradores locais percebem os desastres naturais?

Neste contexto, iniciativas de preparação a enfrentar desastres naturais e mitigação a eventuais desastres naturais, por parte dos principais administradores do turismo regional como governos, empreendedores e organizações não governamentais, podem ser uma ferramenta eficaz para minimizar as perdas econômicas em relação ao turismo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-CONCEITUAL

Ao longo das últimas décadas, o turismo se tornou uma atividade que motiva a criação de empregos e renda em geral, e que também influencia a vida das pessoas nos lugares que escolheram desenvolver essa atividade. “O turismo é considerado no mundo todo como o setor com maior taxa de crescimento e maior potencial de criação de empregos e geração de renda” (OMT, 2015). Será utilizado no presente estudo o conceito de turismo de acordo com a Organização Mundial de Turismo:

O turismo é um fenômeno social, cultural e econômico que envolve a movimentação de pessoas para países ou locais fora de seu ambiente habitual para fins pessoais ou comerciais/profissionais. Essas pessoas são chamadas de visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes) e o turismo tem a ver com suas atividades, algumas das quais envolvem despesas turísticas (UNWTO, 2020).

Como qualquer atividade humana, no entanto, é suscetível aos riscos e desastres naturais. Os impactos associados aos riscos e desastres naturais se manifestam de várias formas, com consequências calamitosas para o setor turístico, se não forem gerenciados com eficácia e eficiência (STEFANELLO, 2006).

Em muitos países, a população está crescendo e as pessoas estão sendo forçadas a habitar espaços que são suscetíveis a ocorrência de desastres naturais. Situação que, segundo Vanhoni e Mendonça (2008), coloca essas populações em condição de “vulnerabilidade socioambiental”, expressão utilizada pelo autor para se referir à situação em que espaços naturais frágeis passam a ser ocupados por grupos humanos que não deveriam se fixar nesses locais.

Existem áreas que são ocupadas por grupos de pessoas que não têm recursos para viverem satisfatoriamente e não recebem muito suporte do governo para resolverem suas necessidades de habitação, o que gera o surgimento de moradias em locais inadequados com riscos para seres humanos viverem.

Neste sentido, é importante que os envolvidos no setor do turismo analisem melhor quais as relações existentes entre desastres naturais e atividades turísticas.

É fundamental determinar o que acontece com o turismo em uma região de destino após a ocorrência de um desastre natural. A primeira reação após um desastre natural ter incidido num determinado lugar é, que os turistas vão evitar esse destino por algum tempo (GLAESSER, 2008, p. 96). Isso pode acontecer devido ao

receio da recorrência destes eventos. Depois que um desastre natural ocorre em um município turístico, o número de visitantes provavelmente diminuirá drasticamente por algum tempo (ZUCCO et al., 2010).

A maioria dos turistas têm receio de visitar locais onde podem ocorrer catástrofes naturais, mas o turismo, como um fenômeno social, cultural e econômico, e que envolve o movimento de pessoas para países ou lugares fora de seu ambiente habitual, para fins pessoais ou de negócios, leva as pessoas a se deslocarem sem saber exatamente o que pode acontecer em determinados locais e em determinado tempo. O turismo assim, depende de espaços, e esses espaços dependem de suas condições atmosféricas e de condições da sua geografia local, (SLOVIC; WEBER, 2002).

Quando um local turístico sofre com os efeitos de problemas ambientais derivados da natureza, existe um impacto nas atividades humanas e turísticas como é tratado por Stefanello (2006), quando disserta sobre os efeitos negativos do mar sobre a paisagem de um balneário turístico.

Nesses locais então, existirão condições para que ocorram fenômenos físicos que podem afetar positivamente ou negativamente os turistas.

Assim, para os desastres naturais que podem acontecer, existem diferentes definições sobre o termo na literatura, dependendo de quem estuda o tema como os cientistas naturais, cientistas sociais entre outros.

Alguns dos agravantes das crises e desastres da atualidade podem ser causados, de certa forma, por problemas nas relações humanas ou sociais em determinados níveis ou de determinados grupos. Alguns representantes da administração pública e também de alguns setores da população e de empresas particulares, bem como a forma como grupos sociais cuidam da natureza, agravam os problemas ambientais (MARCHEZINI, 2018). Parece que o cuidado com a natureza não tem evoluído em todos os países com a mesma velocidade ou ritmo.

Um planejamento coerente deveria ser o principal objetivo da administração humana. Existem muitos problemas atualmente, bem como diferenças econômicas e tecnológicas entre os países. Desta forma alguns estudiosos classificam as nações em desenvolvidas e subdesenvolvidas, e alguns casos existe a classificação consolatória de países em desenvolvimento. Mas, apesar das classificações, percebe-se que existe uma incoerência no cuidado com a natureza e nas relações sociais na



maioria dos países. Muitos desastres não aconteceriam ou se acontecessem, teriam um impacto menos negativo na sociedade em locais determinados (JORNAL FOLHA DE S. PAULO, 2019).

De acordo com Glaesser (2008), pode-se observar formas de relacionamentos inadequadas, mesmo primitivas, que o ser humano apresentava há milhares de anos, mas que continuam até a atualidade. Muitos desses comportamentos até começam a se tornar mais visíveis como o racismo, ou mesmo conflitos religiosos entre grupos de diferentes crenças em cidades ou em regiões de determinados países. Esses problemas afetam significativamente o turismo e a imagem de locais turísticos, podendo reduzir o fluxo de turistas por pouco ou por um longo tempo. Estes conflitos geram muitas vezes agressões físicas e mesmo mortes em vários episódios, incluindo os atentados terroristas (ARAÑA; LEÓN, 2008).

Para evitar tanto os conflitos sociais como crises ligadas a acidentes climáticos, uma medida seria investimentos em formas de previsão, prevenção ou prognósticos dos problemas. Essas questões todas interferem no turismo e afetam os turistas de forma direta. As pessoas que deixam suas cidades de residência e partem para um destino desconhecido para fazerem turismo, esperam ter segurança e tranquilidade.

Segundo Cooper (2007), os turistas levam recursos financeiros para os locais que visitam, ajudando, em diversos casos, a minimizar a pobreza e assim dão suporte às economias de forma direta, e por esse motivo merecem receber toda a atenção, proteção e orientação por parte do estado e das empresas de turismo que servem ou deveriam melhor servir ao turista. No entanto, alguns problemas climáticos ou ambientais acontecem tanto em países pobres, países em desenvolvimento e em países ricos, e que podem prejudicar os turistas.

Uma questão importante na atualidade é a falta da consciência ecológica que auxilia na destruição da natureza em grandes áreas do planeta. Isso leva ao desaparecimento de espécies animais e vegetais em grande quantidade, sendo que algumas dessas espécies chegam a serem extintas. As alterações no planeta existem na superfície da Terra, no seu interior, nas águas dos rios com a poluição e assoreamento nos mares e mesmo na atmosfera. Alguns lugares apresentam desertificação e outros lugares épocas de muitas chuvas que podem gerar enchentes.

No último século, a atmosfera recebeu um acréscimo significativo de gases nocivos a alguns tipos de vida e outros com características que podem aquecer a

atmosfera. Estudos mostram que as alterações climáticas ou mudanças climáticas, podem ter como motivos o desmatamento e a emissão de gases gerados pela queima das florestas e a queima de combustíveis fósseis feitos pelo homem.

Ainda existem controvérsias entre grupos de cientistas que, de um lado acreditam que as alterações climáticas estão ocorrendo muito mais por questões naturais do que por influência humana (IPCC/SRCCL, 2019).

Independente das causas, as alterações estão ocorrendo nos climas da Terra. Com estas alterações, a superfície do nosso planeta também sofre mudanças. A questão principal é que as temperaturas médias do planeta estão aumentando, independentemente de quais sejam os motivos. Esse acréscimo das temperaturas faz com que as calotas polares se derretam em maior extensão do que acontecia antes, e em locais de clima tropical e tropical equatorial, o aumento da temperatura faz com que o ciclo da água seja alterado. Isto provoca o incremento da energia do Sol na atmosfera do planeta, sendo que ocorrerá um processo mais acelerado na evaporação, bem como o aumento na quantidade da umidade do ar em alguns lugares, e em outros a ocorrência de estiagens mais rigorosas e mais frequentes. A consequência disso é o aumento da quantidade de chuva em muitos pontos, além da frequência e intensidade das tempestades (IPCC/SRCCL, 2019).

O Paraná apresenta uma boa distribuição de chuvas durante o ano, e em pontos específicos da Serra do Mar, pode chover mais de 3.000 mm anualmente. De forma geral o que se tem notado é que o ritmo dos ciclos de chuvas e estiagens tem se alterado, devido ao aumento das temperaturas no planeta Uninviement (2019), ou que surge um novo descontrole da rotina climática da Terra.

Um exemplo do aumento da intensidade das tormentas e chuvas foi a tempestade tropical Catarina, considerado por alguns estudiosos o primeiro furacão registrado da América do sul, de acordo com Cunha e Pires (2004), que estudaram o fenômeno.

As alterações climáticas acontecem de forma impactante na vida das pessoas, e em muitos lugares do planeta esses fenômenos da natureza, que são normais, começam a se intensificar, e agora passam a apresentar maior frequência na formação de catástrofes. Esses eventos são chuvas ou tempestades que geram ventos fortes destruidores e inundações, e fenômenos opostos podem ser os períodos de falta de água, com maior frequência de estiagens e secas.

O que ocorre sistematicamente, segundo Mesquita e Debortoli (2013), é que devido às atividades humanas que alteram a superfície da Terra ou o seu meio ambiente, os seres humanos por decisões inadequadas no processo de construir estruturas de engenharia, agrícolas, ou desmatamentos no planeta, quer para a produção de alimento, para a industrialização ou na extração de matérias primas das florestas, influenciam para que ocorram acidentes ou desastres naturais e ambientais de acordo com estas interferências antrópicas.

Por exemplo, é natural ou normal que ocorram chuvas com maiores intensidades por períodos, como a cada cinco, dez, cinquenta ou cem anos em determinados pontos da superfície da Terra, e dessa forma as margens dos rios, que podem ser muitas vezes planícies de inundação, tenham o volume de água aumentado nesses períodos de muita chuva.

As enchentes nesses espaços de tempo ocorrem de forma muito além do normal, configurando assim no que se denomina popularmente de enchentes que antes nunca aconteceram.

Desta forma, ainda segundo Mesquita e Debortoli (2013), essas enchentes fazem com que nas bordas de alguns rios, o nível das águas possam chegar a cinco ou dez metros acima do nível normal, de acordo com as características físicas de cada local.

Além da extensão das margens, pode ter o aumento vertical de um a três metros de altura ou mais. Ou seja, onde existem rios, deveriam ser analisadas historicamente as áreas de inundação antes de se construírem as residências ou prédios definitivos. Dever-se-ia ter-se seguido critérios de segurança razoáveis para a construção dos imóveis em lugares que evoluíram com o passar do tempo e que atualmente são grandes áreas urbanas, para se evitar os constrangimentos das enchentes, para as pessoas que construíram suas casas e empreendimentos nestes locais.

Segundo D'Angelis e Veiga (2003), os índios na região do Paraná e Santa Catarina construíam aldeias em locais próximos aos rios devido à facilidade de acesso à água, pesca e o transporte. Todavia também edificavam outras aldeias construídas em locais longe dos rios em áreas mais altas, pois eles já sabiam que periodicamente ocorrem épocas de maior intensidade de chuvas, e com isso as

margens dos rios sobem além do normal. Quando os rios começavam a subir e causar enchentes, a tribo mudava para as aldeias mais altas.

Logicamente, alguns povos indígenas destas regiões eram nômades e faziam, no caso de Curitiba, deslocamentos sazonais entre o litoral paranaense no verão e viagens no inverno para o planalto, onde coletavam e se alimentavam principalmente do pinhão, fruto das araucárias.

Quando os europeus vieram para cá, assumindo o controle das terras, era comum à construção de assentamentos e vilas ao longo dos rios e próximas às suas margens, pois pela lógica europeia a proximidade dos rios facilitaria o acesso à água tanto para o consumo doméstico como para a irrigação das plantações e para a hidratação e cuidado dos animais das fazendas.

Geralmente adjunto às margens dos rios, o relevo é mais plano, facilitando o deslocamento e a construção de casas e prédios. Esse hábito já era realizado na Europa há séculos, onde podemos encontrar cidades antigas construídas ao longo dos rios, e com o hábito de canalizarem com paredes de pedras as margens para fazerem suas casas e prédios com rochas ou com tijolos de argila cozida, junto às margens dos córregos. Desta forma esse fenômeno é encontrado em muitos países da América Europa e Ásia (D'ANGELIS; VEIGA, 2003).

FOTOGRAFIA 01: NUREMBERG, ALEMANHA 2018



FONTE: Autor (2020).

A FOTOGRAFIA 01 mostra um rio na cidade de Nuremberg, Alemanha, que mantém construções feitas às margens do rio, e praticamente dentro do rio. A ideia

de que as enchentes não voltam a acontecer, provavelmente seja o motivo pelo qual os seres humanos não se preocuparam em construir suas cidades a uma distância adequada longe dos locais de inundação. Atualmente os moradores de grandes centros urbanos que ocupam áreas próximas a rios e banhados, podem enfrentar problemas de alagamentos durante os períodos de maior intensidade de chuvas.

As populações assim afetadas cobram das prefeituras obras de saneamento e aterros que possam transformar esses locais de riscos, em locais seguros às enchentes.

A Engenharia, segundo Catharina e Queiroz (2018), pode resolver os problemas de alguns desses lugares, no entanto, não é possível resolver os transtornos das inundações em todos os lugares. Dessa forma, percebe-se que um fenômeno natural, como as enchentes dos rios nas planícies de inundação, as quais sempre aconteceram, atualmente, em alguns lugares, esse fenômeno passou a ser denominado de problema ou desastre natural. Erroneamente as pessoas ocupam locais inapropriados há muito tempo, inviabilizando a resolução de tais acontecimentos.

Uma opção seria que as construções em áreas de risco fossem transferidas para novas áreas mais altas com maior segurança, longe dos rios. Como isso não é viável, na maioria dos casos, por uma série de questões, especialmente as de cunho econômico e político, todos os anos os jornais noticiam enchentes e tragédias envolvendo desabamentos, mortes de pessoas e animais e muito sofrimento. Aliado a isso, as mudanças climáticas têm intensificado a quantidade de chuvas que ocorrem em muitos lugares do planeta.

Nos últimos anos, segundo Minuzzi e Caramori (2012), temos informações de que as chuvas estão sendo cada vez mais frequentes, e que o volume de água dessas chuvas provoca enchentes, e as cheias alcançam níveis cada vez maiores.

Percebemos que as catástrofes estão sendo mais intensas e atingindo um número maior de pessoas. Em climas tropicais e climas equatoriais essas alterações estão mais visíveis. Um ponto importante entre as questões climáticas e as questões ambientais, liga-se ao fato de que muitas pessoas que procuram destinos turísticos em locais de lazer do tipo sol e praia, podem passar por dificuldades se ocorrerem catástrofes naturais.

Esses destinos turísticos como o Caribe, Polinésia , litoral e grande parte do Brasil, que atraem turistas de vários países do mundo, são destinos que podem ter o que se define hoje, como riscos naturais ou riscos de desastres naturais ligados às precipitações pluviométricas (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Desta forma, segundo Rocha e Almeida (2008), os governos ou organizações ligadas à segurança das populações devem tentar preparar os lugares para os eventuais desastres naturais, para que não aconteçam nos municípios impactos negativos desnecessários, bem como evitar que os turistas que estejam nesses locais, não sofram também as dificuldades criadas com eventos catastróficos.

Assim, constata-se a importância das administrações públicas e privadas realizarem o planejamento nas áreas urbanas e rurais para que possam fazer a previsão e, principalmente, possam ter sistemas para avisar/alertar a população de uma emergência de forma eficaz.

Com relação aos riscos que os turistas podem ter durante as viagens, são classificados como riscos todos os eventuais acidentes que possam acontecer durante as viagens (RITCHIE, 2009).

Esses acidentes podem ser de ordem natural como terremotos, incêndios, enchentes ou também acidentes ligados ao trânsito de veículos. Também estão na lista dos riscos os atentados provocados por pessoas ou grupos de reivindicação políticas e religiosas os quais atualmente são denominados como terroristas. Na Europa e nos Estados Unidos ocorreram diversos ataques terroristas na última década.

No presente estudo, o foco se relaciona aos desastres naturais, os quais são os mais importantes e frequentes, em se tratando do turismo mundial e no Brasil, (RITCHIE; BRENT, 2009). Outro enfoque principal da pesquisa é a análise da percepção do turista e do morador de diversas idades e profissões com relação aos aspectos de segurança e do turismo no Brasil.

## 2.1 CONCEITOS GERAIS

Existem alguns conceitos e termos que devem ser apresentados para o entendimento do presente estudo, desta forma, serão apresentados a seguir alguns

destes termos, bem como os principais autores que foram escolhidos e que falam sobre esses conceitos e que são destaques desta dissertação.

QUADRO 01: SÍNTESE DE TERMOS LIGADOS A DESASTRES NATURAIS

Risco	Dano
Crise	Perigo natural
Desastre	Catástrofe
Desastre natural	Vulnerabilidade
Desastre ambiental	Perda

FONTE: AUTOR (2020)

Nas duas primeiras décadas do século XXI, alguns autores se dedicaram aos assuntos “riscos e riscos de desastres naturais no turismo” como J. R. Brent Ritchie sobre “percepção em casos de emergências”, Paul Slovic e Dirk Glaesser com estudos de gestão de crises no turismo.

O professor Ritchie, da Universidade de Queensland, Austrália, apresenta estudos relacionados à gestão de riscos do turismo e especializou-se na compreensão destes a partir de uma perspectiva organizacional. Na área das organizações, seu trabalho explora atitudes de risco e estratégias de respostas para efetivamente prevenir e se recuperar de crises e desastres. Os estudos também analisam as atitudes dos turistas com relação a riscos que podem ocorrer e seus comportamentos para a redução destes (RITCHIE, 2008).

O professor Ritchie, entre muitos estudos, fez pesquisas com frequentadores de praias da Nova Zelândia, e com viajantes com destinos para a Austrália e potenciais turistas para o Oriente Médio e Indonésia. Seus projetos de pesquisa também examinam os fatores que influenciam a formação de atitudes e comportamentos de risco, usando a teoria e os conceitos da psicologia social e organizacional (QUEENSLAND, 2019).

Diversos autores explicam os termos crise e desastre, sendo o que Ritchie, B.W. (2009), define como fenômenos que ocorrem na natureza, os quais ocorrem em ciclos. É necessário compreender conceitualmente estes fenômenos, os quais são complexos e têm uma natureza caótica relacionada a incidentes, e assim apresentam desafios na gestão da prevenção de crises ou desastres.



Os conceitos a seguir, como riscos, crises, desastres, são importantes, pois são frequentemente citados e cada um deles apresenta significados específicos que foram utilizados nesse estudo.

Com relação ao termo *risco*, Paul Slovic, professor de psicologia da Universidade de Oregon, EUA, publicou estudos sobre a tomada de decisões em análise de situações de risco Slovic e Weber (2002), onde explica que o termo ‘risco’ pode ser entendido de diferentes formas por vários autores. O conceito contém elementos de subjetividade que fornecem uma visão das complexidades das percepções do público.

Um texto escrito por um estudioso pode usar a palavra várias vezes, cada vez com um significado diferente. Os usos mais comuns são: risco como um perigo; risco como probabilidade; risco como consequência; risco como potencial de adversidade ou ameaça.

A análise de riscos tipicamente se refere a impactos de eventos inoportunos como acidentes, efeitos da poluição, sabotagens, produtos adulterados que diretamente prejudicam as vítimas e podem resultar em mortes, injúrias e em prejuízos financeiros e materiais (SLOVIC, 2019).

Impactos como eventos catastróficos, não raro se estendem incluindo custos diretos significativos como monetários e não monetários, os quais podem ser cobrados de órgãos do governo ou de empresas privadas.

De qualquer forma quando ocorrem problemas, geralmente empresas são processadas, bem como governos (SLOVIC, 1987).

Independentemente da definição, no entanto, presume-se que as probabilidades e consequências de acontecerem eventos adversos e, portanto, os “riscos”, sejam quantificados objetivamente pela avaliação de cada risco, gerando um entendimento melhor de cada evento.

Do ponto de vista da percepção, de acordo com Tuan (1980), por serem variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam os ambientes, entende-se que as percepções dos lugares, bem como a percepção dos fatos acontecidos, são muito subjetivas, e podem ser analisados por diferentes instrumentos e com diferentes técnicas.



Dessa forma, a interpretação de cada pessoa faz com que um local possa apresentar vários tipos de percepção. Por exemplo, um indivíduo menos atento, pode deixar de perceber determinados tipos de riscos.

Segundo a agência de notícias Reuters (2005)<sup>1</sup>, um exemplo clássico foi o de uma menina de dez anos na praia de Mai Khao, Tailândia, onde aconteceu um Tsunami de grandes proporções. Segundo o noticiário, a menina tinha aprendido na escola, duas semanas antes, a respeito dos sinais de ondas gigantes, ou tsunamis, geradas por terremotos nos oceanos.

Assim que identificou esses sinais onde estava, ela explicou para a mãe, a qual confiou na filha e imediatamente foi avisar os responsáveis do hotel, os quais evacuaram a praia a tempo de salvar os hóspedes e demais pessoas que estavam à beira mar.

Em outra abordagem sobre percepção, de acordo com J. Moreira (2006), o reencontro com a natureza representa um modo de vida, muitas vezes idealizado, mais simples, cada vez mais valorizado e, com ele, a possibilidade de retorno positivo da imagem da liberdade de opção no lazer. Nessa perspectiva, as atividades como cavalgadas, pesca e caminhadas estimulam vivências psicomotoras e corporais, bem como atividades em grupo.

As pessoas visitam lugares onde a natureza esteja sem grandes modificações, para geralmente praticar atividades diferentes das que praticam nas áreas urbanas, onde podem ter o contato com a vegetação, animais selvagens e domesticados (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2008). Os visitantes que participam de determinadas atividades em lugares ao ar livre para praticar lazer e turismo, e procuram, segundo Souza (2010), novas experiências, as quais podem apresentar riscos que os visitantes não estão acostumados.

Mesmo que o lazer e o turismo sejam considerados atividades distintas, tanto turistas como visitantes possuem suas percepções dos lugares onde estão, e devem ficar atentos tanto à beleza bem como aos eventuais riscos e perigos dos locais visitados.

---

<sup>1</sup> REUTERS. Criança reconhece a chegada da tsunami e salva 100 turistas - 02/01/2005 - UOL Últimas Notícias. UOL Notícias, , n. Tsunami, 2005. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/ultnot/reuters/2005/01/02/ult729u42865.jhtm>>. Acesso em: 18/5/2019.

No campo de gestão de *risco* de desastres naturais, o conceito de risco geralmente é entendido como a interação entre uma população vulnerável e as ameaças naturais, biológicas e/ou tecnológicas.

Para Marchezini (2018), quando se consideram essas associações relacionadas à fenômenos naturais do clima, por exemplo, tempestades, secas, furacões, terremotos, tsunamis, bem como ameaças biológicas como a dengue, Zika, Chikungunya, Ebola, Covid-19 e outras doenças e ameaças tecnológicas como ruptura de barragens como a de Brumadinho em 2019, incêndios urbanos, acidentes químicos, acidentes de transporte, etc.

Muitas vezes, a abordagem política é tentar, de alguma maneira, controlar a ameaça em si para evitar o evento desencadeante (por exemplo, obras de engenharia para proteger contra inundações).

O zoneamento e o planejamento do uso do solo têm sido empregados para tentar reduzir a exposição. Os seguros, quando existentes, ajudam a diminuir a susceptibilidade do ponto de vista econômico e o impacto nos meios de subsistência (MARCHEZINI *et al.*, 2017, p. 47).

De acordo com os autores citados, o risco seria a probabilidade de acontecer uma determinada situação, geralmente negativa, como um acidente ou desastre para um determinado lugar, uma pessoa ou grupo de pessoas.

O *conceito de crise* pode variar, de acordo com Coombs (1999), desde questões organizacionais em pequena escala, na saúde pública com diferentes tipos de doenças, problemas e dificuldades em geral e em erros organizacionais. Além desses, os fatores externos às questões humanas, como alguns desastres naturais do tipo terremotos, enchentes, além de incidentes terroristas que geram crises em diversos lugares.

O termo crise de acordo com Glasser (2008, p.23), apresentou muitos significados durante o transcorrer do tempo. Do grego krisis, a definição é diferenciação ou decisão. No dicionário define-se o *verbetes crise* como sendo decisão, julgamento, evento, momento decisivo, bem como a conjuntura ou momento perigoso ou difícil (PRIBERAM, 2020).

De acordo com Glaesser (2008, p. 24) na área do Direito o termo significa uma variação entre o justo e o injusto. Para a teologia significa a separação entre salvação e danação. Já no campo da medicina o termo foi usado pra definir uma interrupção

de um processo que antes era contínuo e, no século XVI, o termo se generalizou com o renascimento da medicina clássica e se disseminou como uma expressão corriqueira. No século XIX esse termo passa a ser usado nas ciências políticas, na economia e na sociedade em geral.

Na área ambiental, que é a temática do presente trabalho, a palavra crise tem como significado segundo Ritchie (2009), problemas ligados em um restrito espaço de tempo, a desastres físicos ou naturais que podem danificar ou destruir estruturas como consequências de problemas climáticos ou de influência humana, ou ambos.

*As crises na saúde* que afetam as atividades do turismo são exemplos, hoje, de problemas a serem enfrentados como as epidemias e pandemias cada vez mais graves e frequentes. Aqui é necessário relacionar a abordagem com desastres naturais ligados às questões de saúde que aconteceram muitas vezes na história da humanidade, registrados principalmente nos últimos cento e cinquenta anos, e em especial o episódio recente de 2019 e 2020 relacionados ao coronavírus. Neste caso, aborda-se as questões das doenças que prejudicam a vida em sociedade e diretamente ao turismo. Segundo Netto et al. (2020a), percebe-se que nesses casos quando ocorrem epidemias locais, bem como pandemias, o turista fica muito vulnerável e as atividades turísticas podem ficar suspensas por algum tempo.

De acordo com Glaesser (2008), em preparação para gripe aviária na Escócia, a partir dos primeiros casos de SARS e da gripe aviária em 2003, o mundo ficou em alerta para a velocidade da disseminação de doenças infecciosas. Como o alerta dado pela Organização Mundial da Saúde, OMS, que classificou esses casos a nível alto em 2003, a Organização Nacional Escocesa do Turismo passou a examinar as perspectivas de uma possível epidemia de gripe aviária no turismo local.

A técnica de cenário foi empregada na tentativa de entender quais os riscos que uma epidemia poderia ter no turismo da Escócia. Depois de uma revisão bibliográfica realizada pela Visit Scotland, de acordo com Glaesser (2008, p. 118), a administração dessa organização adotou uma abordagem de oito passos, que podem ser vistas no QUADRO 01.

QUADRO 02: PLANEJAMENTO NO TURISMO PARA ENFRENTAR A PANDEMIA DE SARS E H1N1 NA ESCÓCIA 2003

Passo 1: uma revisão do cenário existente produzida pelo Departamento Escocês da Saúde foi conduzida, com foco particular nas suposições e implicações para o setor do Turismo.	Passo 2: uma sessão de brainstorming tentou descobrir as questões e as relações de interesse. Dois cenários foram definidos para análise, o que está acontecendo em outros países, e o que estava acontecendo na Escócia, assim esses dois modelos foram projetados em conjunto com as principais hipóteses. Assim um enredo simplificado foi estruturado para os dois cenários que foram escolhidos e a partir disso foram então escritos possíveis panoramas que poderiam se estabelecer no futuro.	Passo 3: O impacto econômico que as principais hipóteses nos dois cenários teriam no setor do Turismo e na macroeconomia da Escócia e do Reino Unido foi estimado por meio do modelo <u>Moffat</u> , um projeção em programa de computador para modelos sociais de comportamento estatístico de estimativa de equilíbrio geral para um único país, usado na <u>Visit Scotland</u> .	Passo 4: Os resultados foram apresentados ao departamento escocês da saúde e depois de revisados pelo grupo de planejamento do cenário. O feedback foi incorporado nos roteiros resumidos para aprimorar o realismo dos resultados.
Passo 5: Os principais stakeholders da indústria britânica do turismo foram solicitados examinar os cenários e a participar de workshops.	Passo 6: Os Stakeholders foram divididos em 2 grupos para a realização de workshops com duração em um turno. Antes dos workshops, os participantes receberam os cenários junto com a literatura técnica relevante, bem como relatórios médicos sobre a gripe aviária. O questionário predefinido foi utilizado para estimular a discussão. O modelo hexagonal foi empregado pelos dois grupos como ferramentas facilitadoras para estruturar seus comentários e ideias.	Passo 7: Os cenários foram então avaliados em termos de validade e do contexto da realidade, e com os comentários feitos, foram empregados para melhorá-los.	Passo 8: Baseada nos cenários aprimorados que auxiliaram o entendimento do impacto do acontecimento e das consequências interações entre as diferentes esferas de atividade( consumidor, setor público, indústria do turismo) a Visit Scotland identificou as questões importantes para este tipo de crise. Com base nestas, foram formuladas as prioridades concretas para a ação e os passos necessários para melhor prepara ação da Visit Scotland e do setor do turismo contra gripe aviária.

FONTE: Glaesser (2008), adaptação do autor.

Desta forma, pode-se observar no QUADRO 01 que já existiram situações onde surgiram epidemias e pandemias e, desta forma podem ser modelos para muitos países e organizações se basearem e traçarem estratégias de combate às futuras doenças que eventualmente venham a surgir num futuro próximo.

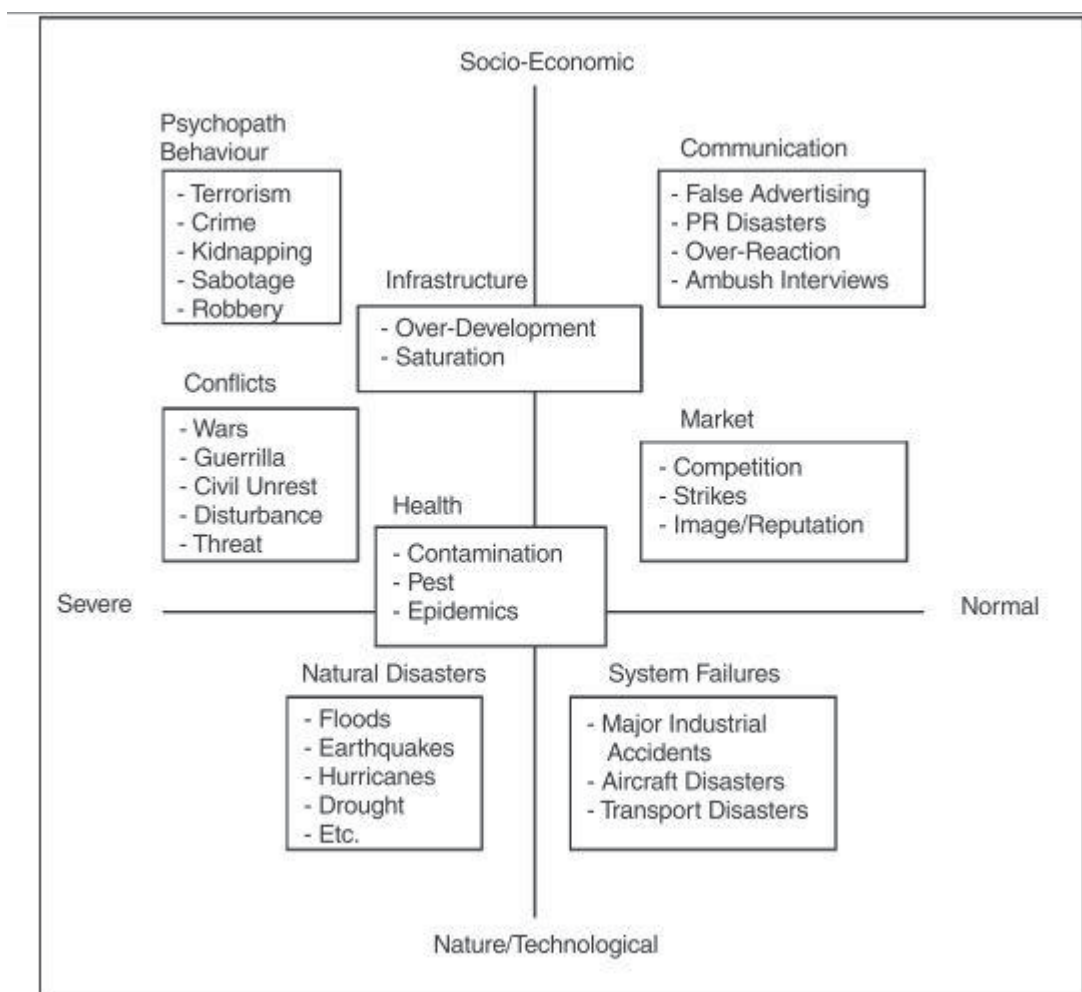
Ritchie (2004), observa que as crises ocorrem em todos os níveis de operações do Turismo com diferentes graus de severidade, desde desastres econômicos, políticos e ambientais até crises geradas internamente e acidentes súbitos.

Na prevenção a crises, métodos de análise e prognósticos são importantes para a gestão desses problemas. De acordo com Glaesser (2008, p.112), o objetivo da prevenção contra a crise é de adotar formas de antecipação e enfrentamento destas.

Assim, segundo Santana (2004, p.306), deveria ser prioridade para as empresas de turismo (bem como departamentos governamentais) estarem pesquisando constantemente questões de segurança para proteger tanto seus negócios, como a seus clientes (ou cidadãos).

Essa preocupação deveria ser tanto para empresas pequenas como para grandes. A atenção deve ser continua, pois existe, de acordo com o QUADRO 02, muitas possibilidades para o surgimento de crises que os turistas podem enfrentar nos locais que visitam.

QUADRO: 03 Framework sobre as causas genéricas das crises no turismo.



FONTE: Santana (2004).

De acordo com Ritchie (2009, p.97), riscos não podem ser completamente eliminados, porém, podem ser bem melhor administrados se previstos, para que os problemas sejam minimizados.

Outro termo que merece atenção no contexto deste trabalho se refere ao 'desastre'. O termo *desastre* é empregado generalizadamente e é relacionado a situações negativas, sendo que no dicionário Aurélio o verbete é definido como: Acidente grave ou funesto; sinistro. O que causa um sofrimento excessivo; desgraça, fatalidade, catástrofe. Falta de sucesso; insucesso, fracasso. A etimologia da palavra vem do italiano *disastro*.

Um “desastre”, por outro lado, é definido por Vatsa e Krimgold (2000 p.132), como “uma interação entre fenômenos físicos ou naturais extremos e um grupo humano vulnerável, que resulta, em geral, na interrupção e destruição das infraestruturas, perda de vidas, subsistência e lesões”.

Desta forma, o desastre é um fenômeno que afeta de forma mais extensa e de consequências mais drásticas um determinado local. Isto explica o desastre como sendo um processo multidimensional que se segue a um único evento. Benson e Clay (2004, p. 5) acrescenta “do ponto de vista econômico, um desastre implica uma combinação de perdas, em capital humano, físico e financeiro, e uma redução da atividade econômica tais como geração de renda, investimento, consumo, produção e emprego [...]”.

O termo desastre está relacionado a outro termo mais específico que é o de catástrofe, e que segundo Glaesser (2008, p.27), catástrofe são acontecimentos negativos que diferentemente da crise, têm desfecho claramente inevitável do ponto de vista operacional.

A catástrofe não tem a ambivalência da crise no que tange o desenvolvimento de oportunidades. A ligação entre catástrofe e desastre ou a ocorrência simultânea de ambas podem ser observadas sobretudo no turismo, em que catástrofes na esfera ambiental desencadeiam crises para as organizações afetadas.

Algumas vezes, os verbetes desastre e catástrofe, são usados como sinônimos.

Desastres naturais são eventos da natureza que acontecem naturalmente como furacões e chuvas torrenciais. Um conceito para desastres naturais segundo a

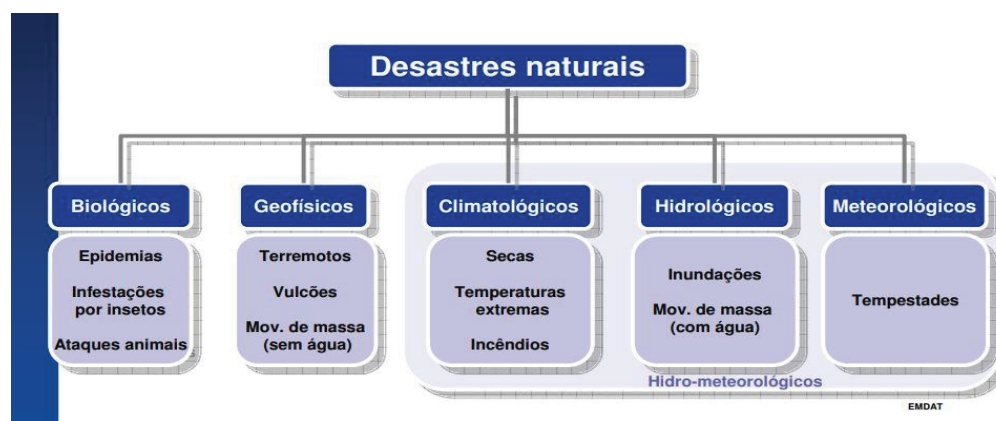


pesquisadora do INPE, Sayto (2003) é “Desastres naturais como resultado do impacto de um fenômeno natural extremo ou intenso sobre um sistema social, e que causa sérios danos e prejuízos que excedam a capacidade dos afetados em conviver com o impacto”.

Assim, só existe um desastre quando o evento natural prejudica um grupo de pessoas.

Os desastres naturais podem ser biológicos, geofísicos, climáticos, hidrológicos e meteorológicos de acordo com o INPE que é ilustrado na FIGURA 01.

FIGURA 01. TIPOS DE DESASTRES NATURAIS



FONTE: Saito (2003).

Já os desastres ambientais, causados por acidentes ambientais, podem ser provocados pelos seres humanos, como o rompimento de uma barragem ou a poluição de um rio. De acordo com o Instituto Ambiental do Paraná, IAP, um acidente ambiental:

Conceitua-se acidente ambiental como evento não previsível, capaz de direta ou indiretamente, causar danos ao meio ambiente ou a saúde humana, como vazamento ou lançamento inadequado de substâncias (gases, líquidos ou sólidos) para a atmosfera, solo ou corpos d'água, incêndios florestais ou em instalações industriais. Em situações de acidentes ambientais é necessária a coleta de amostras para a avaliação do dano ambiental, possibilitando o desenvolvimento de ações para a recuperação ambiental e responsabilização dos causadores do acidente (IAP, 2020).

Cabe mencionar também o termo vulnerabilidade relativa ao meio ambiente e aos turistas. De acordo com Benson e Twigg (2004, p. 19), vulnerabilidade é “o

potencial para sofrer danos ou perdas e é relacionado com a capacidade de antecipar um perigo, lidar com ele, resistir-lhe e recuperar a partir do seu impacto”.

Pode-se dividi-la em duas partes principais: a *sensibilidade* e a *resiliência*. A sensibilidade do comportamento econômico face a um choque/desastre reflete-se a um nível macroeconômico ou setorial, no desvio dos fatores econômicos das tendências que se esperavam, sem ter em conta os efeitos do acontecimento (BENSON; CLAY, 2004).

Com relação à vulnerabilidade, pode-se constatar que o turismo envolve pessoas, funcionários e turistas e todos estão vulneráveis aos desastres que podem atingir os destinos turísticos. Muitas vidas humanas estão em jogo nestes pontos e a devastação pode ser extensa (ZUCCO et al., 2010b).

Ademais, o comportamento dos turistas em um destino é imprevisível e, portanto, mais difícil de controlar, no caso de um desastre.

Isso pode ocasionar uma necessidade rápida de informações que deveriam ser facilmente acessíveis em áreas remotas e em toda a área de destinos de lazer, (ZUCCO et al., 2010b).

Em muitos casos, os turistas não falam o idioma do local onde escolheram para visitar e não podem encontrar ou entender facilmente instruções sobre como se comportar em situações de desastre ou de catástrofes, eles estariam, assim, em situações de vulnerabilidade. Segundo Wang et al. (2019), para agravar ainda mais, quando um desastre atinge uma área de turismo, a primeira iniciativa dos turistas é retornar rapidamente, se possível, ao local de sua hospedagem.

Assim, durante uma experiência de risco e medo, existe a necessidade de serem utilizados sistemas de informação adequados. Determinados problemas enfrentados pelos turistas, em episódios de perigo e de catástrofes, também é devido ao fato dos turistas não estarem familiarizados com o local de sua estadia temporária durante uma viagem de turismo, pois não é onde moram, e isso gera complicações adicionais, pois alguns problemas que podem surgir não existem nos locais de origem dos turistas.

Com relação à gestão de desastres, de acordo com Kraus (2014, p. 55), existem geralmente três fases na gestão de desastres, as quais são: fase anterior aos desastres, a fase durante o desastre ou de catástrofes, e a fase pós-desastre. De forma operacional, a gestão do risco de desastres inclui ações (programas, projetos



e/ou medidas) e instrumentos, cujos os resultados pretendidos serão para amenizar os riscos nas zonas de desastres, bem como acelerar o processo de restauração dessas zonas de impactos.

Isso significa que a gestão de desastres é uma estrutura para prever, planejar as estratégias para tratar o problema na hora em que estiver acontecendo, bem como tratar do problema depois de ter acontecido para fazerem as coisas voltarem ao normal. Em todo o processo de gestão de desastres o principal é a proteção das pessoas envolvidas.

Com relação às perdas, pode-se classificar em *perdas diretas, as quais são as diretamente quantificáveis*, como danos a edifícios e o número de pessoas mortas, destruição da infraestrutura e recursos naturais. Já as perdas indiretas por desastres se percebem no declínio na produção ou receita, e o impacto no bem-estar da vida das pessoas, geralmente surgem de interrupções dos produtos e serviços básicos da população (GLASSER, 2008).

Os impactos são os efeitos de um desastre que atingem a população, afetando as edificações e a infraestrutura de uma região.

O conceito de perda (o resultado de ser privado de algo) é uma medida (quantificada ou não) de prejuízo causados por um desastre. O impacto de um desastre pode, no entanto, ser muito mais abrangente. Esses impactos podem ser econômicos e sociais e atingem uma pequena área ou uma grande região, (UNISDR, 2015).

Os termos “perda” e “dano” são muitas vezes usados como sinônimos, mas não são. Podem ser medidos por meios financeiros, por valores dos prejuízos. E no fator humano, com número de lesões e fatalidades.

*Dano* é um termo genérico, que não é necessariamente quantificado, embora isso não queira dizer que o dano não possa ser medido e expresso como uma perda.

*Perdas* diretas são os impactos físicos ou estruturais causado pelo desastre, e é quantificável. Assim a destruição causada pela força de ventos fortes, enchentes ou tremores no solo causam efeitos indiretos que são os resultados que aparecem em segundo plano da destruição inicial, como perdas por interrupção de negócios.

Algumas perdas são difíceis de identificar e quantificar. Pode-se citar, a destruição de locais culturalmente significativos por um risco natural. Isso é uma perda direta, embora possa ser difícil quantificar o valor de tal perda.

Embora seja difícil calcular os prejuízos totais, as análises generalizadas em nível de país indicam que as perdas indiretas podem superar os custos diretos.

Muitas vezes a redução da frequência de turistas num restaurante deve-se a queda de uma ponte, e não por problemas no restaurante ou na cidade onde este restaurante está localizado.

O terremoto e o tsunami de Tohoku em 2011 no Japão e as inundações na Tailândia oferecem um exemplo dos impactos indiretos globais de eventos locais. Embora o tsunami japonês tenha sido muito mais divulgado na mídia, as inundações na Tailândia causaram mais prejuízos às economias de modo geral, de acordo com o Global Facility for Disaster Reduction and Recovery (GFDRR, 2015).

Ainda de acordo com a GFDRR (2015, p.62-69), para identificar esses principais perigos, distinguir áreas de grandes perdas e estabelecer tendências de perdas no espaço e no tempo, as perdas por desastres devem ser sistematicamente avaliadas, documentadas e arquivadas - idealmente de maneira abrangente.

Compilar e compartilhar estimativas de perdas por meio de um banco de dados de perdas (também conhecido como inventário) apresenta vários desafios, principalmente ao consolidar estimativas conflitantes de várias fontes.

Grande parte dos dados de perda não leva em conta os desastres menores e frequentes associados a riscos extensos. Essas perdas são absorvidas pelas pessoas afetadas, aumentando assim a pobreza (UNISDR, 2015). No entanto, há um número crescente de bancos de dados de desastres naturais que fornecem acesso a esses dados detalhados sobre as perdas, como os oferecidos pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, INPE, e Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos, CPTEC.

Uma maior compreensão dos fatores determinantes e das causas das perdas, bem como suas implicações sociais, ambientais e econômicas permite que as comunidades passem de uma abordagem reacionária para uma abordagem proativa de gerenciamento de riscos e riscos de desastres. A compreensão desses problemas e sistemas de catástrofes ajuda a sustentar estratégias e atividades para reduzir o risco de desastres.

No Brasil, vários eventos climáticos mostram grandes desastres provocados por chuvas que parecem cada vez mais fortes, de acordo com o Jornal Folha de S.

Paulo, por Carneiro (2019). O outono de 2019 apresentou uma precipitação atípica para a época no Rio de Janeiro, já que o período de chuvas é no verão.

O CEPETC e o INPE, no Anuário Climático do Brasil, informam que em 2018 as chuvas foram mais frequentes que entre 2013 a 2017, (RAMOS et al., 2018).

Outro dado é que apesar de ocorrer mais períodos de estiagens, as chuvas se concentram em determinados meses do ano, o que causam as grandes quantidades de chuvas e inundações (FERREIRA, 2007, p.137).

Desta forma, podemos ver nos períodos de grande precipitação no mundo e no Brasil, que quando esse período ocorre, acontece uma série de inconvenientes que mudam a rotina das pessoas e dos turistas. Os prejuízos podem ser materiais, com pessoas sendo feridas ou privadas de suas vidas.

No Paraná aconteceram episódios de chuvas torrenciais, como as que foram registradas no litoral do estado, Gazeta do Povo (2011), muitos problemas aconteceram como inundações e desmoronamentos, além de morte de pessoas.

As perdas de vidas podem acontecer em diversos pontos do litoral devido ao relevo, geologia e a formação do solo. No caso de 2011, foi considerada uma das maiores catástrofes climáticas registradas, não só nas cidades do litoral na orla marítima, mas também nas regiões de florestas das serras (GAZETA DO POVO, 2011).

Um “*perigo natural*” é um evento geofísico, atmosférico ou hidrológico que tem o potencial de acontecer e causar danos ou perdas (BENSON; TWIGG, 2004, p. 19). Benson e Clay (2004, p. 6) distinguem entre “perigos hidro meteorológicos (como tempestades) e geofísicos (por exemplo, terremotos, erupções vulcânicas ou tsunamis)”. Outra diferenciação é feita entre os eventos de início rápido, como tsunamis, terremotos e tempestades, e eventos de início lento, principalmente as secas e estiagens como a que aconteceu no sul do Brasil em 2019 e 2020 (CEMADEN, 2020).

Com relação aos desastres naturais, alguns podem ser relacionados às mudanças climáticas, como alguns incêndios florestais e enchentes, os quais são frequentemente inter-relacionados com questões de meio ambiente que podem impactar sobre a demanda turística e podem criar desastres naturais ou desencadeiam crises (RITCHIE; GOSSLING, 2018).

Em particular, as mudanças climáticas e a poluição podem ter um impacto sobre a demanda turística. De acordo com Grimm et al. (2018), diversos problemas que surgem devido às alterações climáticas atuais podem afetar nas atividades turísticas atingindo turistas e aos moradores locais.

Isso foi relacionado com as mudanças nos padrões de alguns processos atmosféricos, em particular, do “El Niño”, o qual causa alterações por provocar muitas chuvas, não só em diversos países da região da Ásia, no oceano Pacífico, mas também em outras partes do mundo.

Quando acontece uma inversão do fenômeno El Niño, definido como La Niña, ocorre a existência de massas de ar secas, e com a combinação de vegetação rasteira e ressecada, pode levar a queima dessa vegetação. Isso, facilitou os incêndios das florestas tropicais em Sumatra e Bornéu, como os que aconteceram em 1997, 1998, 2008, 2015 e 2019. Assim, vastas áreas de vegetação natural e de plantações transformaram-se em cinzas e as nuvens geradas sobrecarregou de fumaça o leste da Malaysia, Tailândia, Singapura e Java. Segundo Mongabay (2008), isso causou doenças endêmicas e levou a um declínio na visitação ao Sudeste Asiático. No Brasil, o ano de 2020 registrou um dos maiores índices de ocorrência de incêndios em áreas rurais:

O mês de agosto registrou o maior número de focos de incêndio no país em 2020, com registro de dois em cada três casos no ano. Os dados são do INPE (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial) e foram divulgados hoje pelo WWF-Brasil. Segundo os dados, dos 44.013 focos de queimadas registrados este ano, 29.307 ocorreram entre 1º e 31 de agosto, ou 66,5% do total. A situação mais grave é a do Pantanal, onde houve um aumento de 220% no número de focos de incêndio de 1º de janeiro a 31 de agosto em relação ao ano passado: foram 10.153 focos de calor; no mesmo período de 2019 foram contabilizados 3.165 casos (MEDEIROS, 2020).

O setor turístico está sempre dependente dos fenômenos da natureza, e se esses passam a apresentar mais eventos violentos e imprevisíveis, existirão sempre riscos a problemas que afetarão a visitação e circulação de pessoas em determinados locais. Para que os responsáveis pelo turismo possam prever fenômenos negativos que venham a acontecer, é necessário mais estudos e o surgimento de novas áreas de pesquisas e de mais trabalhos científicos na área.

Para Moore (2010) que analisou os efeitos das mudanças climáticas explica que estas podem ser positivas ou negativas para um destino turístico, por isso deve ser analisado de forma individualizada.

O aspecto na alteração das características do clima local indica que, lugares que reforçam determinados aspectos procurados pelos turistas, podem fazer com que um lugar possa ser beneficiado, por exemplo: um balneário de praias, se apresentar mais calor do que o comum, pode ser mais procurado.

Também, em uma região onde se pode praticar o esqui, será mais atraente se tiver a maior quantidade de neve nas épocas convencionais de visitação. Constatou-se em alguns anos, que houve falta de neve em determinados lugares que são estações de esqui famosas, isso aconteceu provavelmente devido às mudanças climáticas das últimas décadas. Também em algumas praias turísticas ao redor do mundo aconteceram tempestades exageradas, e ficaram inapropriadas para a visitação durante muitos dias. Isso pode ser algumas das consequências dessas alterações do clima no planeta, MOORE (2010).

Na Suíça, por exemplo, a Universidade de Neuchatel, de acordo com Swiss Info (2017), declara que as temporadas de esqui vêm se tornando mais curtas nos últimos 45 anos.

Isso significa que, se as atuais tendências de mudanças de clima se mantiverem, muitos problemas ainda surgirão, existindo a necessidade cada vez maior de criar um sistema de prevenção, e quando necessário, planos de socorro emergenciais. Dessa forma, a defesa civil, as prefeituras, governos estaduais e federais necessitam de um planejamento estratégico eficiente.

As agências de viagens, hotéis, resorts, parques, agências de transportes também necessitarão ter planos de prevenção e a  o para enfrentar os problemas que poderão existir, para assim prevenir e proteger seus clientes.

A percepção dos lugares está vinculada diretamente com o turismo, pois mesmo antes dos visitantes se deslocarem aos locais desejados, já através da imaginação, foram induzidos pelos meios de comunicação, os quais influenciam as pessoas a escolherem seus lugares de destinos de lazer. Assim, segundo Merleau-Ponty e Landes (2013), todos os sentidos, bem como a memória, são importantes para vivenciar um local ou ambiente.

Merleau-Ponty foi filósofo e fundou com Jean Paul Sartre a revista "Os tempos modernos" e, como professor lecionou em muitas instituições de ensino, inclusive na Universidade de Sorbonne, e por último, no Colégio da França até 1961, quando faleceu.

Na análise da percepção, Merleau-Ponty se relaciona com a fenomenologia com uma abordagem ou com um sentido existencial. Em seu livro “A fenomenologia da percepção” de 1945, descreve as experiências e as operações fundamentais da consciência integrando a fenomenologia aos avanços científicos de sua época. Segundo Merleau-Ponty (2013), “Nossa consciência do mundo já é tecida com nosso corpo próprio e o seu entorno”. A expressão *corpo* tem o significado de onde as pessoas estão localizadas em um determinado momento e no local onde estas experimentam ou vivenciam o mundo. Para Merleau-Ponty as sensações são uma reconstrução da reflexão que pensa, as sensações estão sempre integradas à percepção. E a percepção é uma forma de sentir o mundo.

Isso significa que, quando um visitante está em determinado local, todas as referências existentes em sua memória e os seus sentidos irão ajudá-lo a ter uma determinada experiência, no lugar visitado.

Muitos pesquisadores e filósofos de acordo com Ramos Gonçalves et al. (2008), se basearam nas ideias de Edmund Husserl sobre a Fenomenologia, e a partir deste, desenvolveram suas próprias reflexões e interpretações para a Fenomenologia. Assim, Martin Heidegger, Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Emmanuel Lévinas, Paul Ricoeur, entre outros, são exemplos de estudiosos que apresentaram novas aplicações para essa abordagem. Esse “movimento” se consolidou como uma linha de tradição filosófica cujo eixo central é a dimensão contemplativa do homem. A Fenomenologia, desde Husserl até a atualidade, pode ser uma valiosa contribuição às Ciências Humanas. Muitos profissionais e pesquisadores, principalmente nas ciências humanas, têm com efeito buscado na fenomenologia um suporte, uma inspiração, subsídios metodológicos ou até mesmo um consorte de diálogo, visando à autorreflexão crítica, responsável pelo aspecto de mais rigor nas investigações e compreensão da realidade.

Em um estudo específico sobre a percepção das pessoas de Oliveira (2010), em diferentes tipos de espaços, ambientes e lugares, aborda-se sobre uma análise fenomenológica da percepção. Isso indica que as pessoas sentem a realidade das coisas, dos lugares, não de uma forma dicotômica, mas de uma maneira mais ampla, sistêmica, integrada com uma grande quantidade de influências. Com relação a fenomenologia e ao turismo:

Evidencia-se então, a necessidade de uma pesquisa que se sustente no saber destes indivíduos, requerendo a postura fenomenológica que trate de descrever, compreender e interpretar os fenômenos ligados ao turismo que se apresentam à percepção (NITSCHKE, 2007).

Assim, estudar buscando o conhecimento e a vivência dos pesquisados em assuntos e temas do turismo, relacionados à percepção que esses atores tem dos ambientes e de suas vivências é de grande importância.

Compreende-se desta forma que, para uma pessoa entender um lugar visitado, um ponto turístico, ela é sensibilizada pela natureza, pelos conceitos de beleza, pela informação histórica, pelos elementos culturais, pelo clima e por questões meteorológicas e geológicas de cada lugar. O visitante pode então sentir as coisas positivas e as coisas negativas de forma a estar integrada com o ambiente local e temporal, aproximando assim o sujeito com o objeto. Para um local ter características turísticas deve:

No caso de um espaço com uso turístico deve-se ressaltar que para que essas novas funcionalidades aconteçam do ponto de vista físico, faz-se necessário prover um espaço geográfico com alguns elementos dentre os quais: equipamentos e serviços turísticos que são aqueles destinados a satisfação de necessidades, preferências e motivações dos turistas como os serviços de alimentação, hospedagem, entretenimento, agenciamento e transporte. E em essência, também contemplar os atrativos turísticos como elementos que integram o espaço e são capazes de atrair turistas, ou seja, provocar deslocamentos (SOUZA et al. 2013).

Assim, os locais que são visitados e analisados com enfoques turísticos e com o objetivo do estudo sobre questões de percepção, devem apresentar uma estrutura básica funcional para que possam ser considerados realmente lugares turísticos.

O termo recuperação e vinculado à resiliência, também deve ser analisado e é considerado por Glaesser (2008, p.37) “como sendo a capacidade de um sistema, comunidade ou sociedade de resistir ou mudar, a fim de obter um nível aceitável de funcionamento e estrutura”. Isto é determinado por mensurar até que ponto o sistema social é capaz de se organizar e a capacidade de aumentar a competência de aprendizagem e adaptação, incluindo a capacidade de recuperação de um desastre, UNDRR (2015).

Depois que acontece um desastre natural, nos anos subsequentes se espera uma redução substancial no risco de desastres e nas perdas por desastre. Para que



ocorra a redução da mortalidade, número de pessoas afetadas, danos à infraestrutura e perdas econômicas, são necessárias estratégias locais e nacionais, e às vezes cooperação internacional.

Também é importante a existência de sistemas de alertas eficientes a perigos e o compromisso dos locais se recuperarem rapidamente aos desastres. Todos esses itens citados pela UNDRR (2015), podem ser medidas concretas que o mundo pode fazer em poucos anos, sendo que são prioridades claras de ação que deveriam existir em todos os lugares.

Com relação a alguns conceitos referentes a localização como o termo lugar, escolheu-se a definição de Yi Fu Tuan que entende o lugar como uma área que foi apropriada afetivamente, transformando um espaço indiferente em lugar, o que por sua vez implica na relação com o tempo de significação deste espaço em lugar. "O lugar é um mundo de significado organizado." (TUAN 1983, p. 198).

A região, segundo Moreira (2007, p. 56), "é então a forma matricial da organização do espaço terrestre e cuja característica básica é a demarcação territorial de limites rigorosamente precisos". No caso, uma região teria formas características de relevo e clima, por exemplo, além de características sócio culturais semelhantes.

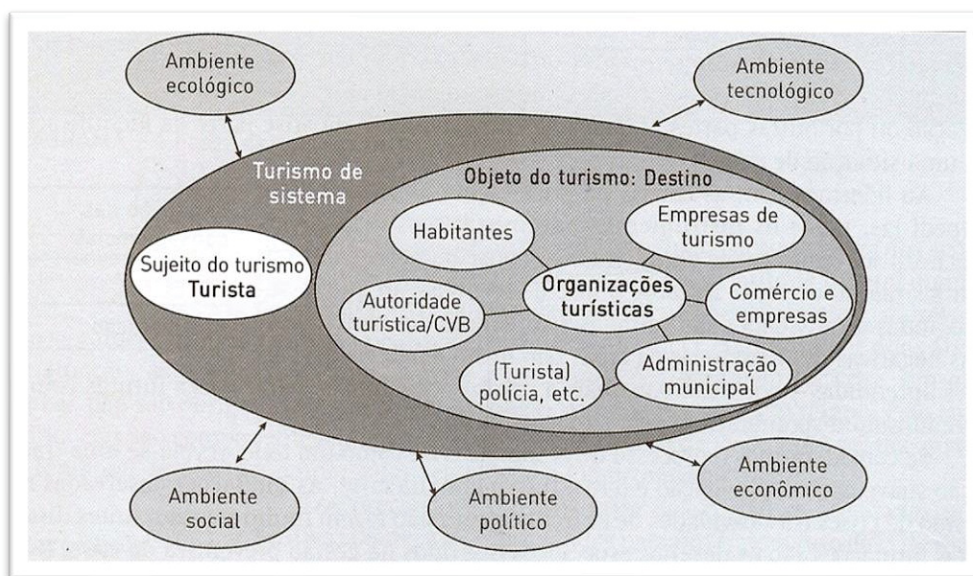
O termo local fica relacionado com o sentido de sítio, ou da área específica de um ponto da superfície terrestre, no espaço físico.

## 2.2 GESTÃO DE CRISES NO TURISMO

De acordo com Glaesser (2008, p. 38), o turismo é um fenômeno do mundo atual em que vivemos e este se organiza em um tipo de sistema. Desta forma, está sujeito a ser impactado de inúmeras maneiras, muitas vezes de forma negativa.



FIGURA 02 : O SISTEMA DO TURISMO



FONTE: Glaesser (2008).

O turismo depende de um conjunto de inter-relações. Também depende de inúmeros fatores como ambiente, economia, questões políticas, entre outros. O funcionamento do turismo pode ser enquadrado como usando a teoria geral dos sistemas. O turismo é um sistema produtivo de relação aberta, e desta forma os envolvidos com o turismo precisam dedicar muitos esforços no planejamento e na previsão de problemas, possíveis de afetar as suas atividades e que podem surgir de muitos pontos diferentes do sistema (GLAESSER, 2008).

Ainda segundo Glaesser (2008), do ponto de vista organizacional é possível dividir as instituições em grupos e grupos de indivíduos em: clientes, competidores, investidores, fornecedores e funcionários. E no sistema de turismo, o sujeito do turismo é o turista, sendo que pode ser distinguido dos subsistemas institucionais: destino, empresas de turismo e organização turística.

Dentro deste problema da gestão de crises do turismo, um fator importante são os produtos turísticos, os quais são complexos de se entender, pois são muitas vezes formados pelo trabalho de muitas pessoas e diversas organizações.

Também os produtos turísticos podem ser materiais e imateriais, sendo difícil sua detecção como tal (TURISMO, 2010, p. 21). Desta forma, existem muitas variáveis que podem prejudicar a vendagem de um produto turístico, sua distribuição e a sua gestão.

Isso significa que deve existir um constante monitoramento em todo o sistema, para detectar com antecedência qualquer problema que possa atingir ao turismo em si como empresa e ao turista como cliente consumidor. Obviamente, esse estado de atenção e essa dedicação integral é muito difícil de se manter ativa, segundo (GLAESSER, 2008).

Relacionado o que foi citado anteriormente, para Beni (1997), existe um sistema turístico, o Sistur que é um sistema aberto e interdependente, e não é autossuficiente. Assim, não pode se expandir indefinidamente. Depende de uma série de variáveis, inclusive depende dos ecossistemas naturais. É um sistema de relações dialéticas de conflitos e colaboração com os meios que o circundam.

## 2.3 MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Outro fator que gera frequentes notícias de riscos e de catástrofes na natureza são as mudanças climáticas, as quais existem e podem ser sentidas e registradas.

As causas das mudanças climáticas podem ser muitas, e mesmo sem determinar o que são os responsáveis por elas, já é evidente que estas alterações no clima em todo o planeta estão realmente acontecendo. Essas mudanças afetam todas as atividades humanas, inclusive e principalmente o turismo. Assim, conclui-se que o turismo depende de questões climáticas:

O turismo representa uma das atividades socioeconômicas de interferência e sensibilidade diante ao cenário projetado pelas mudanças climáticas. No entanto, tais mudanças são caracterizadas pela imprevisibilidade e sua repercussão ainda é pouco conhecida pelo setor turístico (MENDONÇA, 2012, p.55).

Desta forma, a maior quantidade de chuvas para a região de Morretes pode estar ligada às mudanças climáticas e podem ser mais frequentes e radicais no futuro. Nesse processo, existem condições para que eventos extremos, como a de estiagens que possam afetar a região, bem como novos episódios de chuvas muito fortes e inundações acontecerem no município estudado.

Os meios de comunicação procuram publicar notícias que mostrem uma realidade diferente do cotidiano das pessoas, pois isso é o que chama a atenção do

público em geral. Desta forma, quando ocorrem acidentes ou catástrofes, a mídia valoriza o destaque negativo de forma exaustiva em seus meios de divulgação.

Desta forma, um dia de chuvas torrenciais ou de inundações, chama mais a atenção das pessoas do que notícias de tranquilidade e segurança que podem existir em algum lugar (GLAESSER, 2008).

## 2.4 VULNERABILIDADE DO TURISTA EM SITUAÇÕES DE RISCO

Os turistas quando estão em lugares que não tem familiaridade, necessitam de ajuda e de apoio no caso de problemas, isso significa que devem ser avisados de todos as possíveis dificuldades que podem acontecer em seus destinos de turismo. Assim, a orientação, esclarecimentos e até treinamentos para casos de emergência deveriam ser oferecidos aos turistas antes e durante as visitas, sobre os eventuais tipos de problemas de cada localidade.

Algumas iniciativas para esse tipo de orientação foram iniciadas por algumas instituições ligadas ao turismo.

De acordo com o Ministério do Turismo, os turistas deveriam ser orientados do que não podem fazer ou de onde não podem estar, ou de horários que não podem frequentar determinados lugares, (IBGE, 2020a). Também foi publicado um folheto da Secretaria de Turismo da Bahia que orientava turistas sobre perigos e onde procurar ajuda em caso de dificuldades, GLAESSER (2008, p. 241).

O turista depende das pessoas ligados a ele no relacionamento turístico, como os guias de turismo das agências, dos funcionários dos hotéis, dos funcionários que atendem em um parque, dos guias que os levam a fazer uma trilha ou passeio em um rio ou em uma atividade de montanhismo.

Todos os envolvidos com o turismo devem ter um planejamento para apoiar os turistas em todos os momentos. Os órgãos públicos devem se preocupar com questões maiores e mais abrangentes como problemas de ordem climáticas, ambientais ou de doenças transmissíveis. Um exemplo pontual, de acordo com J.Gonçalves e T. Andrade (2016), foi a morte do ator<sup>2</sup> Domingos Montagner que

---

<sup>2</sup> J.GONÇALVES E T. ANDRADE. Montagner morreu por asfixia mecânica por afogamento. Disponível em: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2016/09/montagner-morreu-por-asfixia-mecanica-por-afogamento-diz-impl.html>>. Acesso em: 23/9/2020.

mergulhou no Rio São Francisco, em frente ao hotel onde estava hospedado, e que não tinha a placa de proibido nadar ou ponto perigoso naquele local. Isso mostra que a falta de atenção dos responsáveis pelos turistas é de fundamental importância.

Outra situação de vulnerabilidade do turista é quando acontecem problemas graves, e de certa forma inesperados. Alguns turistas não têm para onde recorrer, nem mesmo as companhias com quem compraram os pacotes os auxiliam, como no exemplo de turistas de um pacote de cruzeiro, de acordo com Kafruni (2020), que durante a pandemia de Covid-19 ficaram presos em Portugal. Segundo Kafruni (2020) em reportagem do jornal Correio Brasiliense, nem mesmo os governos foram ágeis em tentar resolver os problemas deste grupo, ou de outros grupos que surgiram com as mesmas dificuldades, e isso aconteceu com viajantes de vários países.

Além destes casos existem outras situações como eventos de desastres naturais. Um exemplo foi um maremoto numa ilha denominada de Pelluhue, que pertence ao Chile. Os turistas foram os que mais sofreram, pois não sabiam ver os sinais da chegada de um tsunami. Os nativos, quando perceberam os sinais da vinda das ondas fugiram para as partes altas das ilhas. Segundo o jornal O Estado de S.Paulo (2010), os turistas despreparados foram as maiores vítimas em Pelluhue.

Nesse capítulo, foram abordados diversos conceitos ligados às questões que envolvem os problemas de riscos a desastres naturais em geral e no turismo, para entender e analisar os mecanismos que envolvem os desastres ambientais nas áreas turísticas.

No próximo capítulo será abordado as características da área de estudo do município de Morretes. O capítulo abordará os Dados Gerais de Morretes, Estudo da pluviosidade do município de Morretes; O fenômeno da cabeça d'água; El Niño; Mudanças climáticas; O desastre natural de 2011 no município de Morretes; Aspectos turísticos do município de Morretes e Covid -19 e o Turismo em Morretes 2020.

### 3 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MORRETES, PR

Neste capítulo são apresentados dados de localização e as principais características geográficas de Morretes, pois seu clima e relevo oferecem estruturas para que ocorram fenômenos naturais, que podem ter uma influência negativa para a vida dos moradores do município, bem como para os eventuais visitantes e turistas.

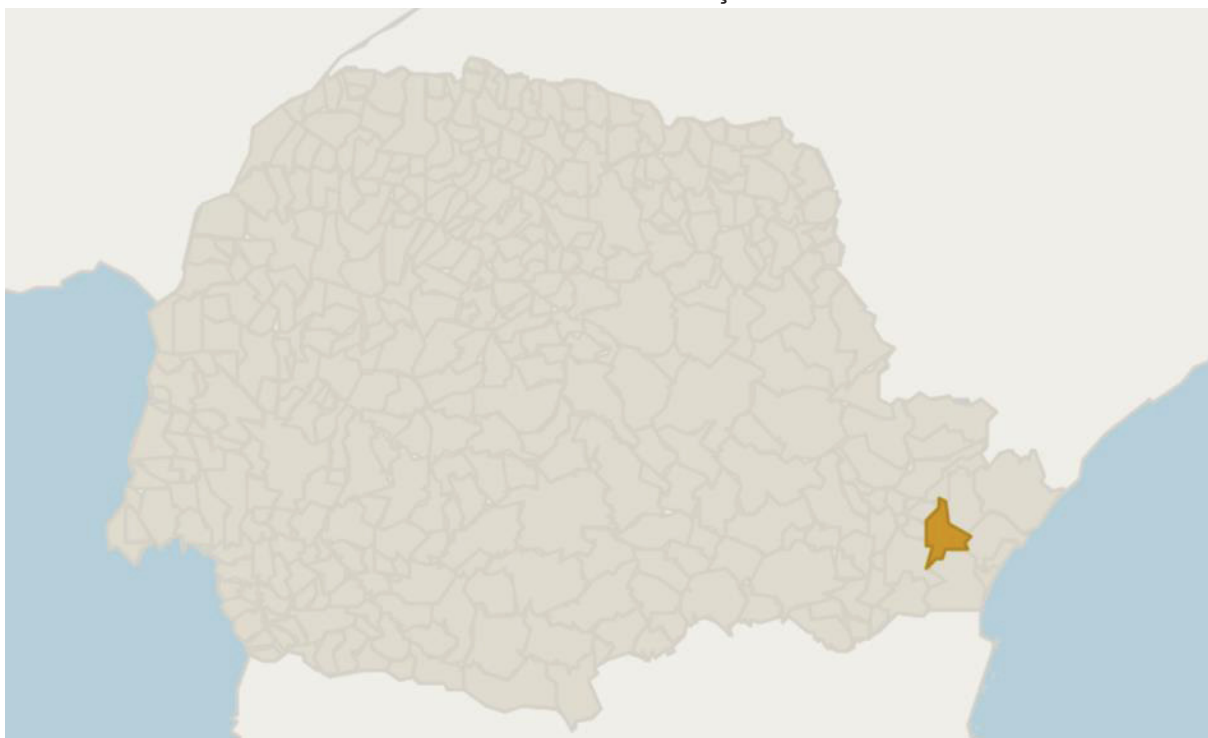
Descreve-se brevemente as características climáticas, destacando-se a parte da pluviosidade, e a grande precipitação do ano de 2011, a qual foi uma das maiores das últimas décadas segundo (TRISOTTO; RUPP, 2011).

Também o fenômeno da cabeça d'água é descrito. O relevo e a vegetação são também abordados, pois são importantes elementos da região. Existe destaque também para a história e para a economia do município. E por últimos dados sobre os aspectos turísticos.

#### 3.1 DADOS GERAIS

O município de Morretes no Estado do Paraná situa-se na região do litoral do estado, conforme pode ser observado nas FIGURAS 02 e 03.

FIGURA 03: PARANÁ COM LOCALIZAÇÃO DE MORRETES



FONTE: IBGE (2020).

FIGURA 04: LIMITES DO MUNICÍPIO DE MORRETES



FONTE: IPARDES (2019).

A região apresenta uma vegetação de Floresta de Mata Atlântica. Segundo Maack (2002), a floresta é do tipo Floresta Ombrófila Densa, no Paraná, em toda sua extensão apresenta uma barreira geográfica natural de serras e recebe influência direta de massas de ar quentes e úmidas do Oceano Atlântico. Desta forma, acontecem periodicamente chuvas relativamente intensas e bem distribuídas durante todo os meses do ano. Como consequência das condições climáticas a Mata Atlântica se caracteriza pela heterogeneidade e exuberância nas espécies vegetais e de animais.

Na história do município de Morretes registrou-se que, os primeiros moradores vieram de lugarejos do litoral de São Paulo por volta de 1646, os quais eram constituídos por famílias de mineradores, em sua maioria. A vila formada por esse grupo inicial foi elevada a cidade, pela Lei nº 188 de 24 de maio de 1869. Na época foi denominada de Nhundiaquara, que era o nome do rio que banhava a cidade, sendo o nome atual mudado em 7 de abril de 1870 (MORRETES, 2019).



Morretes fica entre Paranaguá e Curitiba, o que era um fator de localização estratégica. O rio Nhundiaquara foi de vital importância para a formação e desenvolvimento da vila e posterior cidade, e sempre apresentou enchentes:

É um rio navegável em canoa desde o distrito de Porto de Cima até a povoação de Barreiras e desta, até sua foz na Baía de Paranaguá. As rápidas descidas das águas fluviais nas vertentes da serra causaram frequentes inundações parciais, nas baixadas do município, o que comprova o escritor Doutor Sebastião Paraná, como as que se verificaram em 1795, 1846, 1869, 1873, 1882, 1884 e 1969. Uma das maiores já registradas foram nos dias 13 e 14 de março de 1888, tendo o povo se refugiado na colina da Igreja Matriz. Outras ainda se sucederam, porém, nenhuma de tão grandes proporções quanto às de 13 de novembro de 1969 (CHIMA; PAZ, 1974).

O rio Nhundiaquara teve grande influência na formação e progresso do município. Sua paisagem símbolo serve ainda de inspiração a poetas e artistas como Adolfo Werneck, contando as belezas de sua terra, assim se refere ao rio no poema “Nhundiaquara”:

#### **Nhundiaquara**

Ao contemplar-se, majestosa,  
A gente de súbito se deixa arrebatado.  
E, Ofélia vai ao gosto da corrente.  
Belos sonhos dourados a sonhar.  
E retrata humano coração,  
Hora corrente, por demais tranquilas,  
“Hora rugindo, assim, como leão... (CHIMA; PAZ, 1974).

O rio Nhundiaquara foi um rio navegável, mas atualmente devido ao assoreamento, somente pequenas embarcações podem ir até a sua foz. De acordo com o que foi anteriormente citado, o rio apesar de suas belezas também apresentava nas épocas de chuvas o grande problema das enchentes. Algumas vezes como em 1888 e 1969 apresentou inundações em grande escala, principalmente na parte central da cidade, construída às margens do rio.

Esse processo cíclico marcou em muito a vida das pessoas, moradoras e eventuais turistas que estavam presentes nestas ocasiões.

Morretes é um exemplo de local onde isso acontece, pois foi construída em parte, em curvas do rio Nhundiaquara, onde a topografia é baixa e plana em relação ao rio.

FOTOGRAFIA 02: IMAGEM DE SATÉLITE DE MORRETES EM 2020



FONTE: adaptado de Google Earth (2020).



FOTOGRAFIA 03: RIO NHUNDIAQUARA E PARTE CENTRAL  
DA CIDADE DE MORRETES



FONTE: O autor (2018).

Morretes está próxima à Curitiba, que é a capital do estado, bem como do Porto de Paranaguá e do Aeroporto Internacional Afonso Pena. Essa localização adjunta à capital e também ao litoral, como ilustrado na TABELA 01, contribui para que o município receba muitos visitantes.

TABELA 01. DISTÂNCIA EM QUILOMETROS DE PONTOS IMPORTANTES ATÉ MORRETES

Município/ Distância (KM)	Curitiba	Porto de Paranaguá	Aeroporto	Praia (Matinhos)
Morretes	68	33	62	57

FONTE: O autor (2018).

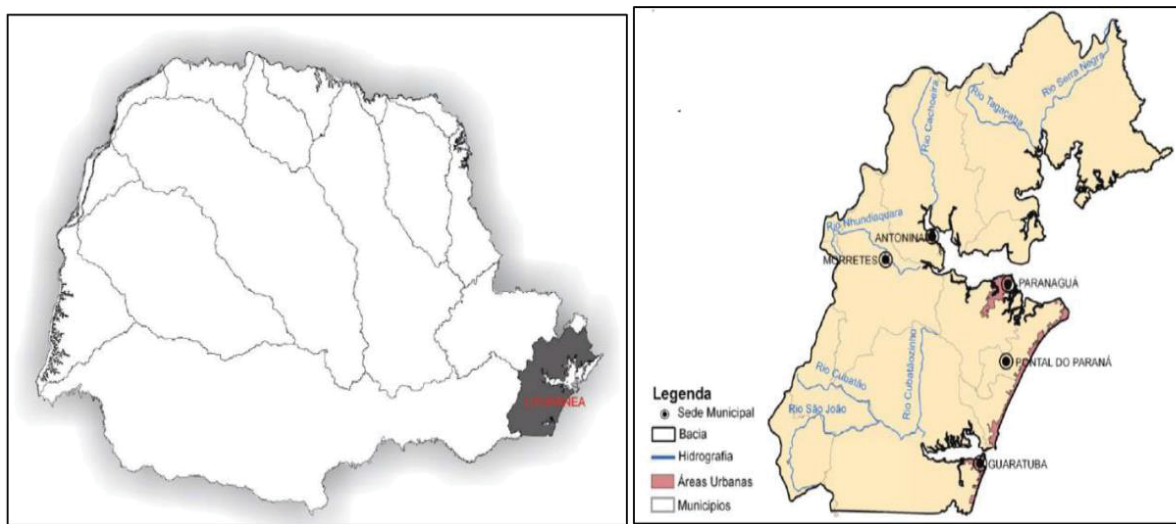
A caracterização geográfica do município de Morretes e do litoral paranaense mostra que, o clima mais quente e chuvoso da região proporciona condições favoráveis para as belezas naturais, bem como para fenômenos radicais da natureza.

A bacia hidrográfica litorânea é constituída pelos rios que drenam o leste paranaense formando compartimentos isolados, e por aqueles que convergem para o vale do Ribeira, cujas águas desembocam no Atlântico, para o Estado de São Paulo.

A Bacia Litorânea, foi subdivida por MAACK (1981), em seis sub-bacias: baía das Laranjeiras, baía do rio Ribeira, baía de Antonina, baía do rio Nhundiaquara, baía

de Paranaguá e baía de Guaratuba. Estas bacias hidrográficas concentram-se em uma faixa relativamente pequena, correspondendo cerca de 2,2% (4.754 Km<sup>2</sup>) da área total do Estado. Morretes fica localizada na Bacia Hidrográfica Litorânea, que possui uma área total de 5.630,8 Km<sup>2</sup> como destacado na FIGURA 05 (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2018).

FIGURA 05: BACIA HIDROGRÁFICA LITORÂNEA



FONTE: Paraná (2018).

### Acessos à Morretes

Para chegar ao município de Morretes, existem como vias de acesso rodoviário a BR-277, a PR-410 (Estrada da Graciosa) e a BR-376 (via município de Garuva). Por ferrovia, pela estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, e a pé por alguns caminhos antigos ao longo da floresta que liga o planalto até Morretes, como o histórico Caminho do Itupava, o qual é utilizado por turistas atualmente (ADETUR, 2008). Além disso, a região conta com dois aeroportos regionais, um em Paranaguá e outro em Guaratuba, com capacidade para receber pequenos aviões particulares (ADETUR, 2008).

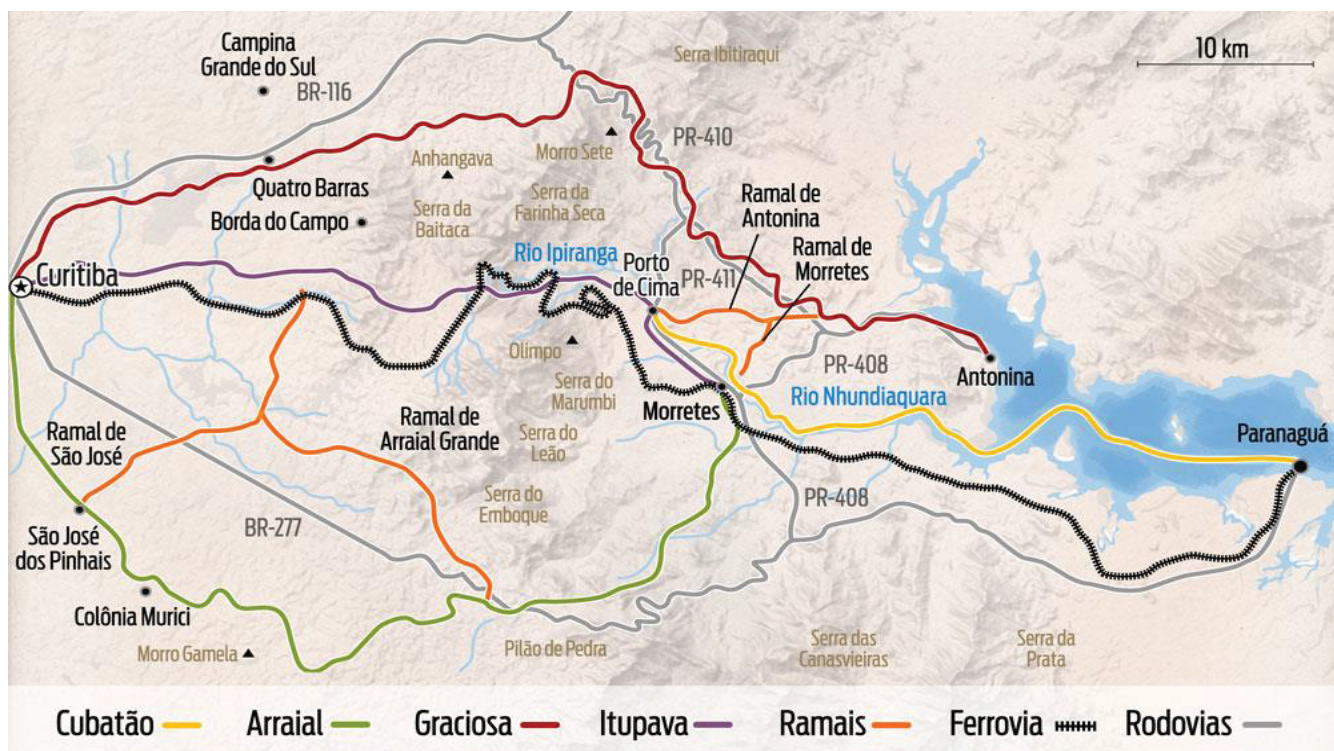
O município de Morretes tem uma grande importância estratégica para o estado do Paraná no que se refere ao desenvolvimento turístico e econômico, em particular, devido ao Porto de Paranaguá e ao Porto de Antonina. Referências para o Brasil no embarque e desembarque de cargas e grãos, podendo ser utilizados para

embarque e desembarque de cruzeiros marítimos, se constituindo como um importante vetor de desenvolvimento que pode contribuir para alavancar o turismo na região (TURISMO, 2019, p. 58).

O município de Morretes, conta com uma área territorial de 684,580 km<sup>2</sup>. O município fica localizado na microrregião de Paranaguá e mesorregião Metropolitana de Curitiba, com uma estimativa de população de 16 mil habitantes, sendo 6.732 habitantes em áreas urbanas e 8.540 habitantes na área rural, segundo dados de (IBGE, 2020).

A cidade de Morretes fica situada no litoral paranaense, estendendo-se da encosta da Serra do Mar para o leste e limitando-se ao oeste com os municípios de São José dos Pinhais, Piraquara e Quatro Barras; ao norte com o município de Campina Grande do Sul; ao nordeste com o município de Antonina e a Baía de Paranaguá; ao leste com Paranaguá e ao sul e sudeste com o município de Guaratuba (IBGE, 2020). A FIGURA 06 de acordo com Antonelli (2015), mostra a estrada de ferro de Curitiba a Morretes.

FIGURA 06: ESTRADAS DO LITORAL DO PARANÁ/MORRETES



FONTE: Ferrovia 130 anos. Especiais Gazeta do Povo (2015).

### 3.2 Aspectos sobre o clima de Morretes

O clima do litoral paranaense é subtropical e apresenta grande pluviosidade nos meses de verão. De acordo com Vanhoni e Mendonça (2008), nos anos de fenômeno de El Niño, a pluviosidade é mais elevada. Desta forma, pode-se esperar que se a tendência de alterações nos processos climáticos continuarem, mais frequentes ou fortes, o fenômeno do El Niño poderá causar mais chuvas e mais inundações para o Município de Morretes.

Em 2011, aconteceu um período de chuvas muito intenso e que proporcionou um grande impacto, ocasionando enchentes e os desmoronamentos, deixando a cidade de Antonina no litoral do Paraná isolada, devido à queda de uma ponte e de barreiras, (GAZETA DO POVO, 2011b). A situação de calamidade, devido às condições fora do normal, levou as prefeituras dos municípios do litoral paranaense, na época, a solicitarem ajuda do governo do estado, bem como a do Governo Federal, pois não estavam preparados para enfrentar uma manifestação da natureza tão violenta como esta. Em 2017, de acordo com o site da prefeitura de Morretes, em dois dias de chuva de acordo com o SIMEPAR, Sistema Meteorológico do Paraná, foi registrado 175,8mm de precipitação pluviométrica em 48 horas, sendo que geralmente a média para todo o mês de junho é de 115mm:

Nesse período a cidade teve alguns pontos de alagamentos e chegou ficar em alerta devido ao alto nível do Rio Nhundiaquara, que transbordou e alagou parcialmente comércios e residências às suas margens. Na região da Comunidade de Floresta, agricultores tiveram dificuldade para retirar a produção de verduras, pois o acesso foi alagado, impossibilitando a entrada de veículos. A solução foi rebocar as caixas até as margens da BR-277. Na região da Comunidade do Rio Sagrado, plantações de hortaliças foram inundadas também causando prejuízos aos agricultores da região (PREFEITURA DE MORRETES, 2017):

Além das questões de grandes períodos de chuvas, existe outro fenômeno que atua nas regiões das serras de climas tropical e subtropical no Brasil, que é o fenômeno conhecido como cabeça d'água, de acordo com Dayrell (2019), o qual abordou sobre esse problema. Esse tipo de evento acontece quando ocorre um grande volume de chuvas no alto das serras, geralmente nos dias quentes de verão, fazendo com que a água se acumule rapidamente nos rios, formando uma grande onda que desce com grande velocidade para as partes mais baixas. Muitas vezes as



pessoas estão tomando banho e não são avisadas da enxurrada que está descendo, o que pode causar situações de perigo e mesmo afogamentos (DAYRELL, 2019).

Esses dois aspectos são os que mais podem prejudicar os turistas no litoral do Paraná, e em Morretes, de forma mais ampla como as chuvas prolongadas que são mais divulgadas, ou com a ocorrência do fenômeno de cabeça d'água, menos conhecida, e de forma mais pontual.

No caso dos grandes períodos de chuva, pode acontecer um tempo de resiliência longo, o que pode fazer com que reduza ou cesse a circulação de turistas no município de Morretes, devido às notícias e ao receio de problemas relacionados às chuvas. Desta forma, saber como agir quando esses problemas acontecem e podendo minimizar as situações, deve ser uma preocupação dos órgãos públicos e das empresas ligadas ao turismo.

### 3.2 ESTUDO DA PLUVIOSIDADE DO MUNICÍPIO DE MORRETES ENTRE 1976 A 2017

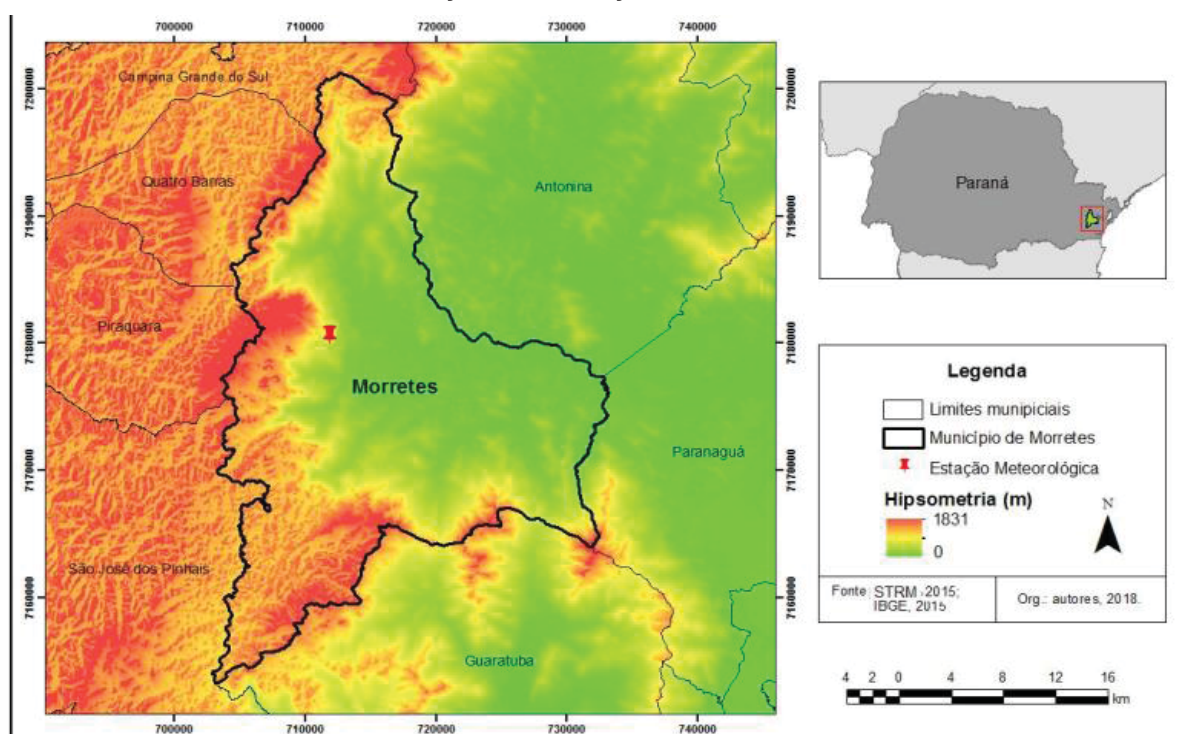
O clima de Morretes é um dos principais elementos para a compreensão dos desastres naturais que ocorreram e podem ocorrer neste município. Desta forma, abordar a questão climatológica é de essencial importância para compreendermos a dinâmica de eventos da natureza, que podem ocorrer periodicamente. De acordo com Castro et al. (2019), foi realizado um estudo específico da questão pluviométrica do município de Morretes, entre os anos de 1976 a 2017, fornecendo informações sobre o clima e a pluviosidade que podem ajudar a explicar a grande quantidade de chuvas no ano atípico de 2011.

Segundo Castro et al. (2019) a caracterização pluviométrica de Morretes, PR, informa que as chuvas nesse município ocorrem de forma abundante durante todo ano. Isso é devido à localização do município que está ao sul do Trópico de Capricórnio, bem como a situação da proximidade com o mar (que é a característica de maritimidade) e a grande influência e proximidade da Serra do Mar (orografia/relevo). A média pluviométrica anual no litoral do Paraná é de 2.435,8mm, sendo que a máxima foi registrada na estação Véu de Noiva (em Morretes) com média de 3.465,4mm, e a mínima foi registrada na estação de Morretes, com média de 1958,7mm. Os dados excepcionalmente altos da estação Véu de Noiva (680 m de

altitude) podem ser explicados pela sua localização em um vale profundo, com orientação favorável para a penetração das massas de ar provenientes do oceano Atlântico (PINTO, 2015, p.88).

Foi constatado que o mês mais chuvoso é janeiro, e o menos chuvoso é agosto. Geralmente eventos extremos, que seriam um exagero de chuvas ou uma estiagem, tendem a ocorrer em periodicidades decenais e penta-anuais, principalmente associados a fenômenos climáticos globais como o El Niño e La Niña.

MAPA: 01 LOCALIZAÇÃO E SITUAÇÃO GEOGRAFICA DE MORRETES - PR



FONTE: CASTRO et al. (2019).

Os dois elementos importantes do clima são a temperatura e pluviosidade no litoral paranaense para a análise climática, já que se apresentam de maneira quase homogênea por toda região, e que conforme a classificação estática de Köppen, apresenta característica de clima subtropical úmido mesotérmico, com verões frescos (Cfa), (VANHONI; MENDONÇA, 2008).

Mas é na variabilidade pluviométrica que o litoral paranaense apresenta sua maior diversidade e amostras de fenômenos mais impactantes. Do ponto de vista dos valores de precipitação, historicamente observados (TABELA 02), nota-se que o mês

de agosto é o mais seco em termos de precipitação mínima, máxima, mediana e média, com precipitações muito baixas, chegando até 3,4 mm.

TABELA: 02. DESCRIÇÃO DOS VALORES PLUVIOMÉTRICOS EM MORRETES – 1976 a 2017

<b>Parâmetros descritivos</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Mediana</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio- padrão</b>	<b>Coefficiente de Variação</b>
<b>Jan</b>	103,0	661,4	367,0	356,4	134,6	0,38
<b>Fev</b>	103,1	484,4	298,5	288,7	92,5	0,32
<b>Mar</b>	109,7	760,5	224,5	244,4	112,3	0,46
<b>Abr</b>	26,9	314,6	131,4	126,5	64,6	0,51
<b>Mai</b>	21,0	355,6	90,1	118,4	87,5	0,74
<b>Jun</b>	7,0	242,2	88,7	96,6	57,0	0,59
<b>Jul</b>	12,4	318,2	113,5	125,0	87,3	0,70
<b>Ago</b>	3,4	265,9	72,4	89,7	65,0	0,72
<b>Set</b>	29,0	402,8	145,9	167,8	90,6	0,54
<b>Out</b>	33,6	389,5	157,8	176,6	72,9	0,41
<b>Nov</b>	39,2	400,7	164,8	185,6	89,8	0,48
<b>Dez</b>	60,6	531,4	225,4	236,0	100,9	0,43

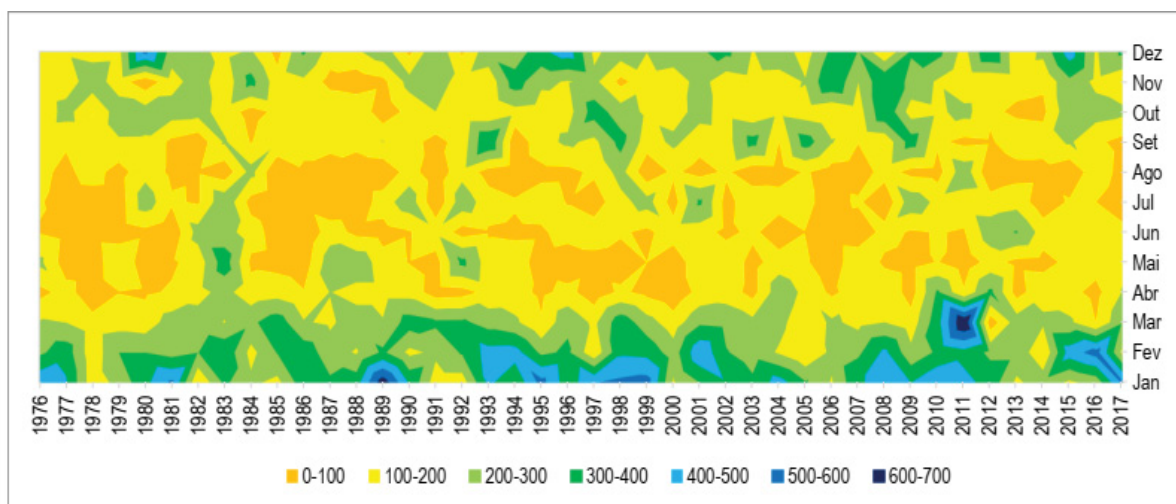
FONTE: CASTRO et al. (2019).

Por outro lado, de acordo com Castro et al. (2019), janeiro é o mês mais chuvoso, também em termos de mínima, máxima, mediana e média de precipitação, e é no mês de janeiro que podem acontecer as maiores precipitações gerando riscos a perigos locais, devido a tendência do excesso pluviométrico.

O regime pluviométrico em Morretes pode ser observado no GRÁFICO 01, onde se evidencia a concentração de volume pluviométrico principalmente nos meses de janeiro a março. Nesses meses, as precipitações em média podem ultrapassar os 300 mm ao mês. Ao observar os períodos de redução pluviométrica, recorrente, entre os meses de abril a setembro, as chuvas podem não ultrapassar 100 mm em média (CASTRO et al. 2019).



GRÁFICO 01. REGIME PLUVIOMÉTRICO EM MORRETES – 1976 a 2017.



FONTE: CASTRO et al. (2019)

Em decorrência da sua altitude, de acordo com média de 8 metros acima do nível do mar, e a proximidade com do Oceano Atlântico, o município de Morretes é muito influenciado pelo efeito da maritimidade. Não existem períodos absolutamente secos, podendo ser qualificados enquanto períodos menos chuvosos devido à condição de redução pluviométrica que não é expressiva. Isso decorre das frequentes brisas marítimas e ventos úmidos advindos do mar que atingem o continente (CASTRO et al. 2019).

A estação chuvosa se concentra fundamentalmente no trimestre de janeiro, fevereiro e março. Já a estação seca, que pode ser designada aqui como estação menos chuvosa, se concentra nos meses de maio, junho, julho e agosto. Deste modo, com um regime marcado por uma significativa sazonalidade, as chuvas estão concentradas no verão, tendo uma redução no inverno, contudo não é característica da região a presença de períodos secos (VANHONI; MENDONÇA, 2008).

De forma geral, as características apresentadas por esse regime são equivalentes a climas tropicais, ou seja, duas estações pluviométricas – uma chuvosa e uma menos chuvosa.

Segundo Vanhoni e Mendonça (2008) para entender parte da expressão climática do litoral paranaense é preciso levar em conta dois principais fatores: o relevo como fator estático e a dinâmica das massas de ar advindas dos anticiclones do Atlântico Sul e massas de ar polares que interferem principalmente durante o inverno.

Neste caso, o grande destaque é sem dúvida relacionado à importância da Serra do Mar, que em Morretes influencia decisivamente no clima do litoral:

A Serra do Mar contribui para a existência da grande variedade de climas e de paisagens, devido às diferenças de altitudes e da disposição de suas formas. A Serra do Mar funciona como barreira para o avanço de massas de ar, influenciando na distribuição da umidade e na manutenção de temperatura (VANHONI; MENDONÇA, 2008, p. 50).

Somado a este fator, por estar em seu maior setor ao Sul do Trópico de Capricórnio, o litoral paranaense no contexto da Região Sul brasileira possui uma grande interferência do fator sazonal, pela questão do posicionamento aparente do sol em relação à Terra:

Pelo formato territorial, tem-se também a interferência do fator maritimidade na regulação da temperatura, impedindo que o aqueça ou esfrie de forma expressiva. Por isso, o Sul do Brasil apresenta um regime pluviométrico muito claro e característico, com o Norte sendo predominantemente regido pelo regime de monções, com o início das chuvas na primavera e seu término no outono. Enquanto no Sul, há uma uniformidade de precipitação durante todo o ano, característica das latitudes médias. (GRIMM, 2009, p. 48).

O transporte de umidade proveniente do Norte/Noroeste do Brasil é o grande responsável pelas chuvas que precipitam, isso faz com que a diferença média entre precipitação e evaporação seja positiva em todo território do litoral paranaense. Assim, é importante a contribuição da convergência vertical de vapor, devido à passagem de ventos sobre a topografia, nas regiões nordestes da região Sul, devido a esse local apresentar uma abrupta topografia junto ao litoral (FERREIRA, 2018).

Assim, de acordo com as chuvas existentes no litoral do Paraná:

As grandes disparidades entre os regimes de chuva e temperatura na região sul do país é devido ao relevo acidentado, à sazonalidade da radiação solar aliado à posição geográfica do estado em latitudes médias. O setor sul é onde podemos encontrar a maior amplitude térmica durante o ano, consequência da variação de radiação solar, recebida pela superfície, durante as estações do ano. Além do fator da radiação, a topografia é outro elemento que interfere, nas mudanças das temperaturas ao longo do ano. (GRIMM, 2009, p.52)

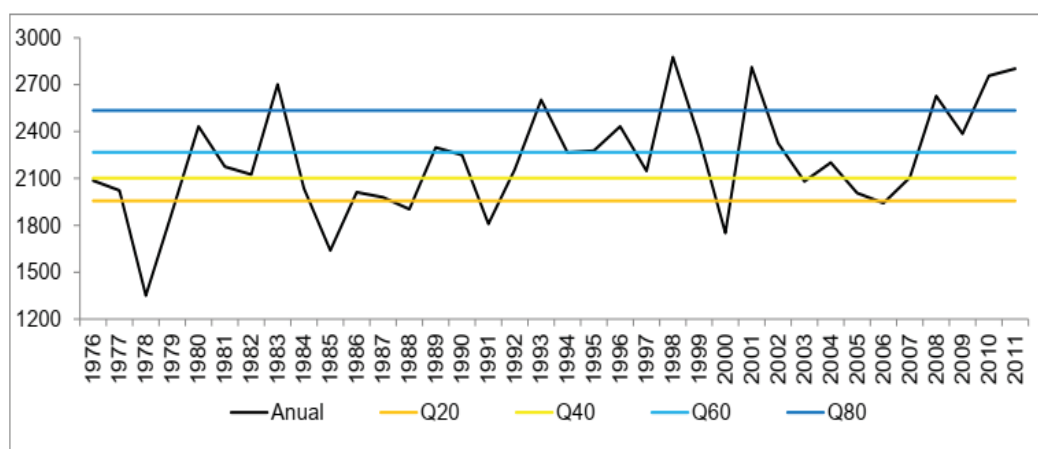
Os fatos que tornam o clima da região sul brasileira tão peculiar são basicamente a homogeneidade das chuvas e a constância da umidade. Em ambos os casos, fatores dinâmicos que estruturam a variabilidade climática do sul do Brasil são organizados por fatores estáticos, principalmente à posição geográfica e relevo. Como

possibilidade de explicação desse complexo, inicia-se a análise com ênfase nos sistemas genéticos atmosféricos (CASTRO et al., 2019).

A demonstração dessa perspectiva está representada na FIGURA 03, na qual é possível verificar claramente eventos anômalos e que podem ser associados à interação dinâmica de fatores regionais e globais, conforme discutido na seção anterior. Tanto as chuvas abundantes quanto as estiagens rigorosas são periódicas (CASTRO et al., 2019). Para mostrar essa periodicidade em Morretes pode-se observar os extremos negativos (secas) em 1978 (o mais extremo da história registrada), depois em 1985, 1991, 2000, 2006 e 2014.

De outro modo, os extremos positivos (chuvas) apresentam-se com intervalos, ora decenais, ora penta-anuais, aproximadamente, conforme se observa em 1983, e antes dele um evento em 1980, mas depois são também destacados os eventos de 1993, 1998 (um dos mais expressivos registrados), 2001, 2007, 2010/2011 e 2015.

GRÁFICO 02 – VARIABILIDADE INTERANUAL DAS PRECIPITAÇÕES EM MORRETES  
- 1976 A 2011



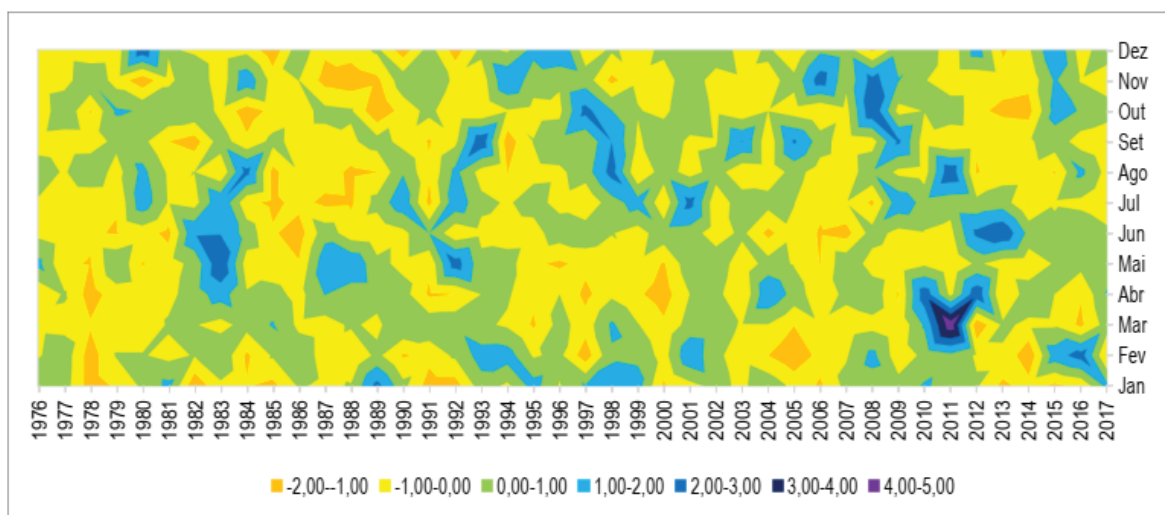
FONTE: CASTRO et al., 2019.

Essa periodicidade é muito semelhante à existência do fenômeno ENOS, e mostra que diferentes condições no Oceano Pacífico interagem de forma muito específica na constituição dos valores pluviométricos na zona costeira paranaense, principalmente em valores extremos (CPTEC; INPE, 2020).

Pode-se observar que anomalias são ainda mais significativas a partir da análise em escala mensal (FIGURA 04) e que qualifica os impactos dos eventos extremos anuais. Por exemplo, em 1983, um dos anos mais chuvosos da história (com índices padronizados cerca de 30 a 40% a mais do que a média observada),

basicamente não apresentou intensificação da estação chuvosa, sua repercussão se deu principalmente nos meses menos chuvosos, reforçando a configuração habitual da sazonalidade.

GRÁFICO 03: VARIABILIDADE MENSAL DAS PRECIPITAÇÕES EM MORRETES ENTRE 1979 A 2011.



FONTE: CASTRO et al., 2019.

Os eventos extremos de chuvas acontecem periodicamente no litoral do Paraná:

Esse padrão se repete também em 1988, 1993, 1998, 2010/2011 e 2013, o que é suficiente para concluir que os eventos extremos de chuva não acontecem na zona costeira paranaense na intensificação da sazonalidade e dos padrões habituais. Pelo contrário, os eventos extremos estão muito mais para uma alteração substancial dos padrões habituais observados, que chegam a favorecer acréscimo de até 50% dos valores habituais de chuva (CASTRO et al., 2019, p.66).

Desta forma entende-se que é comum a existência de anomalias no padrão normal das chuvas, podendo existir anos com grandes quantidades de precipitação pluviométrica no município de Morretes-Pr.

TABELA: 03. DESCRIÇÃO DOS LIMITES PLUVIOMÉTRICOS EM MORRETES – 1976- 2017

<b>Limites</b>	<b>Extremamente seco (Q0,20)</b>	<b>Seco (Q0,40)</b>	<b>Chuvoso (Q0,60)</b>	<b>Extremamente chuvoso (Q0,80)</b>
<b>Jan</b>	204,0	319,7	393,0	489,8
<b>Fev</b>	203,0	274,7	307,0	368,9
<b>Mar</b>	163,1	208,0	243,9	303,7
<b>Abr</b>	64,9	109,7	140,1	165,8
<b>Mai</b>	44,0	65,0	118,4	183,8
<b>Jun</b>	50,8	76,9	93,6	149,7
<b>Jul</b>	45,9	83,3	144,6	214,0
<b>Ago</b>	32,5	58,2	84,0	142,0
<b>Set</b>	101,5	128,9	167,0	216,6
<b>Out</b>	115,4	152,6	178,3	242,4
<b>Nov</b>	120,9	154,8	194,9	249,0
<b>Dez</b>	159,2	193,1	261,3	311,9
<b>Anual</b>	1956,64	2101,76	2267,66	2534,18

FONTE: CASTRO et al., 2019.

Assim, pode-se considerar que mesmos os meses mais chuvosos ou secos, tendem de tempos em tempos apresentarem valores que estão além dos habituais observados. Tem-se assim um reflexo em seus dados meteorológicos, havendo presença praticamente constante de precipitação durante o ano, com eventos extremos (positivos - muitas chuvas e negativos - poucas chuvas) que podem ser relacionados à presença dos fenômenos El Niño ou La Niña.

Em 2011, volume máximo das chuvas torrenciais aconteceu à noite, quando os rios subiram muito rápido os seus níveis normais. A grande precipitação de chuvas fez cair barreiras ou parte de morros no município de Morretes e em outros municípios do litoral. Muitas famílias mais pobres tinham suas casas construídas próximas aos rios e em encostas que desabaram, vitimando algumas pessoas durante a madrugada, como noticiados pelo jornal (GAZETA DO POVO, 2011b).

Assim, os perigos em Morretes e em todo o litoral, com relação aos turistas, está relacionado, entre várias possibilidades, a dos visitantes poderem ficar presos em uma estrada devido às chuvas muito volumosas. Estas estradas estão sujeitas a enxurradas violentas e a desmoronamentos dos morros que ficam ao lado das rodovias. Também existe a possibilidade de se ficar sitiado por algum tempo em alguns pontos, devido às inundações ou ter problemas nos rios da região com as vazantes do tipo fenômeno das cabeças d'água. Desta forma, esses são alguns dos

problemas ligados aos desastres naturais que podem acontecer, e que todos os turistas devem ser avisados dessas possibilidades de ocorrência, e de como devem agir em casos de emergência.

### 3.3 CABEÇA D'ÁGUA.

Outro fenômeno característico de Morretes é a cabeça d'água. Esse fenômeno é um tipo de enxurrada que acontece nos rios da região, mas que vem do alto da serra e atingem lugares onde não está chovendo. O fenômeno é justamente perigoso pelo motivo que o rio sobe rapidamente, sem dar muitos avisos de que vai chegar uma grande onda.

Sobre a cabeça d'água e como ela se desenvolve:

A persistência pluviométrica origina uma avalanche de lama e detritos incorporando blocos rochosos e materiais deslocados ou desprendidos pelo próprio movimento à jusante. Esta combinação de fenômenos são classificados como movimentos rápidos complexos, e são relativamente frequentes em regiões de serra sendo localmente conhecidos como "cabeça d'água". (Pinto et al. 2015, p. 83)

A cabeça d'água de acordo com artigo do jornal Bem Parana (2017), pode acontecer diversas vezes durante o ano e pode atingir lugares onde existem turistas que não conhecem sobre o fenômeno. Isso pode gerar situações com danos materiais e físicos aos visitantes. É necessário que todas as pessoas saibam que alguns rios se tornam muito perigosos, e dessa forma, algumas atitudes podem ser tomadas, como por exemplo, instalar placas de avisos e divulgar o que é a cabeça d'água nos meios de comunicação de acesso aos turistas. Para os moradores, fazer as construções longe das margens dos rios e longe das planícies de inundação. Esses procedimentos infelizmente não foram seguidos pelos colonizadores da maioria das cidades no Brasil e no mundo, pois esse tipo de conhecimento e de consciência surgiu há apenas poucas décadas. Dessa forma, muitas cidades quando ocorrem os períodos de cheias, que são fenômenos normais da natureza e são cíclicas, apresentam sempre problemas de alagamentos, doenças, destruição e mesmo mortes.

### 3.4 EL NIÑO

De acordo com o CPTEC (2019), o fenômeno climático denominado de El Niño é um processo oceânico e atmosférico caracterizado pelo aquecimento incomum das águas superficiais nas porções central e leste do Oceano Pacífico, nas proximidades da América do Sul, mais particularmente na Costa do Peru. Apresenta um período que gera mais chuvas, El Niño e um período com menor quantidade de chuvas o La Niña, sendo o processo das duas fases chamado de El Niño Oscilação Sul, ou ENOS.

Foi primeiramente percebido, nas costas peruanas, pois as águas frias provenientes do fundo oceânico (fenômeno conhecido como ressurgência) e da corrente marinha de Humboldt são interceptados por águas quentes originárias do Norte e Oeste. Essa alteração regional assume dimensões continentais e planetárias à medida que provoca anomalias de toda ordem em várias partes do planeta. A La Niña acontece quando a porção leste do Pacífico fica sujeita ao aumento anormal de suas pressões, habitualmente elevadas, e diminui as precipitações de chuvas no Pacífico e em outras partes do mundo (CPETC/INPE, 2019).

As investigações iniciais sobre o fenômeno do El Niño concluíram que o ciclo ocorre, geralmente, em cada sete de um período de quatorze anos. Todavia, com o avançar dos conhecimentos sobre sua manifestação, observou-se que essa regularidade não foi assim tão regular durante o século 20.

Foram registrados os eventos de El Niño, observados nos seguintes anos: 1941; 1942; 1951; 1953; 1957; 1958; 1965; 1969; 1972; 1973; 1976; 1982; 1983; 1986; 1991; 1997; 1998; 2002 e 2003 (CPETC/INPE, 2019).

Afetando a dinâmica climática em escala global, a ocorrência do fenômeno gera drásticas alterações climáticas no mundo, ou impactos generalizados sobre as atividades humanas, geradas por inúmeras catástrofes ligadas a severas secas, inundações e ciclones.

Além de atuar na costa pacífica da América do Sul, o El Niño pode gerar grandes modificações climáticas como secas anormais ou, ao contrário, ciclones e chuvas com totais pluviométricos muito elevados em relação aos normais locais e regionais em áreas onde não são registrados tais eventos normalmente (CPETC/INPE, 2019).



TABELA 04: OCORRÊNCIA DO EL NIÑO

1895-1896	1914-1915	1951-1952	1976-1977	2002-2003
1896-1897	1918-1919	1952-1953	1979-1980	2006-2007
1899-1900	1919-1920	1957-1958	1982-1983	
1902-1903	1925-1926	1963-1964	1986-1987	
1904-1905	1930-1931	1965-1966	1987-1988	
1905-1906	1939-1940	1968-1969	1991-1992	
1911-1912	1940-1941	1969-1970	1992-1993	
1913-1914	1941-1942	1972-1973	1997-1998	

FONTE: adaptado de CPTEC (2019).

Em uma análise geral, de acordo com Castro et al. (2019), existe ocorrência ou não de chuvas em alguns anos devido a influência do El Niño, ou da La Niña, ou ausência dos dois fenômenos climáticos na região de Morretes e no litoral do Paraná. Tais ocorrências têm como principal causa a própria dinâmica de rotação e sucessão terrestre, responsável pelo fluxo de radiação ao longo dos dias, meses e anos em sua sazonalidade.

Na zona costeira do estado do Paraná, há de se abordar a célula de Walker-Hadley, e na configuração das correntes de jato em altos níveis, Cunha (1999).

Quando o ENOS surge na fase quente, as correntes de jato tendem a provocar bloqueios atmosféricos, formando frentes frias semiestacionárias na região Sul do Brasil o que provocam um excesso de chuvas. Quando ocorre o fenômeno da La Niña, a célula de Walker, segundo Ferreira; INPE (2018) do INPE, enfraquece o movimento e as correntes de jato ficam mais sinuosas, permitindo que as frentes frias passem rapidamente pela região Sul e, conseqüentemente, se observa uma menor quantidade de chuvas na região.

A partir dessas explicações da gênese climática que atuam no litoral do Paraná, se pode partir para a verificação de eventos extremos relacionados com a precipitação e seus impactos na vida da população de Morretes e de seus visitantes.

Aconteceram os extremos positivos, ou extremos de alta pluviosidade, que foram registrados com intervalos de dez em dez anos, ou de cada cinco a cinco anos aproximadamente, conforme se observou em 1983, e antes deste, um evento em 1980, mas depois foram também destacados os eventos em 1993, 1998 (um dos mais marcantes da história), mais recentemente em 2001, 2007, 2010/2011 e 2015 (CPETC/INPE, 2019).

Essa periodicidade é muito semelhante aos fenômenos do ENOS, que mostram que diferentes condições no oceano Pacífico interagem de forma muito específica na constituição dos valores de chuvas na zona costeira do Paraná, principalmente em valores extremos. Neste caso, Nery et al. (1997) observaram que as flutuações interanuais mais significativas da precipitação no Paraná estiveram fortemente associadas com as fases extremas da Oscilação Sul.

Esse padrão com muitas chuvas se repete também em 1988, 1993, 1998, 2010/2011 e 2013, o que é suficiente para entender que os eventos extremos de chuva não acontecem na zona costeira paranaense habitualmente. Pelo contrário, os eventos extremos estão muito mais para uma alteração substancial dos padrões normalmente observados, que chegam a favorecer acréscimo de até 50% dos valores habituais de chuvas (CPETC/INPE, 2019).

Diante do exposto, pode-se considerar que os mesmos meses, os mais chuvosos ou secos tendem de tempos em tempos apresentarem valores que estão além dos habituais observados.

As conclusões de Castro et al. (2019), são de que ao caracterizar o clima de Morretes a partir da sua pluviosidade, foram demonstradas as relações intrincadas que envolvem diferentes formas de análise do clima. A partir do levantamento e análise dos dados de chuva conclui-se que Morretes está inserida em uma zona de dinâmica atmosférica e sofre ação direta de diferentes elementos de ação climática.

Tem-se assim um espelho em seus dados meteorológicos, havendo presença praticamente constante de precipitação durante o ano, com eventos extremos, positivos e negativos, que podem ser relacionados à presença do fenômeno EL Niño/La Niña (CPETC/INPE, 2019).

### 3.5 O DESASTRE NATURAL DE 2011 NO MUNICÍPIO DE MORRETES

Nas últimas décadas, Morretes passou a atrair muitos visitantes que vão em busca de novas experiências e descobertas em função da ampliação do setor turístico em seu território. No entanto, além de apresentar elementos positivos como suas belezas naturais e os atrativos da cidade de Morretes, também podem acontecer eventos da natureza mais drásticos, mas que para os seres humanos podem ser negativos. Esses estão relacionados a processos da atmosfera, da estrutura dos rios

e da alteração do relevo, os quais, quando essas atividades prejudicam os seres humanos, podem ser denominados de catástrofes ou desastres naturais.

Se for feito um levantamento histórico de alguns desastres naturais ligados a fenômenos climáticos, os quais provocaram muitos impactos à população e à economia local, verificou-se que:

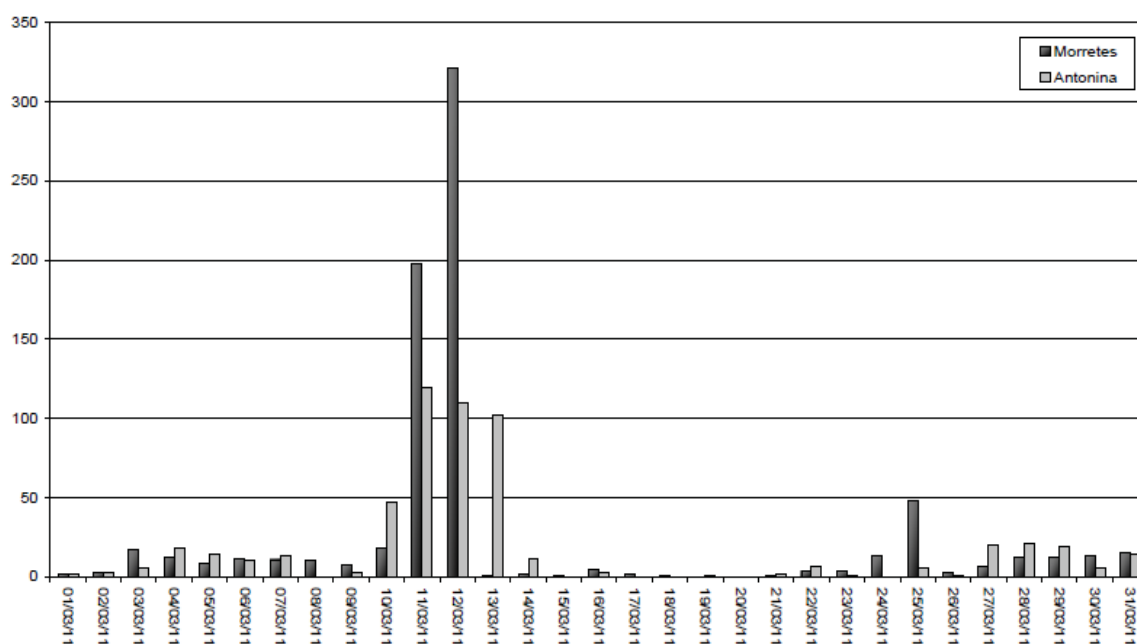
No que tange às informações sobre enxurradas, os municípios de Morretes e São José dos Pinhais são aqueles que mais registraram casos entre 1991 e 2012, sendo que cada um somou 6 ocorrências bem distribuídas no período, com exceção dos anos de 2010, quando Morretes registrou duas enxurradas, e 2007, quando houve dois eventos em São José dos Pinhais, (INSTITUTO DE ÁGUAS DO PARANÁ, 2018).

De acordo com o que foi publicado nos meios de comunicação em 2011, ano de um dos episódios mais marcantes das últimas décadas no Paraná, o qual aconteceu devido ao grande índice pluviométrico no litoral paranaense. Os municípios da região sofreram com os danos causados pelo excesso de chuva denominado de “evento climático extremo”. Ramos et al. (2018), explica que os eventos climáticos e meteorológicos extremos, também são um aspecto integrante da variabilidade climática e sua frequência e intensidade que pode variar de acordo com as mudanças atmosféricas e dos tempos climáticos.

Morretes apresentou um evento extremo devido ao grande índice pluviométrico que caiu na região a partir do dia 11 de março de 2011, provocando muita destruição no município. Em um período curto, “a estação de Morretes registrou 537 mm de chuva”. Estes volumes são superiores à média histórica para o mês de março, que fica entre 250 e 350 mm, (LOPES; SOUZA apud SILVEIRA et al., 2019) .

O GRÁFICO 04 apresenta um comparativo do nível de precipitação no mês de março em 2011 entre as cidades Antonina e Morretes. De acordo com o gráfico, o município de Morretes recebeu também um grande volume de chuva.

GRÁFICO 04 - PRECIPITAÇÃO NO MÊS DE MARÇO DE 2011 EM MORRETES E ANTONINA



FONTE: LOPES; SOUZA , (2012, p. 3), apud SILVEIRA et al (2019).

De acordo com o GRÁFICO 04 acima, o município de Morretes teve o índice pluviométrico maior que Antonina, que dista 20 km, e que recebeu também, um grande volume de chuva.

Apesar de centenas de moradores ficarem desalojados e desabrigados em função do alto índice pluviométrico, que encheu os rios causando inundação e deslizamentos de terra em morros, outros setores importantes ligados à economia dos municípios foram seriamente afetados. Segundo Morretes (2011), a produção de vários produtos agrícolas ligadas à economia do município foram afetadas, como a banana e abobrinha, como destacado na TABELA 05.

TABELA 05. PRINCIPAIS LAVOURAS AFETADAS PELO DESASTRE NATURAL DE 2011

<b>Lavoura</b>	<b>Área atingida</b>	<b>Produção Esperada</b>	<b>Valor (R\$)</b>
Chuchu	220 ha	396.000 cx	1.980.000,00
Maracujá	120 ha	128.000	1.920.000,00
Aipim	100 ha	80.000	1.600.000,00
Pepino	80 ha	72.000	576.000,00
Abobrinha	80 ha	64.000	512.000,00
Banana	100 ha	45.000	225.000,00
Outras lavouras	250 ha	225.000	2.250.000,00
<b>TOTAL</b>			<b>R\$ 9.063.000,00</b>

FONTE: Adaptado de MORRETES (2011).

De acordo com dados da prefeitura, Morretes (2019b), além dos impactos econômicos, o município de Morretes também sofreu com os impactos sociais, com os serviços básicos sendo comprometidos, assim como, com centenas de pessoas que ficaram desalojadas e desabrigadas.

Entre os serviços afetados estavam: a rede de distribuição de água, a estação de tratamento, e os serviços de telefonia móvel de Morretes registraram danos materiais, tais como em residências, prédios públicos e particulares de saúde, prédios públicos e particulares de ensino, estradas (aproximadamente 250 Km), prédios comerciais.

Muitas comunidades na parte rural ficaram vários dias isoladas recebendo ajuda, como alimentos, medicamentos e água, levando o Estado do Paraná e o município de Morretes a decretarem estado de calamidade pública.

As operações se desenvolveram em três focos: a área urbana da cidade de Morretes, a região rural, porém próxima a Morretes, e a região rural mais afastada que abrange parte da Serra da Prata, onde o Distrito de Floresta, local mais atingido pela destruição das chuvas, (MORRETES, 2011).

O município teve praticamente 80% da zona urbana e parte da zona rural afetada (TABELA 06) em função do grande volume pluviométrico que atingiu a localidade em menos de 48 horas, em função de enchentes, inundações, alagamentos, corrida de massa (movimentação de encosta com detritos), provocando queda de ponte (Distrito de Floresta), como ilustra a TABELA 06.

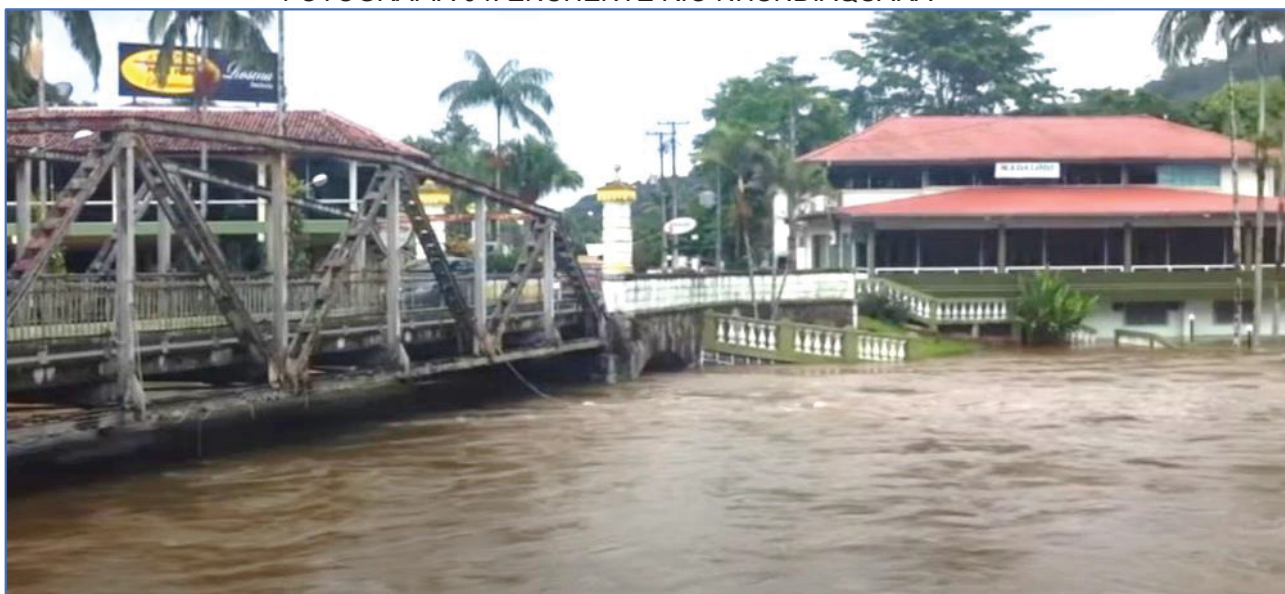
TABELA 06 - PRINCIPAIS COMUNIDADES ATINGIDAS PELAS CHUVAS DE 2011 NO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR

Floresta	Itapeçu	Mundo Novo Saquerema
Marta	Sambaqui	Pitinga
Pindauva	Candongá	Sarapiá
Rio Sagrado	Rio do Pinto	Fortaleza
Central	Colônia Marques	Capituva
Américo de Baixo	Américo de Cima	Marumbi
Cruz Alta	Fatura	Anhaia
Vila dos Ferroviários	Marambaia	Raia Velha
Reta do Porto	Cruzeiro do Itaperuçu	-

FONTE: MORRETES (2011).

Em 2011 os rios subiram rapidamente e a um elevado nível, e através de fotografias e vídeos da época, é possível visualizar a altura a qual chegou o rio Nhundiaquara na parte central da cidade de Morretes, em torno de 5 metros a mais do que o nível normal.

FOTOGRAFIA 04. ENCHENTE RIO NHUNDIAQUARA



FONTE: SHINGO (2014) .

De acordo com relatos da prefeitura de Morretes:

A situação se agravou no decorrer do dia 11 de março de 2011, e pela manhã, às 9h00min, já se constatava a ocupação de 70% da área urbana da cidade por água provenientes do transbordo dos rios Marumbi e Nhundiaquara, (MORRETES, 2011).



Todos esses danos devido às chuvas, fizeram com que grande parte da população do município de Morretes fosse afetada, onde algumas localidades, como por exemplo, o da comunidade do distrito de Floresta ficassem com entulhos e lama, não tendo mais estradas em decorrência dos impactos provocados pelas enchentes, como ilustrado na FOTOGRAFIA 05.

FOTOGRAFIA 05: FLUXO DE DETRITOS QUE ATINGIU O DISTRITO DE FLORESTA



FONTE: MORRETES (2011).

A inundação do Distrito de Floresta aconteceu devido ao volume muito grande de água que foi represado naturalmente em um ponto mais alto da Serra da Prata e, depois de muitas horas de chuva e acúmulo cada vez maior de água, houve o rompimento da barragem natural. Com grande volume de água também gerou um efeito de “cabeça d’água”, a qual foi devastando várias vilas que ficavam ao entorno do pé da serra, e o Distrito de Floresta, que foi severamente atingido pela movimentação de massa (destroços provenientes do deslizamento de terra juntamente com o alagamento) tornou-se o foco principal da operação (MORRETES, 2011).

O município de Morretes foi atingido por um desastre generalizado e sem precedente históricos que tenham sido registrados. Os problemas aconteceram em toda a extensão territorial do município, tanto na área urbana como na área rural,



devido ao alto índice pluviométrico, aproximadamente 280 mm de chuvas, caíram em menos de 24 horas.

TABELA 07: DANOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELAS CHUVAS EM MORRETES, 2011

1- Deslizamentos de encostas;
2- Supressão da Mata Ciliar;
3- Assoreamento dos leitos dos rios, córregos e cursos de água;
4- Danos no Aterro controlado pelo município;
5- Destruição total ou parcial das vias de acesso das Unidades de Conservação;
6- Quedas de árvores de grande, médio e pequeno porte, no perímetro urbano e rural;
7- Comprometimento do Sistema de Drenagem de Águas Pluviais no perímetro urbano de Morretes;
8- Danos na estrutura na unidade de reciclagem municipal, bem como sua logística de coleta de reciclados;
9- Danos na nova área do Consorcio municipal de Aterro Sanitário;
10- Destruição total e parcial das áreas de interesse turístico e paisagístico, como praças e áreas de lazer do município de Morretes;
11- Danos no sistema de coleta e tratamento de esgoto doméstico;
12- Comprometimento do sistema de coleta de resíduos sólidos urbanos e rurais, mediante os prejuízos causados no sistema viário municipal;

FONTE: MORRETES; AMBIENTE, (2011).

Após o episódio foram tomadas medidas para a restauração da infraestrutura do município, dos quais muitos são citados na TABELA 07, sendo elaborados projetos para restaurar equipamentos públicos (estradas, escolas e instalações de saúde), programas para estimular a economia local, medidas para restaurar o governo e a administração cívica bem como iniciativas para proteger o meio ambiente de novas catástrofes naturais.

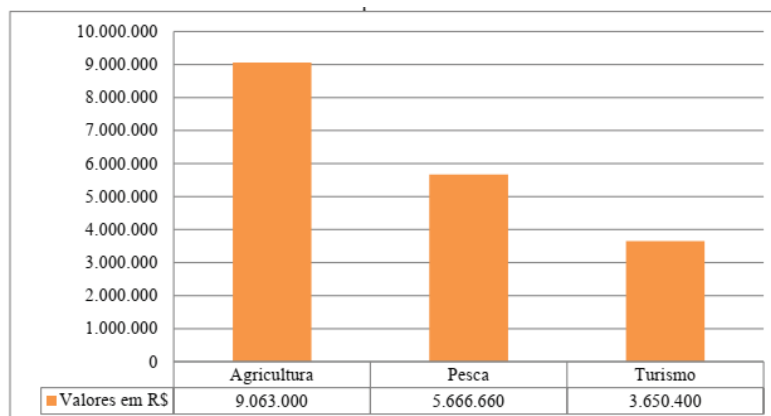
TABELA 08: PREJUÍZOS ECONÔMICOS NO LITORAL DO PARANÁ PELAS CHUVAS, 2011

SETOR	TOTAL R\$	IMPACTO R\$		PROPRIEDADE R\$		%
		Dano (afetação em ativos)	Perdas (variação de receitas e prejuízos)	Pública	Privada	
<b>TOTAIS</b>	<b>210,853,625</b>	<b>158,565,922</b>	<b>52,287,702</b>	<b>79,757,353</b>	<b>131,096,272</b>	<b>100.0%</b>
<b>Infraestrutura</b>	<b>129,294,868</b>	<b>91,740,930</b>	<b>37,553,938</b>	<b>60,577,956</b>	<b>68,716,912</b>	<b>61.3%</b>
Transporte	107,627,832	86,415,044	21,212,788	47,668,691	59,959,140	51,0%
Portos	15,616,438	0	15,616,438	7,808,219	7,808,219	7,4%
Água e Saneamento	4,151,493	3,743,634	407,859	4,151,493	0	2,0%
Energia	1,899,105	1,582,252	316,853	949,553	949,553	0,9%
<b>Setores Sociais</b>	<b>51,560,930</b>	<b>50,261,992</b>	<b>1,298,938</b>	<b>7,561,630</b>	<b>43,999,300</b>	<b>24.5%</b>
Habitacões	45,288,589	43,999,300	1,289,289	1,289,289	43,999,300	21,5%
Saúde	1,608,242	2,687,710	9,649	2,697,359	0	1,3%
Educação	1,608,242	1,608,242	0	1,608,242	0	0,8%
Cultura	1,966,740	1,966,740	0	1,966,740	0	0,9%
<b>Setores de Produção</b>	<b>18,380,060</b>	<b>9,063,000</b>	<b>9,317,060</b>	<b>0</b>	<b>18,380,060</b>	<b>8,7%</b>
Agricultura	9,063,000	9,063,000	0	0	9,063,000	4,3%
Pesca	5,666,660	0	5,666,660	0	5,666,660	2,7%
Turismo	3,650,400	0	3,650,400	0	3,650,400	1,7%
<b>Meio ambiente</b>	<b>11,617,766</b>	<b>7,500,000</b>	<b>4,117,766</b>	<b>11,617,766</b>	<b>0</b>	<b>5,5%</b>
Áreas protegidas	11,617,766	7,500,000	4,117,766	11,617,766	0	5,5%

FONTE: (PINHEIRO; PEDROSO, 2016).

De acordo com Pinheiro e Pedroso (2016), o total de danos e perdas para os municípios do litoral paranaense foi estimado em R\$ 210,8 milhões, registrando-se R\$ 129,2 milhões para o setor de infraestrutura (61,3%), enquanto que, para os setores sociais atingiu-se R\$ 51,5 milhões (24,5%), o setor produtivo com R\$ 18,3 milhões (8,7%) e o setor de meio ambiente com R\$ 11,6 milhões (5,5%). Dentro do setor produtivo encontra-se o setor do Turismo, que teve um prejuízo estimado em R\$ 3,6 milhões devido às fortes chuvas que ocasionou interrupção do fluxo turístico nos municípios atingidos, registrando uma baixa sensível de turistas no litoral do Paraná como destacado na TABELA 08.

GRÁFICO 05. DANOS E PERDAS POR SETORES ECONÔMICOS



FONTE: PINHEIRO; PEDROSO (2016).

O fluxo turístico do município foi interrompido em decorrência das fortes chuvas e inundações. Dessa forma, toda a estrutura de turismo foi afetada, amargando prejuízos financeiros desde os estabelecimentos ligados à hospedagem, aos restaurantes, lanchonetes, sorveterias e cafés, feiras de artesanato, empresas de transporte de turistas como vans e ônibus, transporte de trens de turismo e outras atividades indiretas ao turismo. Consequentemente, durante o mês de março de 2011, houve uma redução considerável de turistas no litoral afetando o lucro dos estabelecimentos (PINHEIRO; PEDROSO, 2016).

Os impactos financeiros, estruturais e humanos poderiam ter sido maiores caso as chuvas tivessem acontecido dias antes na região litorânea paranaense.

As chuvas afetaram muitos pontos da região do litoral do Paraná uma semana após o carnaval, festa que é um grande atrativo de turistas. Esse fato evitou que maiores problemas tivessem acontecido devido aos transtornos que poderiam ter surgido e que atingiriam aos visitantes do litoral, isso também devido à interrupção das vias de acesso terrestres, especialmente a queda de pontes nas rotas principais (PEDROSO; PINHEIRO, 2016).

A seguir algumas imagens históricas das enchentes na cidade de Morretes tiradas no mesmo local para se fazer uma comparação do nível da água do rio Nhundiaquara.

FOTOGRAFIA 06 – ENCHENTE NA RUA GENERAL CARNEIRO, MORRETES EM 1963.



FONTE: O autor (2019).

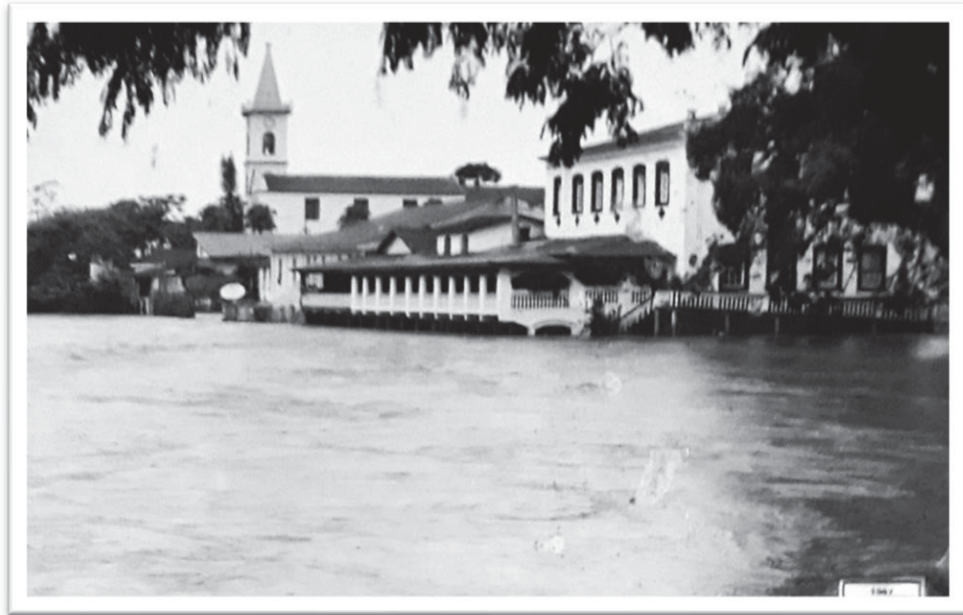
NOTA: Reprodução do acervo do Hotel Nhundiaquara.

FOTOGRAFIA. 07: FOTO RUA GENERAL CARNEIRO, MORRETES EM 2019.



FONTE: O autor, 2019.

FOTOGRAFIA 08: RIO NHUNDIAQUARA EM CHEIA

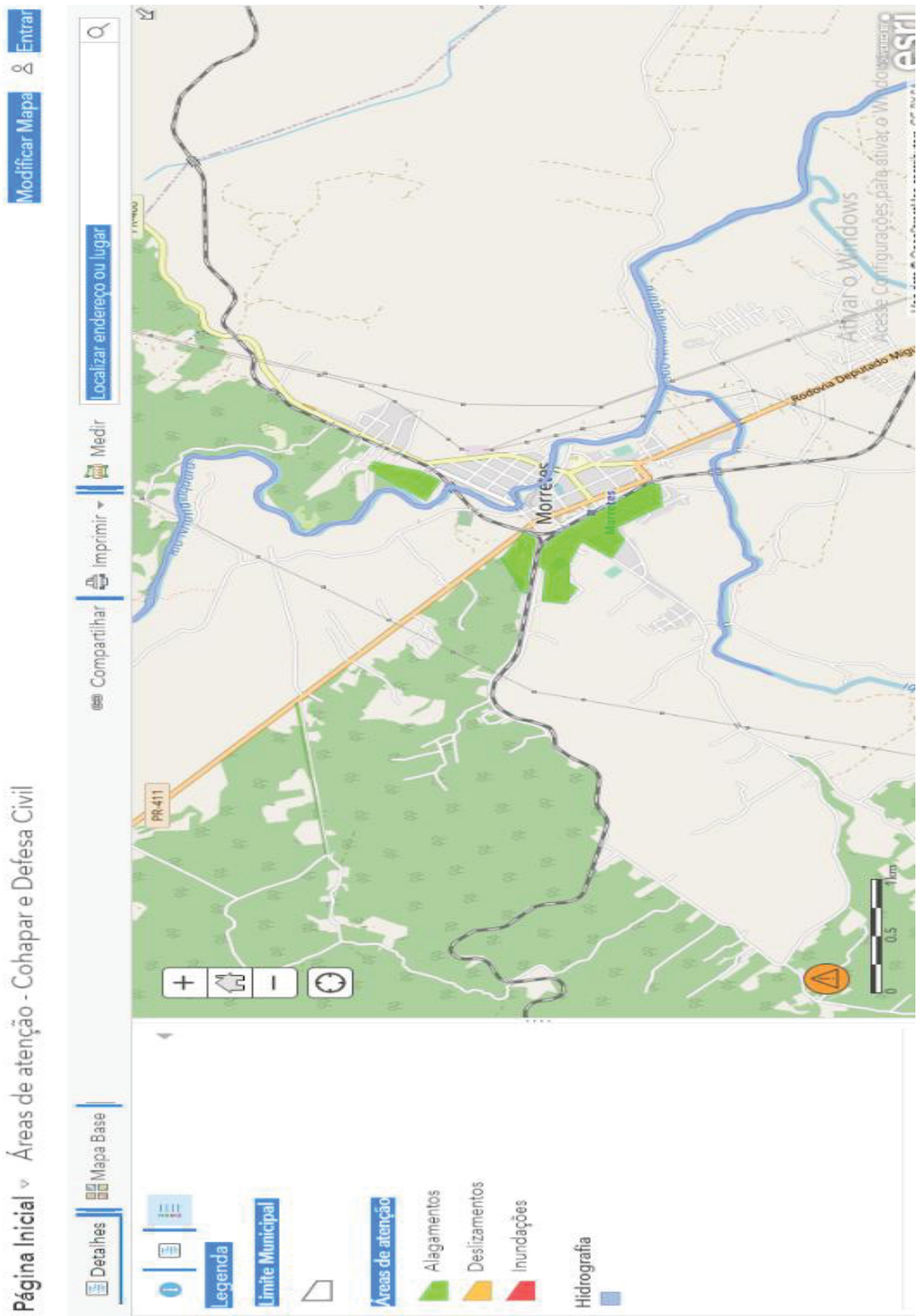


FONTE: O autor (2019).

NOTA: Reprodução do acervo do Hotel Nhundiaquara.



FIGURA: 07 ÁREAS DE RISCO A INUNDAÇÕES EM MORRETES



FONTE: DEFESA CIVIL DO PARANÁ (2019).

O mapa de chuvas e inundações em Morretes disponibilizado por Paranainterativo (2020), vinculado à Defesa Civil, localiza na FIGURA 09 os pontos de inundação natural que existem dentro do sítio da cidade de Morretes, bem como áreas de deslizamentos. A inundação é um fenômeno próprio e da estrutura do rio e do clima e irreversível, ligado ao relevo da região.

Percebe-se que grande parte da área urbana da cidade de Morretes sofreu alagamentos durante o período de chuvas de 2011 e continua sendo suscetível a alagamentos quando ocorrem novos episódios de chuvas torrenciais. Dessa forma, o ponto turístico principal de turistas que é a área urbana, reduz em grande quantidade o número de turistas. Outro fator é que os turistas estando em visita à cidade, ficam expostos aos problemas e perigos dos alagamentos.

As áreas de deslizamentos ocorrem na parte rural do município e afeta as atividades de turismo na natureza, sendo de grande perigo para os visitantes que estejam fazendo suas caminhadas nas áreas rurais com florestas. Isso limita ou impossibilita as caminhadas e mesmo passeio com veículos 4x4 que levam os visitantes em lugares de difícil acesso como pontos com cachoeiras, alambiques e pontos turísticos dos rios Marumbi e Nunhundiaguara.

### 3.6 ASPECTOS TURÍSTICOS DO MUNICÍPIO DE MORRETES

Morretes faz parte da Região Turística Litoral do Paraná configurada por uma diversidade de elementos culturais e naturais, que evidenciam seu potencial turístico e a caracterizam como polo indutor do desenvolvimento do turismo na esfera estadual.

A Região Turística Litoral do Paraná é composta por sete municípios, sendo eles: Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Paranaguá, Pontal do Paraná, Morretes e Antonina.

A proximidade de Morretes com a capital do estado, Curitiba, caracteriza também como uma vantagem competitiva determinante para a configuração da demanda de visitantes. Tal cenário atrai, tanto moradores da cidade de Curitiba, quanto a dos seus turistas que vêm do Brasil e de outros países como Estados Unidos, França, Alemanha, Japão, entre outros (ADETUR et al., 2008).

O litoral paranaense tem como característica principal a atração de fluxo de pessoas em busca de descanso e lazer, cuja atividade está vinculada tanto aos



aspectos naturais, quanto culturais. Segundo ADETUR et al. (2008) o litoral apresenta um conjunto de setenta e três atrativos turísticos de natureza diversa, que possibilitam o desenvolvimento de variados segmentos turísticos. Essa quantidade representa 19% dos atrativos turísticos do estado do Paraná, demonstrando que a região possui ainda um enorme potencial para o crescimento e desenvolvimento do setor turístico.

Morretes se tornou um destino receptor, fato que colocou o município no cenário regional e estadual. O espaço turístico natural do litoral é formado, principalmente, por elementos da paisagem reconhecidos como as praias, baías, serras e cachoeiras. Assim o espaço turístico deve ser analisado de forma sistêmica:

Propomos analisar o espaço turístico sobre a ótica sistêmica, isto é, como um conjunto de elementos inter-relacionados que evoluem de forma dinâmica no tempo. Nessa perspectiva, espaço, tempo em movimento se apresentam como um único corpo (autodependente), capaz de explicar a complexidade de proveniente das diversas ações e relações que determinam a criação (produção) do espaço turístico. (SILVEIRA, 2014, p.41).

O litoral do Paraná apresenta diversos ambientes que configuram uma paisagem natural rica em diversidade biológica, nos diferentes ecossistemas que a compõem, destacando-se que a região possui o maior remanescente contínuo de mata atlântica preservada do país. A diversidade ambiental característica da região, gera condições de interesse para a visitação turística das partes rurais. Além disso, a riqueza cultural das tradições, mitos, crenças e hábitos dos moradores, juntamente com a arquitetura diferenciada das áreas urbanizadas, produzem um cenário convidativo para a visitação (TURISMO, 2020).

O município se beneficia em virtude de estar localizado numa região onde existe parte da Serra do Mar, atraindo turistas, principalmente, para a prática de ecoturismo e turismo de aventura, com destaque para locais como Pico do Paraná e o Parque Estadual do Marumbi, além do gastronômico cultural e histórico principalmente na cidade de Morretes.

O município apresenta expressivo fluxo de visitantes que, em sua maioria, residem em Curitiba e nas cidades da Região Metropolitana, mas também recebem visitantes de outros municípios do Paraná e de outros estados do Brasil, bem como turistas de diferentes partes do mundo (TURISMO; ADETUR, 2020).

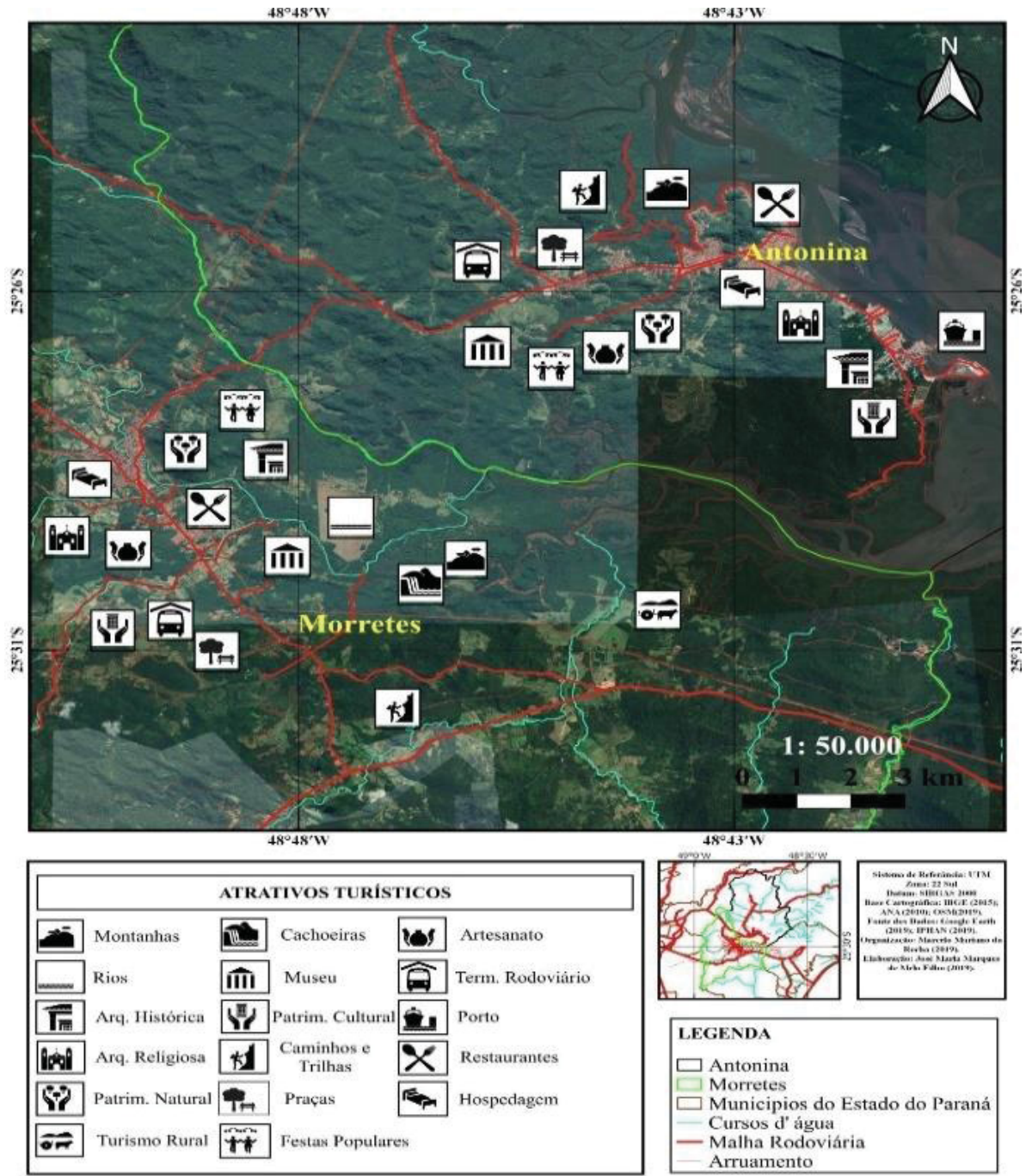
O município de Morretes se destaca no processo de crescimento e desenvolvimento turístico da região do litoral e compartilha de um fluxo que apresenta

uma “média de frequência anual de um milhão de turistas que visitam o litoral, e Morretes com uma visitação média de 8 mil visitantes mês, (ADETUR et al., 2008, p. 212).

Além dos recursos naturais, conta com a presença de um ecossistema rico de fauna e flora devido à presença do bioma da Mata Atlântica que apresenta na região uma grande variedade de elementos. Além disso, o município oferece aos visitantes uma diversidade de atrativos histórico-culturais, inclusive com algumas das edificações antigas tombadas, (ADETUR et al., 2008).

O MAPA 02 localiza atrativos turísticos nos municípios de Morretes.

MAPA 02. PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS EM MORRETES E ANTONINA



FONTE: MELO FILHO; ROCHA (2019)

Morretes possui uma gama de atrativos que estimula atividades turísticas como por exemplos o Pico Marumbi onde se pratica o montanhismo, arquitetura histórica, arquitetura religiosa, patrimônio cultural, turismo rural, rios como o Marumbi e o Nhundiaquara, cachoeiras, museus, caminhos e trilhas, praças, festas populares, comidas e bebidas típicas, parques, artesanato, restaurantes e hospedagens. Isso contribui para que o município se destaque no cenário do turismo regional oferecendo uma diversidade de atividades aos visitantes. Algumas das opções encontradas que contribuiu para o desenvolvimento do turismo foi a “gastronomia e o patrimônio histórico” (SILVEIRA, 2013, p.32). O Barreado é um prato que consiste em uma carne cozida, servida com arroz e farinha de mandioca, (GIMENES, 2014). O segredo na preparação do Barreado original é o tempo de cozimento na panela de barro – cerca de vinte horas – o tempo necessário para desfiar toda a carne. A Cachaça Artesanal de Banana é produzida em vários pontos da área rural em muitos alambiques tradicionais, em sua maioria localizada na estrada da América e na estrada da Anhaia na comunidade Marumbi (GIMENES, 2014).

Os atrativos culturais e naturais listados nos QUADROS 04 e 05 são os mais visitados de Morretes.

QUADRO 04. ATRATIVOS CULTURAIS DE MORRETES

Igreja de São Sebastião do Porto de Cima
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Porto
Igreja de São Benedito
Marco Zero
Estação Ferroviária
Porto de Cima
Estrada da Graciosa
Caminhos Coloniais
Caminho da Graciosa
Caminho do Itupava
Recanto Mãe Catira
Estrada do Central
Estrada do Anhaia
Estrada de Ferro Morretes-Curitiba
Curva da Preguiça
Rua das Flores
Festa Feira Agrícola e Artesanal de Morretes
Barreado
Cachaça Artesanal

FONTE: adaptado de PARANÁ (2016).

Na relação exibida no QUADRO 05, é possível ver os atrativos turísticos culturais do município de Morretes. Existe uma variedade de opções, tanto nas áreas urbanas, bem como na parte rural.

QUADRO 05. ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS DE MORRETES

Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi
Parque Estadual do Pau Oco
Parque Estadual Pico do Marumbi
Salto dos Macacos/Salto Redondo
Estrada das Prainhas
Rio Nhundiaquara
Rio Mãe Catira
Véu da Noiva
Morro do Sete
São João da Graciosa
Recanto Cascatinha
Recanto Nova
Santuário Nhundiaquara

FONTE: adaptado de PARANÁ (2016).

Dentre as opções turísticas no município, destaca-se a Estrada de Ferro da Serra do Mar, que atualmente é um dos meios de transporte que mais deslocam turistas simultaneamente para a cidade de Morretes, em função do percurso a ser realizado através do trem pela via férrea, que faz com que os turistas passem por lugares inusitados ao longo do trajeto que delineia a estrada.

Com duração entre três a quatro horas, a viagem de Curitiba à Morretes proporciona aos turistas a contemplação das paisagens naturais da Mata Atlântica, além da observação do patrimônio arquitetônico edificado ao longo da ferrovia (D'AGOSTINI; ABASCAL, 2017). O passeio desde o início da viagem, quer pela estrada da Graciosa ou pela estrada de ferro, até a chegada à cidade baseia-se principalmente no contato com a natureza e com a vivência dos aspectos culturais.

Na cidade sede do município, existem para visitaçaõ muitas construções com estilos arquitetônicos antigos, construídas desde o século XVIII.

A partir desses atrativos, Morretes se destacou no cenário turístico regional, principalmente nos últimos anos, quando o turismo se consolidou como um importante vetor de geração de rendas.

Para atender as necessidades dos visitantes que desejam ficar mais de um dia, o município conta com uma pequena rede de hospedagens, que em sua maioria são pousadas. Estas acolhem turistas, principalmente nos finais de semana, período este que a cidade recebe um maior número de visitantes que descem (viajam) de Curitiba para o litoral para aproveitar a natureza, bem como a culinária local.

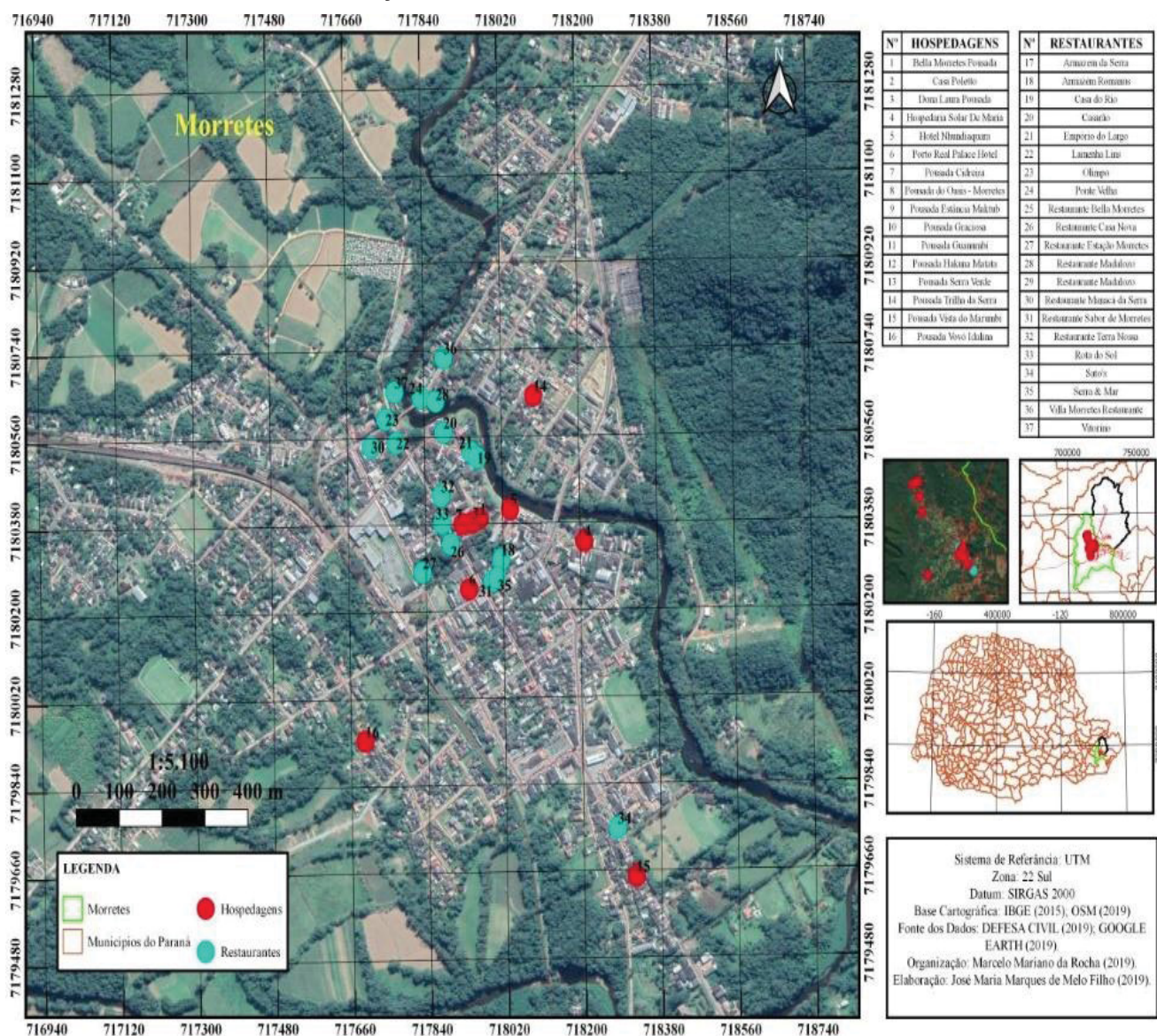
### 3.7 EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DE MORRETES – ESTABELECIMENTOS DE ALIMENTAÇÃO E DE HOSPEDAGEM

Morretes possui estabelecimentos de alimentação e de hospedagem que atendem a demanda turística. O fluxo de visitantes que passa o dia no local tem como principal programação a sequência de viagem por trem Curitiba-Morretes-Curitiba, e que pode ser combinado ao transporte rodoviário para retorno a Curitiba (por ser mais rápida a volta). Também muitos viajantes fazem o percurso exclusivamente de automóvel ou de ônibus de Curitiba-Morretes-Curitiba. O roteiro atualmente inclui alimentação e passeios locais, que são pagos em pacotes para as agências de turismo. Se os visitantes utilizarem seus automóveis particulares, as despesas de viagem, como alimentação, lembranças e de produtos locais são pagas diretamente aos empresários, de acordo com entrevistas do Morretes Convention & Visitors Bureau, cedida à esta pesquisa.

O município de Morretes apresenta em torno de 16 estabelecimentos de hospedagem como hotéis e pousadas e, em torno de 21 restaurantes de destaque, em 2019, de acordo com informações do Morretes Convention & Visitors Bureau, citado em entrevista. Os estabelecimentos de alimentação estão concentrados na região central da cidade. No entanto, os meios de hospedagens não se localizam totalmente na área urbana, como pode ser evidenciado no MAPA 03



MAPA 03. LOCALIZAÇÃO DE HOSPEDAGENS E RESTAURANTES EM MORRETES



FONTE: MELO FILHO; ROCHA apud (SILVEIRA et al., 2019)

Como pode ser observado no mapa, algumas hospedagens se encontram fora da área urbana do município, sendo que nos últimos anos algumas pousadas rurais foram sendo criadas para atender um público que procura locais na natureza para ficar alguns dias. Devido às características rurais, cada estabelecimento oferece diferentes opções de serviços. Mas de modo geral, tanto os meios de hospedagens quanto os restaurantes estão na sede município, devido a circulação maior de turistas pela disposição de muitos atrativos, os quais se localizam próximos ao centro histórico. Na região se concentra uma diversidade de opções para compras como lojas, barracas de artesanatos, restaurantes de comidas típicas, sorveterias e

lanchonetes. Além disso, o Rio Nhundiaquara com sua beleza natural, atrai os visitantes para contemplar as corredeiras calmas que apresenta nos dias sem chuvas.

O fluxo de turistas por estrada de ferro e por estrada de rodagem são de vital importância para o deslocamento dos visitantes para o município de Morretes, mas cada um destes tipos de transportes apresenta suas características estruturais, bem como do perfil de turistas que eles transportam (ADETUR et al., 2008).

As empresas fomentam o sistema produtivo do turismo, sendo indispensáveis para a dinâmica do setor nesses municípios. Dessa forma, para que o turismo tenha condição de oferecer serviços mais eficientes aos turistas, novos segmentos foram sendo criados pelas empresas de transporte. Essa diversidade existente surgiu devido a necessidade que o município teve em decorrência do aumento de turistas, que passaram a visitar essas localidades geralmente aos finais de semana, segundo entrevista cedida a esta pesquisa pelo Morretes Convention & Visitors Bureau, através de seu representante.

O sistema de funcionamento das viagens de trem para o percurso entre Curitiba a Morretes é realizada atualmente pela operadora Serra Verde Express, que mantém uma parceria com a empresa RUMO S/A, responsável pela concessão do trajeto junto ao governo federal (BACH, 2020).

De acordo com o site da Serra Verde Express, a compra dos bilhetes pode ser realizada no balcão da empresa na rodoferroviária, em Curitiba, ou por venda on-line. São oferecidas várias opções de bilhetes para a viagem, inclusive uma na categoria passagem econômica, geralmente para o deslocamento de montanhistas até a estação Marumbi, para praticar esportes de natureza como montanhismo e escaladas (esta vendida somente no balcão da empresa na rodoferroviária).

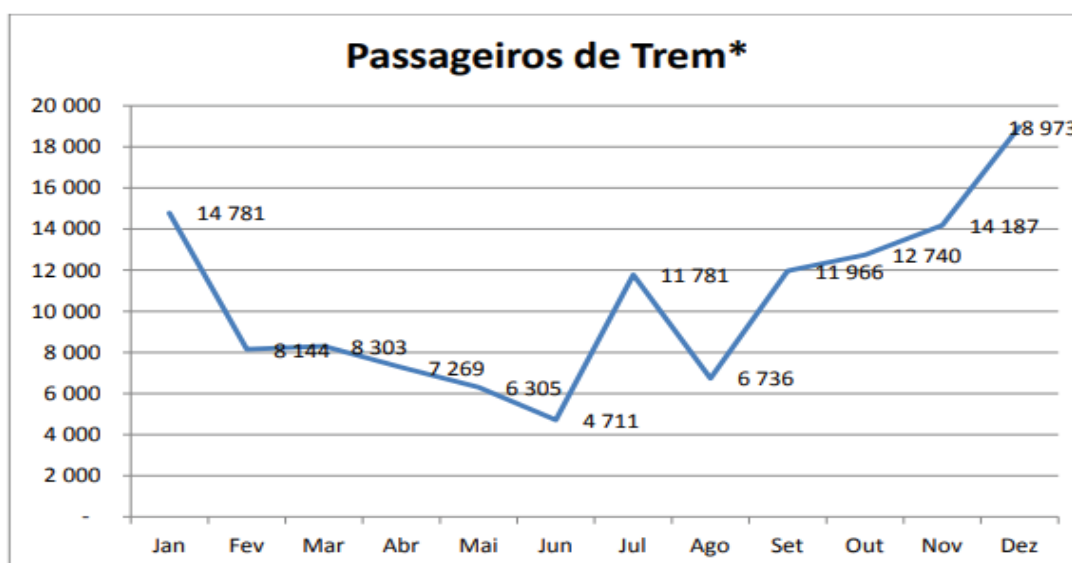
Ainda segundo a empresa Serra Verde Express, o mercado consumidor passou a estar receptivo para novas opções de como viajar de trem, desta forma a empresa passou a criar vagões temáticos. Existe por exemplo o Beer Train, que é um vagão para degustação de cervejas e frios durante a viagem, o Trem do Bita com motivo infantil, e o Vagão Pet, para os viajantes levarem consigo seus animais de estimação. Esses fazem parte dos vagões temáticos, os quais foram criados nos últimos anos e que podem dar origem a outros tipos de vagões com temas interessantes no futuro.

Além do trem convencional, existe a opção da viagem por litorina, que é um veículo pequeno e mais rápido para se fazer a viagem. Cada modalidade de viagem apresenta valores específicos correspondentes aos serviços oferecidos.

Atualmente os deslocamentos dos trens turísticos são feitos somente às sextas-feiras, sábados e domingos durante a baixa temporada. Mas podem existir viagens às segundas-feiras em dias de feriado. Na alta temporada, no período do verão, o trem volta a ter as viagens em todos os dias da semana.

Segundo estudo solicitado a pedido do *Morretes Convention & Visitors Bureau*, no ano de 2016, Morretes recebeu cerca de 188 mil pessoas que fizeram o trajeto de trem, saindo de Curitiba até Morretes, segundo Andreoli (2018 apud Bach, 2020), como destacado no GRÁFICO 06. Devido à falta de dados, não é citado a quantidade de turistas que chegam ao município por outro meio de transporte, como, por exemplo, automóveis e ônibus.

GRÁFICO 06. TOTAL DE TURISTAS QUE DESEMBARCARAM EM MORRETES- 2016



Fonte: Andreoli (2018).

Esses turistas contribuem para a economia do município, “tendo uma média de gastos de R\$ 150 por pessoa, até R\$ 400, fazendo com que o setor de serviços represente mais de 41% do PIB de Morretes”. (ANDREOLI, 2018, p. 5 apud BACH, 2020). Nota-se no GRÁFICO 06 que o fluxo de turistas que desembarcaram em Morretes em 2016 teve uma oscilação em relação à quantidade de pessoas maior nos meses entre novembro a janeiro, período de maior calor, devido à chegada do verão,

além de períodos de férias escolares (dezembro a fevereiro) em comparação aos demais meses do ano.

No entanto, no restante dos meses, o fluxo de turistas que chegam ao município também é razoável. Isso demonstra o grande potencial que a cidade possui para o desenvolvimento do setor. Em suma, as atividades do turismo em Morretes vêm crescendo cada vez mais, em função do aumento de turistas devido as viagens de trem pela Serra do Mar. Conhecer e visitar Morretes várias vezes se consolidou como uma atividade tradicional da região, estimulado pela boa infraestrutura do município, bem como uma série de atrativos naturais e culturais que acabam sendo agregados aos destinos turísticos impulsionando o setor, de acordo com entrevista do Morretes Convention & Visitors Bureau.

Ocorreu uma alteração do fluxo de trens durante a semana nas baixas temporadas o que influenciou na rotina do turismo em Morretes.

A partir de março de 2018 devido a alguns fatores, foram suspensas as viagens de trens de segunda a quintas-feiras entre Curitiba e Morretes. Isso gerou para o município uma redução do número de turistas que visitam a cidades nesses dias, e que chagavam lá de trem. De acordo com a empresa responsável, Serra Verde Express, um dos motivos da redução do número de viagens seria a pouca procura de turistas durante os dias de semana, o que tornava inviável manter a circulação dos trens, pois isso estava gerando prejuízos às empresas envolvidas. Dessa forma a empresa Rumo, concessionária do percurso, suspendeu as viagens diárias na baixa temporada segundo BACH (2020).

Se a redução do número de turistas que visita a cidade de Morretes teve uma grande redução durante a semana com a suspensão das viagens de trens de segunda a quinta-feira, é possível citar que um risco à saúde da comunidade que surgiu no início de 2020 com a chegada do coronavírus, teve um impacto ainda maior. Um vírus pode ser uma ameaça para os seres humanos e pode se relacionar a uma doença grave para os moradores e visitantes de Morretes, como a dengue, e que pode reduzir o fluxo de turistas e a economia de pequenas cidades. O trem é um atrativo que cativa turistas que se interessam por fazer a viagem e a conhecer a cidade de Morretes. A viagem de trem Curitiba-Morretes foi um dos primeiros equipamentos turísticos a ser restringido totalmente a partir de 20 de março de 2020 no início do período de



distanciamento social, e retornando a circular a partir de 08 de agosto de 2020, devido a orientação das autoridades sanitárias.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A orientação da presente pesquisa foi de paradigma interpretativo, vez que o interesse central de um estudo é o significado das relações humanas e da vida social, e a sua explicação através da visão do pesquisador. Para os estudiosos interpretativos, o propósito de uma pesquisa é descrever e interpretar o fenômeno do mundo em uma tentativa de compartilhar significados com outros (MOREIRA; CALEFFE, 2008).

A pesquisa foi desenvolvida em fases que abrangeu desde a busca bibliográfica e documental, à aplicação de questionários on-line, aplicação de questionários e formulários presenciais e a realização de entrevistas à representantes da população e com gestores do turismo.

Destarte, direcionou-se para um estudo no município litorâneo de Morretes, no estado do Paraná, especialmente devido à sua geografia física e a utilização de recursos naturais para o lazer e o turismo, o qual recebe uma demanda expressiva de visitantes.

Ademais, por ser um dos municípios que sofre uma série de impactos decorrentes de chuvas torrenciais e enchentes, o que ficou na memória dos moradores locais e de visitantes que moram próximos a esse município, principalmente às enchentes que aconteceram no ano de 2011.

Quanto aos seus objetivos, a presente pesquisa é exploratória, e Gil (2014), define a pesquisa exploratória como a que apresenta, como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com objetivo de formular problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Na primeira parte do trabalho de pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico, orientado a responder o seguinte questionamento: qual a relação dos desastres naturais com as atividades como caminhadas na natureza, montanhismo, visita a restaurantes, banhos em rios, hospedagens em pousadas, entre outras atividades características do turismo?

Para o desenvolvimento da pesquisa com os moradores e para desenvolver reflexões sobre a temática, o procedimento de coleta de informações partiu de uma revisão da literatura, desenvolvendo questões e diálogos interdisciplinares para questionar se é possível estabelecer relações consistentes entre riscos e desastres



naturais com as atividades turísticas. Realizou-se um levantamento por meio de revisão bibliográfica sobre o tema dos desastres naturais, como também se aplicou pesquisa através de entrevistas a representantes da população local.

De acordo com Oliveira et al. (2016), na pesquisa a forma como se coletam as informações dos entrevistados podem ser parecidas, mas existem diferenças entre um questionário e um formulário. Assim, o questionário é um conjunto de perguntas e questões que serão respondidas sem a intervenção ou a presença de um pesquisador, enquanto que o formulário é um conjunto de perguntas que são feitas para o entrevistado, mas as respostas são anotadas pelo próprio entrevistador ou pesquisador (OLIVEIRA et al., 2016)

Na coleta de dados, foram aplicadas de acordo com a presente descrição, um questionário presencial para estudantes de ensino médio profissionalizantes noturno, no Colégio Estadual Rocha Pombo em Morretes (PR), um questionário on-line com um link para o Google Formulário para pessoas das redes sociais Facebook, Instagram e grupos de WhatsApp; uma pesquisa utilizando um formulário para empresários ligados ao turismo; entrevistas semiestruturadas com moradores; e entrevistas com gestores do turismo de Morretes, PR.

O conteúdo do questionário no Colégio Rocha Pombo, aplicado de forma presencial, apesar de buscar entender questões de percepção ligados a situações que acontecem em locais turísticos, foi diferente da pesquisa on-line com turistas.

O questionário procurou entender a partir de estudantes de uma escola de ensino médio profissionalizante noturno, como tal público percebia o tema dos riscos e desastres naturais em seu município e se tal tema era mencionado em sala de aula.

#### 4.1 ENTREVISTAS COM VIÉS ETNOGRÁFICO

Com relação às entrevistas com moradores do município de Morretes, a pesquisa teve uma aproximação para um viés etnográfico com relação ao processo de coleta de dados que foram feitas com os residentes de áreas de riscos de inundações. Desta forma, o pesquisador fez mais de dez visitas nas áreas onde os contatos foram realizados para conversar e conviver com os moradores e

empresários do município de Morretes durante o período da elaboração das entrevistas.

Para Marconi e Lakatos (2016, p.195), a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Segundo Moreira e Caleffe (2006), a etnografia é um método e o ponto de partida para a interação entre o pesquisador e os seus objetos de estudo. O trabalho de campo é o meio principal pelo qual muitos dos dados etnográficos são obtidos.

Ainda conforme os autores, uma pesquisa etnográfica pode durar uma semana ou duas, como também podem durar vários anos. A duração deve ser adequada para a obtenção das informações, bem como de acordo com o local e as pessoas a serem pesquisadas.

De acordo com Tumulero (2019) a pesquisa etnográfica baseia-se e em metodologia etnográfica, uma metodologia que faz parte das ciências sociais, especialmente da Antropologia. Assim, a Etnografia é um processo que se guia pelo senso questionador do estudioso. Desta forma, uma característica importante a se destacar é que a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não segue padrões rígidos ou pré-determinados, o que deve guiar este processo é realmente o senso desenvolvido pelo pesquisador a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa.

A pesquisa etnográfica, introduz os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica, ou seja, o estudo busca introduzir os atores sociais com uma participação catalizadora e enérgica no processo modificador das estruturas sociais.

Ainda de acordo com o autor citado:

A Pesquisa Etnográfica compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas. Deste modo, um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula. Portanto, a etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos na rotina diária dos sujeitos estudados (TUMULERO, 2019).

Desta forma, segundo o autor citado, existe a possibilidade de se fazer recortes no público pesquisado, bem como se definir períodos de inclusão do pesquisador dentro de uma comunidade por períodos mais curtos. Apesar destas reduções, mesmo assim as técnicas da etnografia podem ser aplicadas com ótimos resultados.

Para Tumulero (2019) a Etnografia através de pesquisas com viés etnográfico têm sido utilizadas em algumas instituições, com destaque a agências e empresas que trabalham com mídias sociais. Esse tipo de metodologia antes apenas conhecida dentro do universo acadêmico das ciências humanas, passou a ser usado, de forma adaptada, a integrar muitas análises e relatórios. Assim, ela pode auxiliar em geração de ideias para a inovação; desenvolvimento de novos produtos; novos usos para os produtos existentes; reposicionamento de produto; área de comunicação como criação de peças publicitárias ou reposicionamento de uma marca; obter informações comportamentais como: rituais, mitos, estilo de vida, modelos culturais encontrados nos ambientes de consumo.

Aqui de acordo com Tumulero (2019), existem exemplos de pesquisas etnográficas aplicadas ao estudo de consumidores da atualidade, com o viés tecnológico no consumo e sua observação pela Etnografia. Na análise de emoções de utilizadores da internet: a Etnografia como método de pesquisa pode ser aplicada para o estudo dos comportamentos de pessoas nas mídias sociais atuais.

Um exemplo da aplicação desta metodologia foi realizada por Loera (2015), que fez uma pesquisa com viés etnográfico, apresentado no artigo “Mecanismos Sociais da Reforma Agrária em São Paulo, pelo viés etnográfico”, realiza uma série de entrevistas durante diversas visitas ao grupo escolhido, sem ter morado em acampamentos de movimentos organizados para conquista de terras.

Dessa forma, conseguir entender o processo pelo qual as relações sociais se estruturaram e como funcionava a lógica administrativa e a forma de viver das pessoas envolvidas nesse movimento, é o principal propósito desse estudo com viés etnográfico (LOERA, 2015).

Outra característica de uma pesquisa acadêmica com viés etnográfico é a análise dos dados, que em alguns casos exige muito mais tempo do que a coleta e descrição. A análise e a interpretação podem dispendar muitos dias segundo MOREIRA; CALEFFE (2006). Os dados qualitativos não oferecem estrutura estatística, assim, os pesquisadores precisam “[...] buscar padrões de linguagem e

comportamentos que proporcionem uma visão das preocupações e funções do grupo” (MOREIRA; CALEFFE 2008, p.87).

Com relação às entrevistas com pessoas da comunidade, aplicou-se então uma abordagem de viés etnográfico, sem a intenção de se realizar um estudo etnográfico clássico.

De acordo com Tumulero (2019), um estudo etnográfico tradicional realizado por antropólogos é desenvolvido num processo de imersão total, quando o pesquisador passa a viver numa comunidade por meses ou anos. No caso da pesquisa com viés etnográfico Loera (2015), a técnica seria a utilização de recursos da etnografia, mas não deixando o pesquisador residindo numa comunidade por um longo período de tempo, mas o estudioso visita a comunidade várias vezes e procura se inserir e entender os entrevistados de uma forma mais ampla e detalhada, dentro da medida do possível.

Assim, as entrevistas com viés etnográfico, *in loco*, são para conhecer os sujeitos, suas emoções, seus sentimentos e memórias, os quais se convencionaram abranger em uma palavra, a percepção. A diferença entre as entrevistas convencionais está, justamente no fato de que não necessitam de um período de convivência com os entrevistados, nem da ambientação do entrevistador no lugar onde o entrevistado habita.

Além disso, também se fez uso do método observacional durante as visitas a Morretes e principalmente durante a aplicação dos instrumentos de coleta de dados, conforme se expõe a seguir:

O método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos curiosos. Por outro lado, pode ser considerado como o mais primitivo, e conseqüentemente o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais. Há investigações em ciências sociais que se valem exclusivamente do método observacional. Outras utilizam-no em conjunto com outros métodos. E pode-se afirmar com muita segurança que qualquer investigação em ciências sociais deve valer-se, em mais de um momento, de procedimentos observacionais (GIL, 2008, p. 16).

Outro elemento importante nas entrevistas foi a utilização da técnica de entrevistas semiestruturadas.

A técnica semiestruturada é o meio-termo entre a entrevista estruturada e a não estruturada. Dessa forma, o entrevistador é livre para deixar os convidados a

desenvolverem as questões da maneira que quiserem. Permite o esclarecimento de qualquer tipo de resposta quando necessária; é mais fácil de ser analisada do que a entrevista não estruturada, mas não tão fácil quanto a entrevista estruturada (MOREIRA; CALEFFE, 2008).

Já a entrevista “Padronizada ou Estruturada”, que é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas (LAKATOS; MARCONI, 2017)

As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e agosto de 2019 e as mesmas duraram entre quinze a trinta minutos, dependendo da disponibilidade de conversar de cada entrevistado. As conversas foram gravadas em áudio e depois transcritos em parte, com o processador de textos Google Documentos. Os entrevistados demonstraram gostar de participar da atividade, o que possibilitou uma aproximação com a população e um maior entendimento do que as pessoas pensam e sentem sobre a sua cidade e a sua vida.

Procurou-se aplicar perguntas sobre a preparação da comunidade para se enfrentar possíveis desastres, bem como nas condições para que as pessoas possam se prevenir de tais problemas.

Nos resultados das entrevistas foi realizada a interpretação e adaptação dessas falas para o formato de textos, para facilitar o registro e a análise os quais estão no apêndice desta pesquisa. Realizou-se um estudo das respostas fazendo-se comparações entre as falas dos voluntários.

As entrevistas foram feitas com perguntas iguais a todos, porém em alguns casos, algumas perguntas complementares foram sendo formuladas no transcorrer da abordagem, para que fosse possível o melhor encaminhamento do entendimento do entrevistado com relação ao assunto que estava sendo tratado.

Com relação aos métodos de escolha dos entrevistados, importa mencionar que o método de Snow Ball Sampling (Bola de Neve) foi utilizado, pois a indicação de pessoas que tenham vivenciado as mesmas circunstâncias de riscos a desastres naturais é importante para o conjunto dos pesquisados.

Conforme Biernack e Waldorf (1981), Snow Ball Sampling é um método para identificar pessoas de destaque dentro das comunidades, para montar eventuais conexões. E, de acordo com Baldin e Munhoz (2011), outras pessoas importantes

para a pesquisa podem contribuir de forma significativa com informações sobre o assunto investigado pelo pesquisador.

Para atender aos demais objetivos específicos do presente estudo, foram pesquisadas informações de alguns órgãos competentes e de seus representantes sobre as questões de riscos a desastres naturais através de visitas a bibliotecas e de aplicação de entrevistas a alguns gestores.

No QUADRO 06 relacionamos os objetivos definidos e as técnicas de coletas de dados utilizadas no transcorrer da pesquisa.

QUADRO: 06 – OBJETIVOS DA PESQUISA E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS UTILIZADAS DURANTE O ESTUDO.

<b>Objetivos</b>	<b>Técnicas metodológicas utilizadas para atingir o objetivo</b>
1. Identificar quais os tipos de desastres naturais ocorrem ou podem ocorrer no município de Morretes.	Pesquisa bibliográfica, questionário com estudantes, entrevistas com moradores.
2. Avaliar como os turistas e moradores locais de Morretes podem ser afetados por desastres naturais. Identificar a percepção de turistas e moradores locais sobre serem afetados por esse tipo de desastres.	Questionário on-line, entrevistas com moradores locais, entrevistas com gestores locais, questionário aplicados aos estudantes, formulário com empresários.
3. Identificar a existência de políticas públicas e medidas da prefeitura e do setor privado, para minimizar os possíveis impactos de futuros desastres naturais no município de Morretes, com relação às atividades do turismo local.	Pesquisa bibliográfica, entrevista com o diretor do turismo de Morretes, entrevista com o presidente do Morretes Convention & Visitors Bureau, entrevistas com os moradores, questionário aplicados aos estudantes de ensino médio, formulário aplicado aos empresários.

FONTE: O autor (2020).

Em se tratando do tipo de pesquisa definida pela metodologia, esta é uma pesquisa qualitativa, mas também utilizou técnicas de pesquisa quantitativa. A



pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

A base quantitativa se refere à coleta dos dados fornecidos pelos entrevistados, por perguntas que forneceram dados numéricos para a construção de tabelas e gráficos, para posterior análise e interpretação.

#### 4.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada de acordo com cada tipo de instrumento, os quais foram escolhidos com relação às necessidades de adequação do público selecionado para a pesquisa como um todo.

A seguir, o perfil dos participantes dos questionários, formulários e entrevistas.

Com relação a prospecção com os moradores, foram escolhidos inicialmente os respondentes das entrevistas de forma aleatória, fazendo perguntas para identificar se tinham vivenciado alagamentos ou outros desastres naturais onde moram. O tempo de residência em média dos entrevistados era superior a dez anos de moradia em bairros onde é mais provável a ocorrência das enchentes.

Os respondentes de pesquisa on-line também declararam estar a maioria na classe média e possuindo curso superior e moram em grande parte na região Sul do Brasil.

Com os entrevistados no Colégio Rocha Pombo, os alunos tinham idades na maior parte superior a 18 anos e faziam um curso técnico noturno, mas o colégio, apesar de estar em um município considerado turístico, pelo que foi constatado, não oferece cursos voltados ao setor do turismo.

A escolha do representante do Morretes Convention & Visitor Bureau se deve a ele ser um empresário proprietário de um restaurante e o Morretes Convention & Visitors Bureau representar a maioria dos empresários ligados ao turismo no município.

FIGURA 08 – PÚBLICO PESQUISADO



FONTE: O autor, 2020.

Entrevistas com moradores de Morretes residentes em áreas de risco de desastres naturais em bairros da cidade de Morretes

As entrevistas com viés etnográfico com os moradores foram feitas em bairros de risco de desastres naturais, sendo realizadas mais de dez visitas ao município especificamente para realizar o número de encontros necessários, além de outras para o estudo e análise dos locais escolhidos. As perguntas foram iguais a todos os entrevistados, mas dependendo de cada um, foram sendo acrescentadas algumas perguntas para se entender melhor situações pontuais.

As visitas com moradores foram feitas nos bairros onde a incidência de enchentes é mais frequente, como nos bairros Ferroviário e do Rocio. Em alguns bairros devido ao relevo plano e a existência de pequenos rios naturais, é comum o transbordamento durante períodos de chuvas fortes.

Antes de serem aplicadas as entrevistas realizou-se quatro visitas a campo para conhecer melhor os bairros com ocorrência de inundações, bem como aconteceram outros retornos aos locais de estudos, após a realização das entrevistas.

Desta forma, procurando entender como é a percepção dos moradores do município de Morretes, escolheu-se algumas pessoas residentes em lugares de riscos de desastres naturais e que são áreas de circulação de turistas para se realizar as entrevistas. Aplicou-se um conjunto de perguntas para entender o atilamento desses indivíduos com relação a esses locais onde moram a respeito aos desastres naturais e a sua influência nas atividades turísticas.

O universo da pesquisa com as entrevistas compreendeu moradores de Morretes que presenciaram eventos de desastres naturais. Analisou-se as respostas de alguns moradores com relação a como eles fazem a percepção no local em que vivem e de quais maneiras poderiam ter sido afetados, prevenidos, e atendidos durante e depois dos eventos climáticos perigosos. Também foi analisado como eles entenderam e perceberam os fenômenos da natureza, ou alguns eventos climáticos importantes durante o tempo que moram nestes locais.

Os primeiros entrevistados foram sendo contatados nos bairros através de perguntas que buscavam saber se estes tinham vivenciado as situações de inundações, e a partir do primeiro, solicitando-se sugestões de outras pessoas que também passaram pelo problema das chuvas torrenciais e das enchentes dos rios, assim foram se ligando participantes para outras entrevistas com a técnica de Bola de Neve.

As conversas investigativas foram realizadas preferencialmente com pessoas acima de 18 anos e com longo tempo de moradia nos locais. Também se procurou diversificar os entrevistados de acordo com as possibilidades, para se obter informações relevantes sobre a percepção com relação a desastres naturais ocorridos no município. Foram entrevistadas três pessoas do sexo masculino com 61, 52 e 35 anos de idade, e cinco pessoas do sexo feminino com 62, 53, 51, 50 e 18 anos de idade.

Foram entrevistados oito moradores, mas seus nomes não serão divulgados para preservar a privacidade dos mesmos. Eles serão identificados como entrevistados A, B, C, D, E, F, G e H.

A seguir, a lista das perguntas básicas feitas aos moradores de Morretes nas entrevistas sobre percepção dos desastres ambientais que influenciam a vida dos moradores e o turismo no município de Morretes. A entrevista foi projetada para ser de forma semiestruturada dando condições de surgirem novas perguntas de acordo com o desenvolvimento da entrevista.

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade e onde você nasceu?
3. Há quanto tempo mora em Morretes?
4. Quais as lembranças você possui dos desastres naturais ocorridos no município como: chuvas, enchentes e deslizamentos ou outros tipos?
5. Sente-se seguro no local onde mora hoje com relação às ocorrências de desastres naturais?
6. Qual é o risco específico aqui?
7. Qual é o tipo de risco você se sente mais exposto?
8. Qual o principal motivo em relação ao risco?
9. Percebe alguma diferença no clima de antigamente com os dias de hoje?
10. Em sua opinião a comunidade está preparada para agir em caso de desastre naturais?
11. Como a comunidade deveria se preparar para agir em caso de desastre natural?
12. De que maneira você percebe que esses eventos podem afetar a vinda de turistas para sua cidade?
13. Conhece algum tipo de ação, o plano de prevenção a desastres naturais para o município pela defesa civil, prefeitura, polícia, meio ambiente ou outros órgãos do governo?
14. Quais deveriam ser as ações ou planos dos órgãos da administração pública para diminuir os impactos de desastres naturais no município, em sua opinião?

#### 4.3 PESQUISA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO TÉCNICO NOTURNO EM MORRETES-PR

O estudo feito com alunos do ensino médio noturno foi realizado no Colégio Estadual Rocha Pombo, no centro de Morretes. O questionário foi aplicado para entender o processo da percepção dos efeitos de determinados fenômenos da natureza, dos riscos a desastres naturais e de eventuais catástrofes da natureza, realizou-se uma pesquisa através de um questionário com 47 estudantes, em duas turmas do período noturno, moradores locais de Morretes.

Utilizou-se perguntas para resgatar memórias e sensações de locais específicos do município, e também se utilizou fotografias para esse propósito.

A pesquisa detectou pelo método observacional Gil (2008), e de observação direta empírica na escola, entre muitas coisas, que poucos alunos entrevistados têm contato direto com atividades de turismo na cidade. Entre as perguntas destacou-se as que inquiriram com relação à percepção à riscos de desastres naturais e os impactos desses desastres no turismo do município.

Os estudantes responderam aos questionários durante um período de 50 minutos de aula.

#### 4.4 PESQUISA ON-LINE COM TURISTAS E VISITANTES DE MORRETES.

Para a aplicação dos questionários on-line foram enviados convites através de redes sociais para pessoas que visitaram Morretes nos últimos anos. Desta forma, todos os que participaram tiveram uma experiência de turismo no município. A pesquisa on-line constituiu-se de duas etapas, uma inicial em 2019 onde o questionário foi aplicado em caráter de pesquisa pré-teste para 20 voluntários, e a segunda parte foi aplicada em 2020 com um número maior de respondentes.

Foram respondidos 280 formulários na segunda fase. É importante ressaltar que as diferenças percentuais nas respostas entre os dois momentos da pesquisa foram muito pequenas. Também percebemos que os respondentes on-line demonstram preencher os questionários com mais disposição ou com maior interesse, e de forma mais tranquila, diferentemente do convidado presencial, que geralmente nega a participar das pesquisas ou quando respondem, não querem passar muitos minutos preenchendo os questionários ou formulários, pois estarão perdendo tempo do passeio, bem como estão sendo restringidos de momentos de lazer e privacidade.

#### 4.5 ENTREVISTAS COM GESTORES DE TURISMO DE MORRETES

Os encontros para as entrevistas foram agendados com antecedência e estruturadas de forma a poderem ser incluídas questões complementares, além das perguntas criadas antecipadamente. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para texto por softwares adequados. Os nomes dos entrevistados não

serão divulgados apenas seus cargos ou função administrativa, para preservar a privacidade.

#### 4.6 ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO MORRETES CONVENTION & VISITORS BUREAU 2019.

O presidente do Morretes Convention &Visitors Bureau nos concedeu a entrevista em seu restaurante em agosto de 2019:

- “Acreditamos que deveria ter existido uma assessoria de imprensa da prefeitura mais estruturada na época, para ter mostrado a resiliência, a reconstrução e que a retomada de atividades foi de forma rápida e que o município voltou a plena condição a atender muito bem os turistas e clientes. Logo depois das chuvas, é claro, existiram problemas nas comunidades e regiões afetadas onde aconteceram os deslizamentos, e foram graves. Mas as quedas de barreiras de estradas foram rapidamente liberadas.

Acho que não ficou nenhum estigma negativo para o município, isso ficou para trás, pois já ocorreram tantas enchentes. Não é porque os alagamentos de 2011 que foram os maiores, com deslizamentos, tenha marcado negativamente Morretes para sempre.

Atualmente temos um planejamento e a Defesa Civil é atuante, o Corpo de Bombeiros é capacitado e oferece serviços, como por exemplo, de alerta de cabeça d’água. Também cuidam de pontos de riscos de afogamento com guarda-vidas.

Isso vem melhorando, não que ele seja totalmente perfeito e adequado em todos os setores, com certeza existem falhas. Atualmente os empresários estão mais participantes, mais unidos.

Um exemplo são os empresários filiados ao Morretes Convention e Visitors Bureau, nós temos cadeira no Conselho de Saúde e nós pleiteamos um sistema de rápido atendimento aos casos de acidentes ou de mal súbito de turistas, nós temos cadeira, claro, no Conselho de Turismo, e nós temos relacionamento com os Conselhos de Meio Ambiente e com os Conselhos de Segurança. Então existe sim, esse papel que é de proteger o turista. É essa é a visão do Convention e do COMTUR que é o Conselho Municipal de Turismo, então, ainda não é totalmente desenvolvido



como deveria ser, mas está avançando, e está avançando para uma qualidade interessante!”

#### 4.7 ENTREVISTA COM O DIRETOR DO TURISMO DE MORRETES

A entrevista foi cedida na Secretaria de Turismo de Morretes em agosto de 2019.

Fez-se questões com relação impactos dos desastres naturais e dos acontecidos com alguns casos de inundações devido às chuvas torrenciais que aconteceram no município, principalmente as ocorridas em 2011 (SILVEIRA et al, 2019).

#### 4.8 FORMULÁRIO DE PERGUNTAS COM EMPRESÁRIOS LOCAIS.

Os formulários com os empresários foram aplicados durante dois dias de visita, os quais não foram no final de semana, exclusivamente para a utilização desses instrumentos de coleta de dados.

Foram escolhidos locais como restaurantes, lanchonetes, cafés, bistrôs e lojas de lembranças, por serem os estabelecimentos mais procurados pelos turistas.

Aplicou-se os formulários em torno de 60% dos restaurantes da cidade. Foi possível, além da aplicação dos formulários, desenvolver um diálogo com os entrevistados, quando se pode fazer diversas perguntas complementares aos pesquisados, o que possibilitou a obtenção de outras informações de forma oral. Foi necessário, na maioria dos casos, marcar um horário para fazer a visita, pois na maior parte do tempo os empresários, proprietários ou gerentes, estão envolvidos na preparação das refeições antes das 11 horas. Também durante o período da recepção dos fregueses para o almoço, entre as 11 horas e as 15 horas não atendem pessoas com outros interesses que não sejam relacionados aos serviços aos seus clientes. A partir das 16 horas, muitos já deixavam o local de trabalho para realizarem outras atividades, assim constatou-se que é muito difícil dos responsáveis disponibilizarem um tempo para responder os formulários.

Com relação à localização dos empreendimentos visitados, estavam todos na área central ou turística da cidade.

As pessoas que forneceram informações foram proprietários ou gerentes, mas não serão informados seus nomes nem o dos estabelecimentos para preservar a privacidade dos mesmos, bem como para que as informações sejam transmitidas sem receios. O universo da pesquisa com os formulários a empresários foi de 20 respondentes.

Para a coleta de dados com relação as percepções que os empresários de Morretes envolvidos com o setor turístico têm a respeito dos problemas de ordem natural, foi aplicado um formulário presencial com algumas perguntas sobre o tema.

Com relação à aplicação, foram dezessete restaurantes, uma lanchonete, um café e uma loja de lembranças. Quanto a função administrativa dos entrevistados na maior parte dos casos os próprios proprietários eram os responsáveis pela administração do estabelecimento comercial, sendo onze proprietários e nove gerentes que responderam ao formulário.

Esse capítulo abordou os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa. No próximo capítulo será realizada a análise e discussão dos dados.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados e informações obtidos podem ser comparados com os apontamentos realizados pelos textos utilizados para a discussão conceitual, quer sejam de Ritchie ou de Glaesser, bem como o dos demais autores que abordam o tema.

A análise dos dados foi pautada principalmente com os resultados encontrados após as visitas a campo e aplicação de vários instrumentos de coleta de dados como pesquisa on-line, entrevistas, aplicação de formulários e de questionários a diferentes tipos de grupos ligados ao turismo.

Foram realizadas visitas na prefeitura, biblioteca pública e a secretaria de Turismo de Morretes onde realizou-se pesquisas e entrevistas. Desta forma, os principais dados coletados foram com visitas a campo para aplicação de instrumentos de coleta de dados com moradores e empresários e de forma indireta com os turistas e visitantes de Morretes. A seguir serão apresentadas as análises realizadas com os dados coletados juntos aos entrevistados. As análises foram feitas com o auxílio do Google Forms e de planilha eletrônica para compilar dados tabulados e realizar várias análises disponíveis.

As primeiras análises tratam das entrevistas com moradores, depois dos questionários aplicados a alunos de ensino médio profissionalizante, a pesquisa on-line com turistas e entrevistas com o presidente do Morretes Convention & Visitors Bureau e com o diretor de Turismo de Morretes. Essas análises vão ao encontro dos objetivos propostos pelo presente trabalho, os quais dizem respeito aos desastres naturais e suas influências às atividades turísticas e aos visitantes bem como os turistas têm a percepção dos riscos a desastres naturais.

### 5.1 ENTREVISTAS COM OS MORADORES DE MORRETES

Apresentamos aqui um perfil sobre os entrevistados.

Entrevistado A, é uma senhora de 50 anos que nasceu em Antonina e que se mudou para Morretes aos seis meses de idade. Ela é dona de casa e mora no bairro Ferroviário há praticamente 50 anos. A família construiu a casa com pilares mais altos

do que o normal para evitar que a água entre dentro da residência nos dias de inundação.

Entrevistado B, é um senhor de 52 anos que nasceu em Morretes e viveu na cidade praticamente toda a sua vida. Atualmente está aposentado e passa os dias conversando com os vizinhos e procurando melhorar o bairro onde vive. Presenciou muitas enchentes durante o tempo que mora no bairro Ferroviário.

Entrevistado C, é um senhor de 35 anos e atualmente é proprietário de uma mercearia no bairro Ferroviário e mora há 15 anos em Morretes. Conhece muitas pessoas do bairro e fala que existe muito receio das enchentes sempre quando começa a chover.

Entrevistado D, é uma moça de 18 anos e que nasceu em Morretes. Apesar de jovem já viu muitas enchentes e relata se lembrar muito bem as chuvas de 2011.

Entrevistado E, é uma senhora de 68 anos de idade e mora em Morretes há 28 anos. Atualmente trabalha em uma pousada que pertence à família no bairro do Rocio. Comentou que no bairro ocorre enchentes, mas não onde a pousada se localiza. Disse que os turistas desmarcam as reservas quando começa a chover muito, nos finais de semana.

Entrevistada F, é uma senhora de 51 anos e seus pais já moravam em Morretes quando ela nasceu. Já viu muitas enchentes e períodos de chuvas fortes durante a sua vida na cidade. Atualmente mora no bairro Barro Branco, onde também ocorrem enchentes, mas que não atingem a sua residência. Teve contato com muitas cabeças d'água durante a sua vida.

Entrevistada G, é uma moradora, a qual nasceu em Morretes e tem 53 anos. A sua família mora na cidade ao menos desde seus avós. Vivenciou muitas inundações e lembra muitas coisas sobre as enchentes desde a infância. Perdeu seus bens nas chuvas de 2011 e ainda reside em local de riscos a enchentes até hoje. Também teve muitos contatos com as cabeças d'água.

Entrevistado H, nasceu em Morretes e sempre morou no município. Tem atualmente 61 anos de idade e reside atualmente no bairro do Rocio. Ele se lembra de muitas enchentes, principalmente dos casos em que aconteceram algumas cabeças d'água.

Será apresentado a seguir, por temas, o que foi perguntado aos entrevistados e as respectivas análises.

Com relação às lembranças dos desastres naturais ocorridos no município:

Foi unânime que as chuvas e inundações são os eventos mais lembrados pelos entrevistados. Todos os anos o receio das enchentes volta nos meses de verão.

Entrevistado B: “ ... a coisa que mais me marcou foi essa enchente de 2011. Eu me lembro de outras enchentes, mas, data não sei. Mas não foram com essa a grandeza como foi a de 2011”.

Entrevistado C: “O último desastre que teve aqui foi o que rompeu a barreira lá em cima, na serra em 2011. E aí, aonde que alagou a cidade inteira! No centro da cidade os bombeiros andavam com barco para se locomover”.

Entrevistado F: “Muitas enchentes graves, lembro que teve em 1969, teve 1989 também, mas já teve outras menores, né? A última foi em 2011, bem grande, bem complicado. Só teve um único bairro mesmo, que não atingiu, foi lá onde eu moro, no Barro Branco”.

Entrevistado G: “Quando eu era criança tinha enchentes pequenas, aquelas que vem só no quintal, que fica na porta. Lembro daquele movimento todo mundo andando na cidade cheia de água, e na casa da minha avó, que é na Estrada da América, que pegando a trilha, a gente ia ver a água entrando dentro da casa dela”.

Entrevistado H: “Eu me lembro da enchente de 1969 que foi uma enchente muito grande perto do natal, que fez aqui em Morretes. Tem um local chamado Floresta aqui, como quem vai para Paranaguá, que tinha uma vila de moradores que a água destruiu inteira! Até acabou morrendo gente nessa vila ali para cima”.

Ficou evidente que para os entrevistados a maior preocupação bem como as maiores lembranças são com os alagamentos periódicos que acontecem no município e na cidade de Morretes. As datas nas recordações dos entrevistados nem sempre coincidem, pois já se passaram alguns anos ou décadas dos episódios, mas a que aconteceu em 2011, é unânime. No conjunto de depoimentos ficou claro os problemas que acontecem durante as enchentes, cada um declarou uma situação em que estiveram num dia de cheia dos rios. Pessoalmente é interessante sentir a emoção

durante os relatos e ouvir sobre a fatalidade das coisas, bem como do desejo de se resolverem os problemas.

Alguns entrevistados como os entrevistados F, G e H contam que a duas ou três gerações suas famílias estão participando dos ciclos de enchentes em Morretes.

Com relação ao sentir-se seguro no local onde mora com respeito às possíveis ocorrências de desastres naturais:

A maioria dos entrevistados disseram que não se sentem seguros, pois não sabem se quando chove os rios vão subir rapidamente, principalmente durante à noite.

Todos sabem que onde moram, poderão ocorrer novas enchentes.

Entrevistado B: “Eu não me sinto seguro, tô sendo sincero, não me sinto em qualquer tipo de problema com relação às chuvas”.

Entrevistado A: “Sim me sinto. Onde tem enchentes é mais ali em frente, perto da caixa d'água. Aqui a gente construiu pilares mais altos para evitar as enchentes. Aqui do lado tem esse riozinho que enche quando chove muito”.

Entrevistado G: “Praticamente a cidade toda não te dá segurança. Eu sempre me criei com enchentes, e quando eu era criança eu gostava. Agora adulta eu tenho muita preocupação por causa do estrago muito grande que faz na vida da gente. Destrói tudo, estraga tudo. A de 2011 a água subiu até no telhado da casa que eu morava, então nós perdemos tudo”.

A maioria dos entrevistados declarou que ainda não estão seguros em morar nos lugares em que residem atualmente. Como a entrevistada B declara, não se sente segura, pois as enchentes são cíclicas, e apesar de acontecerem as inundações mais frequentemente no centro da cidade, quando ocorrem períodos de chuvas mais fortes, os rios e riachos transbordam, atingindo alguns dos bairros. Desta forma, grande parte da população de Morretes está sujeita a inundações devido a existência de rios e riachos e do relevo plano do sítio da cidade.

Provavelmente quando novos períodos de grande intensidade de chuvas acontecerem novamente, será inevitável novas inundações.

Ficou muito claro o medo das águas subirem durante à noite, horário onde as pessoas estão menos atentas aos processos da natureza.



Sobre quais são os riscos específicos no local onde moram:

Responderam que as enchentes são o principal problema da cidade e dos bairros onde residem.

Entrevistado F: Sobre os riscos, comenta especificamente sobre o fenômeno local da cabeça d'água, citando que:

- A cabeça d'água de repente é como um filme de terror, nossa isso é muito perigoso, ela é assustadora, é um filme de terror!

“A pessoa está sentadinha tomando banho de sol e não percebe que o rio tá crescendo, e daqui a pouco bem uma explosão de água. As pessoas, comendo um churrasquinho não veem que aquela água tá vindo um pouco mais turva, um pouquinho mais escura, daqui a pouco já vem umas folhinhas na água, mas as pessoas não notam que o rio está subindo, tá crescendo lentamente”.

“Tem placas avisando da cabeça d'água, mas mesmo assim as pessoas acham que nunca vai acontecer e acontece! Que nem aqui, as pessoas que acabam falecendo em Morretes por causa da cabeça d'água ou afogamento, a maior parte são de turistas, porque eles acham que não é tão perigoso assim! E a gente que já conhece todos os locais que são perigosos, né? Já sabemos os locais que tem os riscos”.

Entrevistado H: “Eu acredito que seja chuva mesmo. Porque tipo assim, a nossa cidade vizinha aqui do lado teve morros que vieram abaixo, inclusive soterrando casas e matando gente!

Em 2011 nós tivemos os três rios com cabeça d'água. Cabeça d'água sempre tem em Morretes, mesmo quando não dá enchente. Tem ali no São João, no Porto de Cima, a gente sabe por que o rio fica escuro, sobe rápido, e vem os troncos de árvores, e fica escura a água”.

Segundo os entrevistados, os riscos mais evidentes do município de Morretes são as chuvas torrenciais que geram as enchentes, cabeças d'água e desmoronamentos em diversos locais, inclusive na área urbana.

Destacamos os depoimentos do entrevistado G e do entrevistado H que explicaram melhor sobre o fenômeno cabeça d'água, inclusive citando que este fenômeno pode acontecer depois de muitos dias de chuvas, e não somente numa chuva de verão, de um único dia e em poucas horas. Em 2011, segundo o entrevistado H, tanto o rio Nhundiaquara apresentou o fenômeno da cabeça d'água como o rio Marumbi, o que influenciou para a grande inundação da sede do município.

Sobre o tipo de risco a que se sentem mais expostos:

Entrevistado G: “As chuvas, e já vem as inundações. Quando começa a chover por uns três dias sem parar, todo mundo já fica tipo assim, vamos levantar acampamento, né? E as pessoas já começam a erguer as coisas. A Defesa Civil já começa avisar, agora nós temos a rádio, aí também a polícia que avisa. E as pessoas que moram nas baixadas, assim, já começam a erguer as coisas, já começam a sair das casas, daí já vão tudo para o alto da igreja. Às vezes sabe, conforme o local que moram né, até o centro da cidade alaga”.

Entrevistado A: “Aqui seria mais, caso, das enchentes mesmo, quando chove forte”.

Entrevistado B: “Porque temos muitos afluentes da serra, nós somos cercados de rios e veja bem, nós temos um rio que já corta a cidade, nós temos o rio do Pinto, nós temos o rio Marumbi e fora os grandes, temos os pequenos que são esses aqui, (mostrou com a mão um riozinho próximo) que quando chove muito enche. Aqui no Rocio o problema aqui é natural mesmo, é climático, mas aí não está relacionado com lixo, é natural mesmo. É água mesmo”.

Entrevistado C: “As chuvas e enchentes, mesmo”.

Entrevistado D: “Aqui a gente tem medo mesmo é da chuva sim, da enchente!”

A inundação é o risco mais evidente e declarado pelos entrevistados. O clima, a hidrografia e o relevo são favoráveis aos alagamentos, elementos que não foram analisados, ou levados em consideração quando os assentamentos foram se organizando ao longo do tempo. A topografia da área urbana é plana e apropriada para se viver nos dias secos, que ocorrem na maior parte dos dias do ano, e na maior

parte dos anos, mas quando chegam os tempos de chuva, a região passa a ser perigosa para a população e turistas que estiverem nas áreas de risco. Ficou perceptível nas conversas com os entrevistados que o receio das enchentes faz parte da vida dos morretenses, mas que eles estão impotentes para resolver o problema, quer seja por parte da administração pública ou por eles mesmos, assim parece que eles esperam a vinda das inundações para ver o que fazem nestes momentos.

Para os entrevistados as chuvas torrenciais e enchentes dos riachos e rios na região são o maior problema.

Com relação aos principais motivos que geram riscos de desastres naturais em Morretes:

As respostas foram que o relevo plano propicia o alagamento das margens dos rios e riachos e que muitos bairros foram construídos em áreas de inundação.

Entrevistado A: “Acho que é o lixo que jogam nos rios, a prefeitura tem que limpar os rios, as pessoas não deveriam jogar nos rios o lixo.”

Entrevistado D: “Eu acredito que é a falta, assim, de criar alguma coisa nos rios, afundar os rios, alargar para que tenha mais deságue, mais vazão! Eu acho que resolveria bastante, mas eu acho que daí, tem um monte de problema! O IAP (Instituto Ambiental do Paraná), não consegue liberar os rios, aí os rios não conseguem vencer o tanto de água que desce da serra. (Com relação a fazer o desassoreamento dos rios)”

Entrevistado E: “Chove muito e a cidade é baixa. E talvez os rios não tenham sido dragados há muito tempo né, então causam as enchentes, porque se tivesse uma limpeza nos rios, uma dragagem para tirar barreira né, talvez escoassem melhor às águas”.

Entrevistado G: “As chuvas aqui fazem enchentes porque nós estamos numa cidade que é cercada de morros e é também cheia de rios, uma cidade pequena rodeada por muitos rios. Se encher os dois rios maiores, com certeza não tem como escapar, a natureza é o máximo. Assim quando tá enchendo o rio, os vizinhos vão avisando o um ao outro, é assim que a gente se vira”.

Entrevistado H: “Nós moramos numa cidade que é cercada de rios e morros. Morretes fica numa região meio baixa. Tanto é que no verão, quando faz calor, muito calor, nós temos um calor muito intenso aqui. E, por que o vento, quando dá um

temporal forte, a ventania essas coisas, o vento passa meio por cima por causa dos morros. Mas eu acredito que a maior preocupação mesmo aqui é a enchente, aqui quando vem, ela judia mesmo. Esses vendavais que dão em outras cidades, aqui não vem, porque elas passam meio por cima, assim”.

Sobre os motivos pelos quais existem as enchentes, percebeu-se que existe um senso comum nos entendimentos, e ficou claro que todos sabem que o relevo da cidade é o principal motivo para os alagamentos. Alguns citaram que o assoreamento dos rios e a quantidade lixo poderiam ser motivos para as inundações, mas a questão do lixo não é um problema real. Sugerem que talvez uma limpeza e dragagem dos leitos poderiam resolver ou amenizar as enchentes. Desta forma, o relevo plano e os vários rios, associadas as chuvas torrenciais seriam os motivos principais das enchentes do ponto de vista dos entrevistados.

Se os entrevistados percebem alguma diferença do clima antigamente com o clima dos dias atuais:

A maior parte deles respondeu que acham que hoje chove mais forte, com mais intensidade do que chovia há algumas décadas. .

Entrevistado E: “Hoje sim né, hoje, acho que devido ao clima né, a desmatção, o próprio clima, como é que é? Temos menos matas hoje, né?”

Entrevistado D: “Não, a chuva continua a mesma coisa, não mudou, não mudou muita coisa. Mudou, aqui o clima, foi a época de sol que mudou bastante (verão). Aqui o sol, em vista de antes. Aqui esquenta bem mais! Morretes já é quente por natureza, assim, mas agora parece que tá pior!”

Entrevistada A: “Sim, hoje em dia chove mais forte no verão e chove mais tempo”.

Entrevistado B: “A gente percebe sim, que é fora de época ,né ? O tempo ele ficou destemperado, você por exemplo, veja bem Marcos, nós estamos no inverno, olha o clima como é que tá? Antigamente não estava assim não, não tava aquele frio, mas não tava aquele calor, por exemplo, chuva fora de época. Há 15 dias atrás tivemos uma semana com chuvas e chegou a entrar água no meu terreno de casa. Você vê a mudança climática”.

Os entrevistados responderam que sentem diferenças de tempos passados com os atuais com relação ao comportamento do clima local. Alguns declararam que acham que chove mais hoje no verão do que antes. Citou-se que faz mais calor hoje do que antigamente, e que as chuvas seriam mais concentradas atualmente do que em décadas passadas.

Sobre se a comunidade está preparada para agir em caso de desastres naturais:

Entrevistado A: “Não, eu acho que não estão. As pessoas não sabem que fazer, ou para onde ir em caso de chuva forte ou das enchentes”.

Entrevistado B: “Aqui em Morretes não, hoje praticamente as pessoas estão vulneráveis, né? As pessoas estão totalmente à mercê de uma situação dessas. Aí não tem diferença nenhuma de hoje para 2011. O medo continua”.

Entrevistado G: “Não, primeiro porque a gente não tem condições financeiras. Para se preparar teria que ser assim, construindo casas adequadas. Eu fiz uma casa, mas eu fiz somente com 30 cm de altura de pilar, para fazer maior eu tenho um gasto maior. Então se você não tá preparado financeiramente, você tem que contar com a sorte, né? Comprar banquetas, mesa grande que você coloca as coisas em cima, (para proteger da água) é isso!”

Entrevistado H: “Não, as pessoas não estão. Não estão mesmo, tanto é que essa última enchente de 2011, que veio de madrugada, pegou muita gente dormindo”.

As respostas de todos foram de que nenhuma comunidade do município de Morretes está organizada, nem mesmo orientada, principalmente os moradores da parte urbana.

Alguns entrevistados acreditam que os moradores não estão preparados para enfrentar as enchentes, quer seja na parte financeira, pois muitos são pobres, quer seja na parte de orientação, pois não estão informados ou não retêm as informações de como agir ou se prepararem para as enchentes.

Os que podem, constroem casas com pilares altos e mantêm em casa utensílios como bancos e cavaletes para colocar seus bens em cima e assim tentar deixá-los longe da água. Percebe-se que uma cultura das enchentes se instala na

comunidade de forma a deixar as pessoas presas a tipos de comportamento inadequadas com relação as formas corretas de se enfrentar os problemas das enchentes locais.

Na pergunta de como a comunidade deveria se preparar para agir em casos de desastre natural:

Entrevistado A: “Deveriam ter uma orientação para onde ir em caso de inundação”.

Entrevistado B: “Acho que a comunidade deveria se preparar no sentido de quem vai construir, na área de construção não faz uma construção baixa, faz uma construção alta para não ter problemas de perder as coisas de casa porque, o que teve de gente que jogou as coisas fora, ... Taí a Nanci (vizinha), que está de prova”.

Entrevistado C: “Olha, eu acredito que, depende de um estudo, né?

Sei lá? Uma parceria com os bombeiros, para ensinar os moradores. Até tem, no Porto de Cima, os bombeiros eles fazem tipo, como é que se diz? Um treinamento, né? Mas sobre treinamento em beira de rio, mas o povo em si não tem a noção do que fazer aqui na cidade! O bombeiro, ele dá um estudo, dá um treinamento na beira de rio. Ah! Tá vindo lá, como é que se fala? A cabeça d’água! E então orienta que fazer, né? Mas na cidade aqui o povo não tem o que fazer! Ah, Vamos para onde? Ah, vamos correr para onde? Fazer o que? Não tem! Vem a enchente, e começa encher, a única coisa que a turma faz é erguer os móveis para cima! E não tem mais o que fazer”!

Entrevistado E: “Acho que não seria a comunidade, seria a prefeitura, defesa civil, órgãos, apesar que, nós temos bombeiros hoje, antigamente a gente não tinha, né? Que eles atuam bem, né? Acho que nesses casos, assim os governantes deveriam atuar mais para prevenir essas enchentes.”

Entrevistado H: “Ah!!! Ninguém se prepara com isso. Somos pobres, não temos condições. Eu, por exemplo .... Quando morava na outra casa que entrava mais água, eu me preparava. Tinha bancos, eu tinha coisas que jogava em uma porta que ficava em cima de dois cavaletes, dava para erguer um sofá, um sofá grande e o outro por cima. Eu tinha essas coisas, e tenho até hoje. Também muitos pregos na



parede para pendurar as roupas. Só que não deu tempo de eu sair para ajudar ninguém. Em 2011 na minha casa não entrou água, faltou 10cm, mas eu ergui tudo!”

Se todo mundo tivesse condições de fazer uma casa mais alta, mas nem todo mundo tem. As pessoas não se preparam para essas coisas.

Foi citado que seria bom acontecer periodicamente treinamentos para os moradores, mostrando o que devem fazer durante os momentos de emergência. Citou-se que não existe um simulado para que as pessoas saibam para onde ir em caso de uma inundação durante a noite.

As sugestões de como a comunidade deveria se preparar para os dias de enchentes são desde existir orientações da prefeitura e dos órgãos públicos aos moradores de áreas de riscos a atitudes individuais. De acordo com alguns dos entrevistados, as atitudes de cada um deveria ser de preparar suas casas desde o momento da construção, com pilares altos.

Como paliativo, ter em casa, no caso das que foram construídas com pilastras baixas, bancos, cavaletes e mesmo pregos nas paredes para pendurar os pertences em dias de inundações.

Foi também citado que gostariam de saber para onde se dirigiram em caso de necessidade de abandonar as casas, e saber isso principalmente se precisarem abandonar suas residências à noite.

Quanto a questão com relação à maneira que se percebe que esses eventos podem afetar a vinda de turistas para sua cidade:

Os entrevistados responderam que as pessoas de outros locais sabem que acontecem enchentes em Morretes, e por esse motivo, quando surgem períodos de chuvas os visitantes cancelam suas viagens.

Entrevistado A: “Quando começa a chover os turistas não vem para cá porque tem medo das enchentes em Morretes”.

Entrevistado B: “Afeta, afeta! Porque o turista, ele vem pra quê? Ele vem pra ver as coisas aqui, para ver a paisagem. Ele vem para curtir a natureza, é o que Morretes oferece. É natureza e gastronomia, gastronomia e natureza. Se ele não vem para ver a natureza, para ele não interessa Morretes, entendeu”?

Entrevistado C: “Olha, eu acho assim, que a cidade de Morretes é provavelmente bem bonita, a falta de cuidado da prefeitura quando o turista vem, essa sujeira, que deixam, sabe? Tem um riozinho na vila Ferroviária que eles nem roçam ali, sabe? Fica muito feio, cheio de mato, e daí”?

Entrevistado D: “Acredito eu, que o medo da turma, né? Os turistas que vêm, eles, eles já têm uma visão de que Morretes é a cidade da enchente! Aí eles já vêm para cá, pô, támo no rio, meu, vamos sair porque vai dá cabeça d’água. Ah, támo na cidade, tá chovendo demais, vamos embora, porque, vai... é, é a cidade da enchente”!

Entrevistado E: “Afeta bastante, uma vez que começa, por exemplo, uma época de chuva, que nem agora essas duas semanas, já teve água aqui na rua, né? O turista hoje através da internet, né? Como a gente sabe de tudo, né? Acaba ficando sabendo, então ele acaba sabendo como a cidade está, a cidade que ele pretendia vir, ele sabe que tem perigo de enchente, ele não vem”.

Entrevistado F: “Por causa dos deslizamentos, e daí não tem mesmo como as pessoas virem para cá. As pessoas têm medo né? Assistem na televisão! Graças a Deus hoje em dia divulgam bem né? Sobre isso, as enchentes que teve no bairro da Floresta e rio Sagrado, ali foi horroroso, horroroso, carregou casas, troncos de árvores, foi muito feio. Antonina mesma coisa então, como que as pessoas vão vir para cá, então? Esse da Floresta foi à noite, de madrugada. A pessoa nem tá esperando, daqui a pouco né? Tá sendo arrastada! Você acha que isso é fácil”?

Entrevistado H: “A enchente de 2011 até deu um susto em relação a isso. Inclusive a cidade de Morretes vive do turismo e da agricultura. Os turistas ficaram assim, meio com medo de descer aqui, mas daí, os restaurantes se empenharam de ir na Serra Verde em Curitiba e andaram por lá fazendo palestras a respeito das enchentes daqui, dizendo que não havia perigo nenhum. O perigo ocorre quando chove, tipo assim, uma semana na serra de chuva forte, pesada. Mas quanto a isso, se não tiver, tanto que, óh! A enchente nossa foi em 2011, já estamos em 2019, então faz oito anos.

Eu acredito que não, porque desce gente aqui, do mundo todo! Não é só do Brasil, é do mundo todo. Eles vêm saborear o prato típico da região que é o famoso barreado. E depois eles vão conhecer outros lugares, tomar banho nos rios, tem boia

Cross, vão para as praias, conhecer a ilha do Mel. Tem vários lugares que eles vão. E a própria enchente chama a atenção dos turistas”.

As declarações dos entrevistados foram de que os turistas têm receio das chuvas e inundações que podem acontecer em Morretes, que isso não é um acontecimento regular, mas que ocorrem esporadicamente, e que não afeta de modo geral ao turismo por muito tempo. Quando se anunciam chuvas mais fortes, segundo o entrevistado E, os turistas até cancelam suas visitas a Morretes para evitar eventuais transtornos. Foi citado também que até o estigma de cidade das enchentes chama a atenção dos turistas, pois muitos querem visitar a cidade para ver como ela ficou depois de alguma enchente.

O entrevistado H citou que a cidade tem um poder de atração não só para turistas brasileiros, mas para turistas do mundo todo, e que as belezas e atrativos do município estimulam os interesses pelas visitas. Fica a ideia de que as áreas turísticas são rapidamente recuperadas, não atrapalhando significativamente as atividades da cidade por muito tempo.

Sobre se os entrevistados conhecem algum tipo de ação, plano de prevenção a desastres naturais para o município pela defesa civil, prefeitura, polícia, meio ambiente ou outros órgãos do governo:

As respostas da maioria foram que não conhecem, mas que podem existir. Um dos entrevistados, Entrevistado C, citou que o corpo de bombeiros faz simulados para os moradores de comunidades, como no rio Sagrado e Porto de Cima mas que nos bairros da cidade não fazem.

Entrevistado A: “Só comentam alguma coisa, mas eles não vêm de casa em casa para explicar se tem algum projeto”.

Entrevistado B: “Então, aqui tem o projeto do IAP, Instituto Ambiental do Paraná, esse Instituto Ambiental do Paraná, eles estão sempre supervisionando as margens dos rios, as lavouras, as pessoas. Eles dão apoio, nesse sentido sim, tanto é que, para você cortar uma árvore, dependendo da situação, você vai ter que tirar autorização de lá no IAP. Nessa parte aí eles são bem rígidos”.

Entrevistado C: “Ah, eles até tentam, é? A Defesa Civil, quando tá com muita enchente, eles começam a avisar, né? Facebook, tal, a gente sempre tá olhando!

Eles, os bombeiros também sempre avisam, se começa a dá risco de enchente, nos rios, tal. Eles sempre tão avisando o povo, a população. Mas eu acredito que seja pouco. O único jeito seria mexer no rio, mexe, afunda, mexe no rio, nas saídas pro mar, alguma coisa nesse sentido, né”?

Com relação ao conhecimento de atividades de orientação dos órgãos públicos nem todos os entrevistados sabiam com certeza da existência de programas de orientação aos moradores. Os entrevistados A e B falaram que ouviram alguma coisa, mas que efetivamente não sabem da existência para o lugar onde moram sobre algum projeto. Dessa forma, ficou claro que existe a falta de comunicação entre os órgãos públicos, para com a população, de formas de relacionamentos mais eficientes com as populações das áreas de risco. Para as áreas rurais, pelas declarações, existe uma atenção mais frequente e direta.

O entrevistado D citou que existe um canal de comunicação pelo Facebook que pode ser utilizado pela prefeitura para mandar mensagens aos moradores.

Perguntando-se quais deveriam ser as ações ou planos dos órgãos da administração para diminuir os impactos de desastres naturais no município.

Os entrevistados disseram que esperavam que existisse visitação nos bairros por parte da Defesa Civil ou dos bombeiros para falarem o que devem fazer durante uma enchente. Os moradores querem saber para onde devem se dirigir em caso de emergência. Poderia existir uma sirene ou uma forma padronizada de informação.

Entrevistado A: “Não deveriam deixar as pessoas jogarem lixo nos rios, deveriam orientar as pessoas a morar em lugares mais altos. Deveriam vir aqui explicar o que fazer em caso das chuvas fortes e o que fazer quando acontecem as inundações”.

Entrevistado B: “Conscientizar a população de que deve preservar muito a natureza, o meio ambiente que vive. Tá entendendo?

Conscientizar, por exemplo: Vai construir? Faz construção alta. Nesse sentido, elaborar um plano para fazer que a população saiba que existe o risco de enchentes, de desastres, até mais, e de que isso que pode acontecer de uma hora para outra.

Quem me garante que aqui pode não dar um tsunami”?

Entrevistado C: “Foi aquilo que eu comentei, desde o início, né? Teria que mexer nos rios. Afundar, alargar ele. Outra coisa que a gente sofre aqui é, como posso dizer, a cidade mal desenhada, mal projetada porque tem muito bairro aqui que não tem ainda sistema de esgoto.

Entrevistado E: “A limpeza dos rios, né? A dragagem tem lugar aí, que as pontes caíram em 2011, e até agora nada. Não tem ponte”!

Entrevistado H: “Então, como eu lembro, quando teve essa enchente de 1969, vieram várias máquinas para cá pra dragagem do Rio Nhundiaquara, e até cortaram, tipo assim, as curvas acentuadas, eles cortaram, tiraram o barro, deixaram as laterais meio retas para a vazão melhorar da água. Mas eu acredito que não tem, pois é uma coisa da natureza, porque teve outras enchentes depois de 1969”.

As sugestões são desde o cuidado com os rios para que não se joguem lixo, a necessidade de drenagem, e da orientação das pessoas a cuidarem do meio ambiente. O entrevistado C falou da necessidade de um planejamento urbano que priorizasse a rede de esgoto da cidade.

O entrevistado H comentou das drenagens, mas que sabe que já foram realizadas algumas, porém que não surtiram efeitos. Acredita que a problemática não tem solução, pois as características que geram as enchentes são partes da natureza local. Também é citado que a ajuda com bens materiais é uma solução anódina que os moradores já estão acostumados.

## 5.2 PESQUISAS COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE NOTURNO

As respostas mostram que a maioria dos estudantes nasceu em Morretes e que a maior parte também percebeu mudanças no clima.

Para a pergunta quais os principais eventos ou desastres naturais você lembra que aconteceram aqui em seu município nos últimos anos?

Foi unânime que as chuvas e enchentes são os principais problemas enfrentados pelas pessoas que moram no município.

Para a pergunta se existe algum sistema de aviso de catástrofes instalado no município, para turistas e moradores, na área da cidade ou na área rural, que você conhece? Se conhecer, pode escrever quais são?

A maioria dos entrevistados desconhece um sistema efetivo de avisos a catástrofes, bem como desconhecem um sistema de apoio em caso de enchentes.

Na questão de que forma os desastres ambientais interferem nas atividades para as atividades turísticas de Morretes?

Somente cinco alunos responderam e comentaram que as chuvas diminuem a vinda de turistas para a cidade.

Na pergunta se existe alguma assistência a desastres naturais por parte da administração pública ou por parte dos empresários, que você saiba? Poderia citar, em caso afirmativo?

A maioria disse que sabe que existe, mas que não sabem exatamente como funciona.

Na pergunta se você sabe o que é o fenômeno conhecido como cabeça d'água? Se sim, pode explicar o que é esse fenômeno?

Muitos dos pesquisados conhece sobre o fenômeno cabeça d'água, mas concordam que os turistas desconhecem esse tipo de fenômeno.

Com relação a percepção de perigo quando observaram as fotografias, a maioria não sente medo de uma paisagem de dia de sol e rio baixo e mesmo com as fotos de rio cheio, não apresentaram respostas de medo.

No caso, a percepção dos lugares parece ser ligada também a convivência dos observadores com o determinado local. Assim, como moradores da cidade, e com a familiaridade, o medo ou receio parece desaparecer, pois o sentimento de domínio do local é estabelecido. De acordo com Bley (1990, p. 114) no capítulo a Percepção da Paisagem, cita que “a paisagem de Morretes é percebida como um conjunto, um todo coerente.”

Desta forma, a beleza do rio Nhundiaquara, num dia de sol e com céu azul e com uma brisa refrescante formam uma visualização paradisíaca, acrescentada a sentidos sensoriais de prazer ideal. Desta maneira, é muito provável que a maioria das pessoas não sinta medo olhando a foto do rio Nhundiaquara representado o cenário descrito.



Dialogando com a fundamentação teórica e a coleta de dados da pesquisa de campo, pode-se observar que alguns moradores, muitas vezes não conhecem a dinâmica, os procedimentos e avisos a problemas da natureza dos lugares onde vivem. Esse tipo de constatação sobre o conhecimento dos moradores, mostra que se algum turista necessitar de informações básicas, muitos moradores de uma cidade turística provavelmente não tenham condições de fornecer estas informações importantes.

Para Merleau-Ponty (1992, p.415), “Quando me mostram em uma paisagem um detalhe que sozinho eu não soube distinguir, existe ali alguém que já viu, que já sabe onde é preciso colocar-se e onde é preciso olhar para ver”. Desta forma ao perceber a paisagem, e no caso de se perceber perigos existentes em determinados locais, devem ser transmitidos e ensinados para outras pessoas. Não se aprende facilmente sobre as sensações de um lugar sozinho. A percepção é assim, algo transmitido entre as pessoas.

A percepção dos seres humanos com o meio onde estão, faz parte de uma formação geral, o que muitas vezes pode não ocorrer, mesmo com jovens que estão cursando o Ensino Médio.

### 5.3 PESQUISA COM TURISTAS (ON-LINE)

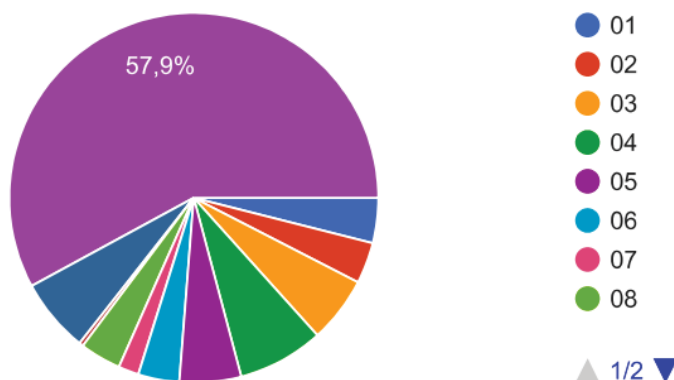
A seguir colocamos as perguntas e os percentuais de respostas. Pode-se analisar questões de percepção dos respondentes com relação à sensação de satisfação com os locais visitados, bem como a riscos á perigos em lugares turísticos.

Utilizou-se perguntas que auxiliavam o entrevistado a consultar suas lembranças, bem como foi utilizado fotografias para resgatar as sensações e percepções dos respondentes nos locais indicados em Morretes. O número total de entrevistados foi de 280 respondentes.

Número de vezes aproximadamente que o entrevistado já visitou Morretes:

GRÁFICO 07: QUANTAS VEZES VISITOU MORRETES-PR

278 respostas



FONTE: O autor (2020).

Dos entrevistados, 57,9% visitaram mais de 10 vezes Morretes, o que mostra que o Município tem muito poder atrativo ao turista. Isso indica o potencial de recursividade que o município de Morretes apresenta, já que é comum o retorno dos visitantes, principalmente os que moram na Região Metropolitana de Curitiba.

Perguntou-se onde o entrevistado mora:

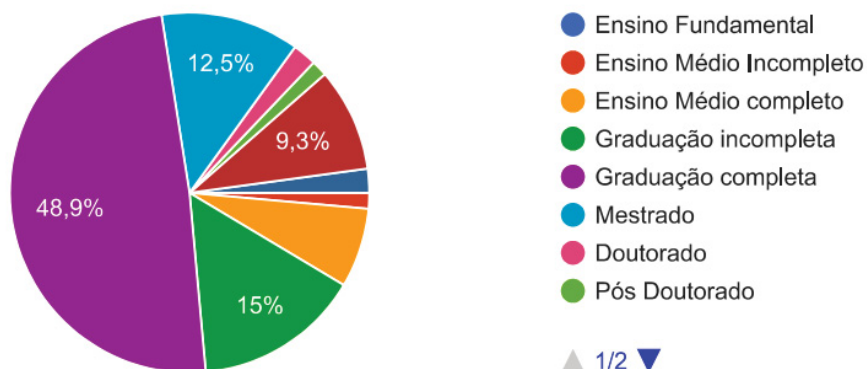
Na segunda pergunta constatou-se que a maioria dos visitantes, 75%, moram em Curitiba, mostrando que a proximidade entre os dois municípios e a quantidade de pessoas que residem na capital do estado, possibilita um grande número de visitantes em potencial e na prática, bem como as outras cidades da região metropolitana como São José dos Pinhais e Campo Largo são grandes fornecedores de visitantes para Morretes.

Em que estado do país moram os respondentes:

A maior parte dos visitantes é do estado do Paraná 93,9%, e a maioria dos visitantes de outros estados moram em estados próximos ao Paraná.

Escolaridade dos respondentes:

GRÁFICO: 08 – QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

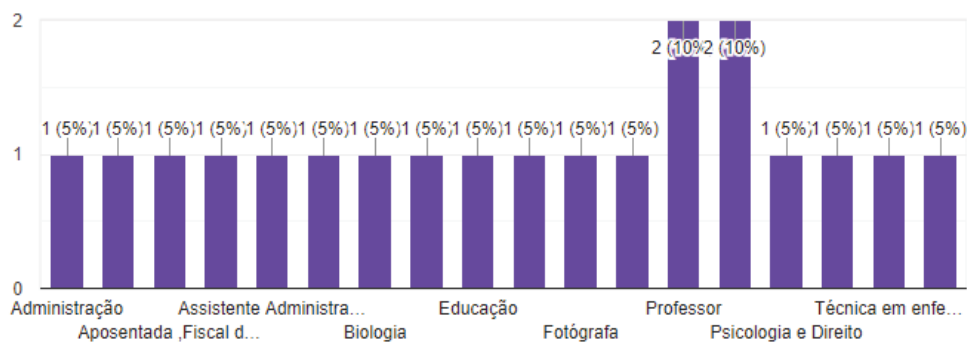


FONTE: O autor (2020).

Percebe-se aqui que, 48,9% dos entrevistados apresentam uma formação de terceiro grau completa.

Formação profissional dos respondentes:

GRÁFICO 09: QUAL SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL?

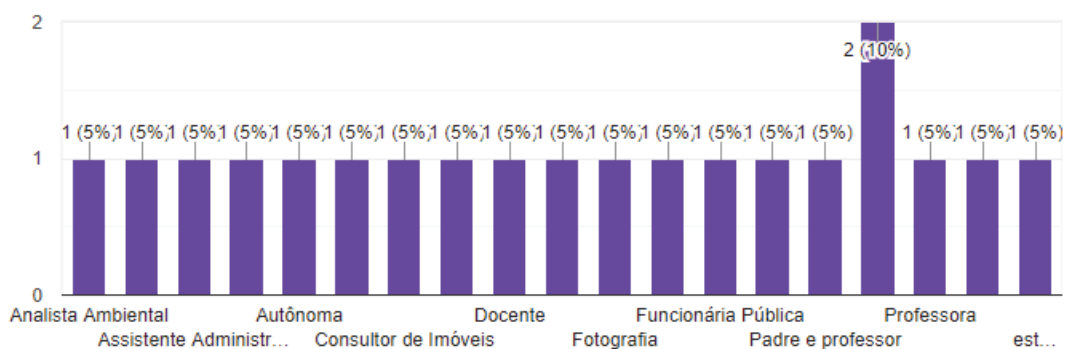


FONTE: O autor (2020).

Nesse caso existe uma grande variedade de resposta quanto à formação profissional. Percebe-se que uma formação técnica ou de ensino superior pode provavelmente estimular as pessoas a participarem de atividades de turismo.

Atividade econômica principal dos respondentes.

GRÁFICO 10: QUAL A SUA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL ATUALMENTE?

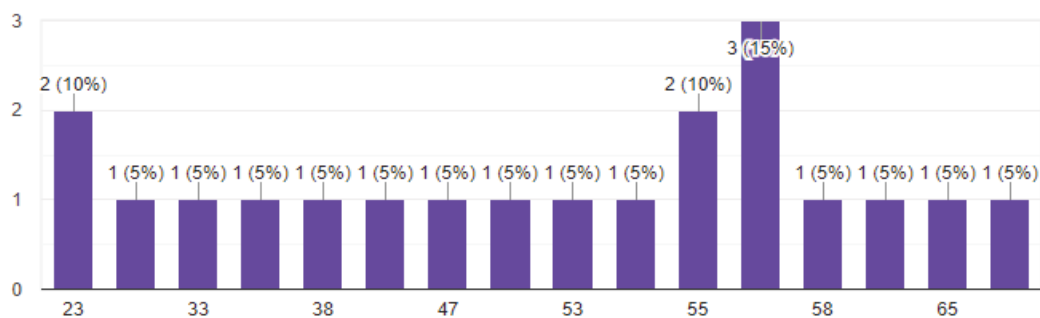


FONTE: O autor (2020).

De acordo com os dados fornecidos, a maioria dos respondentes trabalha com sua formação básica acadêmica em suas vidas profissionais.

Idade dos respondentes:

GRÁFICO 11: QUAL SUA IDADE?



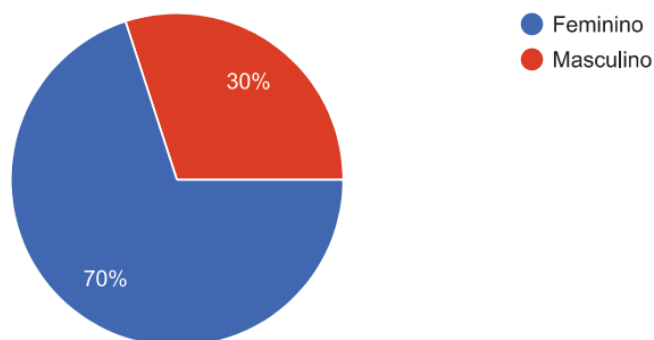
FONTE: O autor (2020).

Em geral, existe uma homogeneidade nas idades dos respondentes.

Sexo dos respondentes:

GRÁFICO 12: QUAL SEU SEXO?

280 respostas



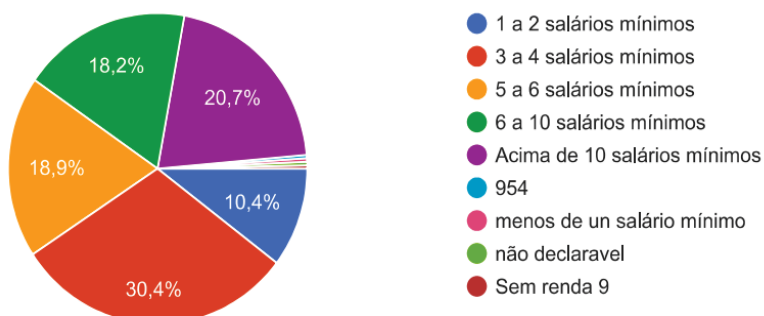
FONTE: O autor (2020).

Aqui identificou-se que a maioria dos entrevistados foi do sexo feminino, o que pode demonstrar que a maioria das pessoas que acessam a redes sociais e que respondem voluntariamente a questionários são mulheres.

Renda familiar declarada:

GRÁFICO 13: RENDA FAMILIAR

280 respostas



FONTE: O autor (2020).

A maior parte, 30,4% dos participantes, ficou entre 3 a 4 salários mínimos de renda familiar mensal e a segunda faixa, 18,9%, entre 5 a 6. O que mostra que quanto

maior o poder aquisitivo das famílias, mais adeptos a viagens as pessoas dessas faixas salariais são.

Imagem de Morretes para análise de percepção de perigo:

Com relação à foto a seguir do rio Nhundiaquara, você já esteve nesse local?

FOTOGRAFIA 09: FOTO VISTA PARCIAL DA CIDADE DE MORRETES

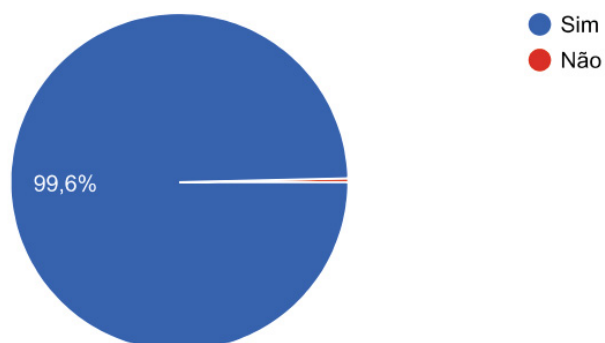


FONTE: O autor (2019).

Você já esteve nesse lugar? (com relação à FOTOGRAFIA 09 anterior)

GRÁFICO 14: VOCÊ JÁ ESTEVE NESSE LUGAR?

280 respostas



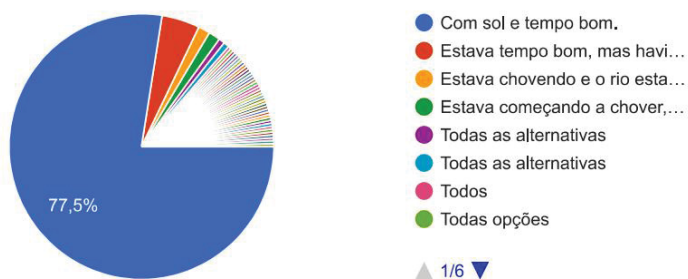
FONTE: O autor (2020).



Essa questão mostra que os turistas se colocam neste ponto que é um dos locais mais visitados de Morretes para observação sistemática da paisagem.

Condições do tempo no dia da visitação em Morretes:

GRÁFICO 15: QUANDO ESTEVE NESSE LOCAL, ERA UM DIA:



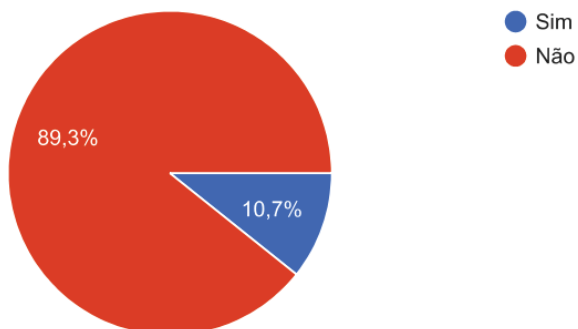
FONTE: O autor (2020).

Essa resposta indica que a maioria das visitas são realizadas em dias de sol, quando a escolha de locais ao ar livre é uma das opções mais recorrentes para os visitantes das proximidades de Morretes, como os da região metropolitana de Curitiba.

Percepção de perigo em um local turístico ao longo do rio Nhundiaquara na cidade de Morretes:

GRÁFICO 16: QUANDO ESTEVE NESSE LOCAL, SENTIU ALGUMA SENSÇÃO DE PERIGO?

280 respostas



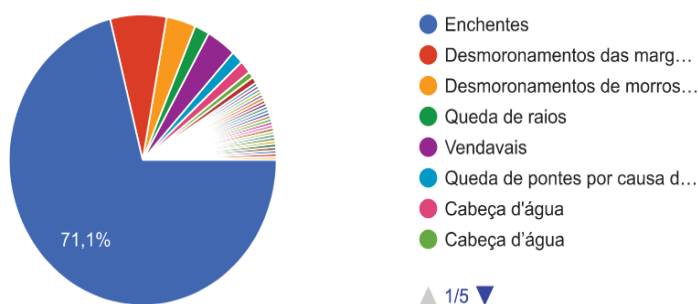
FONTE: O autor (2020).

Aqui, 89,3% dos visitantes, não sente nenhum perigo em dias de sol, pois a tranquilidade da paisagem e a ausência de ventos fortes e nuvens pesadas faz com que a ideia de segurança predomine. Não existe a noção que podem estar acontecendo chuvas no topo da serra que gerem algum tipo de perigo para as regiões mais baixas.

Perigos prováveis considerado pelos respondentes ao longo do rio Nhundiaquara:

GRÁFICO 17: QUAL O TIPO DE ATRIBULAÇÃO VOCÊ ACHA QUE PODERIA ACONTECER NESSE LOCAL, OU PRÓXIMO A ELE?

280 respostas



FONTE: O autor (2020).

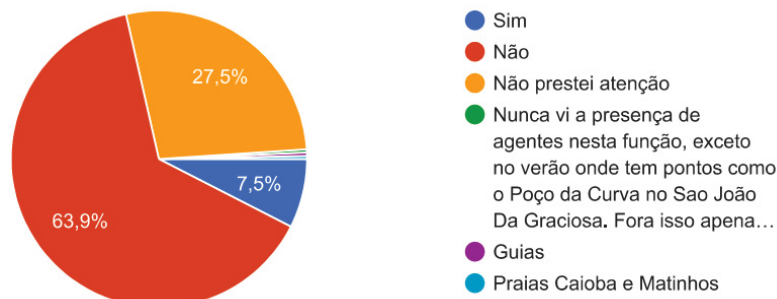
71,1% responderam que o perigo maior que existe no subconsciente e consciente dos entrevistados, é o risco às inundações dos rios da região, os desmoronamentos seguem com 6,8% dos receios, pois se associa com as consequências de chuvas torrenciais que ocorrem na região. Os outros riscos seguem praticamente iguais, como queda de raios, vendavais e quedas de pontes por enxurradas.

Sistemas de avisos percebidos em Morretes:

Com relação ao centro da cidade e a outros lugares no município, você percebeu a presença de agentes municipais ou estaduais que poderiam dar avisos sobre um desastre natural repentino, como vendavais, chuvas torrenciais, desmoronamentos ou uma enxurrada no rio?

GRÁFICO 18: PERCEBEU AGENTES DE SEGURANÇA  
NOS LOCAIS DE VISITAÇÃO

280 respostas



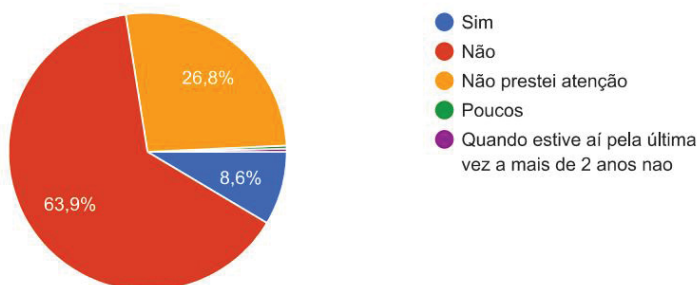
FONTE: O autor (2020).

Nessa questão, com relação a perceber agentes responsáveis pela vigilância ou orientação a problemas ligados a desastres naturais registrou-se nas entrevistas que 63,9% não viram nenhum agente de segurança, e outros 27,5% não perceberam ou notaram que esses estivessem nos locais turísticos. Assim 7,5% declaram ter visto, e 0,4% fazem referência que viram em praias de Caiobá e Matinhos, somente.

Sinalização para perigos em locais estratégicos:

GRÁFICO 19: VOCÊ PERCEBEU OU VIU EM MORRETES,  
FORMAS DE AVISOS PARA PERIGOS COMO:  
SINALIZAÇÃO COM CARTAZES, SIRENES, PAINÉIS OU FOLHETOS?

280 respostas



FONTE: O autor (2020).

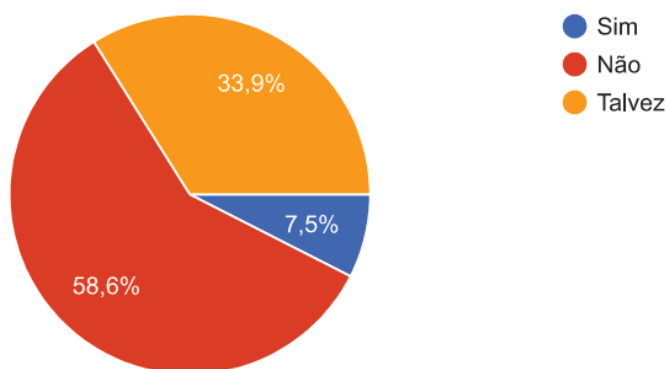
Essa pergunta mostra que 63,9% dos entrevistados não viram sinalizações sonoras ou visuais para informar ou orientar os turistas, quando não existissem, no momento de alguma emergência, algum agente nos locais de circulação de turistas. Mas 26,8% não perceberam, provavelmente por não existirem esses meios físicos de orientação ou por esses meios não serem capazes o suficiente para chamar a atenção das pessoas nos locais de perigo.

Percepção sobre a confiança nos responsáveis pela segurança dos turistas:

Em caso de alguma emergência relacionada a desastres naturais, você imagina que existiria alguma orientação satisfatória, por parte dos órgãos responsáveis e de empresários, de como os turistas e moradores deveriam agir no momento de crise?

GRÁFICO 20: PERCEPÇÃO SOBRE A CONFIANÇA  
NOS RESPONSÁVEIS PELA SEGURANÇA DOS TURISTAS

280 respostas



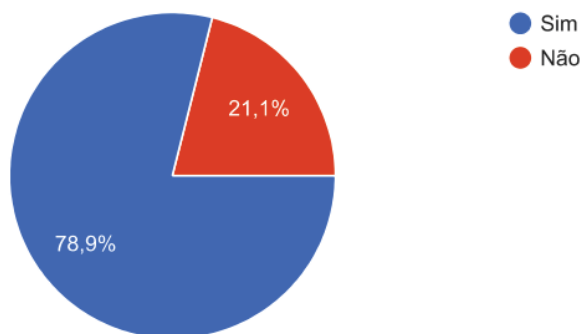
FONTE: O autor (2020).

Aqui fica evidente que a expectativa do turista em locais públicos destinados ao turismo não oferece de forma eficaz orientações ou socorro necessário em momentos de catástrofe ou de pânico generalizado. A minoria, 7,5% confia que existe um atendimento satisfatório em um momento de emergência, mas a grande maioria 58,6% não confia.

A percepção dos turistas com respeito a pluviosidade em Morretes:

GRÁFICO 21: SOBRE A CONSCIENTIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MORRETES SER UMA REGIÃO DE GRANDE PLUVIOSIDADE.

280 respostas



FONTE: O autor (2020).

Existe a consciência de que a região do município de Morretes apresenta períodos de chuvas com níveis de pluviosidade elevada, de acordo com 78,9% dos respondentes. Mas apesar disso, parece que os respondentes não sabem que estas chuvas podem ser muito violentas, mudando a paisagem rapidamente. Isso se baseia em respostas anteriores que mostram que muitos não perceberam a existência de sinalizações adequadas ou equipes de agentes de segurança distribuídos nos locais de turismo.

FOTOGRAFIA 10: RIO NHUNDIAQUARA NA SERRA



FONTE: O autor (2019).

Percepção se em um dia de sol pode existir perigos às margens de um rio:

Com relação à foto (10) do rio Nhundiaquara, acima, no município de Morretes, você acredita que em um dia de sol ou nublado, esse rio, ou outro semelhante, possam apresentar algum perigo grave aos eventuais banhistas?

GRÁFICO 22: PERCEPÇÃO SE EM UM DIA DE SOL  
PODE EXISTIR PERIGOS ÀS MARGENS DE UM RIO

280 respostas



FONTE: O autor (2020).

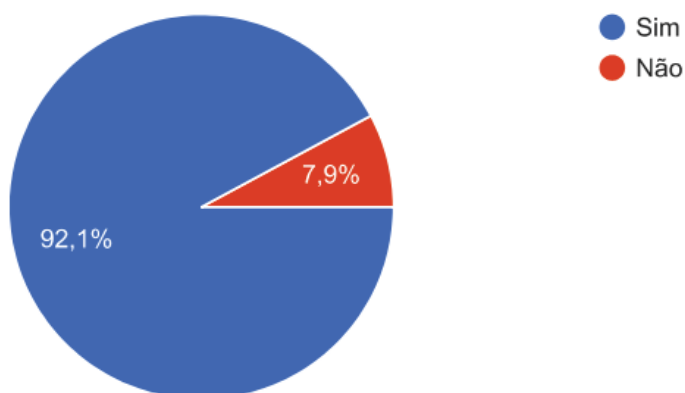
Aqui, as respostas, 67,9%, mostram que existe a expectativa de algum tipo de acidente, mesmo num rio tranquilo e em um dia ensolarado. Isso manifesta a percepção de cuidado que deve existir por parte dos turistas em qualquer dia e em qualquer lugar que se esteja visitando.

Informação sobre o fenômeno cabeça d'água:

Você conhece um fenômeno chamado de cabeça d'água, que ocorre eventualmente em rios em regiões de serras?

GRÁFICO 23: CONHECIMENTO SOBRE O FENÔMENO DA CABEÇAD'ÁGUA.

280 respostas



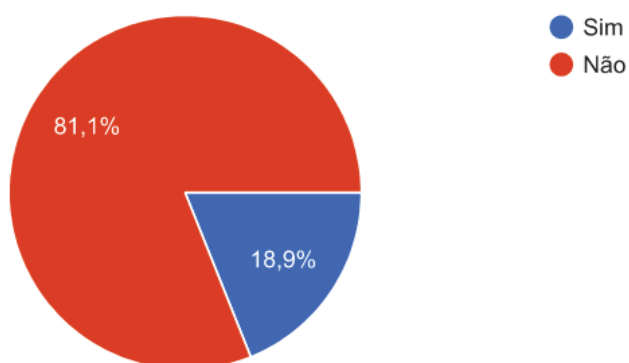
FONTE: O autor (2020).

Conforme demonstrado no GRÁFICO 25, 92,1% dos entrevistados afirmou conhecer o fenômeno de cabeça d'água, que ocorre em dias de chuva forte nas áreas mais altas da serra, e que forma uma grande onda rio abaixo. Isso pode significar que a imprensa ou os sistemas de avisos dos municípios que apresentam esse fenômeno, conseguiu difundir em alguns meios de comunicação esse tipo de informação sobre as enxurradas rápidas dos rios, a cabeça d'água.

Visualização de placas ou avisos sobre a cabeça d'água:

Você viu em Morretes algum tipo de sinalização, placas, ou outro tipo de aviso sobre a existência do fenômeno chamado de cabeça d'água?

GRÁFICO 24: VISUALIZAÇÃO DE PLACAS OU AVISOS SOBRE A CABEÇAD'ÁGUA.



FONTE: O autor (2020).

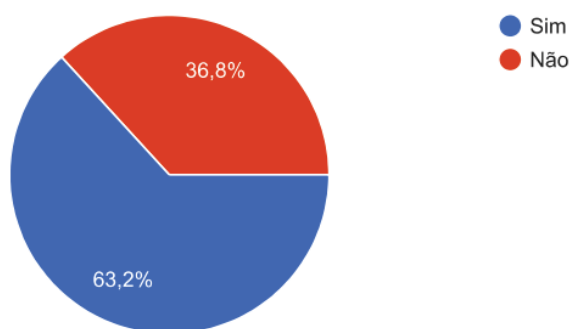


Apesar de ser um fenômeno perigoso e repentino, de acordo com as respostas parece que sinalização ou placas explicativas sobre a existência desse fenômeno da cabeça d'água não estão ainda instaladas nos locais turísticos de Morretes.

Conhecimento dos respondentes sobre notícias na mídia sobre a cabeça d'água:

GRÁFICO 25: CONHECIMENTO DOS RESPONDENTES  
SOBRE NOTÍCIAS NA MÍDIA SOBRE A CABEÇAD'ÁGUA.

280 respostas



FONTE: O autor (2020).

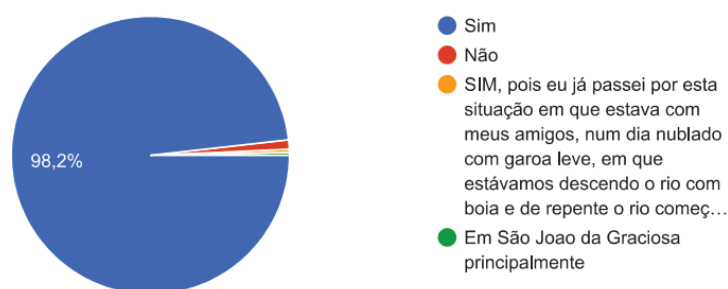
Sobre o fenômeno da cabeça d'água, 36,8% dos entrevistados responderam que não leram reportagens falando sobre o fato da existência de enxurradas rápidas em rios que podem deixar pessoas ou grupos em situação de risco. Mais da metade, 63,2% relatou que já realizou leituras sobre o assunto. Constata-se, desta forma que 36,8% é um índice muito alto de desinformação sobre o problema.

Importância da divulgação do fenômeno da cabeça d'água:

Você considera que seria importante uma divulgação melhor sobre o perigo dessa enxurrada chamada de cabeça d'água, o qual pode matar pessoas por impacto ou por afogamento?

GRÁFICO 26: IMPORTÂNCIA DA DIVULGAÇÃO DO FENÔMENO DA CABEÇAD'ÁGUA

280 respostas



FONTE: O autor (2020).

Aqui, a grande maioria, 98,2% dos respondentes concorda que é importante existir maior divulgação do perigo da cabeça d'água para que as pessoas possam prestar mais atenção sobre esse fenômeno.

Desta forma analisando as perguntas percebe-se que existe o problema de que turistas geralmente não sabem como se comportar em casos de acidentes climáticos, em determinados países, devido à falta de informações em alguns pontos turísticos, nos quais os visitantes deveriam ser notificados para evitar riscos de segurança, Glaesser (2008, p. 240).

A sensação e percepção de segurança e em ambientes turísticos correlacionam-se com aspectos também de organização e percepção da organização dos lugares visitados.

Redes sociais e questionários on-line podem ser instrumentos para fornecer dados para análise, tanto quantitativa quanto qualitativa de informações sobre como os turistas e os moradores locais percebem questões ligadas às atividades do turismo e das questões de segurança em determinados locais, neste caso, com segurança a eventos naturais.

A seguir, apresentam-se de forma conjunta e descritiva os resultados de tal questionário e mais adiante o comentário pergunta por pergunta:

Foi constatado que apesar de grande parte dos entrevistados já ter ouvido falar sobre o fenômeno da enxurrada cabeça d'água, consideram importante a divulgação de forma mais efetiva. Assim, 98,2% dos entrevistados considera que muitas pessoas ainda não conhecem sobre o problema e podem sofrer uma surpresa

desagradável se estiverem dentro dos rios, ou mesmo nas pedras ou às margens de um rio da região de Morretes justamente quando ocorrer a formação desse fenômeno.

A seguir, a resposta espontânea de um dos respondentes do questionário on-line, o qual fez um depoimento da existência do perigo relacionado às enxurradas repentinas num dia de sol, em rios de serras.

Sim, pois eu já passei por esta situação em que estava com meus amigos, num dia nublado com garoa leve, em que estávamos descendo o rio com boia e de repente o rio começou a subir, perdi minha boia, fiquei presa numa pedra no meio do rio sem conseguir sair. Por incrível que pareça, um menino ribeirinho nadou até mim e me auxiliou a sair do rio. Se não fosse ele, nem imagino o que teria acontecido.

Dos entrevistados 57,9% visitaram mais de dez vezes Morretes, o que mostra que o Município tem poder atrativo para turistas.

A maioria dos visitantes, 75%, moram em Curitiba, mostrando que a proximidade entre os dois municípios e a quantidade de pessoas que moram na capital do estado, possibilita um grande número de visitantes em potencial, bem como outras cidades da região metropolitana como São José dos Pinhais e Campo Largo.

Quanto aos respondentes, os quais são voluntários, constatou-se que a maioria dos entrevistados, 70%, é do sexo feminino, o que pode demonstrar que a maioria das pessoas que usa a rede social e que se dispõe a responder a questionários são mulheres.

Com relação ao local da fotografia do rio Nhundiaquara, 98,9% dos respondentes confirmaram que já estiveram no local.

Essa pergunta mostra que um dos pontos mais turísticos de Morretes, que poderia ser considerado como a imagem do seu “cartão postal oficial”, é muito visitado, e que a maioria dos turistas se coloca nesse lugar para observação sistemática da paisagem.

Foi perguntado aos respondentes entrevistados pelo questionário se no dia da visita estava nublado ou se estava ensolarado. No dia quando estiveram no local, era um dia de sol para 77,5% dos respondentes. Esse valor indica que a maioria das visitas é realizada em dias de sol quando a escolha de áreas ao ar livre é uma das opções mais recorrente para os visitantes das proximidades de Morretes, como os da região metropolitana de Curitiba.

Para a questão: Quando estive no local, sentiu alguma sensação de perigo?

A maioria, 89,3,% dos visitantes, não sente nenhum perigo em dias de sol, pois a tranquilidade da paisagem e a ausência de ventos fortes e nuvens pesadas faz com que a ideia de segurança predomine. Não existe a noção que podem estar acontecendo chuvas no topo da serra que gerem algum tipo de perigo para as regiões mais baixas.

Com relação aos perigos que possam acontecer em locais com rios, as atribuições possíveis declaradas foram:

Grande parte dos entrevistados, 71,1%, respondeu que o perigo maior que existe no subconsciente e consciente das pessoas é o risco a inundações dos rios da região. Os desmoronamentos seguem em segundo lugar, pois se associa com as consequências de chuvas torrenciais que existem na região. Os outros riscos seguem praticamente iguais, como queda de raios, vendavais, quedas de pontes por enxurradas, mas não houve referências específicas à cabeça d'água.

Há alguns anos atrás existia um posto da Polícia Florestal no recanto Mãe Catira, na Estrada da Graciosa, próxima a antiga ponte de ferro sobre o rio Mãe Catira, mas o mesmo não existe mais. Isso diminuiu as chances de avisos de algum problema de forma mais rápida para os turistas que estejam ao longo dos rios.

Sobre percepção dos respondentes terem visto no centro da cidade ou em outros lugares no município a presença de agentes municipais ou estaduais que poderiam dar avisos sobre um desastre natural repentino, como vendavais, chuvas torrenciais, desmoronamentos ou uma enxurrada no rio.

Na questão com relação a perceber agentes responsáveis pela vigilância ou orientação a problemas ligados a desastres naturais, registrou-se nas entrevistas que 63,9% não viram nenhum agente de segurança, e outros 27,5% não perceberam ou notaram que esses estivessem nos locais turísticos. Assim 7,5% declaram ter visto, e 1,1% fazem referência que viram em praias de Caiobá e Matinhos somente.

Quando questionados se foram percebidos ou vistos em Morretes, formas de avisos para perigos como sinalização com cartazes, sirenes, painéis ou folhetos.

Essa pergunta mostra que 63,9% dos entrevistados não viram sinalizações sonoras ou visuais para informar ou orientar os turistas, quando não existissem, no momento de alguma emergência, algum agente nos locais de circulação de turistas. Mas 26,8% não perceberam, provavelmente por não existirem esses meios físicos de

orientação ou por esses meios não serem capazes o suficiente para chamar a atenção dos turistas. Apenas 8,6% declararam que viram.

Com relação à confiança dos turistas para com os responsáveis pela segurança, se acreditam que em caso de alguma emergência relacionada a desastres naturais, se imagina que existiria alguma orientação satisfatória, por parte dos órgãos responsáveis e de empresários, de como os turistas e moradores deveriam agir no momento de crise.

As respostas foram que a expectativa do turista em locais públicos destinados ao turismo não oferece de forma eficaz orientações ou socorro necessário em momentos de catástrofe ou de pânico generalizado. A minoria, 7,5% confia que existe um atendimento satisfatório em um momento de emergência, 58,6% não acreditam e 33,9% ficaram em dúvida.

Com relação a saber que podem ocorrer períodos de alta pluviosidade em Morretes e litoral do Paraná, como as que foram noticiadas em 2011, em alguns jornais. Existe a consciência de que a região de Morretes apresenta chuvas com pluviosidade elevada, mas parece não se saber que podem ser muito violentas, mudando a paisagem rapidamente, já que respostas anteriores mostram que muitos não perceberam se existiam sinalizações adequadas ou equipes de agentes distribuídos nos locais de turismo. Declararam que sabiam que no município de Morretes apresenta elevada pluviosidade 78,9%.

Com relação à fotografia do rio Nhundiaquara, no município de Morretes, se perguntou se o respondente acredita que em um dia de sol ou nublado, esse rio, ou outro semelhante, pode oferecer algum perigo grave aos eventuais banhistas.

Aqui, as respostas, 67,9%, mostram que existe a expectativa de algum tipo de acidente, mesmo num rio tranquilo e com sol. Isso manifesta a percepção de cuidado que deve existir por parte dos turistas em qualquer dia e em qualquer lugar que se esteja visitando. Assim, outros 21% consideram que talvez e 10,7% responderam que acreditam que não existe perigos.

Se o entrevistado conhece o fenômeno chamado de cabeça d'água.

Conforme demonstrado, 92,1% dos entrevistados afirmaram conhecer o fenômeno de cabeça d'água, que ocorre em dias de chuva forte nas áreas mais altas da serra, e que desloca um grande volume de água em forma de um tipo de onda rio abaixo. Isso pode significar que os meios jornalísticos ou os sistemas de avisos

dos municípios que apresentam esse fenômeno, conseguiram difundir em alguns meios de comunicação esse tipo de informação sobre as enxurradas rápidas dos rios, a cabeça d'água.

Se o entrevistado viu em Morretes algum tipo de sinalização ou outro tipo de aviso sobre a existência do fenômeno chamado de cabeça d'água. Nesse tópico os participantes responderam que apesar de ser um fenômeno perigoso e repentino, de acordo com as respostas, parece que sinalizações explicativas sobre a existência desse fenômeno da cabeça d'água não está ainda disseminado nos locais turísticos. Sobre isso, 81,1% dos declarantes informou que não viram placas de avisos.

A pergunta se o participante da pesquisa já leu alguma reportagem com um título sobre o fenômeno de cabeça d'água nos rios de Morretes.

Menos da metade dos entrevistados, 36,8% respondeu que não leram reportagens falando sobre o fato da existência de enxurradas rápidas que podem deixar pessoas e grupo de pessoas em situação de risco. A outra parte, 63,2% relatou que já realizou leituras sobre o assunto. Constata-se, desta forma que metade 36,8% é um índice muito alto de desinformação sobre o problema, isto é, 103 entre 280 pessoas nunca leram a respeito.

A pergunta, se o entrevistado considera que seria importante uma divulgação melhor sobre o perigo dessa enxurrada, denominada de cabeça d'água, a qual pode matar pessoas por afogamento, as respostas foram que seria importante por 98,2% dos respondentes.

De modo geral observou-se que a percepção dos turistas está muito ligada ao fator informação. Desta maneira, quanto mais informada forem as pessoas, maior será a atenção que estas terão nos locais onde estiverem. Essa observação pode ser quanto aos locais de turismo, bem como para os riscos que possam existir nesses locais.

Mesmo que um indivíduo seja instruído sobre todas as questões de uma localização qualquer, este pode em alguns momentos se distrair e deixar de prestar atenção a eventuais perigos, e geralmente é nesses momentos que podem acontecer algum tipo de acidente. Alguns indivíduos podem conhecer o fenômeno da cabeça d'água, mas podem deixar de observar os sinais da chegada dessa enxurrada num momento de lazer.

Também foi analisado que a maioria dos entrevistados não se preocupa ou não percebe espontaneamente a existência ou falta de sinalização ou da permanência de fiscais de segurança nos pontos de lazer.

Nos dias de sol também é muito comum as pessoas não pensarem em riscos a perigos eminentes, como a chegada de um vendaval ou tempestade, ou mesmo a uma enxurrada em um rio calmo.

Desta forma, quando se uma paisagem como uma fotografia do rio Nhundiaquara num dia de sol, dificilmente alguém relaciona que em um lugar assim possa surgir repentinamente perigo. Isso também pode estar associado ao fato de que as pessoas que foram várias vezes à Morretes, geralmente tiveram boas experiências, e assim, boas lembranças.

Um exemplo de ambiguidade é tráfegar na estrada da Graciosa de carro num dia de sol, o que é prazeroso, mas fazer o trajeto na mesma estrada com uma tempestade é muito perigoso, devido às questões físicas-ambientais e à estrutura do percurso. Infelizmente, nem sempre as pessoas são avisadas da intensidade das chuvas torrenciais que acontecem principalmente no verão.

Nesses aspectos pode-se entender que a percepção das pessoas está relacionada à quantidade de informações que ela tem dos lugares que vai visitar. Essas informações podem vir pelos canais de notícias, por amigos, familiares, mas também por agentes fiscalizadores, placas e folhetos. Os locais de atendimentos aos turistas como restaurantes e lojas talvez pudessem oferecer mais informações sobre situações em que o turista deve se proteger.

Quando se tem conhecimento dos perigos que podem existir em um determinado local, geralmente se presta mais atenção. Também é possível perceber pelas respostas que é mais difícil se sentir perigo em lugares bonitos ou dias agradáveis.

#### 5.4 ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO MORRETES CONVENTION & VISITORS BUREAU

A entrevista foi realizada com atual presidente do Morretes Convention & Visitors Bureau. Com relação aos acontecimentos das chuvas de 2011, explica que foi um episódio negativo muito destacado, muito marcante, porque seus reflexos



perduram até hoje. O presidente do Convention & Visitors Bureau também é proprietário de um restaurante. O estabelecimento fica na parte turística histórica no principal logradouro para circulação de turistas, nos finais de semana, e tornou-se um local de destaque para o almoço dos visitantes.

O presidente do Morretes Convention & Visitors Bureau participa de diversas organizações comerciais e de função social no município de Morretes e é entusiasta pelo desenvolvimento das atividades turísticas no município. Participou da organização do Morretes Convention & Visitors Bureau e desta forma reuniu a maioria dos empresários de turismo, como empreendedores de restaurantes, pousadas, lojas de souvenirs e empresas de transportes.

Segundo as declarações, há uma manutenção do estado de crise, mesmo que ela não exista atualmente. Houveram sim, deslizamentos impedindo a passagem de carros até a cidade, mas Morretes desde sempre, mesmo antes de ser município, desde que existem pessoas morando lá, teve esse tipo de problema de enchentes e alagamentos.

A entrevista com o presidente do Morretes Convention & Visitors Bureau, em agosto de 2019, explicou que existe o cuidado com relação aos aspectos de planejamento e do atual desenvolvimento das atividades turísticas em Morretes, inclusive com relação à proteção e cuidados com os turistas.

Na entrevista foi citado que os empresários participam ativamente de conselhos de segurança da cidade e do município. Existe o entendimento que eventos climáticos mais drásticos já aconteceram em Morretes, mas que os moradores do município estão acostumados com esses eventos e tem demonstrado que o município se recupera rapidamente. Também acredita que os turistas não rotularam Morretes como uma cidade de perigos, apesar de a imprensa ter divulgado uma imagem de muita fragilidade da região no período de chuvas durante alguns anos.

Segundo o presidente do Morretes Convention & Visitors Bureau:

Acreditamos que deveria ter existido uma assessoria de imprensa da prefeitura mais estruturada na época, para ter mostrado a resiliência, a reconstrução e que a retomada de atividades foi de forma rápida e que o município voltou a plena condição a atender muito bem os turistas e clientes. Logo depois das chuvas, é claro, existiram problemas nas comunidades e regiões afetadas onde aconteceram os deslizamentos, e foram graves. Mas as quedas de barreiras de estradas foram rapidamente liberadas.

A entrevista com o representante do Convention Visitors & Bureau foi esclarecedora por fornecer algumas informações que eram difundidas, mas que não se encontrava uma confirmação de veracidade por outros meios. É possível detectar o interesse dos empresários no atendimento ao turista e no interesse em se retirar a imagem de um município perigoso com as questões de desastres naturais.

## 5.5 ENTREVISTA COM O DIRETOR DE TURISMO DE MORRETES

Entrevista com o Diretor de turismo de Morretes, de acordo com Silveira et al (2019) fala sobre os impactos das chuvas de 2011 para o turismo no município de Morretes (PR):

A entrevista com o secretário do turismo de Morretes, demonstrou que atualmente o entendimento por parte da administração municipal é que existe uma estabilidade nas condições naturais do município e que as atividades turísticas podem ser consideradas satisfatórias. Foi citado que existe um planejamento com relação à prevenção e atendimento de problemas que os turistas e moradores possam enfrentar eventualmente. O turismo teve uma rápida redução de atividades nos períodos de eventos climáticos que causaram muitas chuvas e inundações, mas logo após esses períodos, o turismo voltou às suas atividades normais, graças a grande capacidade de resiliência e ao atendimento da prefeitura e governo do estado para a região.

A explicação foi de que o fenômeno ocorrido em 2011 causou a destruição na parte rural do município, e não na parte urbana.

Também se encontra nas palavras do secretário que as comunidades têm formas de avisos, formas de proteção e prevenção a desastres naturais, além da atuação da Defesa Civil nos momentos de prevenção e crise.

Ficou bem evidente a concepção do secretário que a natureza do município de Morretes não pode ser modificada e que aceita as condições climáticas e físicas locais. Quanto aos problemas, foi citado que a parte urbana de Morretes apesar de apresentar enchentes, não é destruída e se recupera rapidamente em duas semanas após as cheias. Os problemas principais de desmoronamentos ocorreram na parte rural do município como na região da comunidade do rio Sagrado.

A questão que mais prejudica o turismo em Morretes, segundo o secretário é o fato de notícias sobre desastres naturais não informarem claramente onde os casos aconteceram, como os desabamentos, e isso prejudica o turismo para a cidade de Morretes. Assim, as pessoas que assistem as notícias generalizam os problemas para todos os locais turísticos do município, e desta forma, deixam de visitar a cidade.

A função da Secretaria de Turismo, então, é a orientação dos meios de comunicação para que divulguem notícias com uma localização melhor dos lugares relatados, bem como criar informações nas mídias para estimular o turismo para o município de Morretes após os eventos de desastres naturais.

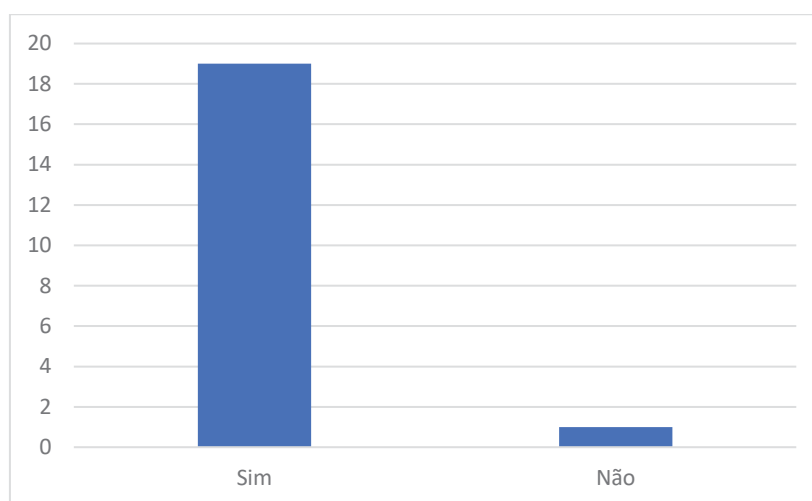
Na opinião do secretário é de que existe uma tranquilidade com relação a ocorrência dos impactos de desastres naturais para o município, e estes quando acontecem, mesmo de grandes proporções, não prejudicam de forma definitiva ou prolongada a região. Também existe a sensação de que esses fenômenos desproporcionais não irão mais acontecer em um futuro próximo. Além disso pode se notar no discurso do secretário que a administração pública prepara e protege a população em geral de qualquer evento catastrófico que possam acontecer.

## 5.6 FORMULÁRIOS APLICADOS A EMPRESÁRIOS DE MORRETES

Nos formulários aplicados a alguns empresários de Morretes é possível perceber alguns pontos relacionados à sistemática de atendimento ao turista, bem como a visão do empresário com relação a prevenção a riscos.

Na pergunta se os entrevistados já vivenciaram algum tipo de desastre natural em Morretes:

GRÁFICO 27: VIVENCIAMENTO DE DESASTRES NATURAIS

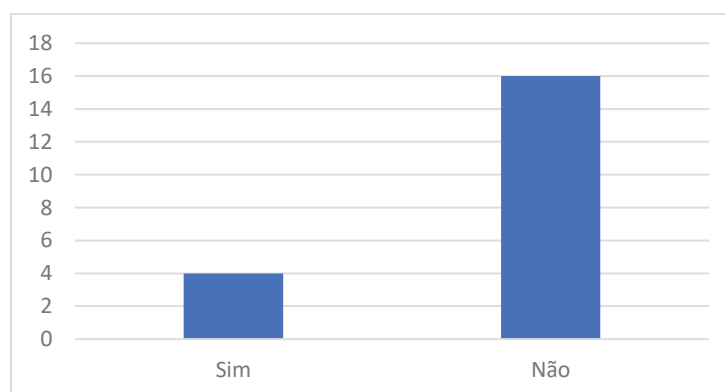


FONTE: O autor (2019).

Do total, 19 respondentes já vivenciaram um desastre natural de grandes proporções, pois é muito comum as chuvas torrenciais, principalmente durante o período do verão. Épocas com maior quantidade de precipitação são cíclicas, mas podem acontecer a qualquer ano.

Questionamento sobre orientação aos empresários por parte de órgãos públicos através de capacitação a enfrentar eventos negativos da natureza.

GRÁFICO 28: RECEBE ORIENTAÇÕES DE COMO AGIR EM CASO DE DESASTRES NATURAIS EM SEU ESTABELECIMENTO COMERCIAL?



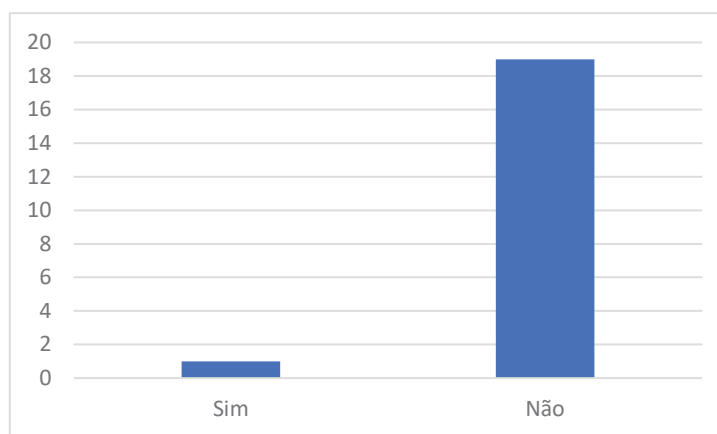
FONTE: O autor (2019).

Das respostas, dezesseis dos respondentes disseram não terem recebido treinamentos por parte de departamentos públicos para saber como

orientar os turistas em seus estabelecimentos, em casos de emergências com relação a desastres naturais.

Sobre saberem de planos de prevenção de desastres naturais, os empresários responderam:

GRÁFICO 29: SOBRE EXISTÊNCIA A RESPEITO DE PLANOS DE PREVENÇÃO A DESASTRES NATURAIS DO MUNICÍPIO.

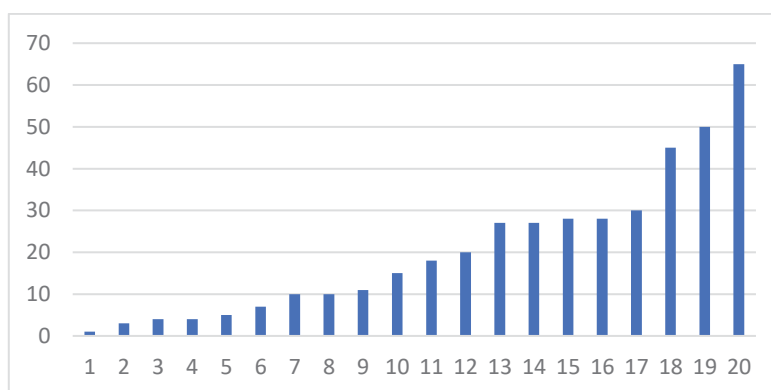


FONTE: O autor (2019).

Predominantemente as respostas indicam que não sabem sobre planos de prevenção que a prefeitura, defesa civil, ou corpo de bombeiros oferecem para a cidade ou o município de Morretes.

Tempo de funcionamento dos estabelecimentos de comércio que foram visitados para a aplicação do formulário de pesquisa.

GRÁFICO 30: TEMPO DE FUNCIONAMENTO DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

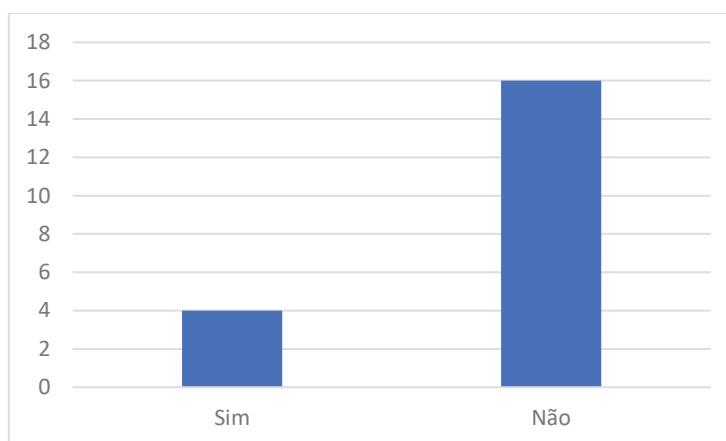


FONTE: O autor (2019).

O tempo de atividade dos estabelecimentos comerciais, ou a idade desses estabelecimentos como os restaurantes, mostra que são negócios estáveis e que estão há muito tempo em funcionamento. Isso pode se relacionar ao fato de que a gastronomia se tornou um dos principais elementos do turismo de Morretes, e que a cidade conseguiu manter uma quantidade de turistas suficiente para alguns empreendimentos ligados ao turismo se manterem por muitos anos.

O hábito de alertar os turistas com relação aos riscos de desastres da natureza como as chuvas fortes.

GRÁFICO 31: SE O ESTABELECIMENTO POSSUI PROTOCOLOS DE ALERTA AOS TURISTAS SOBRE DESASTRES NATURAIS.

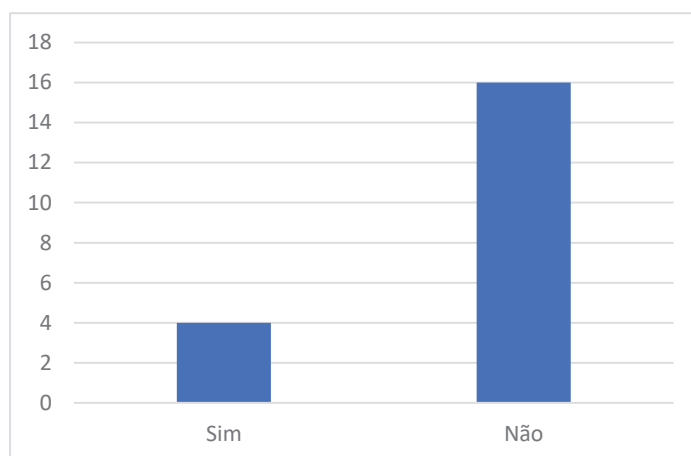


FONTE: O autor (2019).

Dos vinte estabelecimentos consultados, apenas quatro declaram ter algum tipo de protocolo de orientação, mas esses, na prática se referem a apenas falar sobre alguma forma de sair da cidade em caso de chuvas fortes.

Questionou-se se os turistas costumam perguntar sobre questões ligadas aos eventuais desastres ambientais que possam acontecer em Morretes, como as chuvas fortes e inundações e a cabeça d'água, e de como eles devem agir nos casos que isso aconteça.

GRÁFICO 32: OS TURISTAS PERGUNTAM SOBRE ALGUMA FORMA DE AGIR EM CASO DE ALGUM TIPO DE DESASTRE NATURAL NO MUNICÍPIO?

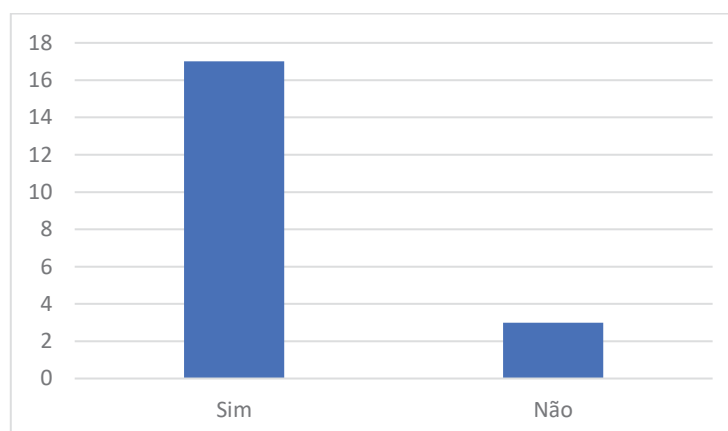


FONTE: O autor (2019).

De acordo com os entrevistados, em seus estabelecimentos não existe por parte de seus frequentadores a preocupação em saber sobre eventuais problemas relacionados a desastres naturais, nem como aprender como agir no caso de algum tipo de desastre natural venha a acontecer na região.

Perguntou-se sobre a existência de algum tipo de associação comercial, que dentre suas atribuições estude, analise e oriente empresários e visitantes de Morretes com relação a como agir durante eventuais desastres naturais.

GRÁFICO 33: SOBRE EXISTÊNCIA DE UMA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL QUE SE PREOCUPE COM PROBLEMAS DE DESASTRES NATURAIS.



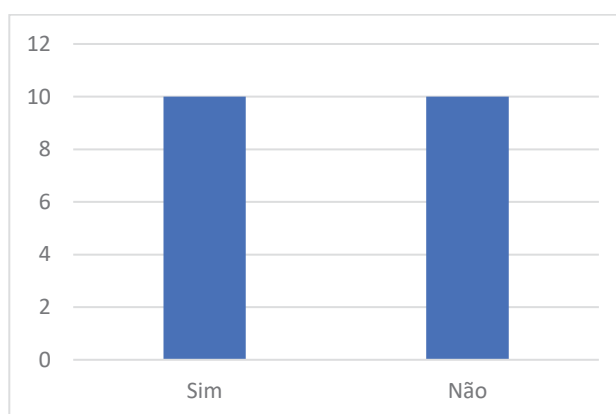
FONTE: O autor (2019).



As respostas foram afirmativas, dezessete respondentes citaram que existem. Duas associações comerciais foram citadas pelos pesquisados, o Morretes Convention & Visitors Bureau e a Associação de Restaurantes e Similares de Morretes, ARSM.

Questionou-se se os empresários acreditam que atualmente os moradores de Morretes já estejam preparados para saber como enfrentar algum novo acontecimento de desastre natural.

GRÁFICO 34: SE A POPULAÇÃO ESTÁ ORIENTADA PARA ENFRENTAR DESASTRES NATURAIS EM MORRETES-PR?

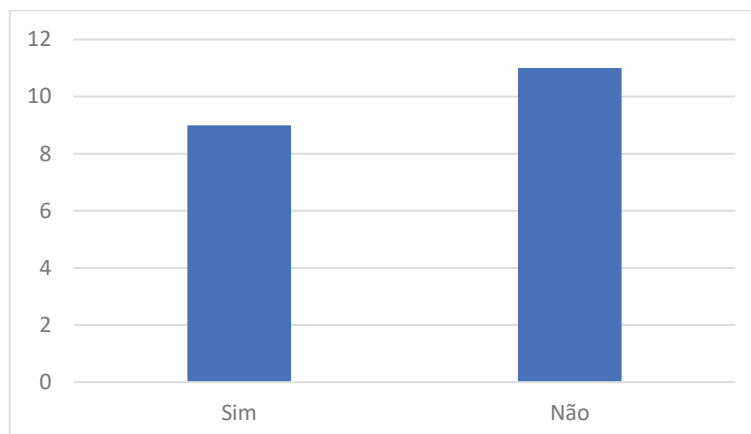


FONTE: O autor (2019).

Determinou-se um empate entre as respostas, pois a metade acredita que a população já sabe como agir em caso de uma catástrofe, como grandes enchentes. Outra parte acredita que os departamentos responsáveis pelo planejamento não têm feito capacitação suficiente para as populações que moram em locais de risco para saberem como agir em casos de novos desastres.

Se o estabelecimento comercial está construído em área de algum tipo de risco a desastre natural.

GRÁFICO 35: SEU ESTABELECIMENTO COMERCIAL  
ESTÁ EM ÁREA DE RISCO DE DESASTRES NATURAIS?

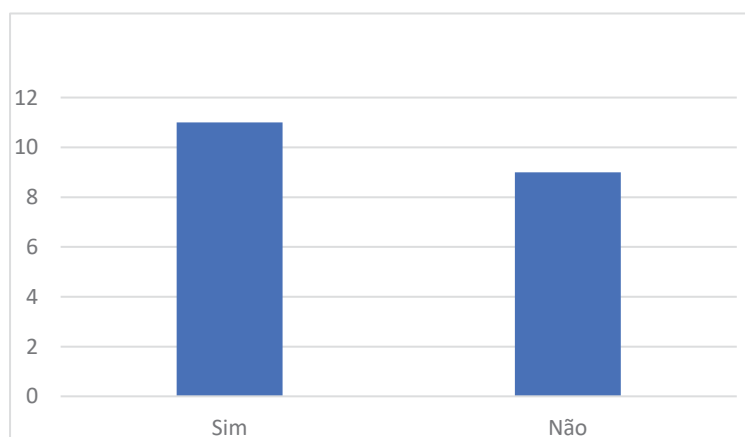


FONTE: O autor (2019).

Mais da metade dos empresários acredita não estar sujeito a um problema de desastre natural, como uma enchente, por estarem com seus estabelecimentos em lugares mais protegidos. A outra parte dos entrevistados, nove, declararam que seus imóveis estão em área de risco e podem ser atingidos pelas águas dos rios em caso de novas enchentes.

Com relação às chuvas de 2011, que foram as mais torrenciais registradas nas últimas décadas e que deixou o município com grandes problemas, perguntou-se o evento prejudicou a economia e o turismo local por um longo período de tempo ou não.

GRÁFICO 36: ACREDITA QUE HOUVE DIMINUIÇÃO NO TURISMO POR UM LONGO  
TEMPO EM 2011, POR CAUSA DAS CHUVAS DAQUELE ANO?



FONTE: O autor (2019).

As respostas são divididas, sendo que 11 acreditam que demorou muito tempo para a economia do turismo voltar ao normal, e 9 não acreditam que foi muito impactante, e afirmaram que em seis meses tudo voltou ao normal.

Os formulários aplicados aos empresários de Morretes, na parte central da cidade, mostra a importância dos restaurantes como equipamento de turismo devido ao grande número deste tipo de estabelecimento. Muitas destas empresas como indicados no gráfico 32 apresentam 10, 20 30 e até 65 anos de funcionamento, mostrando que existe uma economia estável baseada no turismo local.

Os entrevistados estão conscientes da possibilidade de desastres ambientais principalmente relacionados à grande quantidade de chuvas e inundações normais na região. Os entrevistados demonstraram em modo geral a insatisfação com a prefeitura com relação ao apoio ao turismo, bem como não declaram que estão satisfeitos com os planos de prevenção a desastres e da estrutura de apoio em caso de enchentes ou chuvas fortes.

O Morretes Convention & Visitors Bureau participa periodicamente de reuniões com o Corpo de Bombeiros, Defesas Civil e Prefeitura para discutir questões de segurança ambiental para o comércio e a comunidade de Morretes. Existem duas associações comerciais citadas pelos entrevistados, o Morretes Convention & Visitors Bureau e a Associação de Restaurantes e Similares de Morretes , ARSM.

## 5.7 ANÁLISE CONJUNTA DOS RESULTADOS DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foi possível perceber a noção sobre os perigos que podem existir em um determinado lugar, ou lugar turístico especificamente, mas não se detectou de forma consistente uma preocupação com respeito a possível ocorrência de desastres naturais nem por parte dos administradores, nem por parte dos visitantes.

Desta forma, em caso de algum desastre natural que ocorra, e sendo um acontecimento negativo, a probabilidade é que esse desastre natural possa atingir as pessoas com surpresa e que muitas não saibam como agir para proteger seu bem estar e suas vidas. Essa situação, porém, não é diferente de muitos outros locais no mundo, sendo que os acontecimentos negativos, que segundo Glaesser (2008, p. 29),

explica que acontecimentos negativos são definidos como sendo todo e qualquer incidente que ocorrem e que podem gerar prejuízo duradouros do ponto de vista da organização afetada. Isso significa que os acontecimentos negativos podem ameaçar, enfraquecer ou destruir as vantagens competitivas ou os objetivos importantes da organização. Assim é melhor adotar uma perspectiva mais ampla, que considere os acontecimentos negativos não apenas como problemas de segurança. Um município pode abordar as questões de um impacto negativo da mesma forma, pois funciona como uma empresa que administra tanto os bens públicos, como a vida das pessoas que vivem em um determinado território, bem como seus visitantes.

De modo geral, as conclusões obtidas foram que, acordando com a bibliografia mencionada, parece não existir a preocupação por parte dos gestores consultados, em preparar melhor a estrutura do município para desastres naturais futuros.

Existe a consciência de que a região é área de risco, e que já aconteceram episódios de destaque nos últimos cem anos, mas não se acredita que esses episódios possam acontecer novamente com a mesma intensidade por exemplo, como a quantidade de chuvas do início da presente década.

O presidente do Convention & Visitors Bureau também declara que a mídia criou uma imagem negativa para o município com relação às chuvas, mas que a mesma mídia não destacou que a resiliência dos moradores de Morretes foi efetiva e a reconstrução dos danos foi rápida por parte dos órgãos do governo e dos particulares.

Com relação à entrevista na Secretaria de Turismo de Morretes, o diretor efetivo na época da pesquisa e que forneceu a entrevista, demonstrou tranquilidade sobre a possibilidade de novos desastres naturais como os ocorridos em 2011, pois segundo ele, os problemas mais graves aconteceram nas áreas rurais desabitadas, e que não eram áreas de pontos turísticos. Avalia que a atual estrutura e organização dos órgãos públicos estão aptas a tratar de quaisquer futuros problemas. Percebe-se algumas divergências de pontos de vista entre o presidente do Convention & Visitors Bureau e do diretor de turismo.

Com relação à percepção dos turistas quanto aos perigos que possam existir em locais de bonitas e tranquilas paisagens, como a ponte na parte central de Morretes, próximo ao restaurante Madalozo, a maioria que respondeu o questionário

tanto por alunos do Ensino Médio como pelos turistas no questionário pela Internet, não dizem sentir medo ou perigo dos lugares turísticos indicados pelas fotos.

Para os dias de sol, é mais difícil se pensar em uma ameaça que surja rapidamente.

O entendimento por outro lado, por parte dos moradores entrevistados e dos alunos que preencheram o questionário, é de que existe um grande perigo de enchentes nos meses de verão. Muitos moradores das áreas de risco têm medo de dormir com tempestades por receio da possibilidade de precisar fugir das enchentes durante à noite, por causa das cheias dos riachos na madrugada. Os moradores também criticam que se forem avisados sobre as enchentes e da necessidade de evacuação, eles não sabem para onde devem se dirigir, pois não recebem orientação para isso.

Cada um dos instrumentos de pesquisa utilizados neste estudo coletou um determinado tipo de dados e informações, ou informações de representantes de determinados grupos sociais relacionados ao turismo de Morretes.

Desta forma, faz-se necessário agora uma inter-relação interpretativa destas informações, as quais será realizada a seguir.

Fica muito evidente que existe duas opiniões diferentes entre empresários e moradores de Morretes, para o outro grupo, dos administradores públicos e dos dirigentes de associações comerciais. Também uma visão oposta entre os turistas com a dos moradores do município.

Em todos os casos, a questão da percepção diferente é bem evidente, e como vemos em Tuan (1980), na percepção do espaço e em Merleau-Ponty (1992), e com uma abordagem de pesquisa que utilizam também a fenomenologia analisando como as sensações em um mesmo lugar vai afetar, de forma diferente as pessoas.

Também a sensação de perigo para os munícipes e para os administradores, é diferente.

De acordo com a pesquisa bibliográfica e a as entrevistas e trabalhos de campo, identificou-se que os desastres naturais que podem acontecer no município de Morretes, PR, são as chuvas intensas, as quais de períodos cíclicos entre 10, 50 anos, podem apresentar níveis pluviométricos muito elevados. Porém, o que pesquisas constataram, é que, devido ao fenômeno climático do El Niño, bem como o

atual surgimento de mudanças climáticas globais, a qualquer ano podem acontecer períodos de chuvas muito intensas, como aconteceu mais recentemente em 2011.

Desta forma, quando acontecem os períodos de elevada precipitação pluviométrica, estas podem causar grandes enchentes bem como desmatamentos de encostas. O fenômeno da cabeça d'água não necessita de um volume tão grande de chuvas, e por isso pode acontecer mais frequentemente ao longo dos rios que descem a Serra do Mar.

Os alunos do Colégio Rocha Pombo forneceram respostas que demonstram ter contato com a natureza local e por isso conhecem sobre o fenômeno da cabeça d'água sendo que alguns estudantes declararam já terem presenciado o fenômeno muitas vezes. Muitos alunos sabem ver no rio os sinais da aproximação de uma cabeça d'água, que pode ser de pequena ou grandes proporções e sabem que devem se afastar do rio. Isso também é sabido por alguns moradores e empresários entrevistados.

Em contrapartida, os turistas que responderam o questionário on-line, 92% declaram ter ouvido falar sobre o fenômeno da cabeça d'água. Mas ter ouvido falar não significa que estes saibam reconhecer, no ambiente onde está o rio, quando uma enxurrada se aproxima. Desta forma, os tipos de sensação que um morador de Morretes sente às margens do rio Nhundiaquara é diferente das sensações de um turista. O visitante vive geralmente em cidades onde esse tipo de fenômeno não acontece, e desta forma, não se preparara os sentidos para se proteger.

Outra diferença de percepção é da informação sobre as chuvas torrenciais.

Para os moradores e dirigentes entrevistados, parece que as chuvas fortes como enchentes é algo normal para o município e estes não sentem que isso possa ser mudado.

Os turistas, no entanto, têm uma visão sobre as chuvas torrenciais como algo a ser evitado e sempre acompanham as notícias. A ideia de que a cada chuva possa acontecer uma enchente é comum nas pessoas quem não moram em Morretes. Dos entrevistados, 78,9% declararam que saber que podem existir períodos de elevada pluviosidade no litoral do Paraná.

Outro ponto importante é a atenção para avisos sobre perigos em Morretes. Para os dirigentes, a opinião é que os instrumentos de prevenção a desastres naturais são suficientes para atender as necessidades. Segundo o diretor de turismo

entrevistado, a estrutura que a prefeitura implantou para avisos, treinamento e socorro da população é satisfatório. Os turistas, 81,1%, no entanto, não informaram ter visto placas e avisos sobre o perigo da cabeça d'água ao longo dos rios, ou avisos em outros lugares sobre quaisquer outros problemas.

Ainda com relação a avisos, nas entrevistas com os moradores, estes declaram também que não existe uma estrutura de alarme de desastres naturais em funcionamento. O diretor de turismo informou na entrevista que não existem sirenes na cidade para avisar quando os rios começam a transbordar. Os moradores de áreas de risco comentaram ter visto avisos no Facebook, mas isso só possível caso o morador consulte essa rede social. Ninguém comentou sobre avisos no celular que podem ser transmitidos pela Defesa Civil.

Desta forma, para o poder público, a noção é que existem mecanismos de prevenção e de avisos emergenciais suficientes, e segundo o diretor de turismo, projetos de novas estruturas de prevenção não foram instaladas, por não serem necessárias ou por serem inviáveis. Todavia, para população pesquisada tanto pelos questionários aplicados aos estudantes como para os moradores entrevistados, estes sistemas de avisos não existem. Provavelmente foram implantados, mas o que se constata é que não são divulgados da forma adequada para os moradores e para os turistas de Morretes.

Nas entrevistas com os moradores e nos formulários aplicados aos empresários, registraram-se noções de que a prefeitura não atua em áreas de prioridade, como no incentivo ao turismo e na prevenção e orientação dos moradores para prepará-los a agir em casos de novas enchentes.

No caso específico da percepção nos rios, os turistas e moradores sentem de formas distintas os lugares. Desta maneira, num dia de sol, o morador atento ao problema da cabeça d'água sabe que pode acontecer uma enxurrada e sempre olha no cume das serras para ver se não está chovendo nos lugares mais altos. Caso note nuvens no cume das serras, observa se os rios começam a trazer muitas folhas e galhos, se a cor da água muda e se a altura das margens não começa a subir.

O morador percebe se a velocidade das águas do rio que desce a serra começa a ficar mais rápida e mais forte, e se a temperatura da água começa a ficar mais fria. Esses são os sinais da vinda de uma enxurrada pelo rio abaixo. As vezes



podem ser ouvidos estalos de árvores, o que significa que uma grande onda pode estar perto.

Para o turista desatento, provavelmente, esses sinais não significam nada, pois para ele, se não há a chuva no local onde ele está, não percebe a eminência de perigos. Isto aumenta o risco do turista ser surpreendido por uma situação de risco pelo fenômeno cabeça d'água, por exemplo.

Nesses casos, como foi relatado pelos pesquisados, o morador que conhece o processo da formação da cabeça d'água, poderia avisar aos banhistas dos perigos que podem estar correndo, quando os sinais surgem. Da mesma forma, o corpo de bombeiros deveria avisar ao longo do rio, as pessoas que ainda estão na água, para que saiam dos lugares de risco.

Quando os entrevistados foram perguntados se sentiam algum medo ao olhar a imagem do rio Nhundiaquara num dia de sol, 89,3% dos turistas na pesquisa on-line responderam que não sentiram nenhuma sensação de perigo, bem como os estudantes na maioria também disseram não terem sentido nenhum medo ao terem olhado a fotografia. Assim, para os turistas, por desconhecerem a situação de risco do local, justamente num dia de sol, é que o perigo de uma enxurrada repentina chegar é mais provável. Num dia de chuva as pessoas não vão entrar na água porque sabem que rapidamente o rio vai subir, desta forma, a chance de uma surpresa é menor.

Outro aspecto da percepção, agora de forma mais conceitual, seria na pergunta para moradores que participaram da entrevista e para os estudantes que responderam ao questionário, se eles acreditavam que as pessoas ficaram com medo das chuvas em Morretes a partir das notícias divulgadas em 2011, e se isso prejudica o turismo do município.

As respostas foram contraditórias, mas ficou evidente para os dois grupos que a previsão do tempo quando anuncia chuvas fortes, isso alerta os turistas, principalmente dos que moram em Curitiba e região metropolitana, e que são a maioria dos visitantes do litoral. Foi citado várias vezes pelos entrevistados que quando o turista sabe que está chovendo, ou vai chover, este já cancela as suas viagens para Morretes.

Por outro lado, a opinião do Morretes Convention & Visitors Bureau e do diretor de turismo é de que essa ideia de que os turistas ficaram com um estigma que, se chover, Morretes não deve ser visitada, não é coerente.

De acordo com o diretor de turismo, a função da prefeitura é entrar em contato com os jornalistas para que eles façam a divulgação de forma correta das notícias relacionadas a desastres naturais. De acordo com a Secretaria de Turismo de Morretes, na época das enchentes de 2011, foi realizado um bom trabalho de orientação à mídia, a qual passou a citar os locais específicos onde aconteceram os desmoronamentos e as enchentes. Isso fez com que o turismo voltasse ao normal em duas semanas. Essas informações fornecidas pelo diretor de turismo foram opostas as da entrevista do presidente do Convention & Visitors Bureau, que considera que a Secretaria de Turismo na ocasião em 2011, não fez o trabalho de orientação às mídias de forma adequada. Também pelos dados oficiais fornecidos pela prefeitura sobre os danos e prejuízos acontecidos devido as chuvas, ficou contraposto com a opinião do diretor de turismo de que as consequências não foram tão graves quanto a mídia tinha anunciado.

Com relação ao atendimento dos órgãos do governo para com os moradores de morretes entrevistados, existe uma diferença das opiniões, pois os órgãos públicos consideram que a orientação aos moradores é satisfatória, mas os moradores declararam que essas orientações são insuficientes ou inexistentes, pelo menos para os que se localizam na parte urbana no município. Neste caso, apesar de existirem muitos programas de orientação aos moradores sobre os desastres naturais, esses parecem não estar sendo divulgados de forma adequada e abrangente.

No presente capítulo realizamos uma interpretação e discussão das informações reunidas durante a fase de coleta de dados.

No próximo capítulo serão feitas as considerações finais da pesquisa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns moradores como se verificou na pesquisa aplicada, muitas vezes não conhecem a dinâmica os procedimentos e avisos a problemas de desastres naturais dos lugares onde vivem, ou não conhecem os fenômenos naturais de seu próprio município. Esse tipo de constatação mostra que se algum turista necessitar de informações com relação aos riscos de desastres naturais e como agir se eles acontecerem, e não tiverem profissionais adequados de órgãos responsáveis próximos, muitos moradores do município provavelmente não tenham condições de fornecer informações básicas necessárias.

Os resultados do presente trabalho, a partir dos questionários aplicados aos turistas, bem como de entrevistas realizadas com os moradores, mostrou que existe em primeiro lugar, uma imagem positiva de Morretes e essa transmite uma ideia de segurança e confiança para a maioria dos visitantes.

O perfil dos turistas pesquisados com o Formulário Google, mostrou que a maioria dos participantes apresentava uma formação de ensino superior.

Alguns entrevistados de outros estados, demonstraram entusiasmo pelas belezas naturais, o que evidencia que Morretes apresenta elementos da natureza que podem ser comparadas a muitos lugares turísticos do Brasil e do Mundo.

Os resultados mostraram que a percepção de riscos de desastres naturais, não estão no consciente dos turistas ou dos visitantes, nos locais de visitação.

Com relação   percepção dos estudantes do ensino médio com relação à paisagem e o que ela pode influenciar no sentimento da existência de riscos,   diferente dos visitantes. Apesar de conhecerem melhor a cidade do que um turista, 11 de 47 estudantes pesquisados não souberam ou não conseguiram se expressar por algum motivo, com relação ao que sentiam vendo uma fotografia de uma determinada paisagem, o que pode mostrar desinteresse em falar sobre a paisagem turística. Também demonstraram desconhecimento dos problemas relacionados às alterações climáticas e desconhecimento aos desafios que o município enfrenta.

Desta forma, pode-se entender que mesmo que uma cidade tenha uma grande importância turística, nem todos os seus moradores participam destas atividades de forma efetiva.

Um grande número de municípios no Brasil apresenta atrativos turísticos e recebem centenas ou milhares de visitantes todos os anos. Assim, um estudo de prevenção e atendimento em situações de emergência deveriam ser construídos ao longo do tempo assim como é feito em muitos outros países que já perceberam a importância de se estudar sobre os riscos que podem existir em atividades turísticas RITCHIE (2009, p.26). Para oferecer proteção e orientação, estudos e estruturas de monitoramento e prevenção podem ser criados ou mantidos aos turistas que se sentirão seguros e protegidos para visitar seus lugares turísticos preferidos, mais vezes.

De acordo com os dados coletados e analisados é possível entender que existem muitas características a serem compreendidas na relação entre sociedade e natureza. Nesse processo está incluída a relação direta das pessoas com o ambiente em que vivem, além de um fator importante que é a administração pública e privada.

No caso, para os visitantes ou turistas terem uma boa estadia é necessário que os moradores locais estejam bem estruturados, isso significa que o modo de vida dos habitantes de um local influencia no bem estar dos visitantes. Todavia, quando em um município existem sistemas de prevenção, proteção e programas de resiliência planejados para serem implantados após uma situação de desastre, tanto moradores quanto turistas terão melhores condições de se relacionarem com o lugar turístico.

Um dos pontos de destaque na coleta de informações foi a questão da percepção das pessoas entrevistadas sobre as possibilidades de riscos diretos que estas possam estar à mercê. Foi evidente que os moradores pesquisados têm a noção dos perigos que existem onde moram, mas não sabem, em sua maioria, sobre os instrumentos existentes para que possam se prevenir ou de como agir quando eventos catastróficos acontecerem. Entendeu-se que se trata de uma falha dos órgãos públicos em divulgar mais eficientemente os programas criados para a informação e treinamento das pessoas com relação de como devem agir em novos casos de enchentes ou outro desastre natural.

Em algumas entrevistas ficou claro que ocorrem grandes eventos climáticos como a formação de chuvas fortes na região do litoral, e em especial as chuvas do verão de 2011 ficaram muito marcadas na memória da população. Apesar de ter sido um evento catastrófico, muitos moradores acreditam que é difícil que isso aconteça novamente com a mesma intensidade. Mas apesar disso, todos os anos quando

começa a chover, o medo de uma chuva tão forte quanto as de 2011, causa apreensão nos moradores.

Para os turistas, e principalmente para os moradores da região metropolitana de Curitiba, de acordo com os questionários, a maioria dos entrevistados sabe sobre os problemas climáticos do litoral e principalmente do município de Morretes. Nesse caso, estão cientes sobre as possibilidades dos desmoronamentos nas encostas junto às estradas, bem como da possibilidade eminente de inundações ao longo dos rios. São situações de riscos reais, e que podem levar as pessoas a sofrerem acidentes. Assim é comum que os turistas ao verificarem a previsão de tempo com chuvas intensas, cancelem suas viagens para o litoral.

Uma das atividades tradicionais do turismo em Morretes está ligada à gastronomia, e em especial para o tradicional barreado, um prato típico da região. Ir para um restaurante seria algo independente da ocorrência de chuvas numa cidade, mas no caso de Morretes a percepção do perigo faz com que as pessoas fiquem receosas de viajar. Um dos principais receios tanto da população quanto a dos visitantes é da queda de barreiras e a queda de pontes que podem isolar as pessoas nas estradas, mantendo-as presas em determinados locais, às vezes até isoladas.

Outro ponto importante foi à constatação da falta de sinalização sobre determinados perigos na região, como avisos da possibilidade da existência de enchentes repentinas, como a do fenômeno chamado de cabeça d'água, muito como em locais de serras e de clima tropical e subtropical. Deveriam existir mais placas e folhetos explicando o que é o fenômeno e como acontece, para que o turista saiba como agir caso enfrente um dia esse tipo de manifestação da natureza.

Nesse caso, com relação ao fenômeno da cabeça d'água, a maior parte dos turistas entrevistados pelos questionários não demonstrou percepção a esse fenômeno, e não relacionam esse risco a dias de sol. As paisagens bonitas de Morretes associadas a dias ideais para um passeio, aliados à falta de informação, fazem com que os visitantes fiquem desatentos a perigos deste tipo.

Com relação ao formulário utilizado com alguns empresários locais de Morretes, foi constatado a opinião deste grupo que existe falta de apoio da prefeitura para com o setor do turismo, apesar de que a cidade tenha uma imagem de cidade turística para os visitantes. Isso pode indicar que a maior parte da população não

trabalha nas atividades turísticas, e segundo os entrevistados, poder público não disponibiliza a atenção necessária ao turismo local.

Com relação ao clima, em geral os entrevistados estão conscientes das mudanças climáticas, da possibilidade de grandes chuvas e enchentes e de outras consequências das tempestades.

A maioria dos entrevistados, em todos os instrumentos de coleta de dados, respondeu não estar satisfeito com as orientações e apoio dos órgãos públicos com relação a avisos de riscos e assistência a desastres naturais quando esses ocorrem.

Os entrevistados em sua maioria responderam que quando acontecem as chuvas torrenciais, o turismo é prejudicado na cidade. Esse fato foi constatado pelo pesquisador em visita a Morretes em um dia de chuva, e de forma empírica visualizou que a maior parte dos turistas em um dia de chuva forte são os que chegam à cidade de trem. Praticamente visitantes de automóveis são inexistentes. Num dia chuvoso, a partir das 16 horas praticamente todos os turistas deixam a cidade.

De modo geral, é possível até o momento, entender que em Morretes, em alguns locais na parte urbana e rural, existem pontos de grande atração aos visitantes, mas que podem também oferecer perigos relacionados a elementos da natureza.

O que se constatou é que ainda existem riscos ligados aos fenômenos climáticos da região, os quais em poucos minutos podem criar condições de ameaça à segurança, como uma forte chuva com ventos e raios, e rápidas enxurradas que descem os rios. Avisar destas possibilidades de riscos aos turistas e de como devem agir em caso de perigo, deveria ser uma prioridade maior dos órgãos responsáveis pela segurança dos turistas e dos moradores (RITCHIE et al., 2010). Em todas as fases da pesquisa se utilizou o método observacional Gil (2008, p.16), procurando detectar várias informações subliminares nas entrevistas, na aplicação dos questionários ou nas pesquisas bibliográficas por parte dos voluntários.

Não se abordou as questões de desastres naturais como um fator preeminente e nefasto a acontecer em Morretes ou em qualquer outro lugar, mas se entende que é necessário estar preparado para eventuais dificuldades, e os riscos existem mesmo que pequenos. O importante é que caso esses desastres ocorram, todos estejam preparados para enfrentar e resolver os problemas.

Outros estudos no futuro podem ser desenvolvidos analisando mais

profundamente e escolhendo outros pontos para se falar sobre os riscos que podem acontecer nas atividades de turismo e podem afetar tanto ao mercado do turismo, como em especial ao turista.

O objetivo principal que era o de analisar o turismo e os desastres naturais no município de Morretes foram atingidos, pois através de estudos de campo e de levantamentos na literatura, foi possível conhecer os mecanismos do turismo no município escolhido. Os dois meios principais de acesso que são a linha de ferro entre Curitiba-Morretes levam todos os finais de semana centenas de turistas, principalmente de outros estados e de outros países. Já as rodovias levam em grande parte os visitantes de Curitiba e da região metropolitana. Em ambas as opções de acesso, as chuvas podem causar problemas aos viajantes devido aos possíveis desmoronamentos das encostas causadas pelas chuvas torrenciais.

Os desastres naturais mais destacados, há muitos anos, ou desde sempre, são principalmente as enchentes que aparecem na mídia, segundo Bley (1990, p. 131) a primeira notícia publicada que se tem registro oficial em um jornal sobre os transbordamentos dos rios em Morretes, é de 1913, no Diário da Tarde de 15 de janeiro 1913, o qual era um periódico de Porto de Cima, Morretes. De lá para cá, muitas notícias foram publicadas a respeito das cheias. Desta forma, foi possível em nossa pesquisa relacionar na mídia também novos alagamentos, como o de 2011 e citar os impactos negativos que tiveram sobre o turismo. Assim, existe sempre o receio de que nos períodos do verão possam acontecer tempestades que prejudiquem os turistas e os moradores. Com alguns instrumentos de análise como uso de imagens fotográficas, foi possível coletar dados sobre a percepção dos turistas e de estudantes de Morretes sobre os riscos a desastres naturais.

Também foi possível coletar informações através das entrevistas pessoais sobre a percepção dos desastres naturais e da qualidade da segurança nos locais onde vivem, com relação aos riscos das inundações. As entrevistas com viés etnográfico, Tumulero (2019), proporcionaram ao pesquisador, um tempo e condições para estar nos bairros onde ocorrem as inundações para ter uma vivência mais prolongada com os moradores. Desta forma, através das visitas para o estudo das áreas escolhidas e do contato com os atores locais, o entendimento dos problemas sociais, do espaço em si, e desses elementos com o processo do turismo local foi mais compreendido.



O viés etnográfico nas entrevistas, e mesmo na pesquisa em geral, auxiliou no processo de compreensão, pois mostrou que a aproximação com os entrevistados e a vivência devido a um número maior de visitas ao campo, possibilita um entendimento mais amplo do foco de estudo. Desta forma, o pesquisador realizou um grande número de visitas de campo a Morretes e criou amizade com muitas pessoas da comunidade, além de desenvolver um interesse ainda maior pela cidade e pelo município estudado e obviamente pelos processos do turismo local.

Com relação aos objetivos específicos como citados anteriormente, ocorreu a identificação dos desastres naturais do município através da pesquisa bibliográfica e coletas de informações diretas no município, bem como em pesquisas em acervos de fotografia que mostram as inundações de vários anos.

Com relação ao objetivo de avaliar como os turistas e moradores locais do município de Morretes podem ser afetados pelos desastres naturais, foi identificado que as inundações dos rios são os principais problemas. Essa situação acontece justamente porque a cidade foi construída em uma área com muitos rios e riachos e com uma topografia baixa e plana, onde a linha da água fica sinuosa, sendo umas das áreas mais propícias a inundações da região, o que gera condições de perigo para alguns pontos da cidade. A percepção dos moradores é mais apurada do que a dos turistas com relação aos riscos existentes nos rios, já que moram no local.

Os turistas, em sua maioria, quando percebem a ameaça das chuvas, ou não vão para Morretes ou saem o mais rápido possível da cidade quando vem uma chuva forte. Esse nível de receio e precaução, porém, não acontece com relação ao fenômeno da cabeça d'água, devido a não conscientização do perigo, por muitos turistas.

Para o terceiro objetivo específico, a meta de descrever as políticas públicas, o que foi constatado, principalmente com entrevistas e pesquisas com a administração pública, é que, a estrutura do estado procura fornecer a Morretes o socorro nas épocas de chuvas, e apoio a resiliência. Também a Defesa Civil, Corpo de Bombeiros, Prefeitura de Morretes em geral e Governo do Estado do Paraná atendem a população com treinamentos e orientações para o caso de uma nova emergência. Porém, esse atendimento parece não abranger a toda a população de forma adequada, bem como a divulgação da existência de programas não é conhecido por muitas pessoas pesquisadas. Além disso, as iniciativas do setor privado através

do Morretes Convention & Visitors Bureau procuram oferecer formas de incentivo às atividades turísticas como a organização de festivais de música, do festival Gastronômico do Morretes Chef, entre outros.

Recapitulando as principais perguntas ligadas às hipóteses lançadas inicialmente a essa pesquisa, indagando-se se os desastres naturais seriam um fator prejudicial para o desenvolvimento de determinados lugares turísticos, e no caso do município de Morretes, se os desastres naturais têm causado prejuízos para o setor do Turismo devido à precária infraestrutura urbano-regional e à ausência de ações de prevenção e mitigação e a uma ocupação inadequada. Será feito a seguir uma finalização pontual.

Os desastres naturais constituem um fator prejudicial para o desenvolvimento de determinados lugares turísticos?

As respostas foram afirmativas, nos instrumentos de pesquisa os respondentes declararam que os desastres naturais que ocorrem periodicamente no município de Morretes prejudica o turismo local, bem como a outras atividades. Foi exposto, porém, por algumas pessoas, que a resiliência geralmente é muito rápida, e em poucas semanas praticamente tudo volta ao normal.

No caso do município de Morretes, os desastres naturais têm causado prejuízos para o setor do Turismo devido à precária infraestrutura urbano-regional e à ausência de ações de prevenção e mitigação e a uma ocupação inadequada?

Neste caso, o principal problema é que a área urbana, pelo menos a parte mais antiga, e que é o setor histórico da cidade, foi construída numa área de risco permanente a inundações, devido ao relevo e a presença de curvas no rio Nhundiaquara. Nos bairros, os entrevistados declararam que em muitos pontos não existe canalização para o saneamento, o que gera problemas. De modo geral, existe uma estrutura urbana na maior parte da cidade, mas como a cidade é pequena, novas estruturas demoram a ser implantadas. Já os problemas ligados às condições geográficas não podem ser alterados, como declarou o diretor de turismo, referindo-se às áreas de inundação.

Quais as informações e orientações e tipo de ajuda que os turistas devem receber caso fiquem expostos de alguma forma a desastres naturais?

Os turistas deveriam receber, de forma mais ampla e fácil, informações sobre o fenômeno da cabeça d'água, pois é o principal risco para os turistas. Muitas pessoas

já se afogaram e mesmo morreram por terem sido pegas de surpresa, devido a rapidez do deslocamento da onda e depois do enorme volume de água que vem em forma de enchente do rio.

De acordo com alguns empresários pesquisados, outra orientação importante a ser difundida para os turistas, é que esses não deveriam voltar para Curitiba pela estrada da Graciosa em um dia de chuva, pois como a precipitação pode ser muito elevada, formam-se pequenas cascatas ao longo da estrada serra acima, e que podem tirar um carro fora da estrada, causando acidentes, além do risco de queda de barreiras na Serra do Mar. Outro fator de risco importante é que a pavimentação na maior parte da Estrada da Graciosa é feita de pedra, que deixa a pista mais lisa quando molhada. A descida pela estrada da Graciosa num dia de chuva, é ainda muito mais perigoso, pois os riscos a derrapagens são muito grandes.

Como os turistas e os moradores locais percebem os desastres naturais?

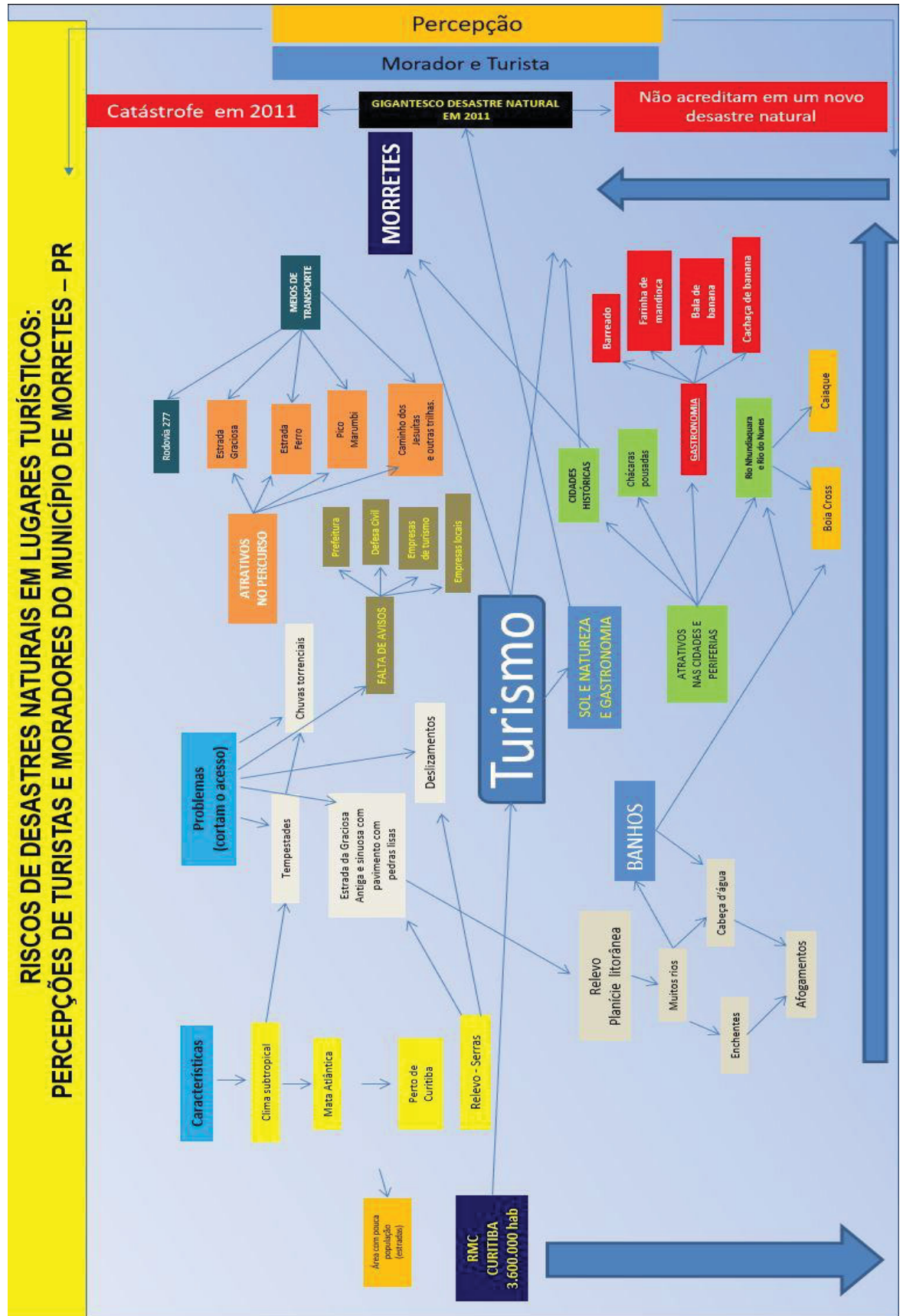
Os moradores sabem em sua maioria dos problemas ligados as chuvas e enchentes, e principalmente a cabeça d'água que pode acontecer mesmo num dia de sol. Já os turistas, mesmo a maioria tendo informado que sabem sobre os problemas das enxurradas dos rios, não têm receios, pois é muito difícil de presenciarem esse fenômeno pois vivem em lugares onde isso não acontece.

A metodologia em geral, unindo diferentes tipos de instrumentos de pesquisa como entrevistas, aplicação de formulários, questionários, visitas a campo, pesquisa bibliográfica geraram uma grande quantidade de dados e de informações que supriram o presente trabalho, bem como podem oferecer mais informações para eventuais pesquisas mais detalhadas.

O estudo se limitou com relação ao tempo e devido ao vasto campo de possibilidades a serem exploradas e a falta de trabalhos anteriores específicos sobre o assunto para basear este estudo em língua portuguesa. A partir de março de 2020 foi praticamente impossível realizar visitas complementares ao município de Morretes devido às medidas de isolamento social impostas pelos órgãos de saúde, por motivo à pandemia de Covid-19.

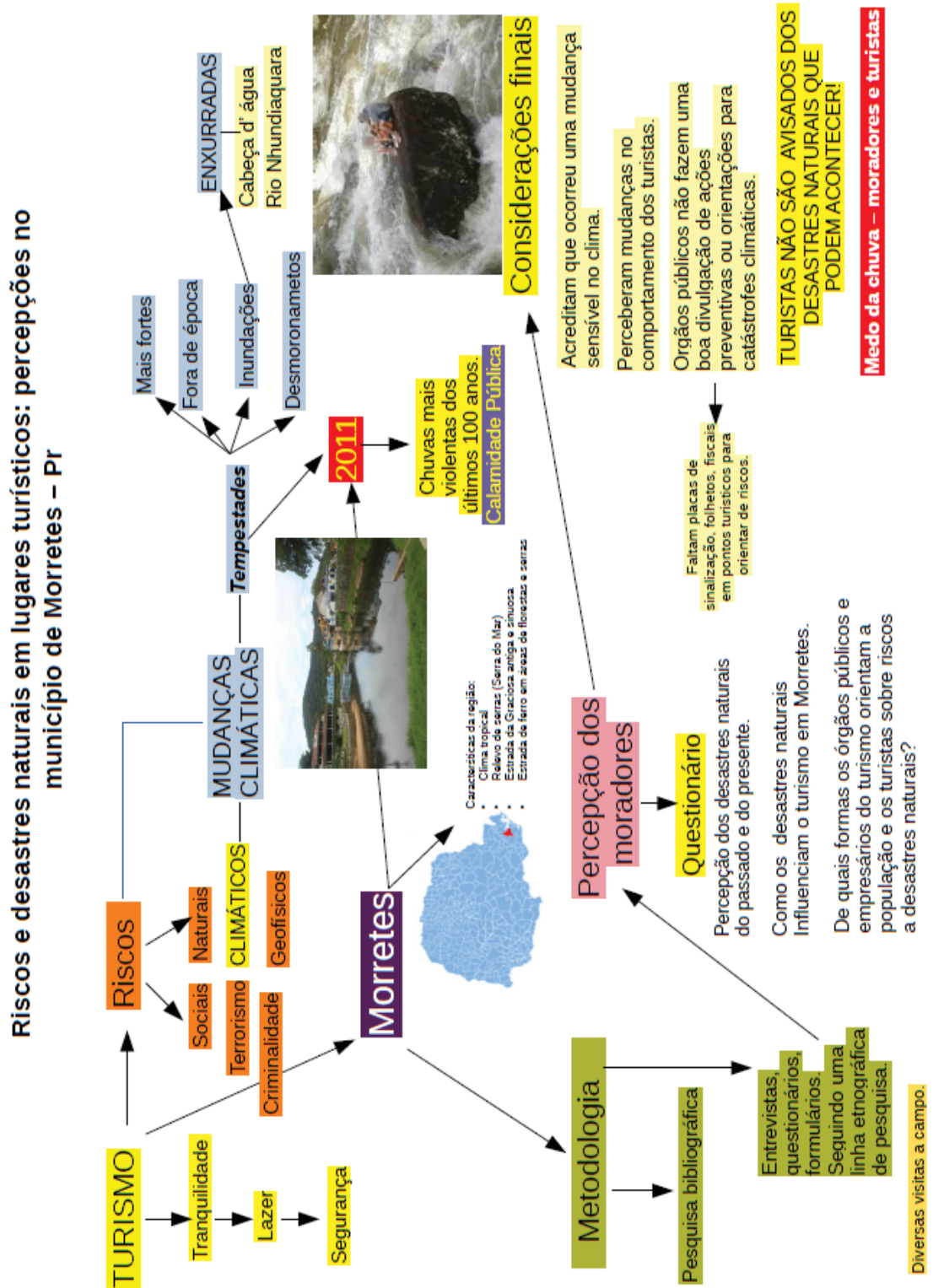
Abrem-se muitas possibilidades de pesquisas sobre o tema dos impactos dos desastres naturais em lugares turísticos, bem como pode abrir outras linhas de pesquisa com o mesmo tema, inclusive para uma futura tese de doutorado.

FIGURA 09: FRAMEWORK DA DISSERTAÇÃO



FONTE: Autor (2020).

FIGURA 10: RISCOS DE DESASTRES NATURAIS EM DESTINOS TURÍSTICOS PERCEPÇÕES NO MUNICÍPIO DE MORRETES - PR





## 7 REFERÊNCIAS

ADETUR; SEBRAE; PARANÁ TURISMO. **Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional 2008 - 2011 / Região Turística Litoral do Paraná - Brasil**. Curitiba, 2008.

ANGULO, R. As praias do Paraná: problemas decorrentes de uma ocupação inadequada. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, , n. 99, p. 97–103, 2000. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista\\_PR/99/rodolfo.pdf](http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/99/rodolfo.pdf)>. Acesso em: 27/8/2019.

ANTONELLI, D. Ferrovia 130 anos: a primeira ferrovia | Gazeta do Povo. **Gazeta do Povo**, 2015. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/ferrovia-130-anos/>>. Acesso em: 23/9/2020.

ARAÑA, J. E.; LEÓN, C. J. The impact of terrorism on tourism demand. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 2, p. 299–315, 2008.

BACH, R. A. **A LINHA TURÍSTICA FERROVIÁRIA CURITIBA-LITORAL E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O TURISMO DO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR. 155 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) UFPR. Curitiba, 2020**. Universidade Federal do Paraná.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) - I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação (SIRSSE)**, v. 1, p. 329–341, 2011. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf)>. Acesso em: 25/8/2019.

BEM PARANA. Bombeiros alertam para os perigos da cabeça d'água - Bem Paraná. Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/bombeiros-alertam-para-os-perigos-da-cabeca-dagua-#.X25SBihKhqN>>. Acesso em: 25/9/2020.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 8ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1997.

BENSON, C.; CLAY, E. J. **Understanding the economic and financial impacts of natural disasters**. World Bank Publications Department, 2004.

BENSON, C.; TWIGG, J. 'Measuring mitigation' - Methodologies for assessing natural hazard risks and the net benefits of mitigation: A scoping study. **ProVention Consortium Secretariat**, , n. December, p. 153, 2004. Disponível em: <[www.proventionconsortium.org](http://www.proventionconsortium.org)>. Acesso em: 29/9/2020.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 10, n. 2, p. 141–163, 1981. Disponível em:

<<http://smr.sagepub.com/http://smr.sagepub.com/content/10/2/141><http://www.sagepub.com/http://smr.sagepub.com/cgi/alertsEmailAlerts:><http://smr.sagepub.com/>>. Acesso em: 25/8/2019.

BLEY, L. **Morretes: estudo de paisagem valorizada. 214 f. Tese (Doutorado em Geografia)**, 1990. Universidade Estadual Paulista de Rio Claro.

BUREAU; M. C. V. Morretes & Conventios Visitors Burea. Disponível em: <<https://www.visitemorretes.com.br/>>. Acesso em: 10/8/2020.

CARNEIRO, J. Motivo de caos no Rio, chuva anormal para outono é “retrato de clima mais hostil” - 09/04/2019 - Cotidiano - Folha. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/motivo-de-caos-no-rio-chuva-anormal-para-outono-e-retrato-de-clima-mais-hostil.shtml>>. Acesso em: 18/5/2019.

CASTRO, A. K. DE; EDUARDO R. DE A.; CORREIA, A. L.; JUNIOR., L. N. CARACTERIZAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM MORRETES – PR. **Geografia em questão**, v. 12, n. 1, dez. 2019. Londrina. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/19731>>. Acesso em: 6/5/2020.

CATHARINA, M.; QUEIROZ, R. ENGENHEIROS MILITARES DO IMPÉRIO : ATUAÇÃO E INTERVENÇÃO NO ESPAÇO URBANO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES Empire military engineers : performance and intervention in urban space of Campos dos Goytacazes. **Não definido**, v. 00, n. 00, p. 1–11, 2018. Disponível em: <[http://www.cartografia.org.br/vslbch/trabalhos/72/66/engenheiros-militares-do-imperio\\_maria-catharina\\_1376772309.pdf](http://www.cartografia.org.br/vslbch/trabalhos/72/66/engenheiros-militares-do-imperio_maria-catharina_1376772309.pdf)>. Acesso em: 27/8/2019.

CEMADEN. Boletim Monitoramento De Secas E Impactos No Brasil : Abril/2020. , , n. June, p. 0–13, 2020. Disponível em: <<http://www.cemaden.gov.br/monitoramento-de-secas-e-impactos-no-brasil-agosto2020/>>. Acesso em: 29/9/2020.

CHIMA, J.; PAZ, H. C. DA. **Paranaguá**. 1974 Livra ed. Paranaguá, 1974.

CISOTTO, M. F. Sobre Topofilia de Yi-fu Tuan. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12868/pdf>>. Acesso em: 8/12/2020.

COOMBS, T. **Ongoing Crisis Communication: Planning, Managing and Responding**. Thousand Oaks, CA, 1999.

COOPER, C. ET AL. **Turismo: princípios e práticas**. Terceira ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

CPTEC; INPE. El Niño e La Niña - CPTEC/INPE. Disponível em: <<http://enos.cptec.inpe.br/>>. Acesso em: 25/9/2020.

CUNHA, G. R.; PIRES, J. L. F. Uma discussão sobre o conceito de hazards e o caso do furacão/ciclone Catarina. **Embrapa Trigo. Documentos online**, 2004. Disponível em: <<https://www.macroprograma1.cnptia.embrapa.br/finep/metas-fisicas/meta-fisica-12/publicacoes/01-uma-discussao-sobre-o-conceito-de-hazards-e-o-caso-do-furacao-ciclone-catarina.pdf>>. Acesso em: 27/8/2019.

D'ANGELIS, W. R.; VEIGA, J. Habitação e Acampamentos Kaingang hoje e no passado. **Cadernos do CEOM**, , n. 18, p. 213–242, 2003. Disponível em: <[http://www.portalkaingang.org/habitacao\\_e\\_acampamentos.pdforg](http://www.portalkaingang.org/habitacao_e_acampamentos.pdforg)>.



DAYRELL, M. Cabeça d'água deixa dois mortos em Itatiaia, no Rio - Brasil - Estadão. **Estado de S.Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,cabeca-dagua-deixa-um-morto-e-pelo-menos-um-desaparecido-em-itatiaia-no-rio,70002687990>>. Acesso em: 14/4/2019.

FERREIRA, C. C.; INPE. Adversidades Climáticas Geradoras de Eventos de Inundação. , 2018. São José dos Campos: INPE.

FERREIRA, M. E. **Estiagens no estado do Paraná 1971-2004 /148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) UFPR. Curitiba. 2007.**

GAZETA DO POVO. Águas de março sem fim. **Gazeta do Povo**, v. 10092011, 2011. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/aguas-de-marco-sem-fim-byv9sw12w2bbay4y0q25b1owe/>>. Acesso em: 19/3/2019.

GFDRR. An Information-communication Revolution in the Pacific. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/en/news/feature/2013/05/17/information-communication-revolution-in-the-pacific>>.

GHADERI, Z.; MAT SOM, A. P.; HENDERSON, J. C. When Disaster Strikes: The Thai Floods of 2011 and Tourism Industry Response and Resilience. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v. 20, n. 4, 2015.

GIL, A. C. **Metodos de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GIMENES, M. H. G. Turismo à mesa: da oferta contemporânea do Barreado no litoral paranaense. **Revista Turismo em Análise**, 2014.

GLAESSER, D. **Gestão de crises na indústria do turismo**. Editora Bookman.Porto Alegre, 2008.

GRIMM, I. J.; ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. O turismo no cenário das mudanças climáticas: impactos, possibilidades e desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 12, n. 3, p. 1–22, 2018. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1354>>. Acesso em: 20/5/2019.

GUARDANI, F.; ARUCA, J.; ARAUJO, M. Comportamento do Consumidor e a Escolha das Destinações Turísticas. **Turismo em Análise**, v. novembro, p. 19 a27, 1996.

IAP. O que é são acidentes ambientais. Disponível em: <<http://www.iap.pr.gov.br/pagina-324.html>>. Acesso em: 7/8/2020.

IBGE. Ministério do Turismo - Viaje Legal. Disponível em: <<http://viajelegal.turismo.gov.br/#>>. Acesso em: 30/9/2020a.

IBGE. Morretes (PR) | Cidades e Estados | IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/morretes.html>>. Acesso em: 30/9/2020b.

INSTITUTO DE ÁGUAS DO PARANÁ. Plano da Bacia Hidrográfica Litorânea. , 2018. Curitiba: Governo do Estado do Paraná. Disponível em: <[http://www.aguasparana.pr.gov.br/arquivos/File/LITORANEA/Plano\\_de\\_bacia/P06\\_Eventos\\_Criticos\\_Rev01.pdf](http://www.aguasparana.pr.gov.br/arquivos/File/LITORANEA/Plano_de_bacia/P06_Eventos_Criticos_Rev01.pdf)>. Acesso em: 7/5/2020.

J.GONÇALVES E T. ANDRADE. Montagner morreu por asfixia mecânica por afogamento. Disponível em: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2016/09/montagner-morreu-por-asfixia-mecanica-por-afogamento-diz-impl.html>>. Acesso em: 23/9/2020.

J.MOREIRA. Sintonizando Sensações e Emoções com Roteiros de Turismo Alternativo: um estudo com praticantes de atividades físicas na natureza. **Revista Turismo em Análise**, 2006.

KAFRUNI, S. Turistas brasileiros em Lisboa não conseguem retornar ao país e pedem ajuda. **Correio Brasiliense**, 2020.

KRAUS, A. **Desastres Naturais: Impacto económico e período de reconstrução - Andrea Kraus - Google Livros**. 1º ed. Porto, 2014.

LAKATOS; MARCONI; **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8º ed. São Paulo, 2017.

LAWS, E.; PRIDEAUX, B. (BRUCE). **Tourism crises : management responses and theoretical insight**. Haworth Hospitality Press, 2005.

LAWS, E.; PRIDEAUX, B. (BRUCE); CHON, K. S. **Crisis management in tourism**. CABI, 2007.

LIU, A.; PRATT, S. Tourism's vulnerability and resilience to terrorism. **Tourism Management**, v. 60, n. June, p. 404–417, 2017. Elsevier Ltd. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.tourman.2017.01.001>>.

LOERA, N. R. Mecanismos sociais da reforma agrária em São Paulo pelo viés etnográfico. **Lua Nova**, v. 1, n. 95, p. 27–56, 2015. CEDEC. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452015000200027&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452015000200027&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 25/6/2020.

MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

MARCHEZINI, V. ET AL. marchezini\_desastres naturais. **Ambiente e Sociedade**, v. 21, p. 2–24, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/asoc/v21/pt\\_1809-4422-asoc-21-e01022.pdf](http://www.scielo.br/pdf/asoc/v21/pt_1809-4422-asoc-21-e01022.pdf)>.

M. A. T. DA SILVEIRA; M. M. DA ROCHA; M. A. TELES, M. E. FERREIRA. AVALIAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA REGIÃO TURÍSTICA LITORAL DO PARANÁ NA PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DA SUSCETIBILIDADE À DESASTRES NATURAIS. , 2019. Matinhos, PR: UFPR. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1f60qGHcfS1gjqRn7iryu1H8kaoo1BSjQ/view>>.

MARENGO, J. A.; VALVERDE, M. C. Caracterização do clima no Século XX e Cenário de Mudanças de clima para o Brasil no Século XXI usando os modelos do IPCC-AR4. **Revista Multiciência**, , n. 8, p. 5–28, 2007. Campinas, SP. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/profile/Jose\\_Marengo/publication/239557718\\_Caracterizacao\\_do\\_clima\\_no\\_Seculo\\_XX\\_e\\_Cenario\\_de\\_Mudancas\\_de\\_clima\\_para\\_o\\_Brasil\\_no\\_Seculo\\_XXI\\_usando\\_os\\_modelos\\_do\\_IPCC-AR4/links/0deec528e7d02d40d6000000/Caracterizacao-do-clima-no](https://www.researchgate.net/profile/Jose_Marengo/publication/239557718_Caracterizacao_do_clima_no_Seculo_XX_e_Cenario_de_Mudancas_de_clima_para_o_Brasil_no_Seculo_XXI_usando_os_modelos_do_IPCC-AR4/links/0deec528e7d02d40d6000000/Caracterizacao-do-clima-no)>.

MEDEIROS, C. Agosto atinge recorde de focos de incêndio no ano no Brasil; Acre e Pantanal preocupam. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/09/01/agosto-atinge-recorde-de-focos-de-incendio-no-ano-ac-e-pantanal-preocupam.htm>>. Acesso em: 26/9/2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2 Edição ed. São Paulo: Martin Fontes, 1992.

MESQUITA, P. S.; DEBORTOLI, N. S. **IMPACTOS, VULNERABILIDADE E ADAPTAÇÃO NA ESFERA REGIONAL Centro-Oeste LUPIS Project View project DURAMAZ View project**. Brasília, 2013.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Turismo de sol e praia: Orientações Básicas. **Turismo de sol e praia: Orientações Básicas**, 2010. Brasília: Ministério do Turismo. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_de\\_Sol\\_e\\_Praia\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Sol_e_Praia_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf)>. Acesso em: 27/8/2019.

MINUZZI, R. B.; CARAMORI, ; ; PAULO HENRIQUE. Variabilidade climática sazonal e anual da chuva e veranicos no Estado do Paraná. , 2012.

MONGABAY. Borneo Incêndios Florestais. Disponível em: <<https://pt.mongabay.com/2008/04/borneo/>>. Acesso em: 17/5/2019.

MOORE, W. R. The impact of climate change on Caribbean tourism demand. **Current Issues in Tourism**, v. 13, n. 5, p. 495–505, 2010.

MORAN, J. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. **Revista Tecnologia Educacional**, 1995.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **etc. Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 3, p. 44–70, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/>>. Acesso em: 1/10/2020.

MORRETES, P.; AMBIENTE, S. M. DA A. E M. Relatório Técnico de perdas agrícolas Morretes PR. , 2011. Morretes, PR.: Prefeitura Municipal de Morretes.

MORRETES, P. DE. Prefeitura Municipal de Morretes - PR. Disponível em: <<http://www.morretes.pr.gov.br/index.php/municipio>>. Acesso em: 31/10/2019a.

MORRETES, P. DE. Prefeitura Municipal de Morretes - PR. Disponível em: <[http://www.morretes.pr.gov.br/pagina/697\\_A-Cidade.html](http://www.morretes.pr.gov.br/pagina/697_A-Cidade.html)>. Acesso em: 25/9/2020b.

MORRETES, P. DE. Decreto Lei 610 de 06 de abril de 2020. Disponível em: <[https://www.morretes.pr.gov.br/noticiasView/63\\_DECRETO-No-610-de-06-de-abril-de-2020.html](https://www.morretes.pr.gov.br/noticiasView/63_DECRETO-No-610-de-06-de-abril-de-2020.html)>. Acesso em: 1/10/2020c.

NETTO, A. P.; LAIZE, J.; OLIVEIRA, S.; SEVERINI, V. F. Do overtourism à estagnação. Reflexões sobre a pandemia do Coronavírus e o turismo Del overtourism al estancamiento. Reflexiones sobre la pandemia de coronavirus y el turismo From overtourism to stagnation. Reflections on the Coronavirus pandemic and the tourism. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, v. 8, n. 14, p. 26–43, 2020b. Disponível em: <<https://orcid.org/0000-0002-9362-6795>>. Acesso em: 6/8/2020.

NITSCHKE, L. B. Um estudo fenomenológico de turismo. , 2007. São Paulo: ANPTUR. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/4/182.pdf>>. Acesso em: 20/8/2020.

O ESTADO DE S.PAULO. Turistas despreparados foram maiores vítimas de tsunami em Pelluhue - Geral - Estadão. **O Estado de S.Paulo**, 2010. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,turistas-despreparados-foram-maiores-vitimas-de-tsunami-em-pelluhue,519768>>. Acesso em: 11/5/2020.

OLIVEIRA, J. C. P. DE; OLIVEIRA, A. L.; MORAIS, F. DE A. M.; SILVA, G. M. DA; SILVA, C. M. M. DA. O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. **III Congresso Nacional de Educação**, , n. 83, p. 1–13, 2016. Disponível em: <[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)>. Acesso em: 25/8/2019.

ONU. Tourism and Disaster Risk. , 2015. Sendai, Japan: UN. Disponível em: <[www.oas.org](http://www.oas.org)>. Acesso em: 19/3/2019.

PARANAINTERATIVO. Mapa interativo. Disponível em: <<https://paranainterativo.pr.gov.br/>>. Acesso em: 1/10/2020.

PEDROSO, F. F. F.; PINHEIRO, E. G. Construindo um Estado Resiliente: o modelo paranaense para gestão do risco de desastres. **CEPED FUNESPAR**, p. 80, mar. 2016. Curitiba.

PINTO, R. C. **IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DE ÁREAS SUSCETÍVEIS A MOVIMENTOS DE MASSA ATRAVÉS DE AVALIAÇÃO MULTICRITÉRIO EM SISTEMA DE INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS ANÁLISE CONCEITUAL E UMA PROPOSTA METODOLÓGICA**. 213 f. (Tese de Doutorado), 2015. UFPR. Disponível em: <[https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/40138/R - T - ROBERTO CARLOS PINTO.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/40138/R-T-ROBERTO%20CARLOS%20PINTO.pdf?sequence=2&isAllowed=y)>. Acesso em: 30/9/2020.

PINTO, R. C.; CANEPARO, S. C.; PASSOS, E. **ATAS das I Jornadas Lusófonas de Ciências e Tecnologias de Informação Geográfica** - José Gomes dos Santos,

Cidália Fonte, Rui Ferreira de Figueiredo, Alberto Cardoso, Gil Gonçalves, José Paulo Almeida, Sara Baptista - Google Livros. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=qJuICwAAQBAJ&pg=PA83&dq=A+persistência+pluviométrica+origina+uma+avalanche+de+lama+e+detritos+incorporando+blocos+rochosos+e+materiais+deslocados+ou+desprendidos+pelo+próprio+movimento+à+jusante.+Esta+combinação+de+fen>>. Acesso em: 30/9/2020.

PRIBERAM. Consulte o significado / definição de crise no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o dicionário online de português contemporâneo. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/crise>>. Acesso em: 26/9/2020.

QUEENSLAND, U. Currículo Brent W. Ritchie. Disponível em: <<https://researchers.uq.edu.au/researcher/2051>>.

RAMOS, A. M.; ALVES, L.; DINIZ, A. F.; MARENGO, J. A. ANUÁRIO CLIMÁTICO DO BRASIL-2018 Ano 01-Número 01. , 2018. São Paulo. Disponível em: <<https://www.mendeley.com/viewer/?fileId=7a4bbcb6-68d4-2b4f-075b-ddc404e82184&documentId=5e681dbe-b4fb-3571-9ad8-fac805f8e212>>. Acesso em: 24/6/2020.

RAMOS GONÇALVES, R.; ALT FRÓES GARCIA, F.; DE BARROS DANTAS, J. **Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos Merleau-Ponty, Sartre and Heidegger: three conceptions of Phenomenology, three great philosophers**. Rio de Janeiro, 2008.

REUTERS. Criança reconhece a chegada da tsunami e salva 100 turistas - 02/01/2005 - UOL Últimas Notícias. **UOL Notícias**, , n. Tsunami, 2005. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultnot/reuters/2005/01/02/ult729u42865.jhtm>>. Acesso em: 18/5/2019.

REVISTA EXAME. PR cria gabinete para atender cidades afetadas por chuva | EXAME. **Revista Exame**, 2011. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/pr-cria-gabinete-para-atender-cidades-afetadas-por-chuva/>>. Acesso em: 19/3/2019.

RITCHIE, B. Tourism Disaster Planning and Management: From Response and Recovery to Reduction and Readiness. **Current Issues in Tourism**, v. 11, n. 4, p. 315–348, 2008. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13683500802140372>>. Acesso em: 22/5/2019.

RITCHIE, B. W. Chaos, crises and disasters: a strategic approach to crisis management in the tourism industry. **Tourism Management**, v. 25, n. 6, p. 669–683, 2004. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0261517703001845>>. Acesso em: 22/5/2019.

RITCHIE, B.W. **Crisis and Disaster Management for Tourism**. 1 edition ed. Ontário, 2009.

RITCHIE, BRENT W. **Crisis and disaster management for tourism**. First ed.

Ontario: Marston Book, 2009.

RITCHIE, B. W.; GOSSLING, S. Flying with climate liability? Economic valuation of voluntary carbon offsets using forced choices. **Transportation Research Part D: Transport and Environment**, v. 62, p. 225–235, 2018. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1361920917306405>>. Acesso em: 22/5/2019.

RITCHIE, B. W.; TKACZYNSKI, A.; FAULKS, P. Understanding the Motivation and Travel Behavior of Cycle Tourists Using Involvement Profiles. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 27, n. 4, p. 409–425, 2010. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10548408.2010.481582>>. Acesso em: 22/5/2019.

ROCHA, M. M.; MATTEDI, M. A. Turismo e Desastres: o caso das enchentes e deslizamentos na destinação turística Costa Verde e Mar – Santa Catarina (Brasil). **Turismo e Sociedade**, 14. jan. 2017. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/47131>>. Acesso em: 7/8/2020.

RUHANEN, L.; SCOTT, N.; RITCHIE, B.; TKACZYNSKI, A. Governance: a review and synthesis of the literature. (H. Pechlaner, Org.) **Tourism Review**, v. 65, n. 4, p. 4–16, 2010. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/10.1108/16605371011093836>>. Acesso em: 22/5/2019.

SANTANA, G. Crisis Management and Tourism. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 15, n. 4, p. 299–321, 2004. Disponível em: <[http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J073v15n04\\_05](http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J073v15n04_05)>. Acesso em: 11/7/2019.

SAYTO, S. **Desastres Naturais**. São José dos Campos, 2003.  
SCHEUREN, J. M.; WAROUX, O. L. P. **Annual disaster statistical review. The numbers and trends**. 2014.

SHINGO, J. Enchente em Morretes... Flood in Morretes - YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uLzSw0nz6pA>>. Acesso em: 23/9/2020.

SILVEIRA, M. A. T. DA; M. E. F. M. M. DA R. M. A. T. **Avaliação das políticas públicas na região turística do litoral do Paraná na prevenção e mitigação da sustentabilidade à desastres naturais**. Curitiba, 2019.

SILVEIRA, M. A. T. DA. **Geografia aplicada ao turismo: Fundamentos teórico-práticos**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

SILVEIRA, M.A.T. da. **Geografia aplicada ao turismo: fundamentos teóricos-práticos**. Curitiba. InterSaberes, 2014.

SILVEIRA, M. A. T.; TELES, M. A.; ROCHA, M. M.; FERREIRA, M. E. **AVALIAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA REGIÃO TURÍSTICA LITORAL DO PARANÁ NA PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DA SUSCETIBILIDADE À DESASTRES NATURAIS**. Curitiba, 2019.



- SLOVIC, P. Paul Slovic | Department of Psychology. Disponível em: <<https://psychology.uoregon.edu/profile/pslovic/>>. Acesso em: 22/5/2019.
- SLOVIC, P.; WEBER, E. U. Perception of risk posed by extreme events. **Risk Management Strategies in an Uncertain World**, , n. Perception of Risk, p. 1–21, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/marco/Downloads/Perception of Risk Posed by Extreme Events\_paul slovic.pdf>. Acesso em: 19/3/2019.
- SONTAG, S. **Sobre fotografia**. 1º Edição ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SOUZA, S.; SOUZA, S. DO R. DE; BAHL, M.; KUSHANO, E. S. O espaço do turismo: produção, apropriação e transformação do espaço social. **Revista Hospitalidade**, v. 0, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/531>>. Acesso em: 20/8/2020.
- SOUZA, T. R. DE. Lazer e Turismo: Reflexões Sobre Suas Interfaces. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. **Anais...**, 2010. Disponível em: <[https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_6/arquivos/11/Lazer e Turismo Reflexoes Sobre Suas Interfaces.pdf](https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/11/Lazer e Turismo Reflexoes Sobre Suas Interfaces.pdf)>.
- STEFANELLO, A. C. **Percepção de riscos naturais. Um estudo dos balneários turísticos de Caiobá e Flamingo em Matinhos-PR. 139 f. (Dissertação de Mestrado)**, 2006. UFPR.
- SWISS INFO. Como as estações de esqui mantêm sua neve - SWI swissinfo.ch. Disponível em: <[https://www.swissinfo.ch/por/multimedia/táticas-de-sobrevivência\\_como-as-estações-de-esqui-mantêm-sua-neve/43654378](https://www.swissinfo.ch/por/multimedia/táticas-de-sobrevivência_como-as-estações-de-esqui-mantêm-sua-neve/43654378)>. Acesso em: 20/5/2019.
- TRISOTTO, F.; RUPP, I. Morretes e Paranaguá declaram estado de emergência. **Gazeta do Povo**, p. 1–6, 2011.
- TSAI, C.-H.; CHEN, C.-W. The establishment of a rapid natural disaster risk assessment model for the tourism industry. **Tourism Management**, v. 32, n. 1, p. 158–171, 2011.
- TUAN, Y.-F. **Topofilia**. Primeira ed. Edue, São Paulo, 1980.
- TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. primeira ed. São Paulo: Difel, 1983.
- TUMULERO, N. Etnografia e Pesquisa etnográfica: material completo. Disponível em: <<https://blog.mettzer.com/pesquisa-etnografica/>>. Acesso em: 25/6/2020.
- TURISMO, M. DO. **Segmentação do Turismo e o Mercado**. Primeira ed. São Paulo, 2010.
- TURISMO, P. **Paraná Turístico 2026 Pacto para um Destino Inteligente**. Curitiba, 2019.
- TURISMO, P.; ADETUR. Guia do Litoral 2020. **Informativo Paraná Turismo**, 2020. Curitiba. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/GuiadoLitoral2020.pdf>>. Acesso em:



1/10/2020.

UNDRR. **UNISDR Annual Report 2015**. New York, 2015.

UNINVIEOMENT. Mudanças climáticas podem causar inundações extremas.

Disponível em: <<https://www.unenvironment.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/mudancas-climaticas-podem-causar-inundacoes-extremas>>. Acesso em: 1/7/2020.

UNWTO. Glossário de termos de turismo | OMT. Disponível em:

<<https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>>. Acesso em: 26/9/2020.

VANHONI, F.; MENDONÇA, F. O clima do litoral do estado do Paraná. **Revista Brasileira de Climatologia**, v. 3, p. 1–4, 2008. Disponível em:

<<https://pdfs.semanticscholar.org/b5c5/0af4be8f5df16b8bbc6e4fb11d72556506a7.pdf>>. Acesso em: 27/8/2019.

VATSA, K.; KRIMGOLD, F. Financing disaster mitigation for the poor. ... **Disaster Risk in Emerging Economies**, 2000. Disponível em:

<<http://drr.upeace.org/english/documents/References/Topic 5-Risk Management and Adaptation to Climate Change/Vatsa. Financing Disaster Mitigation.pdf>>. Acesso em: 29/9/2020.

WANG, J.; LIU-LASTRES, B.; RITCHIE, B. W.; PAN, D. Z. Risk reduction and adventure tourism safety: An extension of the risk perception attitude framework (RPAF). **Tourism Management**, v. 74, p. 247–257, 2019. Disponível em:

<<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0261517719300615>>. Acesso em: 22/5/2019.

WELLE, D. O que afasta os turistas estrangeiros do Brasil? | Notícias e análises sobre os fatos mais relevantes do Brasil | DW | 16.02.2019. Disponível em:

<<https://www.dw.com/pt-br/o-que-afasta-os-turistas-estrangeiros-do-brasil/a-47498686>>. Acesso em: 30/10/2019.

ZUCCO, F. D.; MAGALHÃES, M. DOS R. A.; MORETTI, S. L. D. A. Gestão de riscos e desastres naturais no turismo: um estudo do município de Blumenau/SC. **Revista Turismo em Análise**, v. 21, n. 3, p. 594, 2010. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14233>>. Acesso em: 17/3/2019.

## 8 APÊNDICES

### 8.1 APÊNDICE 1 - ENTREVISTA COM PRESIDENTE DO CONVENTION VISITORS BUREAU, SOBRE DESASTRES NATURAIS EM MORRETES

**Pergunta:** Com relação à temática dos desastres naturais, principalmente no episódio de março de 2011, como foi esse impacto para o município de Morretes?

**Convention Visitors Bureau:** Foi um episódio negativo muito importante, muito marcante, porque seus reflexos perduram até hoje. Há uma manutenção do estado de crise, mesmo que ela não exista atualmente! Houveram sim, deslizamentos impedindo a passagem de carros até a cidade, mas Morretes desde sempre, mesmo antes de ser município, desde que existem pessoas morando lá, teve esse tipo de problema de enchentes e alagamentos. Mas isso nunca dura muito tempo, e a comunidade já é completamente habituado a se recuperar desse tipo de situação. O município sempre se recupera, inclusive é interessante citar que muitos setores do comércio não são impactados diretamente. Muitos moradores também não são afetados diretamente com as chuvas, mas existem pontos mais críticos. Geralmente as vias rodoviárias são liberadas rapidamente, então, assim não acontece a diminuição no abastecimento de comida e de água. A dificuldade de fornecedores, não houve. Mas isso quando aconteceu, foi por pouco tempo! O que aconteceu na época foi por poucos dias. O problema é que toda a veiculação de informação de crise é passada para os turistas. Assim, o turista demora muito a ter coragem de voltar a visitar a cidade de novo e a usufruir de nossos serviços e das nossas belezas da natureza. Então ocorreu um prolongamento muito acentuado dessa crise, o que prejudicou muito a imagem do município.

Nós acreditamos que deveria ter existido uma assessoria de imprensa da prefeitura mais estruturada, para ter mostrado a resiliência, a reconstrução e que a retomada de atividades foi de forma rápida e que o município voltou a plena condição a atender muito bem os turistas e clientes. Logo depois das chuvas, é claro, existiram problemas nas comunidades e regiões afetadas onde aconteceram os deslizamentos, e foram graves. Mas as quedas de barreiras de estradas foram rapidamente retiradas e as estradas liberadas.

Também aconteceram algumas situações com problemas no percurso da estrada de ferro, bem como deslizamentos na Serra da Graciosa, a qual a lembrança disso refletiu-se por muito tempo. Então aconteceram sim, muitos problemas que geraram a queda no fluxo turístico por causa dos fenômenos climáticos. Mas o medo a novas catástrofes naturais, é exagerada muitas vezes, mas isso depende de um outro trabalho. Também ocorreram por exemplo, recordes de temperaturas elevadas, e em 2019, ocorreram casos de febre amarela em Antonina, isso sensibilizou fortemente as pessoas através da imprensa que divulgava de forma sensacionalista o problema.

**Pergunta:** O senhor acha que ficou um estigma de região perigosa a Morretes, quando começa uma temporada de chuvas?

**Convention Visitors Bureau** Acho que não, isso ficou para trás, pois ocorreram já tantas enchentes, não é porque 2011 foi a maior, com deslizamentos é uma catástrofe menos comum, as mais comuns são as enchentes. Não acho que fica estigmatizado porque a nossa região é muito querida, ela traz muito orgulho para o paranaense, para o brasileiro, pela beleza que ela tem, pela história e pela biodiversidade que ela nos oferece.

**Pergunta:** Com relação a proteção e prevenção ao turista, você acredita que existe por parte da prefeitura, da polícia militar, do corpo de bombeiros ou da defesa civil um planejamento de orientação e proteção ao turista com relação aos desastres naturais que possam vir a acontecer?

**Convention Visitors Bureau** Tem sim, existem planejamentos, a Defesa Civil é atuante, o Corpo de Bombeiros ele é capacitado treinado e destinado para um serviço por exemplo, de alerta de cabeça d'água, de pontos de afogamento com guarda-vidas. Isso vem melhorando, não que ele seja totalmente perfeito e adequado em todos os setores, com certeza existem falhas, mas existe, ainda mais agora com os empresários mais participantes, mais unidos. Um exemplo são os empresários do Morretes Convention e Visitors Bureau, por exemplo nós temos cadeira no Conselho de Saúde e nós pleiteamos por exemplo, um sistema de rápido atendimento aos casos de acidentes ou de mal súbito de turistas, nós temos Cadeira, claro, no Conselho de Turismo, e nós temos relacionamento com os Conselhos de Meio Ambiente e com os Conselhos de Segurança. Então existe sim, esse papel que é de proteger o turista. É essa é a visão do Convention e do COMTUR que é o Conselho Municipal de Turismo,

então, ainda não é totalmente desenvolvido como deveria ser, mas está avançando, e está avançando para uma qualidade interessante!

Ok, então agradeço as suas informações.

## **8.2 APÊNDICE 2 - ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO MORRETES CONVENTION & VISITORS BUREAU SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19 E OS IMPACTOS NO TURISMO E ECONOMIA DE MORRETES**

**Pergunta:** A pandemia de Covid-19 em 2020 também afetou as atividades turísticas em Morretes?

**Resposta:** Sim, afetou fortemente a economia e o turismo. Principalmente o turismo, mas a economia da cidade se manteve em atividades. Por que muitos continuaram recebendo mesmo que do turismo, funcionários acabaram recebendo o auxílio do governo. Então continuaram fazendo compras e tal. Mas diminuiu a força de compra, diminui a renda na verdade agora para o turismo, o turismo parou completamente.

Porque a ação do município, foi cinco meses fazendo, fizeram a barreira sanitária. Todo mundo que passa para na barreira, afere temperatura afere a simetria, e pergunta quem ele é o que vai fazer em Morretes, e se ele falar que é um visitante, que vai passear, que vai comer no restaurante, não deixam passar, fazem voltar, não passa da barreira.

**Pergunta:** De que forma isso aconteceu?

**Resposta:** Veio através de decreto, a paralização de todo o trade turístico. Veio através de decreto cerceando a entrada de visitantes, se cerceia e se impede a entrada de visitantes, praticamente todos os estabelecimentos que eram voltados apenas para o turista e que o munícipe não consome, tiveram que fechar para não ficar aberto gastando. Até poderia abrir por exemplo, restaurante junto com o self-service na cidade, mas acho que não iria vender nem mesmo um prato, porque o munícipe não come em restaurante turístico porque não é comida que ele quer, nem é o preço que ele precisa que seja, enfim. Existe à noite até uma quantidade de pessoas que comem, mas de dia é muito raro.

**Pergunta:** Como as coisas aconteceram?

**Resposta:** No primeiro momento todos, ou praticamente todos os empresários do Turismo fecharam, inclusive antes do decreto, conscientes de que deveria ser fechado, fecharam mesmo, espontaneamente, antes de sair o decreto. E começou-se uma readequação, para enfim, manter os funcionários recebendo. Cadastrar os funcionários nas plataformas de auxílio emergencial. Enfim, mas não se forçou uma abertura imediata no primeiro mês.

Isso foi aumentar no segundo mês, explodir no terceiro mês, e agora indo pro quinto mês está insustentável. E o Morretes Convention tem feito um trabalho de aproximação do executivo do comitê de gestão do Covid. Enfim, tem procurado conversação negociação para reabrir minimamente pelo menos. E vai acontecer nos três primeiros finais de semana de agosto ou 8 de agosto (de 2020).

**Pergunta:** No comércio em geral, Morretes como se comportou?

**Resposta:** Os empresários do Turismo foram impactados fortemente. Como eu disse na primeira pergunta, os empresários mistos ou mais voltados aos munícipes acredito que foram impactados através em regras diferentes, de horários diferentes mais restritos e com as normas de segurança. Mas alguns continuaram vendendo, teve uma semana, mas depois todos fecharam, só ficaram os essenciais. Mas agora já voltou para algo mais aberto e no começo de agosto deve voltar para o Turismo também.

**Pergunta:** E para os pequenos trabalhadores do turismo, como foi?

**Resposta:** Afetou sim, muitos trabalhadores ligados ao turismo, muitos que tinham MEI! Trabalhavam como guias, alguns zeraram. Não tem como trabalhar, nada, os parques estão fechados, enfim, não pode entrar visitante, esse é o ponto chave.

Então quem trabalha com turismo, as empresas tiveram problemas gravíssimos, e o empregado ou funcionário, pode ter tido uma renda até aumentada em alguns casos, porque trabalhava às vezes só no final de semana, e com a suspensão o salário, o auxílio é maior do que ele ganhava antes, quando trabalhava, menos horas né claro.

Tem o trabalhador que ganha igual, que passou a ganhar a mesma coisa sem trabalhar, e tem alguns tão gostando inclusive. E tem outros que só se reduziu a carga horária, até porque não era possível ficar em suspensão por mais de dois

meses. O terceiro mês já foi com redução só, da jornada de trabalho. E tem essas questões, alguns estão gostando porque estão em casa, ou não estão, porque ganhavam mais, quando trabalhavam normalmente. Para a maioria, que ganhavam muito mais com comissões com próprio salário, pois era maior também, pois trabalhavam nos finais de semana, e tinha os acréscimos de domingo, etc.

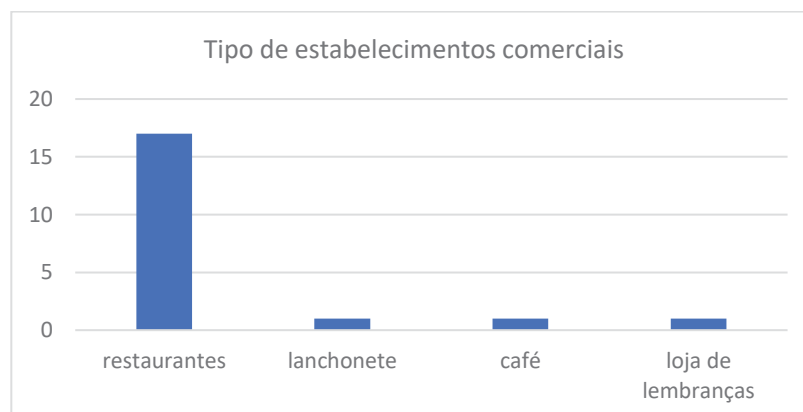
No geral então, restaurantes, pousadas e agências pararam totalmente. Não abriram nem um dia, mas acho que um restaurante que é turístico, fez um delivery final de semana, um ou dois pequenos, mas o resto tudo ficou fechado 100%.

Muito obrigado!

### 8.3 APÊNDICE 3 - PESQUISA ATRAVÉS DE FORMULÁRIOS APLICADOS A EMPRESÁRIOS DE MORRETES SOBRE DESASTRES NATURAIS E A INFLUÊNCIA NO TURISMO

1. Com relação aos tipos de estabelecimentos visitados para a aplicação dos formulários.

Gráfico 01: Tipos de estabelecimentos comerciais

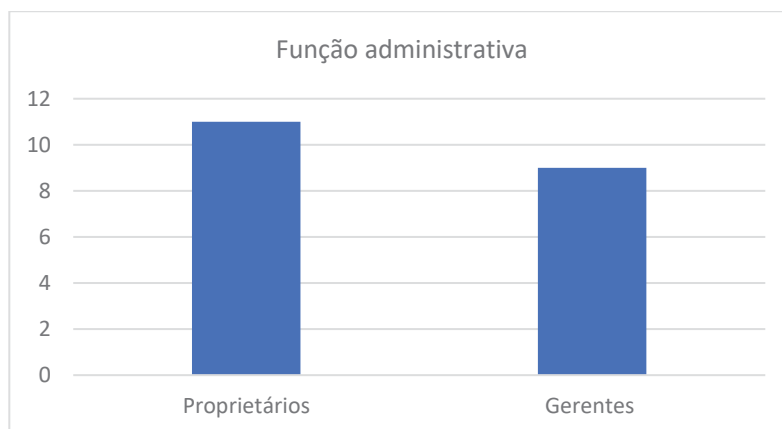


FONTE: O autor (2019).

Foram 17 restaurantes, 01 lanchonete, 01 café e 01 loja de lembranças.

2. Quanto a função administrativa dos entrevistados:

GRÁFICO 02: Função administrativa dos respondentes

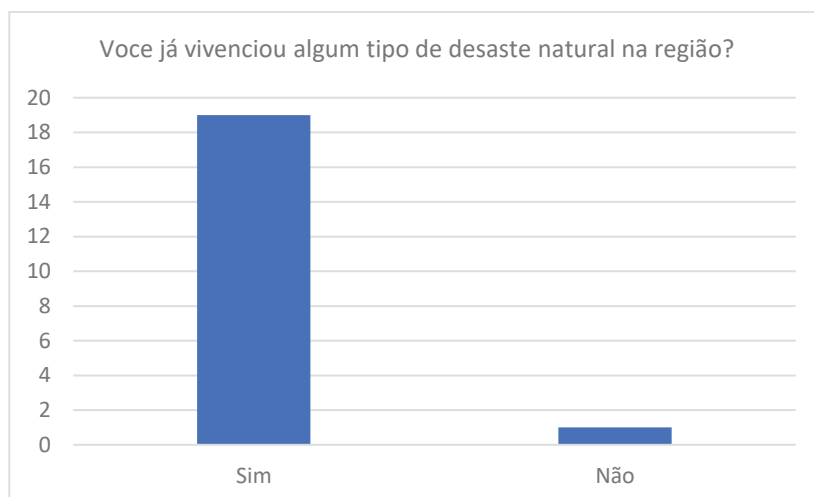


FONTE: O autor (2019).

Na maior parte dos casos os próprios proprietários eram os responsáveis pela administração do estabelecimento comercial, sendo 11 proprietários e 09 gerentes que responderam ao formulário.

3. Na pergunta se os entrevistados já vivenciaram algum tipo de desastre natural em Morretes:

GRÁFICO 03: Vivenciamento de desastre natural



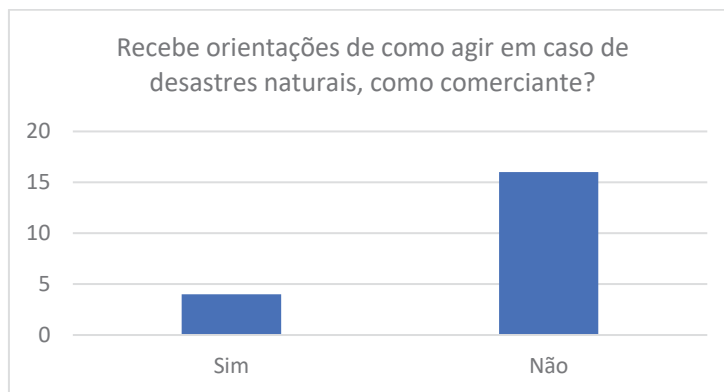
FONTE: O autor (2019).

A grande maioria, 19 respondentes já vivenciaram um desastre natural, pois é muito comum as chuvas torrenciais, principalmente durante o período do verão. Épocas com maior quantidade de precipitação são cíclicas, mas podem acontecer a qualquer ano.



4. Orientação aos empresários por parte de departamentos públicos através de capacitação a enfrentar eventos negativos da natureza.

GRÁFICO 04: Recebe orientações de como agir em caso de desastres naturais em seu estabelecimento comercial?

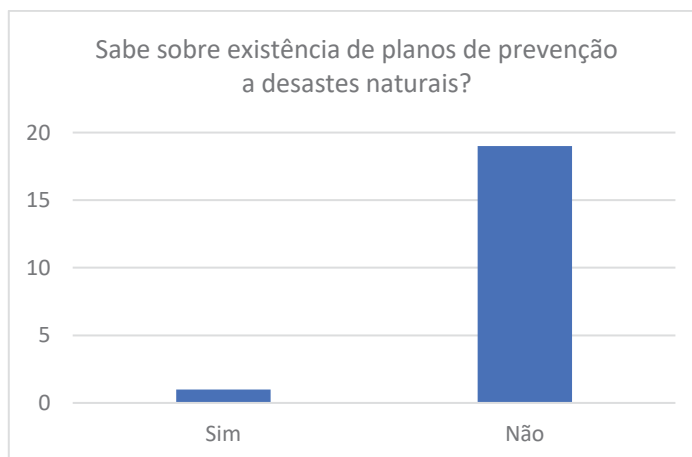


FONTE: O autor (2019).

As respostas, em sua maioria, negam a existência de capacitações por parte de departamentos públicos para a orientação e preparação dos empresários para saberem como agir, bem como para oferecer orientação aos eventuais turistas que estejam em seus estabelecimentos.

5. Sobre estarem informados a respeito de planos de prevenção de desastres naturais, os empresários responderam:

GRÁFICO 05: Sobre existência de planos de prevenção a desastres naturais do município.

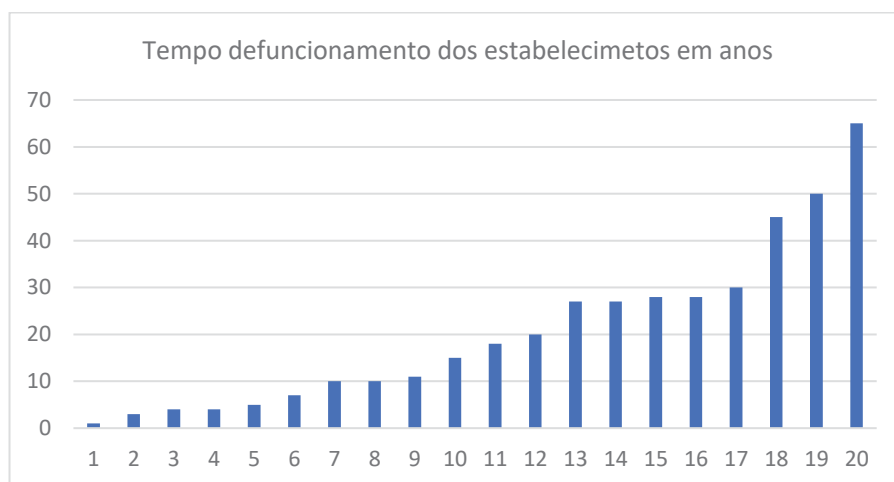


FONTE: O autor (2019).

Predominantemente as respostas indicam que não sabem sobre planos de prevenção que a prefeitura, defesa civil, ou corpo de bombeiros oferecem para a cidade ou o município de Morretes.

6. Tempo de funcionamento dos estabelecimentos de comércio que foram visitados para a aplicação do formulário de pesquisa.

GRÁFICO 06: Tempo de funcionamento dos estabelecimentos

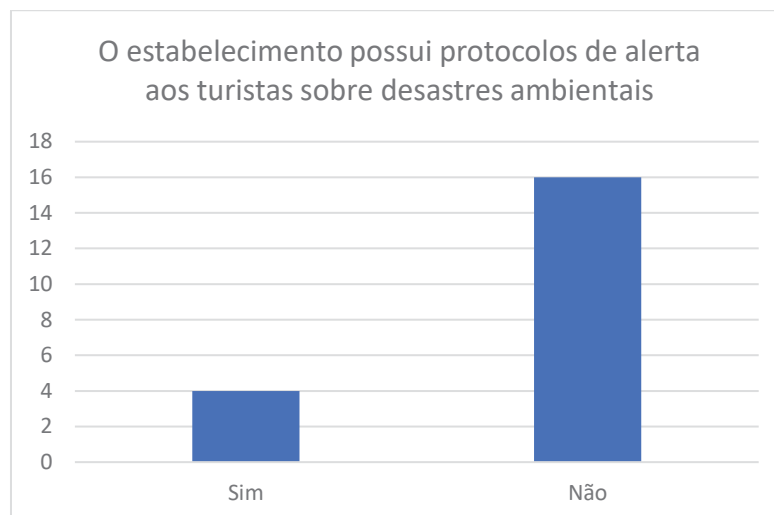


FONTE: O autor (2019).

O tempo de atividade dos estabelecimentos comerciais, como os restaurantes, mostra que são negócios estáveis e que estão há muito tempo em funcionamento. Isso pode se relacionar ao fato de que a gastronomia se tornou um dos principais elementos do turismo de Morretes, e que a cidade conseguiu manter uma quantidade de turistas suficiente para alguns empreendimentos ligados ao turismo se manterem por muitos anos.

7. Se os estabelecimentos apresentam algum tipo de protocolo ou esquema de orientação e proteção ao turista em caso de algum desastre natural.

GRÁFICO 07: Se o estabelecimento possui protocolos de alerta aos turistas sobre desastres naturais.

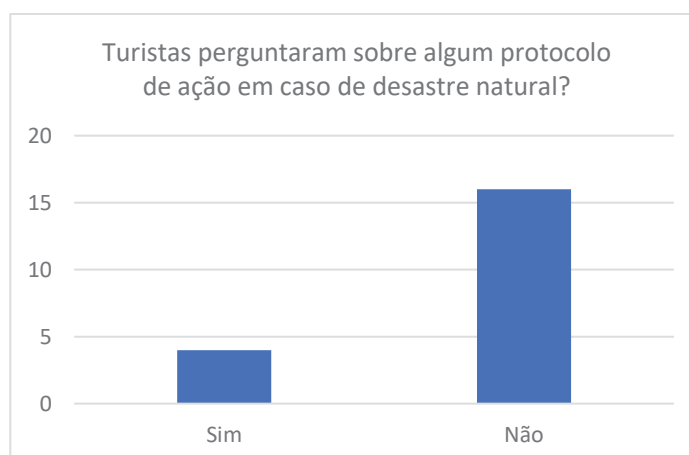


FONTE: O autor (2019).

Dos 20 estabelecimentos consultados, apenas 04 declaram ter algum tipo de protocolo de orientação, mas esses, na prática se referem a apenas falar sobre alguma forma de sair da cidade em caso de chuvas fortes.

8. Questionou-se se os turistas costumam perguntar sobre questões ligadas aos eventuais desastres ambientais que possam acontecer em Morretes, como as chuvas fortes e inundações e a cabeça d'água, e de como eles devem agir nos casos que isso aconteça.

GRÁFICO 08: Os turistas perguntam sobre alguma forma de agir em caso de algum tipo de desastre natural no município?

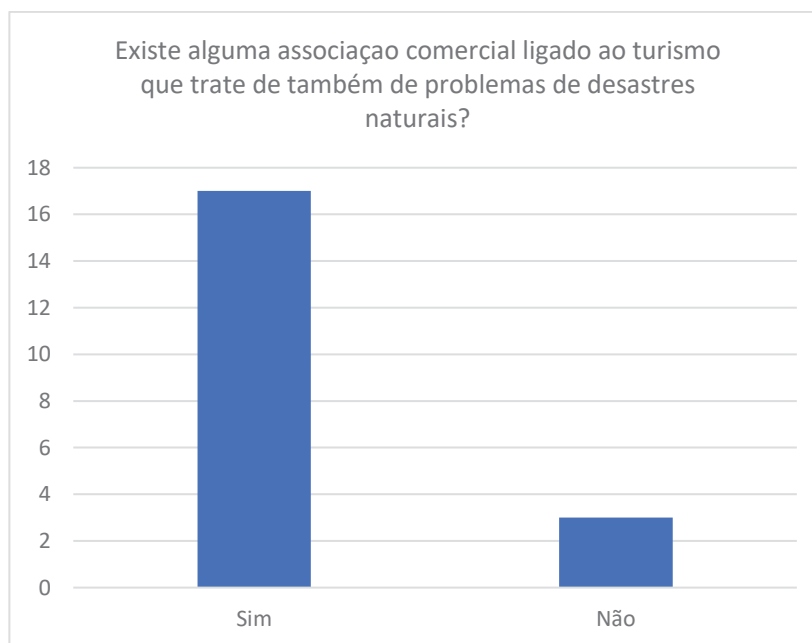


FONTE: O autor (2019).

No geral, percebe-se pelas respostas que não existe também preocupação da maioria dos visitantes em saber sobre eventuais problemas relacionados a desastres naturais, nem como aprender como agir caso de algum tipo de desastre natural que aconteça.

9. Perguntou-se sobre a existência de algum tipo de associação comercial, que dentre suas atribuições estude, analise e oriente empresários e visitantes de Morretes com relação a como agir durante eventuais desastres naturais.

GRÁFICO 09: Existência de uma associação comercial que se preocupe com problemas de desastres naturais.

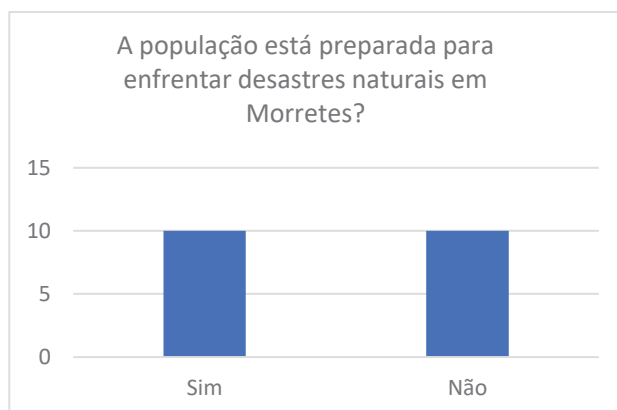


FONTE: O autor (2019).

As respostas foram afirmativas, 17 respondentes citaram que existem, inclusive o presidente do Morretes Convention Bureau, que é proprietário de um dos restaurantes visitados, respondeu verbalmente que o Convention participa de reuniões com o Corpo de Bombeiros, Defesas Civil e Prefeitura periodicamente para discutir questões de segurança ambiental par o comércio e a comunidade de Morretes. Existem duas associações comerciais citadas pelos entrevistados, o Morretes Convention Visitors Bureau e a Associação de Restaurantes e Similares de Morretes , ARSM.

10. Questionou-se se os empresários acreditam que atualmente os moradores de Morretes já estejam preparados para saber como enfrentar algum novo acontecimento de desastre natural.

GRÁFICO10: A população está preparada para enfrentar desastres naturais?

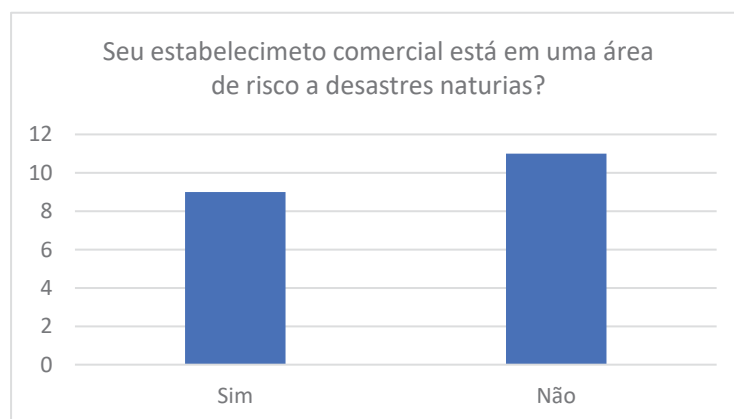


FONTE: O autor (2019).

Determinou-se um empate entre as respostas, pois a metade acredita que a população já sabe como agir em caso de uma catástrofe, como grandes enchentes. Outra parte acredita que os departamentos responsáveis pelo planejamento não têm feito uma divulgação suficiente para capacitar a população de locais de risco para saberem com agir em casos de novos desastres.

11. Seu estabelecimento comercial está em área de risco de desastre natural?

GRÁFICO11: Seu estabelecimento está em área de risco?



FONTE: O autor (2019).

Mais da metade dos empresários acredita não estar sujeito a um problema de desastre natural, como uma enchente, por estarem com seus estabelecimentos em lugares mais protegidos. A outra parte dos entrevistados, 09, declarou que seus imóveis estão em área de risco e podem ser atingidos pelas águas dos rios em caso de novas enchentes.

12. Com relação às chuvas de 2011, que foram as mais torrenciais registradas nas últimas décadas e que deixou o município com grandes problemas, perguntou-se se o evento prejudicou a economia e o turismo local por um longo período de tempo ou não.

GRÁFICO12: Acredita que houve diminuição do turismo por um longo tempo em 2011, por causa das chuvas daquele ano?



FONTE: O autor (2019).

As respostas são divididas, sendo que 11 acreditam que demorou muito tempo para a economia do turismo voltar ao normal, e 9 não acreditam que foi muito impactante, e afirmaram que em seis meses tudo voltou ao normal.

## 8.4 APÊNDICE 4 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE NOTURNO EM MORRETES

**PESQUISA:** Turismo e Desastres Naturais: percepções e memórias dos atores sociais em face de eventos climáticos ocorridos no município de **Morretes**, PR.

**Pesquisador:** Marcos Eduardo Ferreira

### Questionário

**01) Qual sua idade?**

\_\_\_\_\_

**02) Qual seu Sexo:** ( ) masculino ( ) feminino

**03) Qual seu nível de escolaridade:**

( ) Fundamental incompleto \_\_\_\_\_

( ) Ensino Médio Incompleto \_\_\_\_\_

( ) Ensino Médio completo \_\_\_\_\_

**04) Você nasceu em Morretes?** ( ) Sim ( ) Não

**05) Há quanto tempo (meses ou anos) mora no Município de Morretes?**

\_\_\_\_\_

**06) Percebeu alguma mudança nas características climáticas nesse tempo?**

( ) Sim ( ) não

**07) Quais os principais eventos ou desastres naturais você lembra que aconteceram aqui em seu município nos últimos anos?**

( ) chuvas fortes ( ) inundações ( ) desmoronamentos ( ) vendavais ( ) secas

**08) Existe algum sistema de aviso de catástrofes instalado no município, para turistas e moradores, na área da cidade ou na área rural, que você conhece? Se conhecer, pode escrever quais são?**

( ) Sim ( ) Não

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



**09) De que forma os desastres ambientais interferem nas atividades para as atividades turísticas de Morretes?**

---



---

**10) Existe alguma assistência a desastres naturais por parte da administração pública ou por parte dos empresários, que você saiba? Poderia citar, em caso afirmativo?**

(   ) Sim   (   ) Não

---



---

**11) Você sabe o que é o fenômeno conhecido como cabeça d'água? Se sim, pode explicar o que é esse fenômeno?**

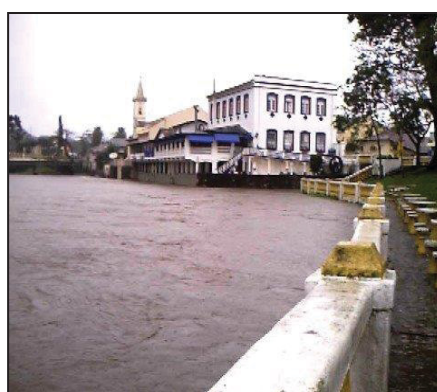
(   ) Sim   (   ) Não

---



---

**12) Com relação às imagens abaixo, o que você se sente vendo as duas fotos?**



Rio nível normal

Rio Cheio

de

tres

naturais para o município pela defesa civil, prefeitura, polícia, meio ambiente ou outros órgãos do governo?

**Pergunta:** Quais deveriam ser as ações ou planos dos órgãos da administração para diminuir os impactos de desastres naturais no município em sua opinião?

## 8.5 APÊNDICE 5 - Entrevistas com os moradores de Morretes

### ENTREVISTADA: A

Atividade: Dona de casa

23/06/2019, Domingo.

Moradora no bairro do Rocio, em Morretes, Perto da Caixa d'água da Sanepar.

**Pergunta:** Qual o seu nome e idade?

**Resposta:** Anita dos Santos Soares e tenho 59 anos

**Pergunta:** Quanto tempo mora em Morretes?

**Resposta:** Desde que eu nasci. Vim de Antonina quando eu era nenenzinho, cheguei aqui eu tinha cinco ou seis meses de idade.

**Pergunta:** Quais as lembranças que possui de desastres naturais ocorridos aqui no município, como deslizamentos e enchentes? Não necessariamente dos ocorridos aqui onde você mora na rua.

**Resposta:** Chuvas e enchentes.

**Pergunta:** E aqui nessa casa, a quanto tempo a senhora mora?

**Resposta:** Nessa casa já faz mais de 20 anos que a gente mora.

Aqui acontece, no bairro, as enchentes. Bastante gente quando chove, fica em áreas com enchentes. Mas é no verão que acontecem.

**Pergunta:** Você se sente e segura no local onde mora com relação às ocorrências de desastres naturais?

**Resposta:** Sim me sinto. Onde tem enchentes é mais ali em frente, perto da caixa d'água. Aqui a gente construiu pilares mais altos para evitar as enchentes. Aqui do lado tem esse riozinho que enche quando chove muito.

**Pergunta:** Com qual tipo de risco você se sente vulnerável? (chuvas, inundações, desmoronamentos ou outro tipo de desastre natural?)

**Resposta:** aqui seria mais no caso das enchentes mesmo, quando chove forte.

**Pergunta:** Qual o principal motivo em relação ao risco? (deslizamentos, movimento de terra, falta de vegetação, enchentes ( lixo, assoreamento do rio)?

**Resposta:** Acho que é o lixo que jogam nos rios, a prefeitura tem que limpar os rios, as pessoas não deveriam jogar nos rios o lixo.

**Pergunta:** Percebe alguma mudança das chuvas de antigamente com as chuvas atuais?

**Resposta:** Sim, hoje em dia chove mais forte no verão e chove mais tempo.

**Pergunta:** Na sua opinião a comunidade está preparada para agir em casos de desastres naturais?

**Resposta:** Não, eu acho que não estão. As pessoas não sabem que fazer, ou para onde ir em caso de chuva forte ou das enchentes.

**Pergunta:** Como a comunidade deveria se preparar para agir em caso de desastres naturais?

**Resposta:** Deveriam ter uma orientação para onde ir em caso de inundação.

**Pergunta:** De que maneira você percebe que esses eventos podem afetar a vinda de turistas para sua cidade?

**Resposta:** Quando começa a chover os turistas não vem para cá porque tem medo das enchentes em Morretes.

**Pergunta:** Conhece algum tipo de ação ou plano de prevenção a desastres naturais por parte do município de Morretes que é organizado pela defesa civil, pela prefeitura, Polícia Militar, pelo Meio Ambiente ou outro órgão do governo?

**Resposta:** Só comentam alguma coisa, mas eles não vêm de casa em casa para explicar se tem algum projeto.

**Pergunta:** Quais deveriam ser as ações ou planos os órgãos da administração para diminuir os impactos de desastres naturais no município de Morretes?

**Resposta:** Não deveriam deixar as pessoas jogarem lixo nos rios, deveriam orientar as pessoas a morar em lugares mais altos. Deveriam vir aqui explicar o que fazer em caso das chuvas fortes e o que fazer quando acontecem as inundações.

A dona Anita é uma moradora do bairro Rocio e sua casa fica ao lado de um pequeno córrego que inunda assim que as chuvas se tornam intensas. Já fez um levantamento de terra em seu terreno e aumentou a altura dos pilares da casa pra evitar problemas.

## ENTREVISTADO B

23/06/2019, Domingo.

**Atividade: Aposentado**

**Pergunta:** Qual é a sua idade?

**Resposta:** Eu tenho 52 anos, completei agora dia 20 de junho. Nasci em 20 de junho de 1967.

**Pergunta:** Onde você nasceu?

**Resposta:** Morretes, eu nasci aqui, na Vila do Rocio , numa casa da rede (ferroviária) aqui atrás.

**Pergunta:** Há quanto tempo morou em Morretes?

**Resposta:** 44 anos aproximadamente.

**Pergunta:** E você tem morado os últimos anos aqui? A quanto tempo mora aqui então? Por oito anos eu vou fui embora e estudei teologia. Daí, depois eu voltei para cá ,de volta, fui para Curitiba oito meses, e aí voltei. Eu vou fazer o seguinte vou arredondar, isso aí para 40 ou 41 anos.

**Pergunta:** Quais as lembranças que você possui de desastres naturais ocorridos no município, como chuvas, enchentes, deslizamentos ou outros tipos de desastres?

**Resposta:** A coisa que mais me marcou foi essa de 2011. Eu me lembro de outras enchentes, mas, data não sei. Mas não foram com essa a grandeza como foi a de 2011.

**Pergunta:** Você se sente seguro no local onde você mora hoje, com relação à ocorrência de desastres naturais?

**Resposta:** Eu não me sinto seguro, tô sendo sincero, não me sinto em qualquer tipo de problema.

**Pergunta:** Você acha que você está mais exposto aqui? Qual o principal motivo em relação ao risco?

**Resposta:** Porque temos muitos afluentes da serra, nós somos cercados de rios e veja bem, nós temos um rio que já corta a cidade, nós temos o rio do Pinto , nós temos o rio Marumbi e fora os grandes, temos os pequenos que são esses aqui, (mostrou com a mãe um riozinho próximo) que quando chove muito enche. Aqui no Rocio o problema aqui é natural mesmo, é climático, mas aí não está relacionado com lixo, é natural mesmo. É água mesmo.

**Pergunta:** Você percebe alguma mudança das chuvas de antigamente com os tipos de chuva atualmente?

**Resposta:** A gente percebe sim, que é fora de época ,né ? O tempo ele ficou destemperado, você por exemplo, veja bem Marcos, nós estamos no dia 23 de junho, olha o clima como é que tá? Antigamente não estava assim não, não tava aquele frio, mas não tava aquele calor, por exemplo, chuva fora de época. Há 15 dias atrás tivemos uma semana com chuvas e chegou a entrar água no meu terreno de casa. Você vê a mudança climática.

**Pergunta:** Na sua opinião, a comunidade está preparada para agir em caso de desastres naturais, aqui em Morretes?

**Resposta:** Aqui em Morretes não, hoje praticamente as pessoas estão vulneráveis, né? As pessoas estão totalmente à mercê de uma situação dessas. Aí não tem diferença nenhuma de hoje para 2011. O medo continua.

**Pergunta:** E como você acha que a comunidade deveria se preparar no caso de desastre natural?

**Resposta:** Acho que a comunidade deveria se preparar no sentido de quem vai construir, na área de construção não faz uma construção baixa, faz uma construção alta para não ter problemas de perder as coisas de casa porque o que teve de gente que jogou as coisas fora, taí a Nanci (vizinha) que está de prova.

**Pergunta:** Como você acha que esses eventos climáticos (das chuvas, enchentes) podem afetar na vinda de turistas na cidade? Ou não afeta?

**Resposta:** Afeta, afeta! Porque o turista, ele vem pra quê? Ele vem pra ver as coisas aqui, para ver a paisagem. Ele vem para curtir a natureza, é o que Morretes oferece. É natureza e gastronomia, gastronomia e natureza. Se ele não vem para ver a natureza, para ele não interessa Morretes, entendeu?

**Pergunta:** Conhece algum tipo de ação ou algum plano de prevenção a desastres naturais para o município de Morretes com relação à Defesa Civil, prefeitura polícia, ou Meio Ambiente?

**Resposta:** Olha, o plano que eles têm aqui é o seguinte: eu não sei, mas a minha opinião é quanto menos você desmatar melhor, quanto menos você tirar da natureza é melhor!

**Pergunta:** Mas eles vêm aqui fazer alguma orientação aqui para o bairro para a comunidade?

**Resposta:** Então, aqui tem o projeto do IAP, Instituto Ambiental do Paraná, esse Instituto Ambiental do Paraná, eles estão sempre supervisionando as margens dos rios, as lavouras, as pessoas. Eles dão apoio, nesse sentido sim, tanto é que, para você cortar uma árvore, dependendo da situação, você vai ter que tirar autorização de lá no IAP. Nessa parte aí eles são bem rígidos.

**Pergunta:** Mas aqui no bairro, com as casas, você vê alguma coisa ou não? A Defesa Civil venha até aqui?

**Resposta:** Vem, a Defesa Civil vem. Eles fazem a supervisão sim.

A participação da Prefeitura em si, ela não é impactante, mas ela dentro daquilo que pode fazer, ela faz.

**Pergunta:** E quais deveriam ser os planos dos órgãos da administração para diminuir os impactos ambientais dos desastres naturais, no município de Morretes?

**Resposta:** Conscientizar a população de que deve preservar muito a natureza, o meio ambiente, que vive. Tá entendendo? Conscientizar, por exemplo, vai construir? Faz construção alta. Nesse sentido, elaborar um plano de fazer de que a população saiba que o risco de enchentes, de desastres, até mais do que isso que pode acontecer de uma hora para outra. Quem me garante que aqui pode não dar um tsunami?

O entrevistado B é morador antigo do bairro e vivenciou muitos alagamentos por motivos das chuvas. Tem uma grande quantidade de conhecidos na comunidade e sabe muito bem os problemas do bairro onde mora e dos problemas da cidade. No dia da entrevista o senhor Luiz Carlos estava sentado na rua, conversando com vizinhos, e pode mostrar vários pontos do local e comentar sobre algumas situações, como o das enchentes.

## **ENTREVISTA C**

### **Atividade: Proprietário de uma mercearia**

**Pergunta:** Qual a sua idade?

**Resposta:** Minha idade, 31 anos.

**Pergunta:** Onde você nasceu?

**Resposta:** Eu nasci em Antonina.

**Pergunta:** Em qual bairro você mora?

**Resposta:** Aqui é o bairro Vila Ferroviária

**Pergunta:** Há quanto tempo mora em Morretes?

**Resposta:** Há 15 anos

**Pergunta:** Quais as lembranças que você possui dos desastres naturais ocorridos no município como: chuvas; enchentes; deslizamentos ou outros tipos de desastres naturais?

**Resposta:** O último desastre que teve aqui foi o que rompeu a barreira lá em cima, na serra em 2011. E aí, aonde que alagou a cidade inteira! Aqui, para você ter uma ideia, nesse campo de futebol em frente, daquela trave, a água chegou na metade dela. Ali, na trave, tudo alagou. Tudo aqui na mercearia, inundou, ficou até a altura da bancada. No centro da cidade os bombeiros andavam com barco para se locomover.

**Pergunta:** Se sente seguro hoje, no local onde você mora com relação à ocorrência de desastres naturais?

**Resposta:** Se chover aqui, com certeza vai acontecer outra enchente! Se chover direto aqui, com certeza mesmo! Talvez não no mesmo nível que quando rompeu a barreira, mas pode ter enchente.

**Pergunta:** Então qual o tipo de risco específico você se sente mais exposto?

**Resposta:** Aqui a gente tem medo mesmo é da chuva sim, da enchente!

**Pergunta:** E qual o principal motivo que você acha que leva a acontecer essas coisas aqui?

**Resposta:** Eu acredito que é a falta, assim, de criar alguma coisa nos rios, afundar os rios, alargar para que tenha mais deságue, mais vazão! Eu Acho que resolveria bastante, mas eu acho que daí, tem um monte de problema! No IAP (Instituto Ambiental do Paraná), que não consegue liberar os rios, aí os rios não conseguem vencer o tanto de água que desce da serra. Aí, lá embaixo, o que acontece em um deles é que a água do mar, deve ser muito estreito, deve ser raso, onde não aguenta, e onde dá as enchentes.

**Pergunta:** Você percebe alguma mudança no sistema de chuvas de antigamente com as atuais?

**Resposta:** Não, a chuva continua a mesma coisa, não mudou, não mudou muita coisa. Mudou, aqui o clima, foi a época de sol que mudou bastante (verão). Aqui o sol, em vista de antes. Aqui esquenta bem mais! Morretes já é quente por natureza, assim, mas agora parece que tá pior!

**Pergunta:** E em sua opinião, a comunidade está preparada para agir em caso de desastres naturais?

**Resposta:** Não, né? Certeza que não!

**Pergunta:** E como você acha que a comunidade deve se preparar para agir em caso de desastres naturais?

**Resposta:** Olha, eu acredito que, depende de um estudo, né? Sei lá? Uma parceria com os bombeiros, ensinar. Até tem, aqui no Porto de Cima, os bombeiros eles fazem tipo, como é que se diz? Um treinamento, né? Tipo, faz um treinamento lá! Mas sobre treinamento em beira de rio, mas o povo em si não tem a noção do que fazer aqui na cidade! O bombeiro, ele dá um estudo, dá um treinamento na beira de rio. Ah! Tá vindo lá, como é que se fala? A cabeça d'água! E então orienta que fazer, né? Mas na cidade aqui o povo não tem o que fazer! Ah, Vamos para onde? Ah, vamos correr para onde? Fazer o que? Não tem! Vem a enchente, e começa encher, a única coisa que a turma faz é erguer os móveis para cima! E não tem mais o que fazer!

**Pergunta:** E de que maneira você acha que esses eventos podem afetar a vinda de turistas para a sua cidade?

**Resposta:** Acredito eu, que o medo da turma, né? Os turistas que vêm, eles, eles já têm uma visão de que Morretes é a cidade da enchente! Aí eles já vêm para cá, pô, tamo no rio, meu, vamos saí porque vai dá cabeça d'água. Ah, tamo na cidade, tá chovendo demais, vamos embora, porque, vai... é, é a cidade da enchente!



**Pergunta:** E conhece algum tipo de ação, plano, prevenção a desastres naturais para o município de Morretes, a partir da Defesa Civil, da polícia ou outro órgão?

**Resposta:** Ah, eles até tentam, é? A Defesa Civil, quando tá com muita enchente, eles começam a avisar, né? Facebook, tal, a gente sempre tá olhando! Eles, é bombeiros também sempre dá, se começa a dá risco de enchente, nos rios, tal. Eles sempre tão avisando o povo, a população. Mas eu acredito que seja pouco. O único jeito seria mexer no rio, mexe, afunda, mexe no rio, nas saídas pro mar, alguma coisa nesse sentido, né?

**Pergunta:** E você, sabe se tem algum plano de aviso quando tem caso de emergência? No Facebook? Algum tipo de alarme? Telefone, celular? Sirene?

**Resposta:** Tem no Facebook! Sirene não tem! Eles avisam sempre no Facebook, né? Caso vai acontecer alguma coisa a gente tá sempre ciente, né? Mensagem pelo celular eles mandam.

**Pergunta:** Quais deveriam ser as ações ou planos dos órgãos da administração pública para diminuir os impactos de desastres naturais em seu município? O que você acha deveria ser feito?

**Resposta:** Foi aquilo que eu comentei, desde o início, né? Teria que mexer nos rios. Afundar, alargar ele. Outra coisa que a gente sofre aqui é, como posso dizer, a cidade mal desenhada, mal projetada porque tem muito bairro aqui que não tem ainda sistema de esgoto. Tem muito bairro aqui que a drenagem do bairro não foi estudada. Foi feito meio correndo, a cidade foi crescendo para lá e para cá e não foi projetada! A cidade foi mal planejada. O lugar aqui que a gente passa, não tem bueiro de esgoto! Aí você olha, o primeiro bairro que vai, e aí enche tudo. Não tem planejamento com a água! Acho que um dos princípios de alagamento é isso, é a falta de vazão da água dos bairros, e os que tem, é muito pequeno não aguenta, não suporta! Porque é muito ruim e volta! A cidade, e a cidade é uma panela, não tem para onde sair, vai enchendo e é isso!

Então Gláucio, muito obrigado pela sua participação.

Gláucio estava trabalhando em uma reforma de seu estabelecimento comercial, uma pequena mercearia quando deu a entrevista. O local fica em uma área muito plana e em frente existe um pequeno campo de futebol onde alguns moradores do bairro jogam. O local tem vários pequenos estabelecimentos que atendem o público local, como lanchonetes.

## ENTREVISTA D

**Atividade:** atendente de lanchonete

**Pergunta:** Qual a sua idade?

**Resposta:** Tenho 18 anos.

**Pergunta:** Onde você nasceu?

**Resposta:** Nasci aqui em Morretes.

**Pergunta:** Quanto tempo você mora aqui em Morretes?

**Resposta:** Desde quando nasci, 18 anos.

**Pergunta:** Quais as lembranças que você possui de desastres naturais ocorridos no município como chuvas enchentes e deslizamentos nesse período que você morou aqui na cidade?

**Resposta:** Teve uma enchente em 2012 (2011) que acabou com a cidade, né?

Alagou a cidade toda. Ali na Vila Ferroviária, onde eu moro todo mundo perdeu tudo. Assim que chove, sobe um pouquinho (o rio), alaga tudo. A gente perdeu muita coisa.

**Pergunta:** Você sente segura no lugar onde mora, com relação a desastres naturais?

**Resposta:** Sim, hoje é mais tranquilo!

**Pergunta:** Qual o tipo de desastres ambientais você tem mais receio?

**Resposta:** As chuvas e enchentes, mesmo.

**Pergunta:** Quais os principais motivos para que aconteçam as enchentes aqui?

**Resposta:** É o lixo que jogam ali nos bueiros, se você passar ali, você vai ver. Muito lixo que jogam ali! Daí acumula!

**Pergunta:** Você percebe alguma mudança no sistema de chuvas de antigamente para os dias atuais?

**Resposta:** Não.

**Pergunta:** Em sua opinião, a comunidade está preparada para agir em caso de desastres naturais?

**Resposta:** Não.

**Pergunta:** Mas porque você acha que a comunidade não está preparada para agir em caso de desastres ambientais? No caso novamente de enchentes hoje?

**Resposta:** Porque eu lembro que deu aquela enchente, acabou com tudo. A gente não está preparado assim, esses tempos atrás choveu bastante, mais ou menos uma semana chovendo, quase deu enchente aqui em Morretes de novo. Não sabem o que fazer porque, né?

**Pergunta:** Porque você acha que as pessoas não sabem o que fazer?

**Resposta:** Porque a prefeitura não ajuda.

**Pergunta:** Como a comunidade deveria se preparar para agir em caso de desastres naturais?

**Resposta:** Orientação, ajuda da prefeitura.

**Pergunta:** De que maneira você percebe que esses eventos podem afetar a vinda de turistas para a cidade de Morretes?

**Resposta:** Olha, eu acho assim, que a cidade de morretes é provavelmente bem bonita, a falta de cuidado da prefeitura quando o turista vem, essa sujeira, que deixam, sabe? Tem um riozinho na vila Ferroviária que eles nem roçam ali, sabe? Fica muito feio, daí!

**Pergunta:** Mas com relação às chuvas e inundações, você acha que isso afeta a vinda de turistas?

**Resposta:** Em tempo de chuvas, final de semana, que chove, a cidade fica bem vazia, que daí atrapalha a vinda do trem, tudo.

**Pergunta:** Você conhece algum tipo de prevenção por parte da prefeitura para que a população se prepare para as enchentes?

**Resposta:** Não sei

**Pergunta:** Quais seriam as ações e os planos dos órgãos do governo no sentido de prevenir contra os desastres ambientais, no caso então, das enchentes?

**Resposta:** Acho que a ajuda da prefeitura seria bem melhor, né?

Ok, muito obrigado pela entrevista!

Apesar de ter 18 anos, a entrevistada já vivenciou e convive com os problemas das enchentes na cidade e no seu bairro. O local onde trabalha deu a entrevista é uma área muito plana e visivelmente com probabilidade de enchentes.

## ENTREVISTADA E :

**Atividade profissional:** Trabalha em pousada da família

**Pergunta:** Qual o seu nome, sua idade e onde você nasceu?

**Resposta:** Meu nome é ..... Eu nasci em Paranaguá e tenho 61 anos.

**Pergunta:** Há quanto tempo mora em Morretes?

**Resposta:** 28 anos por aí.

**Pergunta:** Quais as lembranças que você possui de desastres naturais ocorridos aqui no município como? (chuvas enchentes e deslizamentos ou outros tipos?)

**Resposta:** Da última enchente que foi em 2011, né, que foi uma enchente bem forte.

**Pergunta:** Além dessa, lembra de outras?

**Resposta:** Sim, lembro de outras mais pequenas. Outras não teve, maiores problemas. Pra mim que marcou foi 2011.

**Pergunta:** Sente-se segura no local onde mora, com relação à ocorrência de desastres naturais?

**Resposta:** Me sinto.

**Pergunta:** Qual é o seu bairro?

**Resposta:** Rocio

**Pergunta:** A qual o tipo de risco se sente mais exposta? (Chuvas, deslizamentos, ou a algum outro tipo?)

**Resposta:** É só isso, a chuvas, mesmo. Só as chuvas. A chuvas e no caso, enchentes.

**Pergunta:** Onde enche aqui? Algum rio por perto?

**Resposta:** São três rios que transbordam, Rio Marumbi, rio Nhundiaquara, e o rio do Pinto.

**Pergunta:** Mas aqui no bairro?

**Resposta:** Aqui no bairro tem vários riosinhos pequenos, mas os que causam as enchentes são esses três rios grandes. Quando chove muito na serra, né!

**Pergunta:** Qual o principal motivo que leva esses problemas a acontecerem aqui na região?

**Resposta:** Chove muito e a cidade é baixa. E talvez os rios não tenham sido dragados há muito tempo né, então causam as enchentes, porque se tivesse uma limpeza nos rios, uma dragagem para tirar barreira né, talvez escoassem melhor às águas.

**Pergunta:** Percebe algumas mudanças das chuvas de antigamente, de algumas décadas atrás, para esse tipo de chuva hoje?

**Resposta:** Hoje sim né, hoje, acho que devido ao clima né, a desmatção, o próprio clima, como é que é? Temos menos matas hoje, né?

**Pergunta:** Mas qual a diferença que você sente? Chove mais hoje? Qual a diferença de chuvas de antes para hoje?

**Resposta:** A diferença é que hoje nós não temos uma época de chuva definida. Antigamente a gente tinha mais, né? É chovia mais no verão. Como tinha o inverno, era mais rigoroso hoje não né? O inverno acaba nem tendo inverno, são poucos dias de quentes e poucos dias de dias frios mesmo, né? Eu vejo essa diferença, né?

**Pergunta:** Em sua opinião, a comunidade está preparada para agir em casos de desastres naturais, como uma enchente, aqui?

**Resposta:** Olha, eu acho que não!

**Pergunta:** Mas porque você acha que não?

**Resposta:** Por que a cidade é pequena, muita gente, muita área rural, muita gente morando na beira dos rios, né? Então isso torna difícil né, pra, quando a água vem mesmo, né?

**Pergunta:** Como você acha que a comunidade deveria se preparar para agir em caso de desastre natural?

**Resposta:** Acho que não seria a comunidade, seria a prefeitura, defesa civil, órgãos, apesar que, nós temos bombeiros hoje, antigamente a gente não tinha, né? Que eles atuam bem, né? Acho que nesses casos, assim os governantes deveriam atuar mais para prevenir essas enchentes.

**Pergunta:** De que maneira você percebe que esses eventos , quando acontecem podem afetar a vinda de turistas para a sua cidade?

**Resposta:** Afeta bastante, uma vez que começa, por exemplo, uma época de chuva, que nem agora essas duas semanas, já teve água aqui na rua, né? O turista hoje através da internet né? Como a gente sabe de tudo, né? Acaba ficando sabendo, então ele acaba sabendo como a cidade está, a cidade que ele pretendia vir, ele sabe que tem perigo de enchente, ele não vem.

**Pergunta:** Você trabalha com quê?

**Resposta:** Eu trabalho com pousada.

**Pergunta:** E você sente alguma diferença aqui, quando tem chuva, com o número de visitantes?

**Resposta:** Sim, sinto bastante.

O turista não vem! Com chuva o turista não vem!

**Pergunta:** Conhece algum tipo de ação ou plano de prevenção a desastres naturais por parte do município, com relação à defesa civil, prefeitura, polícia?

**Resposta:** Não, não tenho notícias.

**Pergunta:** Esses órgãos fazem visitas aqui? Fazem alguma explanação dos programas que eles têm, no caso de alguma enchente? Eles fazem isso?

**Resposta:** Eles têm agora uma tábua que usam nos rios, né? Que eles colocam nos rios, para ver a altura dos rios, é isso que eu sei que tem!

**Pergunta:** Mas eles não vêm aqui nos bairros, nas casas na comunidade nas igrejas?

**Resposta:** Não, a prefeitura, aqui, pelo menos no meu bairro eu nunca vi, né! Que a prefeitura atue nesse caso né?

**Pergunta:** Quais deveriam ser as ações ou planos da administração para diminuir os impactos de desastres naturais no município na sua opinião?

**Resposta? :** A limpeza dos rios, né? A dragagem tem lugar aí, que as pontes caíram em 2011, e até agora nada. Não tem ponte!

A entrevistada nos atendeu na pousada onde trabalha, o qual fica numa área de risco de inundações no Bairro do Rocio. Interessante encontrar num bairro totalmente residencial, uma pousada com as características de pousada de turismo. Isso pode evidenciar que os turistas podem ficar em áreas de risco de inundações, mesmo sem saber.

## **Entrevistado F**

**Pergunta:** Qual a cidade onde você nasceu e a sua idade?

**Resposta:** Tenho 51 anos e nasci aqui em Morretes mesmo.

Nasci num lugar chamado de Véu de Noiva, que é em Morretes, em casa.

**Pergunta:** Dos desastres naturais ocorridos no município, quais as lembranças que você possui?

**Resposta:** Muitas enchentes graves, lembro que teve em 69, teve 89 também, mas já teve outras menores, né, a última foi em 2011, bem grande, bem complicado. É porque a de 69 eu tinha um aninho, né, mas foi uma enchente bem grande também, só que essa de 2011, agora que atingiu Morretes inteira. Só teve um único bairro mesmo, que não atingiu, foi lá onde eu moro, no Barro Branco.

**Pergunta:** Você se sente segura no local onde você mora hoje, com relação às ocorrências de desastres naturais?

**Resposta:** Sim, aonde eu moro não tem esse perigo! Mas um pouco mais para frente da minha casa tem deslizamentos de terra que chegou a entrar dentro de acho, que umas três casas, e foram interditadas. Nossa, acabou com tudo, e tem uns bairros aqui em Morretes também que veio troncos de árvores pelo rio, veio arrastando casas, como no bairro da Floresta.

**Pergunta:** Qual tipo de risco que você sente mais vulnerável?

**Resposta:** As chuvas. E já vem as inundações. Quando começa a chover por uns três dias sem parar, todo mundo já fica tipo assim, vamos levantar acampamento né. E as pessoas já começam a erguer as coisas. A Defesa Civil já começa avisar, agora nós temos a rádio, aí também a polícia que avisa. E as pessoas que moram nas baixadas, assim, já começam a erguer as coisas, já começam a sair das casas, daí já vão tudo para o alto da igreja. Às vezes sabe, conforme o local que moram né, até o centro da cidade alaga. Aqui pertinho da igreja católica, meus pais moram por ali, e entra água dentro da casa deles. Tem que se construir casas altas, mas eu já vi pessoas assim, que têm condições melhores, mas eles fazem casa no chão e é um problema nas enchentes. Isso já vem de quantos anos? Então quando você vai construir uma casa, porque que você já não constrói com um pilar alto?

**Pergunta:** Você percebe alguma diferença das chuvas de antigamente para os tipos de chuvas de hoje?

**Resposta:** Tem dias que eu vejo chuvas tão fortes que eu fico pensando: Meu Deus, eu nunca vi uma chuva tão grande na minha vida! Dá para entender assim, que realmente tem chuvas, e eu às vezes eu acho que tá tendo uma mudança, sabe? Tanto no clima que parece que está mais quente, é o que eu noto, e também por causa de desmatamentos que tem, né? Isso daí tá afetando nosso planeta, estamos mais quentes e com isso chove mais na cidade de Morretes, Antonina e alguns lugares em Paranaguá. E nós temos problemas aqui em Morretes de entupimento de manilhas, que daí é um serviço da prefeitura, mas que têm consequências. Também tem que dragar o rio né? Que às vezes não é dragado e a própria população contribui jogando lixo no rio.

**Pergunta:** Em sua opinião você acha que a comunidade está preparada para agir em caso de desastre natural?

**Resposta:** Novamente não. Mas eu acho que as pessoas estão tão acostumadas a isso, pois quando começa a chover, pertinho da minha casa, do outro lado da rua, já é bem baixada, as pessoas, quando elas percebem que a água está subindo, já começam a se preparar para sair, infelizmente a comunidade deveria se preparar mais para agir em caso de desastre natural. Eu acho assim, que o que já está construído em terrenos baixos, devem aterrar e fazer uma construção melhor. Se preparar melhor né? Quando for fazer uma construção nova, as pessoas assim devem fazer os pilares altos. Agora, a prefeitura deveria ter que fazer a limpeza na cidade, essa dragagem, ver os entupimentos que tem nas ruas, aí dos canos né? Tem a ver com a Sanepar e tem a ver com a prefeitura, né?

Você veja na esquina da minha casa, indo para o Barro Branco, indo para Antonina, ali, logo após a Copel, aquela região ali nunca na vida deu enchente. A não ser do outro lado, mas do lado de cá, da minha rua, nunca houve enchente.



Daí veio um abençoado de uma pessoa e faz uma construção enorme de vários prédios e não colocou manilhas por baixo. E foi passado asfalto, e ficou tudo fechado. Sabe, e daí do outro lado da rua já foi feito uma casa bem na esquina da Copel, ali na curva foi feito uma casa com muro alto, com piscina, e já terminou de entupir mais um pouco, e tá fechado. Quando chove bastante ali no Barro Branco, já tá indo água até uma altura, mas não chega na minha rua. Tem o erro da falta de fiscalizar da prefeitura. Deve ser cobrada a pessoa que constrói errado, porque se foi feito vários prédios ali, tem que ter planejamento. Agora tem vários condomínios, parece que são oito condomínios. Fizeram um de frente para o outro, é um lugar bonitinho até, só que tá tudo e ilegal, tá tudo errado, tá tudo entupindo. Deveria de ter uma organização! De quem que a gente cobra isso?

**Pergunta:** De que maneira você acha que esses tipos de eventos de desastres naturais, como as enchentes podem afetar a vinda de turistas para cidade aqui em Morretes?

**Resposta:** Por causa dos deslizamentos e daí não tem mesmo como as pessoas virem para cá. As pessoas têm medo né? Assistem na televisão! Graças a Deus hoje em dia divulgam bem né? Sobre isso, as enchentes que teve no bairro da Floresta e rio Sagrado, ali foi horrível, horrível, carregou casas, troncos de árvores, foi muito feio. Antonina mesma coisa então, como que as pessoas vão vir para cá, então? Esse da Floresta foi à noite, de madrugada. A pessoa nem tá esperando, daqui a pouco né? Tá sendo arrastada! Você acha que isso é fácil?

**Pergunta:** Você conhece algum tipo de ação ou plano de prevenção à desastres naturais para o município por parte da Defesa Civil, prefeitura, polícia militar, meio ambiente ou outros órgãos do governo?

**Resposta:** Não conheço! Eu não sei mas, existe uma divulgação. Eles divulgam por telefone, agora até por meio de WhatsApp e pela própria rádio mesmo. Tem lugares, assim, de alto risco que tô sabendo, vão até lá para avisar as pessoas.

**Pergunta:** Em sua opinião você acha que teria alguma coisa a mais que a prefeitura poderia fazer?

**Resposta:** Falta bastante boa vontade! Eu acho que tem coisas que é impossível né? Dentro do possível, a dragagem do rio, a limpeza, colocar mais lixeiras, conscientizar mais o povo sabe, tipo ir de comunidade em comunidade, bairros em bairros, fazer um trabalho assim específico sobre isso, principalmente as pessoas que acabaram de perder tudo.

Sabe tem gente que não têm cultura nenhuma sobre o perigo. Os próprios turistas às vezes poluem nossos rios. Os próprios turistas fazem isso, os turistas conseguem deixar bastante lixo na cidade, eles conseguem deixar nas praças, eles conseguem deixar na Estrada da Graciosa. Tem lugares ali que é encontrado lixo dentro do rio como garrafas e coisas que a gente sabe que a natureza não vai consumir, não vai, sabe aquilo ali leva

séculos para se destruir, né? Para se desmanchar. E eles jogam ali, então isso daí é uma coisa que vem das pessoas, infelizmente não é só em Morretes, mas em todos os lugares é assim, né?

E agora, a prefeitura pode contribuir também de forma importante colocando muitas lixeiras na cidade, né? Fazer aqueles cartazes, fazendo banners, né?

**Pergunta:** E com relação à questão da cabeça d'água, qual a sua opinião?

**Resposta:** De repente é um filme de terror, nossa isso é muito perigoso, ela é assustadora, é um filme de terror! A pessoa está sentadinha tomando banho de sol e não percebe que o rio tá crescendo, e daqui a pouco bem uma explosão de água. As pessoas, comendo um churrasquinho não vêem que aquela água tá vindo um pouco mais turva, um pouquinho mais escura, daqui a pouco já vem umas folhinhas na água, mas as pessoas não notam que o rio está subindo, tá crescendo lentamente.

Ela cresce um pouquinho e depois de um tempo, ela vem com tudo. Sabe que a água, ela é clarinha, isso eu vi, a água estava clarinha e depois de um pouco ela já começou a vir barrenta. Depois de mais um pouco já vem vindo folhas, sabe, e daí vem com tudo! Daí todo mundo ali tem que correr!

Não tem um ponto específico, mas no Porto de Cima a cabeça d'água é forte, no Porto de Cima já aconteceu de arrastar carro. Ela veio tão de repente porque a curva do rio é muito fechada.

Então do nada, assim aparece, uma enorme correnteza que não dá tempo da pessoa correr, e às vezes não dá tempo, não é só correr daqui ali, as vezes é longe.

No Porto de Cima você conhece a altura da ponte, né? A água chega a passar aí! Pra você ter uma ideia da altura que fica!

**Pergunta:** Você sabe sobre a existência de placas de aviso sobre o perigo da cabeça d'água?

**Resposta:** Tem placas, mas mesmo assim as pessoas acham que nunca vai acontecer e acontece! Que nem aqui, as pessoas que acabam falecendo em Morretes por causa da cabeça d'água ou afogamento, a maior parte são de turistas, porque eles acham que não é tão perigoso assim! E a gente que já conhece todos os locais que são perigosos, né? Já sabemos os locais que tem os riscos.

Muito obrigado!

## Entrevista G

**Pergunta:** A Quanto tempo você mora em Morretes?

**Resposta:** Moro em morretes há 53 anos.

**Pergunta:** Quais as lembranças você possui dos desastres naturais ocorridos no município como chuvas, enchentes e deslizamentos ou outros tipos?

**Resposta:** Quando eu era criança tinha enchentes pequenas, aquelas que vem só no quintal, que fica na porta. Dentro de casa não entra, né. Lembro daquele movimento todo mundo andando na cidade cheia de água, e na casa da minha avó, que é na Estrada da América, que pegando a trilha, a gente ia ver a água entrando dentro da casa dela. Então eu lembro que eu nunca tive medo porque me criei dentro dos rios. E eu comprava pão e ia só com a mãozinha e a água até o pescoço levar pão, nem entrava dentro da casa dela, que também estava pelo pescoço de água.

Tinha lugares que eram mais fundos. Meu pai fala da enchente de 69, quando eu tinha três anos, e ele teve que levar todos nós no colo. A enchente destruiu a cidade, mas foi ele diz (meu pai) que foi maior que a de 2011. Não dá para saber, eu era pequena, tinha 3 anos. Então a cidade aqui é pequena, mas agora não está tendo muito mais enchentes. Agora em alguns bairros como do Rocio, né? Mas onde eu moro, a enchente já não pega na minha casa. Mas para trás, lá na Estrada da América sabe, para América de Cima e América de Baixo na estrada pode ter enchentes.

**Pergunta:** Você se sente segura no local onde você mora hoje com relação aos desastres naturais ?

**Resposta:** Eu sempre me criei com enchentes, e quando eu era criança eu gostava. Agora adulta eu tenho muita preocupação por causa do estrago muito grande que faz na vida da gente. Destroí tudo, estraga tudo. A de 2011 a água subiu até no telhado da casa que eu morava, então nós perdemos tudo.

Eu lembro que a vizinha bateu na porta e disse que estava enchendo. Olhei e o nível da água já estava na rua, aí eu peguei o martelo e bati os pregos na parede. Já tinha outros e eu reforcei e pendurei toda a roupa ali e deixei a maquininha tanquinho lá fora na área. Então nós saímos e fomos para casa da minha mãe. Quando nós chegamos na rodoviária eu fiquei muito nervosa porque nunca teve água na rodoviária, no centro sempre teve inundação. Então o carro que eu tava, que era de uma carona, parou na metade eu não conseguia saber se ia voltar a funcionar. O carro não pegava, morreu o motor.

Eu fiquei preocupada aí nós subimos uma rampa do trilho do lado do módulo policial para ir para a casa da minha mãe. Quando nós chegamos no trilho, olhei para lá e estava tudo alagado, não dava mais para andar. Fiquei parada eu não pude não tinha como ir, a correnteza era muito forte. Então foi uma enchente que destruiu tudo e nós perdemos tudo. Fiquei sem uma peça, sem nada, a única coisa que deu para aproveitar quando a gente voltou foi a geladeira e o fogão. Quando voltamos tinha a metade da casa cheio de lama que foi tirada com a pá. Meu namorado e uma amiga jogou uma mangueirada de água no fogão e

na geladeira, o resto foi perdido tudo. Nós ficamos sem roupa, sem comida, sem sabão, sem nada!

**Pergunta:** você percebe alguma diferença das chuvas de hoje para chuva antigamente.

**Resposta:** Sim, acho que chove mais hoje.

**Pergunta:** Você se sente segura onde mora hoje, com respeito as inundações?

**Resposta:** Sim, eu me mudei de lá, onde eu moro é um pouco mais seguro, a casa que eu moro na Vila Freitas tem um rio atrás. Morretes é um aquário, então qualquer chuva pode dar enchente, a última fileira de casa na beira do rio já encheu, lá não é seguro.

**Pergunta:** Qual o motivo principal em relação ao risco, porque você acha que acontece essas enchentes?

**Resposta:** As chuvas aqui fazem enchentes porque nós estamos numa cidade que é cercada de morros e é também cheia de rios, uma cidade pequena rodeada por muitos rios. Então tem rio do Pinto, Rio Nhundiaquara, Rio Marumbi. Muito ruim, não tem como escapar quando enche, né? Se encher os dois rios maiores, com certeza não tem como escapar, a natureza é o máximo. Assim quando tá enchendo o rio, os vizinhos vão avisando o um ao outro, é assim que a gente se vira.

**Pergunta:** Você percebe alguma diferença das chuvas de hoje para chuva antigamente?

**Resposta:** Hoje tem menos rios. Tá mais seco e limpo. Estou até preocupada, assim né esses dias eu fui para água com a água do rio, e o rio estava seco. Onde era um poço, agora já tá muito seco, eu penso assim e eu peço para Deus abençoar. Encher os rios porque ficar sem água não dá. A gente é que está causando estragos. Eu atravessava o rio nadando, porque me criei aqui, mas agora os rios estão mais secos do que eram antes. Era mais navegável, né? Hoje é menos navegável do que antes porque baixou o rio, isso é verdade, tinham barcos circulando antes, agora não tem mais.

A gente era criado assim, lavando a roupa no rio, minha mãe, ela lavava a roupa no rio, os vizinhos todos numa reunião à tarde, lavando a roupa. Quem não tinha chuveiro ia tomar seu banho no rio. Fui criado assim, sabe tomava água do rio não tinha perigo. Era outro mundo, tudo diferente agora.

**Pergunta:** Na tua opinião a comunidade está preparada para agir em caso de desastre natural novamente?

**Resposta:** Não, primeiro porque a gente não tem condições financeiras. Para se preparar teria que ser assim, construindo casas adequadas. Eu fiz uma casa, mas eu fiz somente com 30 cm de altura de pilar, para fazer maior eu tenho um gasto maior. Então você não tá preparado financeiramente, você tem que contar com a sorte, né? Comprar banquetas, mesa grande que você coloca as coisas em cima, é isso!

**Pergunta:** Em sua opinião como a comunidade deveria se preparar para agir em caso de desastre natural?

**Resposta:** Ter bastante bancos para erguer os móveis, né? Quem tem condições fazer uma casa maior, mais alta, se prepara, mas quem não tem dinheiro, não tem como se preparar, porque a natureza é imperdoável. Tem que ter casa alta porque a chuva não avisa, ela vem e pega todo mundo então! Quem tem uma casa alta tá preparado, quem não tem, não tem como a comunidade se preparar é muito rio aqui.

**Pergunta:** De que maneira você percebe que esses eventos podem afetar a vinda de turistas para a cidade aqui em Morretes

**Resposta:** Nesses meus 53 anos pelo que eu vi, acho que não afeta mesmo. Porque o povo de fora gosta de vir aqui, gosta que a cidade seja cercada pelos rios e matas. Então acho que isso atrai os turistas, os rios. Só você ver aqui como fica nos sábados e domingos. O turista é bem curioso, quando ele sabe que teve enchente ele até fica um tempo sem vir, mas logo retorna. Ele vem para ver o estrago que fez aquela chuva. A curiosidade ajuda o turismo.

**Pergunta:** Conhece algum tipo de ação ou plano de prevenção à desastres naturais para o município por parte da Defesa Civil, da prefeitura, polícia, Corpo de Bombeiros, do Meio Ambiente ou de outros órgãos do governo?

**Resposta:** Todos os órgãos públicos socorrem a gente como a Defesa Civil quando tem alguma calamidade. Eles podem dar sim uma ajuda, e nos fornecem alimentação. Mas o governo não tem como resolver o problema aqui, pois é cercado de rios. O que o prefeito, por exemplo pode ensinar a comunidade é fazer uma casa mais alta, mas aí precisaria de dinheiro para construir, então não tem como.

Muito obrigado!

## Entrevista H

Idade: 61 anos

Nasceu em Morretes e sempre morou na cidade

**Pergunta:** Quais as lembranças você possui dos desastres naturais ocorridos no município de Morretes?

**Entrevistado H:** Eu me lembro da enchente de 1969 que foi uma enchente muito grande perto do natal, que fez aqui em Morretes, e inclusive a minha mãe criava cabras, e para tirar essas cabras de lá da área e de levar para a estação de trem foi uma correria, porque, bem na hora, desceu a cabeça d'água, na hora do almoço! Lembro que a gente estava almoçando e ficou tudo para trás, porque a gente tinha que acudir as cabras e trazer para estação (ferroviária). E foi muito grande essa enchente de 1969. E depois de 1969, teve uma em 1972, daí teve em 1983, que eu lembro bem! Assim, depois você vê essa de 2011 que foi também uma das maiores inclusive! Teve desastre com morros que deslizam com árvores, com tudo.

Tem um local chamado Floresta aqui, como quem vai para Paranaguá, que tinha uma vila de moradores que a água destruiu inteira! Até acabou morrendo gente nessa vila ali para cima. Foi muito grande, nossa, tem um rio lá em cima na Floresta que o rio acabou fazendo outro percurso. A própria água fez um outro percurso que abriu um outro rio, tanta água que desceu. Vários rios de Morretes tiveram outros percursos que mudaram a direção dos rios, sabe na enchente, o rio muda de lugar às vezes! E um o rio grande se torna uma valeta às vezes, fica um riachinho, mas ele muda o percurso, a enchente faz isso.

Mas a nossa enchente, aqui por hora é assim, aqui também ela funciona assim. Nós temos um rio que corta a cidade chamado Nhundiaquara que ele deságua no braço da maré lá em Barreiros, quando a maré enche, e ele represa e daí ele que represa joga água para trás inclusive se vem a cabeça d'água, daí invade toda cidade, as vilas, e a enchente vem, faz o estrago e vai embora. A hora que a maré começa a puxar essa água toda, um dia tá cheia no outro dia não tem mais água. Ela vem, faz o estrago e vai embora.

**Pergunta:** Em qual local você mora? Qual bairro você mora? Você se sente seguro em morar nesse local ?

**Entrevistado H:** Eu morava aqui na vila Ferroviária antes com a minha mãe, mas daí, depois que meu pai faleceu, o meu pai tinha uma área grande de terra, daí foi dividido em lotes, e cada um pegou um, e eu mudei para um outro bairro chamado Rocio. E eu fiz uma casa lá, e essa enchente de 2011 que Morretes ficou debaixo d'água, eu até não tive prejuízo com nada porque eu construí a minha casa alta do chão, porque a maior parte das pessoas aqui

faz as casas de perna alta, pelo motivo das enchentes. E eu fiz minha casa com um metro e meio do chão. Na minha casa a água chegou a 1,40m de altura no meu quintal, e faltou 10cm para entrar dentro de casa, mas daí não entrou.

**Pergunta:** Mas você se sente seguro de morar onde você mora hoje?

**Entrevistado H:** Ah sim, eu me sinto! Se chover uma semana na serra, chuva pesada, pode contá que vem enchente.

**Pergunta:** Qual é o tipo de risco que você sente mais exposto hoje?

**Entrevistado H:** Eu acredito que seja chuva mesmo. Porque tipo assim, a nossa cidade vizinha aqui do lado que teve morros que vieram abaixo inclusive soterrando casas e matando gente, em Antonina.

Antonina não tem rio, Antonina é uma cidade que tem um porto de mar e não tem rios nenhum! Antonina ficou debaixo da água também na enchente. Não entendo, mas disseram as pessoas que a gente conversou de lá, que se formou bacias de água nos morros, e daí, na hora que foi minando a terra, foi descendo a terra contudo, e levando terra e casas e gente, e todas as coisas. Eu tive inclusive amigos que perderam tudo na casa, que ficou tudo soterrado de barro dentro, tudo, tudo. Eu acho que o problema é a enchente mesmo.

**Pergunta:** E aqui para Morretes, você tem uma opinião? Por que que acontece esse tipo de chuva aqui?

**Entrevistado H:** Nós moramos numa cidade que é cercada de rios e morros. Morretes fica numa região meio baixa. Tanto é que no verão, que faz o calor muito calor, nós temos um calor muito intenso aqui. E, por que o vento, quando dá um temporal forte, a ventania essas coisas, o vento passa meio por cima por causa dos morros. Mas eu acredito que a maior preocupação mesmo aqui é a enchente, aqui quando vem, ela judia mesmo. Esses vendavais que dão em outras cidades, aqui não vem, porque elas passam meio por cima, assim.

**Pergunta:** Você percebe alguma diferença das chuvas de antigamente com as chuvas atuais?

**Entrevistado H:** Então, não, não é que eu acho que teve uma mudança, porque isso é Deus quem sabe! Mas então assim a natureza é uma coisa fantástica, porque a gente não prevê as coisas, assim como tem maravilhas naturais, a gente não prevê as coisas, não sabe o que vai acontecer amanhã. Apesar de que, a gente está assistindo no programa do Fantástico, passou uns dois domingos atrás, que vão acontecer algumas coisas, assim, é, algumas coisas através da mão do homem, e outras não, que mais tarde vai ser prejudicial a todo o planeta.

**Pergunta:** Mas você percebe alguma diferença, aqui em Morretes?

**Entrevistado H:** Sim, porque vai acontecer, dizem que vai acontecer, de coisas horríveis de que a natureza vai ficar mais agressiva com as coisas que estão acontecendo.

**Pergunta:** Mas aqui especificamente, chove mais hoje do que antes, por exemplo?



**Entrevistado H:** Não, não, não, a única coisa que eu vejo assim, é que o nosso clima de inverno é meio úmido. Porque no inverno eu acredito que chove mais, aquela garoa, garoazinha chata, assim, de inverno que até torna nosso clima mais úmido e frio.

**Pergunta:** Em sua opinião a comunidade está preparada para agir em caso de desastre natural novamente ?

**Entrevistado H:** Não, as pessoas não estão. Não estão mesmo, tanto é que essa última enchente de 2011, que veio de madrugada, pegou muita gente dormindo.

Porque assim, eu me preocupo com as coisas, por exemplo na minha casa, que começou a encher, tipo assim, digamos que começou encher, ... 9 horas da noite, quando for lá pelas,... eu não dormi essa noite, que deu enchente, por que a cabeça d'água veio de madrugada, foi uma e meia, duas horas da madrugada, mas eu não dormi, fiquei na televisão, vendo tá subindo, não tá? É coisa... e vai... vai, né? As pessoas não, as pessoas que acham que a água não vai sair na rua, na estrada e vai na casa delas, se enganaram. Por que a maior parte das pessoas aqui perderam totalmente as coisas, tudo!

**Pergunta:** E você acha que teve cabeça d'água também nesse ano de 2011?

**Entrevistado H:** Nós tivemos os três rios com cabeça d'água. cabeça d'água sempre tem em Morretes, mesmo quando não afeta, não dá enchente. Tem ali no São João, no Porto de Cima, a gente sabe por que o rio fica escuro, sobe rápido, e vem os troncos, e fica escura a água.

Ah, então, teve cabeça d'água nos três rios que nós temos, tanto que é que primeiro veio uma cabeça d'água do Marumbi que é um rio que fica 300 metros, aqui atrás, e depois veio outra desse grande que corta a cidade, o Nhundiaquara, teve duas enchentes, uma encheu um tanto, puxou, desceu, quando apareceu a calçada, e começou a subir de novo. Veio uma cabeça d'água de um rio e veio outra do outro. Quando enche os dois rios, o Marumbi e o Nhundiaquara, é o perigo, quando fica só um rio cheio transborda, vai, vai dar então, não dá?

Todo mundo fica ouriçado, e vão na beira do rio olhar, dá uma enchente pequena, agora quando enche os dois rios e aí... daí o pior, né! E às vezes o rio vem, enche, abaixa e enche de novo, e pega todo mundo de calça curta.

Mas é como eu falei para o senhor, se estiver na lua cheia e a maré estiver alta, que ajuda, ele enche mais, mais rápido ainda. Vem mais água, mas na hora que começa a puxar já leva tudo embora, não fica nada, fica só o trabalho e a sujeira para a gente limpar mesmo.

**Pergunta:** Como a comunidade deveria se preparar para agir em caso de desastre natural?

**Entrevistado H:** Ah!!! Ninguém se prepara com isso. Somos pobres, não temos condições. Eu, por exemplo .... Quando morava na outra casa que entrava mais água, eu me preparava. Tinha cavaletes, eu tinha bancos eu tinha coisa que jogava uma porta em cima, dava para erguer um sofá, um sofá grande e o outro por cima, em cima de dois cavaletes e uma porta, eu tinha essas coisas e tenho até hoje. Também muitos pregos na parede para pendurar as roupas. Só que não deu tempo de eu sair para ajudar ninguém. Em 2011 na minha casa não entrou água, faltou 10cm, mas eu ergui tudo!

**Pergunta:** E além de preparar casa que teria outra coisa que as pessoas poderiam se organizar?

**Entrevistado H:** Se todo mundo tivesse condições de fazer uma casa mais alta, mas nem todo mundo tem. As pessoas não se preparam para essas coisas.

**Pergunta:** De que maneira você percebe que esses eventos podem afetar a vinda de turistas para a cidade aqui em Morretes?

**Entrevistado H:** A enchente de 2011 até deu um susto em relação a isso. Inclusive a cidade de Morretes vive do turismo e da agricultura. Os turistas ficaram assim, meio com medo de descer aqui, mas daí, os restaurantes se empenharam de ir na Serra Verde em Curitiba e andaram por lá fazendo palestras a respeito das enchentes daqui, dizendo que não havia perigo nenhum. O perigo ocorre quando chove, tipo assim, uma semana na serra de chuva forte, pesada. Mas quanto a isso, se não tiver, tanto que óh, a enchente nossa foi em 2011, já estamos em 2019, então faz oito anos.

**Pergunta:** Você acha que isso não interfere na vinda de turista para cá?

**Entrevistado H:** Eu acredito que não, porque desce gente aqui, do mundo todo! Não é só do Brasil, é do mundo todo. Eles vêm saborear o prato típico da região que é o famoso barreado. E depois eles vão conhecer outros lugares, tomar banho nos rios, tem boia Cross, vão para as praias, conhecer a ilha do Mel. Tem vários lugares que eles vão. E a própria enchente chama a atenção dos turistas.

**Pergunta:** Conhece algum tipo de ação, plano de prevenção à desastres naturais para o município, pela Defesa Civil, pela prefeitura, pela polícia, bombeiros e pelo Meio Ambiente, ou outros órgãos do governo?

**Entrevistado H:** Não!

**Pergunta:** Quais deveriam ser as ações ou planos dos órgãos da administração para diminuir os impactos de desastres naturais do município na sua opinião?

**Resposta de uma colega que estava junto:** Antigamente falavam que dragar, se dragassem os rios melhorava, mas agora eu noto que o rio tá muito seco muito seco, eu até me preocupo porque quando eu era nova, menina, não tinha inverno em Morretes. Eu lembro que me criei com uma blusa de manga longa, mas fina. Não porque queria usar só aquela, mas também

porque não tinha muitas condições. Agora o inverno mudou, tem que pôr um casaco grosso, e o rio tá seco, assim, na parte funda você atravessa andando, então não tem muita coisa, é a natureza mesmo, aquela coisa traiçoeira, que hoje tá seca e amanhã tá cheio, não tem muito o que fazer! Tem assim, óh, tem que ter bancos, cavalete e banquetas!

**Entrevistado H:** Então, o que ela falou é uma verdade, porque como eu lembro, quando teve essa enchente de 1969, vieram várias máquinas para cá pra dragagem do Rio Nhundiaquara, e até cortaram, tipo assim, as curvas acentuadas, eles cortaram, tiraram o barro, deixaram as laterais meio retas para a vazão melhorar da água. Mas eu acredito que não tem, pois é uma coisa da natureza, porque teve outras enchentes depois de 1969. Teve outras também.

A população fica à mercê só de uma ajuda, que é ajuda assim, vem colchão, vem fogão sabe, o pós-enchente! Mas tipo assim, óh, existem pessoas que quando vem enchentes, pessoas que moram assim próximas dos rios, essas pessoas não dormem, ninguém dorme, porque todo mundo fica receoso, atentos, esperando para ver se vai encher ou não, porque se encher, pelo menos já vai erguendo as coisas!

Muito obrigado!

**Lista das perguntas básicas feitas aos moradores de Morretes nas entrevistas sobre percepção dos desastres ambientais que influenciam a vida dos moradores e o turismo no município de Morretes.**

01. Pergunta: Qual a sua idade e onde você nasceu?
02. Pergunta: Há quanto tempo mora em Morretes?
03. Pergunta: Quais as lembranças você possui dos desastres naturais ocorridos no município como: chuvas, enchentes e deslizamentos ou outros tipos?
04. Pergunta: Senta-se seguro no local onde mora hoje com relação às ocorrências de desastres naturais?
05. Pergunta: Mas qual que é o risco específico aqui?
06. Pergunta: Qual é o tipo de risco você se sente mais exposto?
07. Pergunta: Qual o principal motivo em relação ao risco?
08. Pergunta: Percebe alguma diferença das chuvas de antigamente com as atuais?
09. Pergunta: Então você acha que as chuvas de alguns anos atrás eram diferentes das de hoje?
10. Pergunta: Em sua opinião a comunidade está preparada para agir em caso em caso de desastre naturais?

11.Pergunta: Como a comunidade deveria se preparar para agir em caso de desastre natural?

12.Pergunta: Você acha que existe um aviso, só que as pessoas não sabem o que fazer na hora?

13.Pergunta: De que maneira você percebe que esses eventos podem afetar a vinda de turistas para sua cidade?

14.Você acha que isso afeta a vinda de turista?